

ISSN: 1676-6288

CADERNOS PROLAM / USP



BRAZILIAN JOURNAL OF LATIN AMERICAN STUDIES

VOL. 19, N. 38, SÃO PAULO, BRAZIL
JULY - DECEMBER 2020





CADERNOS PROLAM / USP - BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

PUBLICADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - PROLAM/USP. VOL. 19, N. 38
(JUL./DEC. 2020).

SEMESTRAL- ISSN 1676-6288 - INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 1- ESTUDOS LATINO-AMERICANOS CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2- DIREITO. 3- ECONOMIA. 4-
GEOGRAFIA. 5- HISTÓRIA. 6- PSICOLOGIA. 7- SAÚDE COLETIVA. 8-
SOCIOLOGIA.

ISSN 1676-6288



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

38

DECEMBER 2020



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

Corpo Editorial

Editorial Board
Cuerpo Editorial

Editores Responsáveis - N. 38

Editors of N. 38

Editores Responsables - N. 38

Lúcio Fernando Oliver Costilla

Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo

Universidad Javeriana de Colombia

Editoras

Editors

Maria Cristina Cacciamali

Universidade de São Paulo

Vivian Urquidi

Universidade de São Paulo

Editores Associados

Associate Editors

Editores Asociados

Bernardo Maçano Fernandes

Universidade Estadual de São Paulo

Camilo Negri

Universidade de Brasília

Edwin Ricardo Pitre-Vásquez

Universidade Federal de Paraná

Félix Pablo Friggeri

Universidade Federal da Integração Latino-americana

Franco de Matos

Universidade de Brasília

Joana Fátima Rodrigues

Universidade Federal de São Paulo

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo

Lincoln Secco

Universidade de São Paulo

Lucilene Cury

Universidade de São Paulo

Rafael Antonio Duarte Villa

Universidade de São Paulo

Sylvia Adriana Dobry

Universidade de São Paulo

Wagner Tadeu Iglecias

Universidade de São Paulo

Editores Honorários

Honorary Editors

Editores Honorarios

Sedi Hirano

Universidade de São Paulo

Emir Simão Sader

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lígia Prado

Universidade de São Paulo

Afrânio Mendes Catani

Universidade de São Paulo

Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

Universidade de São Paulo

Corpo Editorial Internacional

International Advisory Board

Cuerpo Editorial Internacional

Andrés Donoso Romo

Universidad Playa Grande

Angel Guillermo Quinteros

Universidad de Puerto Rico

Elissa Loraine Lister Brugal

Universidade Nacional de Colombia

Enrique E. Shaw

Universidad de Córdoba

Guillermo Beatón

Universidad de la Habana

Inés María Fernández Mouján

Universidad Nacional de Mar del Plata

Jhon Williams Montoya

Universidad Nacional de Colombia

Juan Bello Dominguez

Universidad Pedagógica Nacional

Luis Carlos Jiménez Reyes

Universidad Nacional de Colombia

Nohora Inés Carvajal Sanchez

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Nohra Leon Rodriguez

Universidad Nacional de Colombia

Octavio Quesada García

Universidade Autónoma de México

Pablo Rocca

Universidad de la República

Raúl Bernal-Meza

Universidades Nacional del Centro

Tício Escobar

Centro de Artes Visuales

Vincent Gouëset

Université Rennes 2

Wladimir Mejía Ayala

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Editores Asistentes

Assistant Editors

Asistentes Editoriales

Bruno Massola Moda

Gabriel Galdino

Leonardo Simões Agapito

Maria Medeiros Palazzo Rolim

Rogério do Nascimento Carvalho

Paloma Gerzeli Pitre

Mayã Martins Correia

Gabriela Beraldo Rodriguez

Fernanda Durazzo Oliveira

Graziela Tavares de Souza Reis

Universidade de São Paulo

Estagiário

Intern

Renan Dias da Silva

Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** é uma revista especializada em difundir estudos sobre a América Latina. Criada em 2002 pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), na fase inicial a ***BJLAS*** teve o objetivo de favorecer o ambiente de integração regional com publicações neste âmbito do conhecimento. Com o passar dos anos, o periódico ampliou seu universo disciplinar e hoje divulga produções científicas de nível de pós-graduação nos diversos campos das humanidades, das artes e das ciências sociais.

Para garantir o foco das publicações da Revista, os editores da ***BJLAS*** têm priorizado temáticas de impacto regional para a América Latina e trabalhos com metodologias comparativas sobre dois ou mais países deste continente. O propósito é que as publicações contribuam de modo significativo para o avanço dos conhecimentos sobre a América Latina e para a divulgação do que se produz nos diversos centros de pesquisa sobre a região, articulando assim a pluralidade de perspectivas teóricas, de linhas de pesquisa e de possibilidade de interpretação.

Tais são as motivações da linha editorial da ***BJLAS*** que incentiva seus autores a realizar análises sobre tópicos transversais em questões sociais, políticas, culturais, econômicas, jurídicas, históricas e artísticas com abordagens transdisciplinares. Por fim, a ***BJLAS*** estimula seus autores a publicar não apenas Artigos, mas também Resenhas Críticas sobre livros recentes ou de grandes obras de pensadores clássicos da América Latina, assim como Críticas de Arte e Ensaios de interpretação da realidade regional.

PRESENTACIÓN

Versión en español

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** es una revista especializada en difundir estudios sobre América Latina. Creada en 2002 por el Programa de Posgrado de Integración en América Latina (PROLAM / USP), en la fase inicial la ***BJLAS*** tuvo como objetivo favorecer el entorno de integración regional con publicaciones en este campo del conocimiento. Con los años, la revista ha expandido su universo disciplinario y hoy publica producciones científicas de posgrado en los diversos campos de las humanidades, las artes y las ciencias sociales.

Para salvaguardar la propuesta de las publicaciones de la Revista, los editores de ***BJLAS*** priorizan los temas de impacto regional para América Latina y trabajos con metodologías comparativas sobre dos o más países de este continente. El propósito es que las publicaciones contribuyan significativamente al avance del conocimiento sobre América Latina y a la difusión de lo que se produce en los diversos centros de investigación de la región, articulando así la pluralidad de perspectivas teóricas, líneas de investigación y posibilidad de interpretación.

Con tales motivaciones editoriales, la ***BJLAS*** alienta a sus autores a realizar análisis sobre asuntos transversales en temas sociales, políticos, culturales, económicos, jurídicos, históricos y artísticos con enfoques transdisciplinarios. Finalmente, a ***BJLAS*** estimula que a sus autores publiquen no solo Artículos, sino también Reseñas críticas de libros recientes o de grandes obras de pensadores clásicos de América Latina, así como Críticas de arte y Ensayos de interpretación de la realidad regional.

PRESENTATION

English version

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** is a journal specialized in disseminating studies on Latin America. Created in 2002 by the Latin America's Integration Graduate Program – Prolam/USP, in the initial phase ***BJLAS*** aimed to promote the environment of regional integration with publications in this field of knowledge. Over the years, the journal has expanded its disciplinary universe and today publishes graduate scientific productions in the different fields of the humanities, arts and social sciences.

To ensure the focus of the journal's publications, ***BJLAS*** editors have prioritized issues of regional impact for Latin America and works with comparative methodologies on two or more countries of the continent. The purpose is that these publications contribute significantly to the advancement of knowledge about Latin America and to the dissemination of what is produced in the various research centers on the region, thus articulating the plurality of theoretical perspectives, research lines and alternative ways of interpretation.

Such are the motivations of the ***BJLAS*** editorial line that encourages authors to carry out analyzes on cross-cutting approaches on social, political, cultural, economic, legal, historical and artistic issues with transdisciplinary perspectives. Finally, ***BJLAS*** stimulates authors to publish not only Articles, but also Critical Reviews of recent books or of great works by classical thinkers from Latin America, as well as Art Critics and Essays to interpret regional reality.

Editoras ***Editors***

Maria Cristina Cacciamali 
Universidade de São Paulo

Vivian Urquidi 
Universidade de São Paulo

Editores convidados ***Guest Editors***

Lúcio Fernando Oliver Costilla 
Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo 
Universidad Javeriana de Colombia

Um lugar para memórias (Carta às leitoras e aos leitores)

Carta a las lectoras y a los lectores

Letter to readers

Vivian Urquidí

Maria Cristina Cacciamali

Bruno Massola Moda

01

O cinema de Sara Gómez: uma leitura sobre o contexto pós-revolução em Cuba

El cine de Sara Gómez: una lectura sobre el contexto posterior a la revolución en Cuba

The Sara Gómez's cinema: a reading about the post-revolution context in Cuba

Cleonice Elias Silva

29

América Latina por uma epistemologia decolonial da comunicação

América Latina por una epistemología decolonial de la comunicación

Latin America for a decolonial epistemology of communication

Bruno Santos N Dias

46

Las voces mudas: un debate sobre las fuentes contrahegemónicas para entender América Latina

As vozes emudecidas: um debate sobre as fontes contra-hegemônicas para a compreensão da América Latina

The muted voices: a debate about counter-hegemonic sources for understanding Latin America

Adriana de Carvalho Alves Braga

Christhian Fernando dos Santos Moura

75

Lugares de memória das ditaduras civis-militares latino-americanas, arquitetura e inscrições de sentido

Lugares de memoria de las dictaduras cívico-militares en latinoamérica, arquitectura e inscripciones de sentido

Places of memory of civil-military dictatorships in Latin America, architecture and sense inscriptions

Caio Vargas Jatene

Luiz de Lucca Neto

96

Cooperação e trânsito entre as ditaduras argentina e brasileira: o registro de pessoas refugiadas argentinas exiladas no Brasil (1977 – 1979)

Cooperación y tránsito entre las dictaduras argentina y brasileña: el registro de los refugiados argentinos exiliados en el Brasil (1977 – 1979)

Cooperation and transit between the Argentinian and Brazilian dictatorship governments: the records of Argentine refugee's exiled to Brazil (1977 – 1979)

Ana Carolina Contin Kosiak

Marcos Gonçalves

121

IIRSA, Cosiplan e a atuação brasileira na consolidação da integração de infraestrutura na América do Sul

IIRSA, Cosiplan y la actuación brasileña en la consolidación de la integración de infraestructura en América del Sur

IIRSA, Cosiplan and the Brazilian performance in the consolidation of infrastructure integration in South America

Jéssica Maria Grassi

Ana Karolina Morais Silva

Lucas Kerr Oliveira

151

Latin American financial dependency in the 19th century: the role of the city in driving regional insertion in the international financial system

Dependência financeira latino-americana no século XIX: o papel da city na condução da inserção regional no o sistema financeiro internacional

Dependencia financiera latinoamericana en el siglo XIX: el papel de la city en el impulso de la inserción regional en el sistema financiero internacional

José Alex Rego Soares

188

ARTIGOS / Papers / Artículos

Ecologia política e agricultura urbana na América Latina: reflexões teóricas por uma aproximação

Ecología política y agricultura urbana en América Latina: reflexiones teóricas para una aproximación

Political ecology and urban agriculture in Latin America: theoretical reflections for an approximation
Henrique Freitas Alves

214

El enfoque cualitativo y sus aportes para estudiar el espacio rural: una experiencia desde la nueva ruralidad en Colombia

A abordagem qualitativa e suas contribuições para estudar o espaço rural: uma experiência a partir da nova ruralidade na Colômbia

The qualitative approach and its contributions to study rural space: an experience from the new rurality in Colombia

Rosa Inés Babilonia Ballesteros

Julio César Suzuki

240

Globalización y resiliencia en la sabana estacional de Puerto Gaitán, meta, Colombia: reflexiones teóricas y metodológicas

Globalização e resiliência na sabana sazonal de Puerto Gaitán, Meta, Colômbia: reflexões teóricas e metodológicas

Globalization and resilience in the seasonal savannah of Puerto Gaitán, Meta, Colombia: theoretical and methodological reflections

Carlos Enrique Castro Méndez

264

O papel do município na promoção da segurança cidadã: possíveis lições de Medellín

El rol de la municipalidad en la promoción de la seguridad ciudadana: posibles lecciones de Medellín

The role of municipality in promoting citizen security: possible lessons of Medellin

Luiza Veronese Lacava

288

RESENHA / Book Review / Reseña

A Literatura Nazista na América (Roberto Bolaño)

Literatura Nazi en América (Roberto Bolaño)

Nazi literature in the Americas (Roberto Bolaño)

Lincoln Secco

313



Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 
Universidade de São Paulo, Brasil

[Versión en español](#)
[English version](#)

Um lugar para memórias (Carta às leitoras e aos leitores),

Ao finalizar 2020, um ano de dor e perplexidade, a ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** gostaria de presentear suas leitoras e seus leitores com uma nova edição da sua revista científica orientada para a publicação de estudos sobre a América Latina e o Caribe em diversas perspectivas que traduzem a riqueza da região, assim como as realidades complexas dos países do nosso continente.

Pensar a América Latina e o Caribe requer interpretar a situação de dependência regional, num sistema mundo em que os poderes econômicos e políticos já definiram suas posições e seus movimentos no tabuleiro da geopolítica internacional. Exige conceber também a integração nacional em países marcados por históricas feridas coloniais, e como tal garantem a estrutura das hierarquias sociais em que as classes se

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. E-mail: vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programas de Pós-graduação Integração da América Latina E-mail: cciamali@uol.com.br

³ Doutorando pelo Programas de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

relacionam com critérios de raça, gênero, sentimentos nacionalistas ou regionalistas, quando não inclusive religiosos.

Estas são as questões que trata a edição 38 da **BJLAS** e são também o motivo que nos induz a abrir o número com o artigo **O CINEMA DE SARA GÓMEZ: UMA LEITURA SOBRE O CONTEXTO PÓS-REVOLUÇÃO EM CUBA**.

A crítica inspiradora do filme *De Cierta Manera* da cineasta negra cubana Sara Gómez resulta do trabalho de pesquisa da doutora em História Social, **Cleonice Elias Silva**, que com sensibilidade estética e política apresenta o cenário pós-revolucionário de Cuba, e das revoluções que a Revolução não conseguiu realizar. A partir de um filme da década de 1970, a autora interpreta problemáticas que estão na ordem do dia em países do resto do continente: racismo estrutural, violência de gênero, tensões entre o tradicional e o moderno, além de outros debates sobre as identidades que ultrapassam a situação de classe e que subjazem nas grandes questões pendentes da América Latina, negra, indígena e diversa.

A análise dialoga com as *epistemologias negras* e os *estudos culturais*, e nesta seara se afina com as duas discussões essencialmente teóricas que apresentamos a seguir neste número da **BJLAS**. Ambos enfoques, como se verá, têm críticas que a teoria social conceitua como *decoloniais*. A primeira se desenvolve no campo da comunicação e da cultura. A segunda tem um enfoque a partir das arenas da história e da filosofia.

Vejamos o primeiro estudo, **AMÉRICA LATINA POR UMA EPISTEMOLOGIA DECOLONIAL DA COMUNICAÇÃO**, de Bruno Santos N. Dias, Doutorando em Ciências da Comunicação. A partir do campo da Comunicação e da Cultura, o autor debate as teorias clássicas sobre a produção mediática e a indústria cultural, cujos pressupostos instrumentalizam todos os conhecimentos das regiões periféricas do

sistema e as criações culturais produzidas pelos povos subalternizados. O autor leva o conceito de *colonialidade do saber* – preconizado pelo projeto Modernidade/Colonialidade - ao centro do debate sobre as teorias da comunicação na América Latina e no Caribe, oferecendo como alternativa uma epistemologia dialógica, orgânica e plural, ancorada nos saberes diversos, distintos e ‘*encantados*’ que se produzem nas periferias dos países da região, como movimentos intelectuais de resistência e desobediência teórica, política, cultural e prática.

Numa trajetória semelhante, **Adriana de Carvalho Alves Braga** e **Christian Fernando dos Santos Moura**, doutores em Pedagogia e em Artes, expõem o projeto eurocêntrico da *história oficial*, que invisibiliza e silencia as vozes das vítimas do colonialismo e dos poderes coloniais vigentes na América Latina. O desafio do artigo é fazer dialogar as críticas *decoloniais* com as *notas* de Walter Benjamin no Conceito de História, *notas* que denunciam a primazia da *história dos vencedores*. Mas o artigo vai além: articula ambas perspectivas com a crítica inaugurada pelo marxismo revolucionário de José Carlos Mariátegui, que no início do século XX já vislumbrava o potencial protagonista dos povos indígenas como atores da sua transformação política e social. Deste exercício intelectual resulta o título eloquente **AS VOZES EMUDECIDAS: UM DEBATE SOBRE AS FONTES CONTRA-HEGEMÔNICAS PARA A COMPREENSÃO DA AMÉRICA LATINA**. O desafio intelectual se completa quando os autores analisam as crônicas de Guamán Poma de Ayala - o indígena nascido no século XVI que descreve e desenha a violência colonial - como fonte de dados históricos claramente descolonizadora e anticolonial, e como narrativa legítima e contestadora da *história oficial*.

O resgate e o desafio de preservação da memória são parte do sucesso das lutas políticas contra as formas históricas de opressão. O direito à memória é componente central da busca por justiça dos povos que passaram por grandes traumas depois de episódios de violências,

principalmente por agentes do estado, e que com resistência buscam a transição para uma democracia duradoura.

É nesse pano de fundo, que os trabalhos a seguir devem ser lidos, como projetos intelectuais e políticos de resgate da memória de um dos episódios mais abjetos das histórias contemporâneas latino-americanas: a promoção de ditaduras civil-militares que se deu articuladamente nos países da região, e que durou por mais de duas décadas na segunda metade do século XX.

Não é de estranhar, pois, que Walter Benjamin tenha sido também inspirador dos artigos que apresentamos como trabalhos de resgate da memória pois, *“é papel do historiador retomar o passado dos que foram subjugados ou vencidos, contrapondo-se à história apresentada como progresso.”*

Encontramos essa citação no artigo **LUGARES DE MEMÓRIA DAS DITADURAS CIVIS-MILITARES LATINO-AMERICANAS: ARQUITETURA E INSCRIÇÕES DE SENTIDO**. O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa original que analisa o legado das ditaduras a partir de três instalações arquitetônicas criadas no Chile, na Argentina e no Brasil, com a finalidade de guardar registros e manter acesas as lembranças dos regimes que se valeram de tortura, assassinatos, sequestros e desaparecimentos como modo de controle e exercício do poder estatal. As instalações formam parte das lutas por consolidar as frágeis democracias na região e nasceram de demandas populares e da ação consciente dos governos progressistas destes três países. Os autores que ainda nos brindam com ilustrações fotográficas e quadros comparativos dessas iniciativas são os mestrandos em Ciências da Informação, **Caio Vargas Jatene**, e em Arquitetura e Urbanismo, **Luiz de Lucca Neto**.

Também é um resgate da memória contra as ditaduras latino-americanas o artigo escrito **por Ana Carolina Contin Kosiak**, mestre

em Direito, e **Marcos Gonçalves**, doutor em História. O artigo resulta da análise dos “*arquivos da repressão*”, registros dos órgãos de segurança brasileiros nas fronteiras que contêm informações sobre os argentinos que fugiam ao Brasil por causa do recrudescimento da ditadura na Argentina de final de década de 1970. O artigo **COOPERAÇÃO E TRÂNSITO ENTRE AS DITADURAS ARGENTINA E BRASILEIRA: O REGISTRO DE PESSOAS REFUGIADAS ARGENTINAS EXILADAS NO BRASIL (1977 – 1979)** merece destaque pela ampla pesquisa documental em registros que foram elaborados pelos agentes de controle das fronteiras durante um período crítico da ditadura argentina. Inclui dados estatísticos colhidos sobre a composição dos perseguidos e refugiados, o que incluía mulheres, crianças e famílias inteiras. O trabalho é também digno de menção porque trilha as estratégias de colaboração menos conhecidas entre as ditaduras latino-americanas para perseguir internacionalmente seus opositores políticos. No caso do Brasil, a colaboração dos militares brasileiros com a ditadura da Argentina ocorria inclusive quando o regime brasileiro experimentava certa abertura política e aparentava disposição humanitária junto aos organismos internacionais de proteção aos refugiados políticos da ONU.

Das relações internacionais entre aparatos de repressão, saímos para adentrar nos projetos econômicos e de integração regional como política externa de Estado. Este é o tema do artigo **IIRSA, COSIPLAN E A ATUAÇÃO BRASILEIRA NA CONSOLIDAÇÃO DA INTEGRAÇÃO DE INFRAESTRUTURA NA AMÉRICA DO SUL**. A análise das iniciativas de integração a partir de projetos de engenharia civil e infraestrutura servem de sustento concreto para testar a hipótese do subimperialismo brasileiro na América do Sul, concluindo que, apesar dos benefícios para a consolidação internacional das empresas brasileiras a partir dos acordos estabelecidos com os países vizinhos no âmbito da infraestrutura e construção civil, não é possível considerar que o propósito do Brasil tenha sido consolidar um subimperialismo econômico. Para corroborar esta

conclusão, os autores trazem tabelas estatísticas e gráficos que atestam que os dados de investimentos do Brasil são “*inexpressivos*” quando comparados aos dos países asiáticos ou da União Europeia. O artigo é escrito em coautoria por **Ana Karolina Morais Silva, Jéssica Maria Grassi e Lucas Kerr Oliveira**, pesquisadores especialistas em Relações Internacionais na América Latina. Concluem os autores que a explicação mais justa para a atuação brasileira nos países vizinhos seria considerar sua política externa como um projeto de liderança regional pró-integração que foi desenvolvido ao longo de duas décadas.

O padrão de reprodução capitalista e a leitura crítica sobre a dependência econômica regional são temáticas do artigo desenvolvido pelo doutor em economia, **José Alex Rego Soares**, sob o título ***DEPENDÊNCIA FINANCEIRA LATINO-AMERICANA NO SÉCULO XIX: O PAPEL DA CITY NA CONDUÇÃO DA INSERÇÃO REGIONAL NO O SISTEMA FINANCEIRO INTERNACIONAL***. A dependência regional é analisada a partir do século XIX, quando da formação das nascentes repúblicas, e da inserção progressiva das novas economias no capitalismo a se tornar globalizado. Isto ocorreu mediante empréstimos e incentivos promovidos pelo sistema financeiro britânico para os regimes republicanos da América Latina. A lógica deste engajamento com o mercado financeiro teria ocorrido sob as circunstâncias herdadas do período colonial. Assim, o artigo demonstra como os vínculos econômicos com as metrópoles foram mudados pelo regime do sistema financeiro britânico e pela relação desta instância com os grupos econômicos locais. Conclui-se que, se por um lado as nascentes repúblicas necessitavam de recursos econômicos externos, por outro lado os capitais financeiros contribuíram para criar dívidas que, em última instância, favoreceram o estrangulamento das condições de desenvolvimento futuro e de integração regional.

Os próximos artigos apresentados pela **BJLAS** colocam em diálogo o campo da geografia com os estudos sobre a ecologia e economia políticas,

e com os debates sobre desenvolvimento, sociedade e cultura. Isso porque são artigos que discorrem teoricamente e mediante estudos de caso a problemática da *agricultura na América Latina*, uma temática tão antiga e atual quanto as tensões pelo território e pelas autonomias.

Nas últimas décadas, observou-se um incremento dos estudos sobre a agricultura relacionados com as crises socioambientais e culturais. E à medida em que o debate sobre o habitat e a qualidade de vida tensiona a lógica do desenvolvimento, a gestão pública se viu forçada a considerar a *agricultura* dentro do âmbito *urbano* como questão central das políticas de urbanização.

Colocou-se assim um desafio não apenas político, como também teórico sobre as novas questões que a urbanização e o meio ambiente têm proposto para as tarefas já complexas da administração pública, obrigando gestores e intelectuais a dialogar com novos campos de conhecimento.

É do desafio de pensar a *agricultura urbana* a partir de novos campos da ciência social e com novos instrumentos conceituais que **Henrique Freitas Alves**, mestrando em geografia humana, escreve o artigo ***ECOLOGIA POLÍTICA E AGRICULTURA URBANA NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES TEÓRICAS POR UMA APROXIMAÇÃO***. O argumento que se desenvolve neste trabalho é que a agricultura urbana vem exigindo aos estudos e às políticas de urbanização uma abertura para incorporar questões fundamentais suscitadas pela *ecologia política urbana*. Com uma sistematização teórica importante, o artigo traz um panorama dos estudos sobre a *agricultura urbana* como “*forma de reapropriação social da natureza*”, e é neste nível que a *ecologia política* se transforma em ferramenta central para dar respostas às novas questões da desigual distribuição do espaço urbano e do direito à cidade. São tópicos novos que nos remetem a pensar filosófica e teoricamente numa nova categoria de justiça: a “*justiça espacial*”.

Em uma perspectiva distinta de análise da agricultura na América Latina, os dois estudos que se seguem nos colocam perante o avanço da agroindústria e o agronegócio, em áreas camponesas e em novas terras transformadas para a produção intensiva e extensiva para o mercado globalizado. Os artigos se complementam como estudos de caso sobre a Colômbia, país paradigmático para entender as *novas ruralidades*.

Começaremos com os estudos da doutoranda **Rosa Inés Babilonia Ballesteros** e o doutor **Júlio César Suzuki**, ambos da área da Geografia Humana, que discutem aquilo que o pensamento geográfico denomina como as *novas ruralidades*, isto é, os efeitos das atividades econômicas que transformam os espaços rurais outrora integrados pela atividade amparada na tradição agrícola dos camponeses. O cenário desta análise é a Colômbia, país em que nas últimas décadas houve mudanças sociais e culturais profundas ocasionadas pela transição da agricultura camponesa à agricultura comercial e de exportação. Assim, o cenário histórico é o da expansão das políticas de neoliberalização ao espaço rural, com a consequente desagregação social e cultural que essa nova lógica impõe aos camponeses. Cabe destacar, que o artigo resulta de uma pesquisa de fôlego com entrevistas e imersão no campo para colher dados qualitativos de grande sensibilidade metodológica que permite entender as consequências da *nova ruralidade* sobre os territórios e a vida das comunidades camponesas. Com este enfoque, o artigo se intitula **A ABORDAGEM QUALITATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDAR O ESPAÇO RURAL: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DA NOVA RURALIDADE NA COLÔMBIA.**

O segundo estudo complementa o anterior com um artigo intitulado **GLOBALIZAÇÃO E RESILIÊNCIA NA SAVANA SAZONAL DE PUERTO GAITÁN, META, COLÔMBIA: REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.** Partindo de preocupações epistêmicas semelhantes -o avanço do agronegócio sobre novas fronteiras agrícolas- este estudo inova ao

destacar, com dados históricos, o papel central do governo e das instituições internacionais que promovem o desenvolvimento regional no sucesso da *nova ruralidade*. O segundo aspecto particular deste trabalho é que destaca o avanço dos capitais do agronegócio sobre terras inabitadas ou consideradas não apropriadas para a agricultura camponesa, justificando deste feito a ocupação pela indústria agropecuária baseada na biotecnologia. Ocorre porém, como é demonstrado pelo autor, **Carlos Enrique Castro Méndez**, doutor em Geografia, que muito embora estas terras não fossem tradicionalmente ocupadas pela agricultura camponesa, elas têm um lugar na preservação do ecossistema local e da relação dos seres que aí habitam com seu entorno natural. Da exploração destas terras se desprendem formas de segregação espacial e níveis concretos de perda de governança territorial, entre outras consequências da desterritorialização produzida pelos fenômenos econômicos globais que incidem, inclusive provocando riscos ambientais futuros imponderáveis.

O último artigo desta edição da **BJLAS** tem também a Colômbia como o *locus* do tema abordado, especificamente a cidade de Medellín e as políticas de segurança cidadã implementadas com resultados concretos na diminuição da violência urbana. A tese que se defende é que as competências e autonomias que se outorgaram à gestão municipal desde a década de 1990 permitiram as significativas cifras que reduziram, por exemplo, 90% dos homicídios no município. Desse modo, há um caráter pedagógico fundamental na análise da experiência de Medellín e que este artigo expressa com precisão no título: **O PAPEL DO MUNICÍPIO NA PROMOÇÃO DA SEGURANÇA CIDADÃ: POSSÍVEIS LIÇÕES DE MEDELLÍN**. O aspecto mais relevante desta abordagem no campo das Ciências Jurídicas e do Direito é que a autora, pesquisadora de nível de mestrado **Luiza Veronese Lacava**, demonstra que a construção de uma política de segurança teve como requisito a participação cidadã e amparo dos debates do Acordo de Paz, que foi consagrado finalmente em 2016, depois de anos de construção tensa com participação não apenas do governo e

das FARC, mas de setores da população. Entre outros aspectos, o Acordo garante mecanismos de proteção da participação popular e das manifestações políticas públicas. Logo, a segurança deixa de ser questão de ordem pública e repressão para estar orientada pelos pressupostos de cidadania e participação.

Complementando como sempre os artigos da **BJLAS**, incluímos a resenha de um livro construído com relatos fictícios e reais sobre a **Literatura Nazi na América Latina (Roberto Bolaño)**. O tema da resenha fecha de modo impecável um número destinado a lembrar as mazelas sempre atualizadas da violência estrutural que forma as mediações políticas entre o Estado e a Sociedade. Este produto da literatura latino-americana foi resenhado pelo doutor em História **Lincoln Secco**.

Español

Un lugar para las memorias (Carta a lectores y lectores),

Al cabo de 2020, un año de dolor y perplejidad, la **Brazilian Journal of Latin American Studies** quisiera brindar a sus lectoras y lectores esta nueva edición de su revista científica destinada a publicar estudios sobre América Latina y el Caribe cuyas diferentes perspectivas traducen la riqueza de la región, pero también las complejas realidades de los países de nuestro continente.

Pensar América Latina y el Caribe requiere interpretar la situación de dependencia regional, en un sistema mundial en el que los poderes económicos y políticos ya han definido sus posiciones y movimientos en el tablero de la geopolítica internacional. También requiere una concepción sobre la integración nacional en países históricamente marcados por las heridas coloniales, determinantes de las jerarquías sociales en las que las

clases se relacionan bajo criterios de raza, género, sentimientos nacionalistas o regionalistas, si no religiosos.

Estas son las cuestiones que aborda la 38ª edición de **BJLAS** y son también el motivo que nos lleva a abrir el número con el artículo **EL CINE DE SARA GÓMEZ: UNA LECTURA SOBRE EL CONTEXTO POSTERIOR A LA REVOLUCIÓN EN CUBA.**

La inspiradora crítica de la película *De Cierta Manera* de la cineasta negra cubana Sara Gómez resulta de la labor investigadora de la doctora en Historia Social, **Cleonice Elias Silva**, quien con sensibilidad estética y política presenta el escenario posrevolucionario de Cuba, y las revoluciones que la Revolución no pudo lograr. A partir de una película de la década de 1970, la autora interpreta temas que están a la orden del día en países del resto del continente: racismo estructural, violencia de género, tensiones entre lo tradicional y lo moderno, además de otros debates sobre las identidades que van más allá de la situación de clase y que subyacen a los grandes temas pendientes de una América Latina negra, indígena y diversa.

El análisis dialoga con las *epistemologías negras* y los *estudios culturales*, y en este ámbito está en sintonía con las dos discusiones esencialmente teóricas que presentamos a continuación en este número de la revista. Ambos enfoques, como se verá, tienen críticas que la teoría social conceptualiza como *decoloniales*. El primero se desarrolla en el campo de la comunicación y la cultura. El segundo se centra en las arenas de la historia y la filosofía.

Veamos el primer estudio, **AMÉRICA LATINA POR UNA EPISTEMOLOGÍA DECOLONIAL DE LA COMUNICACIÓN** del investigador de doctorado Bruno Santos N. Dias. Desde el campo de la Comunicación y la Cultura, el autor debate teorías clásicas sobre la producción mediática y la industria cultural, cuyos supuestos instrumentalizan todo el conocimiento de las regiones periféricas del sistema y las creaciones culturales producidas por

los pueblos avasallados. El autor lleva el concepto de *colonialidad del saber* -pugnado por el proyecto Modernidad / Colonialidad- al centro del debate sobre las teorías de la comunicación en América Latina y el Caribe. Y ofrece como alternativa una epistemología dialógica, orgánica y plural, anclada en saberes diversos, diferenciados y “*encantados*”. Saberes que se producen en las periferias de los países de esta región, como movimientos intelectuales de resistencia y desobediencia teórica, política, cultural y práctica.

En una trayectoria similar, **Adriana de Carvalho Alves Braga** y **Christian Fernando dos Santos Moura**, doctores en Pedagogía y Artes, exponen el proyecto eurocéntrico de la *historia oficial*, que invisibiliza y silencia las voces de las víctimas del colonialismo y de los poderes coloniales en América Latina. El desafío del artículo es conseguir que dialoguen las críticas *decoloniales* con las *notas* de Walter Benjamin en el Concepto de Historia, *notas* que denuncian la primacía de la *historia de los vencedores*. Pero el artículo va más allá: articula ambas perspectivas con la crítica inaugurada por el marxismo revolucionario José Carlos Mariátegui, quien ya a principios del siglo XX vislumbraba al potencial protagonista de los pueblos indígenas como actores de su transformación política y social. Este ejercicio intelectual da como resultado el elocuente título **LAS VOCES MUDAS: UN DEBATE SOBRE LAS FUENTES CONTRAHEGEMÓNICAS PARA ENTENDER AMÉRICA LATINA**. El desafío intelectual se completa cuando los autores analizan las crónicas de Guamán Poma de Ayala - el indígena nacido en el siglo XVI que describe y dibuja la violencia colonial - como una fuente de datos históricos claramente descolonizadora y anticolonial, y como una narrativa legítima y desafiante de la *historia oficial*.

El rescate y el desafío de preservar la memoria son parte del éxito de las luchas políticas contra las formas históricas de opresión. El derecho a la memoria es un componente central de la búsqueda de justicia para las personas que han experimentado grandes traumas luego de episodios de

violencia, especialmente por agentes del Estado, y que resistiendo, buscan la transición para una democracia duradera.

Es en este contexto que deben leerse los siguientes trabajos, como proyectos intelectuales y políticos para rescatar la memoria de uno de los episodios más abyectos de la historia latinoamericana contemporánea: la promoción de dictaduras cívico-militares que se desarrollaron articuladamente en los países de la región, y que duraron más de dos décadas en la segunda mitad del siglo XX.

No es de extrañar, por tanto, que Walter Benjamin también sirviera de inspiración para los artículos que presentamos como obras que rescatan la memoria porque, *“es función del historiador retomar el pasado de quienes fueron subyugados o derrotados, oponiéndose a la historia presentada como progreso”*.

Encontramos esta cita en el artículo **LUGARES DE MEMORIA DE LAS DICTADURAS CÍVICO-MILITARES EN LATINOAMÉRICA, ARQUITECTURA E INSCRIPCIONES DE SENTIDO**. El artículo presenta los resultados de una investigación original que analiza el legado de las dictaduras a partir de tres instalaciones arquitectónicas creadas en Chile, Argentina y Brasil, cuyo propósito es dejar registros y mantener viva la memoria de los regímenes que utilizaron la tortura, los asesinatos, secuestros y desapariciones como forma de control y de ejercicio del poder estatal. Las instalaciones son parte de la lucha por la consolidación de las frágiles democracias de la región y nacieron de las demandas populares y de la acción consciente de los gobiernos progresistas de estos tres países. Los autores que aún nos brindan ilustraciones fotográficas y cuadros comparativos de estas iniciativas son los investigadores de Maestría en Ciencias de la Información, **Caio Vargas Jatene**, y en Arquitectura y Urbanismo, **Luiz de Lucca Neto**.

El artículo de **Ana Carolina Contin Kosiak**, master en Derecho, y **Marcos Gonçalves**, doctor en Historia, es también un rescate de la memoria frente a las dictaduras latinoamericanas. El artículo es el resultado del análisis de

los “archivos de la represión”, registros de las agencias de seguridad brasileñas en las fronteras que contienen informaciones sobre los argentinos que huyeron a Brasil debido a la agudización de la dictadura en Argentina a fines de la década de 1970. El artículo **COOPERACIÓN Y TRÁNSITO ENTRE LAS DICTADURAS ARGENTINA Y BRASILEÑA: EL REGISTRO DE LOS REFUGIADOS ARGENTINOS EXILIADOS EN EL BRASIL (1977 – 1979)** es merecedor de destaque por la amplia investigación documental en registros que fueron elaborados por agentes de control de fronteras durante un período crítico de la dictadura argentina. Incluye datos estadísticos recopilados sobre la composición de los perseguidos y refugiados, que incluyen mujeres, niños y familias enteras. El trabajo también es digno de mención porque rastrea las estrategias de colaboración menos conocidas entre las dictaduras latinoamericanas para perseguir a sus oponentes políticos a nivel internacional. En el caso de Brasil, la colaboración de los militares brasileños con la dictadura argentina se produjo incluso cuando el régimen brasileño experimentaba una cierta apertura política y se mostraba dispuesto a políticas humanitarias de acuerdo a los organismos internacionales de protección de los refugiados políticos de la ONU.

De las relaciones internacionales entre los órganos de represión, salimos para ingresar en los proyectos económicos y de integración regional como política exterior de Estado. Este es el tema del artículo **IIRSA, COSIPLAN Y LA ACTUACIÓN BRASILEÑA EN LA CONSOLIDACIÓN DE LA INTEGRACIÓN DE INFRAESTRUCTURA EN AMÉRICA DEL SUR**. El análisis de las iniciativas de integración a partir de proyectos de ingeniería civil e infraestructura sirve como soporte concreto para colocar a prueba la hipótesis del subimperialismo brasileño en América del Sur. Concluye que, si bien hubo beneficios para que las empresas brasileñas se consolidaran internacionalmente a partir de los acuerdos establecidos en el ámbito de la infraestructura y la construcción civil con los países vecinos, no se puede considerar que el propósito de Brasil fuera consolidar un subimperialismo

económico. Para corroborar esta conclusión, los autores aportan tablas y gráficos estadísticos que dan fe de que los datos de inversión de Brasil son “*inexpresivos*” en comparación con los de países asiáticos o de la Unión Europea. El artículo está escrito en coautoría de **Ana Karolina Morais Silva**, **Jéssica Maria Grassi** y **Lucas Kerr Oliveira**, especialistas en Relaciones Internacionales en América Latina. Los autores concluyen que la explicación más justa del desempeño brasileño en los países vecinos sería considerar su política externa como un proyecto de liderazgo regional pro integración que se ha desarrollado a lo largo de dos décadas.

El patrón de reproducción capitalista y la lectura crítica sobre la dependencia económica regional son los temas del artículo desarrollado por el doctor en Economía **José Alex Rego Soares**, bajo el título ***DEPENDENCIA FINANCIERA LATINOAMERICANA EN EL SIGLO XIX: EL PAPEL DE LA CITY EN EL IMPULSO DE LA INSERCIÓN REGIONAL EN EL SISTEMA FINANCIERO INTERNACIONAL***. Se analiza la dependencia regional a partir del siglo XIX, cuando se formaron las nacientes repúblicas, y nuevas economías fueron penetrando progresivamente en el capitalismo que comienza a ser globalizado. Esto ocurrió a través de préstamos e incentivos promovidos por el sistema financiero británico para los regímenes republicanos en América Latina. La lógica de este compromiso con el mercado financiero se habría producido en las circunstancias heredadas del período colonial. Así, el artículo demuestra cómo los lazos económicos con las metrópolis fueron modificados por el régimen del sistema financiero británico y por la relación de esta instancia con los grupos económicos locales. Se concluye que, si por un lado las repúblicas nacientes necesitaban recursos económicos externos, por otro lado el capital financiero contribuyó a generar deudas que, en última instancia, favorecieron el estrangulamiento de las condiciones de desarrollo futuro e de integración regional.

Los siguientes artículos presentados por **BJLAS** ponen el campo de la geografía en diálogo con estudios sobre ecología política y economía, y con

debates sobre desarrollo, sociedad y cultura. Esto se debe al hecho de que son artículos que discuten teóricamente y mediante estudios de caso el tema de la *agricultura en América Latina*, un tema tan antiguo y actual como las tensiones por el territorio y por las autonomías.

En las últimas décadas se han incrementado los estudios sobre agricultura relacionados con crisis socioambientales y culturales. Y al ritmo del tensionamiento que los debates sobre el hábitat y la calidad de vida se imponen sobre la lógica del desarrollo, la gestión pública se ha visto obligada a considerar la *agricultura* en el contexto *urbano* como tema central en las políticas de urbanización.

Así, se planteó un desafío, no solo político, sino también teórico sobre las nuevas cuestiones que la urbanización y el medio ambiente han planteado para las ya complejas tareas de la administración pública, obligando a gestores e intelectuales a dialogar con nuevos campos del conocimiento.

Es, pues, del desafío de pensar la *agricultura urbana* desde nuevos campos de las ciencias sociales y con nuevos instrumentos conceptuales que **Henrique Freitas Alves**, investigadora en nivel de maestría en Geografía Humana, escribe el artículo ***ECOLOGÍA POLÍTICA Y AGRICULTURA URBANA EN AMÉRICA LATINA: REFLEXIONES TEÓRICAS PARA UNA APROXIMACIÓN***. El argumento que se desarrolla en este trabajo es que la agricultura urbana ha venido exigiendo a los estudios y políticas de urbanización una apertura para incorporar cuestiones fundamentales planteadas por la *ecología política urbana*. Con una importante sistematización teórica, el artículo ofrece un panorama de los estudios sobre la *agricultura urbana* como una “*forma de reapropiación social de la naturaleza*”, y es en tal nivel que la *ecología política* se convierte en una herramienta central para dar respuesta a los dilemas de la distribución desigual del espacio urbano y del derecho a la ciudad. Se trata de nuevos tópicos que nos llevan a pensar filosófica y teóricamente sobre una nueva categoría de justicia: la “*justicia espacial*”.

En una perspectiva diferente de análisis de la agricultura en América Latina, los siguientes dos estudios nos sitúan ante el avance de la agroindustria y del agronegocio, en áreas campesinas y en nuevas tierras transformadas para la producción intensiva y extensiva para los mercados globalizados. Ambos artículos se complementan así como estudios de caso sobre Colombia, país paradigmático para entender las *nuevas ruralidades*.

Comenzaremos con los estudios de la investigadora de doctorado **Rosa Inés Babilonia Ballesteros** y el doctor **Julio César Suzuki**, ambos del área de Geografía Humana, quienes discuten lo que el pensamiento geográfico llama las *nuevas ruralidades*, es decir, los efectos de las actividades económicas que transforman los espacios rurales antes integrados por la actividad apoyada en la tradición agrícola de los campesinos. El escenario para este análisis es Colombia, un país que ha experimentado profundos cambios sociales y culturales en las últimas décadas provocados por la transición desde la agricultura campesina a la agricultura comercial y de exportación. Así, el trasfondo histórico es el de la expansión de las políticas de neoliberalización para las zonas rurales, con el consiguiente colapso social y cultural que tal lógica impone a los campesinos. Cabe señalar que el artículo es el resultado de una impresionante investigación con entrevistas e inmersión en el campo para recoger datos cualitativos de gran sensibilidad metodológica que permiten comprender las consecuencias de la *nueva ruralidad* en los territorios y la vida de las comunidades campesinas. Con este planteamiento, el artículo se titula **EL ENFOQUE CUALITATIVO Y SUS APORTES PARA ESTUDIAR EL ESPACIO RURAL: UNA EXPERIENCIA DESDE LA NUEVA RURALIDAD EN COLOMBIA**.

El segundo estudio complementa al anterior con un artículo titulado **GLOBALIZACIÓN Y RESILIENCIA EN LA SABANA ESTACIONAL DE PUERTO GAITÁN, META, COLOMBIA: REFLEXIONES TEÓRICAS Y METODOLÓGICAS**. A partir de inquietudes epistémicas similares -el avance de la agroindustria sobre nuevas fronteras agrícolas- este estudio

innova al resaltar, con datos históricos, el papel central del gobierno y el de las instituciones internacionales promotoras del desarrollo regional en el suceso de la *nueva ruralidad*. El segundo aspecto particular de este trabajo es que destaca el avance del capital agroindustrial sobre tierras deshabitadas o consideradas no aptas para la agricultura campesina, justificando la ocupación por parte de la industria agropecuaria basada en la biotecnología. Sin embargo, como demuestra el autor, **Carlos Enrique Castro Méndez**, doctor en Geografía, si bien estas tierras no son ocupadas tradicionalmente por la agricultura campesina, tienen un lugar en la preservación del ecosistema local y la relación de los seres que allí habitan con su entorno natural. El uso de estas tierras da lugar a formas de segregación espacial y niveles concretos de pérdida de gobernanza territorial, entre otras consecuencias de la desterritorialización producida por los fenómenos económicos globales que provocan daños ambientales imponderables en el futuro.

El último artículo de esta edición de **BJLAS** también tiene a Colombia como el *locus* del tema abordado, específicamente la ciudad de Medellín y las políticas de seguridad ciudadana implementadas con resultados concretos en la reducción de la violencia urbana. La tesis que se defiende es que las competencias y la autonomía que se han otorgado a la gestión municipal desde la década de los noventa permitieron las significativas cifras que redujeron, por ejemplo, el 90% de los homicidios en el municipio. Así, hay un carácter pedagógico fundamental en el análisis de la experiencia de Medellín y que este artículo acertadamente designa en el título: **EL ROL DE LA MUNICIPALIDAD EN LA PROMOCIÓN DE LA SEGURIDAD CIUDADANA: POSIBLES LECCIONES DE MEDELLÍN**. El aspecto más relevante de este enfoque que ocurre en el campo de las Ciencias Jurídicas y del Derecho es que la autora, investigadora en nivel de maestría **Luiza Veronese Lacava**, demuestra que la construcción de una política de seguridad exigió como requisito la participación ciudadana bajo la tutela del Acuerdo de Paz, consagrado en 2016, luego de años de tensa

construcción con participación no solo del gobierno y de las FARC, sino de sectores de la población. Entre otros aspectos, el Acuerdo garantiza mecanismos para proteger la participación popular y las manifestaciones políticas públicas. Por tanto, la seguridad ya no es una cuestión de orden público y de represión sino un producto de los principios de ciudadanía y participación.

Complementando los artículos de **BJLAS** como siempre, incluimos la reseña de un libro que en este caso fue construido con narraciones ficticias y reales sobre la **LITERATURA NAZI EN AMÉRICA LATINA (ROBERTO BOLAÑO)**. El tema de la reseña encierra impecablemente un número destinado a recordar los siempre actualizados pesares de la violencia estructural que configura las mediaciones políticas entre el Estado y la Sociedad. Esta obra de la literatura latinoamericana fue reseñada por el doctor en Historia **Lincoln Secco**.

English

A place for memories (Letter to to the readers),

Finishing 2020, a year of pain and complexity, the **Brazilian Journal of Latin American Studies** would like to offer to their lectors this new edition of its scientific journal focused on publishing studies about Latin America and the Caribbean in different perspectives that translate the wealth of the region, as well as the complex realities of the countries in our continent.

Thinking about Latin America and the Caribbean requires interpreting the situation of regional dependency, in a world system in which economic and political powers have already defined their positions and movements

in the international geopolitical board. It also requires a conception of national integration in countries historically marked by colonial injuries, that determine the social hierarchies in which classes relate to criteria of race, gender, nationalist or regionalist feelings, if not religious.

These are the matters addressed by the 38th edition of **BJLAS** and also the reason for opening the issue with the article **THE SARA GÓMEZ'S CINEMA: A READING ABOUT THE POST-REVOLUTION CONTEXT IN CUBA**.

The inspiring criticism of the film “*De Cierta Manera*” of the Cuban black filmmaker Sara Gómez is the result of the research work of the PhD in Social History, **Cleonice Elias Silva**, who has aesthetic and political sensitivity that presents the post-revolutionary scenario of Cuba, and the revolutions that the Revolution failed to accomplish. Based on a film from the 1970s, the author interprets themes that are in the agenda in countries of the rest of the continent: structural racism, gender violence, tensions between the traditional and the modern, as well as other debates about the identities that go beyond the class situation and that underpin the great themes pending on a black, indigenous and diverse Latin America.

The analysis dialogues with *black epistemologies* and *cultural studies*, and in this context, it is in line with the two theoretical discussions that we present in this issue of **BJLAS**. Both approaches, as we will see, have criticisms that the social theory conceptualizes as *decolonial*. The first is developed in the field of communication and culture. The second focuses on the arenas of history and philosophy.

Let's see the first study, about **LATIN AMERICA FOR A DECOLONIAL EPISTEMOLOGY OF COMMUNICATION** by **Bruno Santos N. Dias**, *PhD student in Communication Sciences*. From the field of Communication and Culture, the author debates classic theories about media production and the cultural industry, whose assumptions instrumentalize the knowledge of the peripheral regions of the system and the cultural creations produced by subalternized peoples. The author takes the

concept of *coloniality of knowledge* faced with the *Modernity / Coloniality* project to the center of the debate on the theories of communication in Latin America and the Caribbean. It also offers as an alternative a dialogical, organic and plural epistemology, anchored in diverse, differentiated and 'enchanted' knowledge. This knowledge is produced in the peripheries of the countries in this region, as intellectual movements of resistance and theoretical, political, cultural and practical disobedience.

In a similar path, **Adriana de Carvalho Alves Braga and Christian Fernando dos Santos Moura**, PhDs in Pedagogy and Arts, expose the Eurocentric project of *official history*, which makes the victims of colonialism and colonial powers in Latin America invisible and silent. The challenge in this article is to get a dialogue among the *decolonial* criticisms and the *notes* of Walter Benjamin in the *Conception of History*, *notes* that denounce the primacy of *the winners history*. The article goes further: it articulates both perspectives with the criticism inaugurated by the revolutionary Marxism of José Carlos Mariátegui, who at the beginning of the 20th century saw the potential protagonist of indigenous people as actors of their political and social transformation. This intellectual exercise results in the eloquent title **THE MUTED VOICES: A DEBATE ABOUT COUNTER-HEGEMONIC SOURCES FOR UNDERSTANDING LATIN AMERICA**. The intellectual challenge is complete when the authors analyze the chronicles of Guamán Poma de Ayala - the indigenous born in the sixteenth century that describe and draws the colonial violence - as a source of historical data clearly decolonizer and anti-colonial, and as a legitimate and challenging narrative about the *official history*.

The rescue and challenge to preserve the memory are part of the success of political struggle against historical forms of oppression. The right to memory is a central component of the search for justice for people who have experienced major traumas from episodes of violence, especially by

the agents of the state, and who with resistance are seeking the transition to a lasting democracy.

It is in this context that the following works should be read, as intellectual and political projects to rescue the memory of one of the most abject episodes of contemporary Latin American history: the promotion of civic-military dictatorships that have been articulately developed in the countries of the region, and that lasted for more than two decades in the mid-twentieth century.

Therefore, it is not surprising that Walter Benjamin also serves as inspiration for the articles that we present as works that rescue the memory because, *“the role of the historian is to resume the past of those who were subjugated or defeated, opposing the history presented as progress”*.

We find this quote in the article ***PLACES OF MEMORY OF CIVIL-MILITARY DICTATORSHIPS IN LATIN AMERICA, ARCHITECTURE AND SENSE INSCRIPTIONS***. The article presents the results of an original research that analyzes the dictatorships legacy from three architectural installations created in Chile, Argentina and Brazil, whose purpose is to leave records and keep alive the memories of regimes that used torture, killings, kidnappings and abductions as a mean of control and state power. The installations are part of the struggle for the consolidation of the fragile democracies of the region and they emerged from the popular demands and the conscious action of the progressive governments of these three countries. The authors who provide us with photographic illustrations and comparative tables of these initiatives are the Master in Science of Information, **Caio Vargas Jatene**, and Master in Architecture and Urbanism, **Luiz de Lucca Neto**.

The article by **Ana Carolina Contin Kosiak**, Master in Law, and **Marcos Gonçalves**, PhD in History, is also a reminder of the memory facing the Latin American dictatorships. The article is the analysis result of the

“*repression files*”, records of the Brazilian security agencies on the borders that contain information about the Argentinian people that have fled to Brazil due to the increase of the dictatorship in Argentina at the end of the decade of 1970. The article **COOPERATION AND TRANSIT BETWEEN THE ARGENTINIAN AND BRAZILIAN DICTATORSHIP GOVERNMENTS: THE RECORDS OF ARGENTINE REFUGEE’S EXILED TO BRAZIL (1977 – 1979)** is noteworthy for its extensive documentary research into records that were prepared by border control agents during a critical period of the Argentine dictatorship. It includes statistical data collected about the composition of the persecuted and refugees, which include women, children and families. The work is also noteworthy because it tracks the less well-known collaboration strategies among Latin American dictatorships to go after their political opponents internationally. In the case of Brazil, the collaboration of the Brazilian military with the Argentine dictatorship took place even after the Brazilian regime had started a political opening and showed willingness to humanitarian policies according to the international organizations for the protection of UN political refugees.

From international relations among the Repression Agencies, we moved to join with economic projects and regional integration as State foreign policy. This is the theme of the article **IIRSA, COSIPLAN AND THE BRAZILIAN PERFORMANCE IN THE CONSOLIDATION OF INFRASTRUCTURE INTEGRATION IN SOUTH AMERICA**. The analysis of integration initiatives based on civil engineering and infrastructure projects serves as a concrete support for testing the hypothesis of Brazilian sub-imperialism in South America. It concludes despite benefits for Brazilian companies to consolidate themselves internationally based on established agreements in the area of infrastructure and civil construction with the surrounding countries, it cannot be considered that the purpose of Brazil was to consolidate economic sub-imperialism. To support this conclusion, the authors provide tables and statistical graphs that show that Brazil's investment data is “*inexpressive*” compared with those of Asian

countries or the European Union. The article is written in co-authorship by **Ana Karolina Morais Silva, Jéssica Maria Grassi** and **Lucas Kerr Oliveira**, specialists in International Relations in Latin America. The authors concluded that explaining more justly the Brazilian performance in the neighboring countries would be to consider their foreign policy as a project of regional leadership pro-integration that has developed over two decades.

The capitalist reproduction pattern and the critical lecture on the regional economic dependency are the topics of the article developed by the PhD in Economics **José Alex Rego Soares**, under the title ***LATIN AMERICAN FINANCIAL DEPENDENCY IN THE 19TH CENTURY: THE ROLE OF THE CITY IN DRIVING REGIONAL INSERTION IN THE INTERNATIONAL FINANCIAL SYSTEM***. The regional dependence is analyzed from the 19th century onwards, when the new Republics were formed, and new economies were gradually entering into globalized capitalism. This happened through loans and incentives promoted by the British financial system for Republican Regimes in Latin America. The logic of this commitment with the financial market would be produced under the circumstances inherited from the colonial period. Thus, the article demonstrated how the economic bonds with the metropolis were modified by the British financial system and the relationship of this instance with the local economic groups. It is concluded that, on one hand, the national republics needed external economic resources, on the other hand, the financial capital contributed to generate debts that, in the last instance, favored the strangulation of the conditions of future development and regional integration.

The following articles presented by **BJLAS** set the field of geography in dialogue with studies on political ecology and economics, and debates on development, society and culture. This is because they are articles that discuss theoretically and through case studies the topic of *agriculture in*

Latin America, which is both old and current, as well as tensions over the territory and autonomies.

In recent decades, studies on agriculture related to the socio-environmental and cultural crisis have been increased. And as the debates about the habitat and the quality of life tensions the logic of development, public management has been forced to consider *agriculture* in the *urban* context as a central theme in urbanization policies.

In that way, a challenge was posed about the new questions that urbanization and the environment, not only political but also theoretical, have proposed for the already complex areas of public administration, forcing managers and intellectuals to dialogue with new fields of knowledge.

It is the challenge of thinking *urban agriculture* from new fields of social sciences and with new conceptual instruments that **Henrique Freitas Alves**, Master in Human Geography, writes the article ***POLITICAL ECOLOGY AND URBAN AGRICULTURE IN LATIN AMERICA: THEORETICAL REFLECTIONS FOR AN APPROXIMATION***. The argument that is developed in this work is that urban agriculture has been demanding studies and urbanization policies to be open to incorporate fundamental issues raised by *urban political ecology*. With an important theoretical systematization, the article offers a view of studies on *urban agriculture* as a form of “*social reappropriation of nature*”, and it is at such level that the *political ecology* becomes a central tool to answer the dilemmas of the unequal distribution of the urban space and the right to the city. These are new topics that lead us to think philosophically and theoretically about a new category of justice: “*spatial justice*”.

From a different perspective of the analysis of agriculture in Latin America, the following two studies put us before the advance of agroindustry and agribusiness, in rural areas and in new fields transformed for the intensive and extensive production for the globalized markets. Both articles

complement each other as case studies on Colombia, a paradigmatic country for understanding *new ruralities*.

We will start with the studies of PhD-level student **Rosa Inés Babilonia Ballesteros and Julio César Suzuki**, PhD in Human Geography, who discuss what geographic thinking calls the *new ruralities*, that is, the effects of economic activities that transform rural spaces previously integrated in activities supported by the peasants' agricultural tradition. The scenario for this analysis is Colombia, a country that has experienced deep social and cultural changes in the last decades caused by the transition from peasant agriculture to commercial and export agriculture. Thus, the historical background is the expansion of the neoliberalization policies into rural areas, with the consequent social and cultural collapse that this logic imposed on the peasants. It is worth mentioning that the article is the result of a breathtaking research with interviews and immersion in the field to collect qualitative data of great methodological sensitivity that allows understanding the consequences of the *new rurality* on the territories and the peasant communities' life. With this focus, the article is entitled **THE QUALITATIVE APPROACH AND ITS CONTRIBUTIONS TO STUDY RURAL SPACE: AN EXPERIENCE FROM THE NEW RURALITY IN COLOMBIA.**

The second study complements the previous one with an article entitled **GLOBALIZATION AND RESILIENCE IN THE SEASONAL SAVANNAH OF PUERTO GAITÁN, META, COLOMBIA: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL REFLECTIONS.** Based on similar epistemic concerns - the advance of agribusiness over new agricultural frontiers - this new study innovates by highlighting, with historical data, the central role of the government and the international institutions that promote regional development in the success of the *new rurality*. The second particular aspect of this work is that it highlights the advance of agribusiness capital over uninhabited areas or considered unsuitable for peasant agriculture, justifying the occupation by the agricultural industry based on

biotechnology. However, as the author demonstrates, **Carlos Enrique Castro Méndez**, PhD in Geography, if these lands are not traditionally occupied by peasant agriculture, they have a place in the preservation of the local ecosystem and the relationship of all inhabitants with their natural surroundings. The use of these lands gives rise to forms of spatial segregation and concrete levels of loss of territorial governance, among other consequences of the deterritorialization produced by global economic phenomena that cause imponderable environmental damage in the future.

The last article of this **BJLAS** edition also has Colombia as *the locus* of the approached theme, specifically the city of Medellín and the city security policies implemented with concrete results in the reduction of urban violence. The thesis that is defended is that competences and autonomy that have been given to municipal management since the nineties has allowed significant figures that, for example, reduced 90% of homicides in the municipality. Therefore, there is a fundamental pedagogical character in the analysis of the experience of Medellín and that this article properly designates in the title: **THE ROLE OF MUNICIPALITY IN PROMOTING CITIZEN SECURITY: POSSIBLE LESSONS OF MEDELLIN**. The most relevant aspect of this approach in the field of Juridical Sciences, is that the author, master's level student **Luiza Veronese Lacava**, demonstrates that the construction of a policy of security asked as a requirement for the citizen participation under the tutelage of the Peace Agreement, which was finally consecrated in 2016, after years of tense construction. This was reached with participation of the government, the FARC and sectors of the population. Among other aspects, the agreement guarantees mechanisms to protect popular participation and public political manifestations. Therefore, security is no longer a matter of public order repression but a product of the principles of citizenship and participation.

Complementing the articles of **BJLAS** as always, we include the review of a book that in this case was built with fictional and real narrations about the

NAZI LITERATURE IN LATIN AMERICA (ROBERTO BOLAÑO). The theme of the review impeccably closes a number designed to remember the always up to date regrets of structural violence that shape political mediations between the State and Society. This work of Latin American literature was reviewed by the PhD in History **Lincoln Secco.**

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.180488](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.180488)

*Recebido em: 30/12/2020
Aprovado em: 30/12/2020
Publicado em: 30/12/2020*



O CINEMA DE SARA GÓMEZ: UMA LEITURA SOBRE O CONTEXTO PÓS-REVOLUÇÃO EM CUBA

*EL CINE DE SARA GÓMEZ: UNA LECTURA SOBRE EL CONTEXTO
POSTERIOR A LA REVOLUCIÓN EN CUBA*

*THE SARA GÓMEZ'S CINEMA: A READING ABOUT THE POST-REVOLUTION
CONTEXT IN CUBA*

Cleonice Elias Silva¹ 

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta aspectos do cinema da cineasta cubana Sara Gómez a partir da análise de alguns dos elementos presentes em seu único longa-metragem *De cierta manera* (1974). O filme subsidia discussões sobre a sociedade cubana no período pós-revolução de 1959, os problemas sociais, os conflitos e dicotomias existentes entre antigos valores e tradições diante do processo de transformação em curso. Apesar de considerar a leitura de que o filme apresenta uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade cubana dos anos 1970, proponho uma reflexão sobre a questão da crise das identidades perante o processo modernizador.

Palavras-chaves: Cinema, Sara Gómez, Dicotomias, Modernidade, Identidades.

Resumen: Este artículo presenta aspectos del cine de la cineasta cubana Sara Gómez a partir del análisis de algunos de los elementos de su único largometraje *De cierta manera* (1974). La película da sustento a discusiones sobre la sociedad cubana en el período posterior a la Revolución de 1959, los problemas sociales, los conflictos y las dicotomías existentes entre los valores pasados y tradiciones frente al proceso de la transformación en curso. Aunque considere que la película presenta una discusión sobre el papel de la mujer en la sociedad cubana en la década de

¹ Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: cleoelias28@gmail.com

1970, propongo una reflexión sobre el tema de la crisis de las identidades frente el proceso de modernización.

Palabras claves: Cine, Sara Gómez, Dicotomías, Modernidad, Identidad.

Abstract: This article presents aspects of the cinema of the Cuban filmmaker Sara Gómez based on the analysis of some of the elements of her only feature film *De cierta manera* (1974). This film supports discussions about Cuban society in the post-revolution of 1959, social problems, conflicts and dichotomies between past values and traditions in the face of the ongoing transformation process. Although I consider that the film presents a discussion about the women's role in Cuban Society in the 1970s, I propose a reflection on the issue of the crisis of identities in the modernizing process.

Keywords: Cinema, Sara Gómez, Dichotomies, Modernity, Identities.

[DOI:10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.169808](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.169808)

Recebido em: 17/05/2020
Aprovado em: 06/12/2020
Publicado em: 30/12/2020

1 INTRODUÇÃO

O interesse por escrever sobre o cinema da cineasta cubana Sara Gómez (1942-1974) surgiu a partir de um projeto de pesquisa de pós-doutorado, ainda em gestação, no qual me proponho a estudar as cinematografias de cineastas negras. Já havia ouvido falar a seu respeito e, apesar de estar envolvida com pesquisas sobre as mulheres cineastas desde 2016, não conhecia as especificidades de sua trajetória e produção. Com o processo de escrita deste artigo, pude conhecer alguns dos principais aspectos de sua cinematografia, por meio de seu único longa-metragem *De cierta manera* (1974), e compreender o papel pioneiro cumprido por Sara Gómez na cinematografia não apenas caribenha, mas de um cinema que engloba as produção de mulheres e homens que falam a partir de um lugar marcado pelas desigualdades sociais, raciais e de gênero.

O reconhecimento da importância da obra da cineasta expressa-se pelos textos a seu respeito, sobretudo em língua espanhola. O filme mencionado é objeto de análises que o consideram como uma obra que, além de agenciar questões culturais e sociais da Cuba pós-revolução de 1959, discute questões de raça, classe e gênero. Apesar de Sara Gómez não ter atribuído aos seus filmes uma pretensão de falar do feminismo, seu longa-metragem é muito resgatado a partir dessa ótica. Textos pioneiros de uma crítica cinematográfica feminista ressaltam esse aspecto da obra de Gómez, tais como os de Ruby B. Rich (1991) e Catherine Davies (1997).

Mas importante também é uma interpretação da obra da cineasta que considera as influências que o pensamento de Frantz Fanon exerceu sobre ela e uma geração de artistas e intelectuais da Cuba recém-socialista, como aponta Camila Valdés León (2015). Das outras leituras que o cinema de Sara Gómez suscita, cabe destacar a de Ana Maria Veiga (2018), que considera o filme mencionado como uma manifestação do *Cine imperfecto*, tanto defendido pelo cineasta cubano ligado ao cinema novo latino-americano, Julio Garcia Espinosa. Este defendia a procura por uma linguagem popular, o que não resultaria em um cinema de qualidade questionável. Um cinema que seria uma oposição às estruturas dramáticas e às normas técnicas seguidas pela grande indústria (AVELLAR, 1995, p. 175).

Partindo das premissas apresentadas e de outras, trago também uma análise do filme *De cierta manera*, tentando demonstrar o que a cineasta pretendia discutir a partir de seu cinema, que propósito ele assumiria na sociedade cubana, tendo em vista que a sétima arte despertou grande interesse do governo revolucionário, a criação do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica em 1959 demonstra isso.²

² A pesquisa de doutorado de Mariana Villaça Martins, publicada em livro em 2010, apresenta um histórico do ICAIC e as relações e tensões com o projeto de cultura para Cuba instituído após a revolução. Em linhas gerais, o ICAIC colocou em prática um modelo centralizado de desenvolvimento do cinema, o qual foi um importante

Interessa-me ir além da questão da discussão sobre gênero e raça, e tentar problematizar questões que o filme traz sobre a dicotomia entre tradição e modernidade, e a questão das identidades à luz dos pressupostos de Stuart Hall (2006).

2 O CINEMA ENGAJADO DE SARA GÓMEZ

Sara Gómez morreu em 1974, vítima de uma crise de asma, antes de terminar a edição de seu único longa-metragem, *De cierta manera*. Ela tinha apenas trinta e um anos de idade e seu trabalho com o cinema datava de um pouco mais de uma década com a produção de documentários (VALDÉS LEÓN, 2015, p. 46). O filme foi finalizado por Tomás Gutiérrez Alea e Julio García Espinosa, e lançado em 1977.

A cineasta integrou a Revista *Cine Cubano*, publicada em 1963. Grosso modo, os textos publicados nesse veículo de comunicação discutiam aspectos sobre a cultura cubana e os processos e rupturas culminados pela revolução (VALDÉS LEÓN, 2015, p. 46).

Como interagir com o passado cultural de Cuba? Ele era realmente um passado? Era necessário perguntar sobre ele apenas para vencê-lo, como alguém que sobe, para não descer novamente, os degraus de uma escada? A estas, foi acrescentada outra questão essencial: o diálogo com as culturas provenientes de posições ideológicas divergindo das assumidas pela intelligentsia cubana comprometida com a jovem revolução? [...] (VALDÉS LEÓN, 2015, p. 47).³

Questionamentos que de certa forma estão presentes nas obras de alguns cineastas da época, incluindo-se Sara Gómez. O cinema engajado com a realidade cubana não poderia esquivar-se das problemáticas emergentes no contexto pós 1959. Como ressalta Camila

veículo de propaganda, informação, educação, assim como o principal representante da indústria cultural e da arte em Cuba (DÁVILLA; VILLAÇA, 2019, p. 2, VILLAÇA, 2010).

³ Tradução livre de: “¿Cómo interactuar con el pasado cultural de Cuba? ¿Era éste realmente un pasado? ¿La necesidad de preguntarse por él radicaba solo en superarlo, como quien sube, para no volver a descender, los peldaños de una escalera? A estas, se sumaba otra pregunta esencial: ¿era viable el diálogo con aquellas culturas que provenían de posicionamientos ideológicos divergentes a los asumidos por la intelectualidad cubana comprometida con la joven revolución?[...]”

Valdés León (2015, p. 47), é possível afirmar que a defesa dos cineastas que escreviam na revista era a de que a cultura tinha que seguir uma linha de continuidade crítica e consciente. Uma possibilidade considerada como uma única viável e produtiva para os intelectuais cubanos revolucionários seria o diálogo e a consideração de todas as manifestações culturais tendo em vista “o conhecimento e a segurança nas fundações e nas razões do ser da própria cultura”. O novo estava instaurado, todavia, a tradição estava por todas as partes da sociedade cubana, o “homem novo revolucionário” não era um emblema do moderno, mas do conflito com os valores tradicionais, aspecto, este, presente no longa-metragem de Sara Gómez na figura do personagem Mario.

O cinema de Sara Gómez e os de outros cineastas de sua geração estavam engajados com a revolução, mas sem deixar de apresentar leituras críticas e necessárias da sociedade cubana.

O cinema cubano sempre se expressa em termos de revolução; o cinema, para nós, será inevitavelmente parcial, será determinado por uma consciência, será o resultado de uma atitude definida em relação aos problemas que enfrentamos, diante a necessidade de descolonizar-nos política e ideologicamente e romper com os valores tradicionais sejam eles econômicos, éticos ou estéticos [...]. Essa contribuição consciente e militante para o domínio de novas técnicas e métodos eficazes de produção constituirá um autêntico ato de descolonização, terá um significado transcendente na própria obra revolucionária, que no nosso caso significa artístico. E é que, em uma sociedade que estabelece como objetivo a necessidade de transformar tudo, até ela mesma, o artista se expressa sempre e quando reflete essa desesperada necessidade. Expressar essa angústia será culturalmente válido (GÓMEZ, 1970, p. 94 apud VALDÉS LEÓN, 2015, p. 48).⁴

Uma definição possível para o papel de Sara Gómez e demais cineastas e intelectuais cubanos é o conceito cunhado por Gramsci de intelectual orgânico, para o pensador italiano “os intelectuais constituem a

⁴ Tradução livre de: “El cineasta cubano se expresa siempre en términos de revolución; el cine, para nosotros, será inevitablemente parcial, estará determinado por una toma de conciencia, será el resultado de una definida actitud frente a los problemas que se nos plantean, frente a la necesidad de descolonizarnos política e ideológicamente y de romper con los valores tradicionales ya sean económicos, éticos o estéticos [...]. Esta contribución consciente y militante al dominio de nuevas técnicas y métodos eficaces de producción va a constituir un auténtico acto de descolonización, va a tener un significado transcendente dentro de la propia obra revolucionaria, que en nuestro caso quiere decir artística. Y es que en una sociedad que se fija como meta la necesidad de llegar a transformarlo todo, hasta a sí misma, el artista se expresa, siempre y cuando refleje esa desesperada necesidad. Expresar esa angustia será lo culturalmente válido”.

expressão social concreta do vínculo orgânico entre estrutura e superestrutura” (MOTA, 1977, p. 285).⁵ Cabe mencionar que o papel cumprido por intelectuais nos processos históricos e culturais deve ser analisado considerando seus desdobramentos nos sistemas políticos de suas épocas (MOTA, 1977, p. 285). Não é possível pensar a cultura sem considerar sua ressonância no espectro político.

É apropriada a leitura de Camila Valdés León (2015, p. 49) de que o cinema de Sara Gómez pode ser visto como uma tomada de consciência consigo mesma e com o processo revolucionário, que promoveu transformações na sociedade política, e são tais transformações que a cineasta traz à tona e problematiza. Sara Gómez, na concepção de Valdés León, assumiu um compromisso com a sua verdade, uma grande necessidade de esquivar-se das “correntes impostas em sua consciência individual e coletiva de seu povo, pelos anos de colonização e subdesenvolvimento”, condições muito debatidas no decorrer dos anos 1960 e 1970.

Em 1968, Sara Gómez e o cineasta Nicolás Guillén Ladrián (1938-2003) foram acusados, juntamente com outros intelectuais cubanos, de estarem envolvidos na escrita de um manifesto que tinha como propósito o lançamento de um movimento negro em Cuba. Ela e eles pretendiam discutir a situação do negro no país, questão não aceita pelo governo que desconsiderava a existência de racismo em Cuba após o processo revolucionário (VILLAÇA, 2016, p. 5). Nem por isso, a cineasta deixou de tratar do tema em seu longa-metragem, como destaca Ana Maria Veiga (2018, p. 39-40), a questão do racismo faz-se presente.

Ainda segundo Ana Maria Veiga,

A visão e a temática de Sara Gómez dentro do cinema cubano demarcam na prática uma oposição. Sua própria inserção como mulher e negra no meio cinematográfico, apesar de coincidir com

⁵ Camila Valdés León (2015) também menciona a influência que Gramsci exerceu sobre os intelectuais e artistas cubanos.

as propostas da Revolução Cubana, aponta para uma exceção (2018, p. 43).

3 DE CIERTA MANERA: DICOTOMIAS ENTRE A TRANSFORMAÇÃO E AS TRADIÇÕES

É marcante o interesse da cineasta pelas histórias individuais, pelas subjetividades dos homens e mulheres comuns e pelos efeitos do complexo processo histórico originado com a implementação do Estado socialista. Nesse sentido, o filme *De cierta manera* tem aspectos de suas produções anteriores de documentários, Sara Gómez realizou cerca de quatorze. A temática que foi de interesse de uma geração está também presente nesse seu filme, sendo ela “a construção de uma cultura nacional em relação à construção de um homem novo, de uma nova sociedade” (VALDÉS LEÓN, 2015, p. 49).

O filme em questão apresenta cenas documentais e um plano ficcional, justifica-se a existência de cenas com homens e mulheres comuns ao longo trabalho empenhado pela cineasta na produção de documentários. O filme poderia cair em um didatismo ao contrapor depoimentos e imagens de uma esfera do “real” com as cenas da narrativa ficcional, mas as questões que esses dois âmbitos apresentam trazem uma complexidade para o filme no seu conjunto. Terminamos o filme sem encontrar respostas para os questionamentos por ele colocados e conscientes de que os processos históricos de transformações estão para além das definições e caracterizações de alguns consagrados conceitos.

Para Cláudia Cardoso Mesquita e Roberta Veiga (2019, p. 7-8), a relação entre ficção e documentário no filme de Gómez é de interdependência. Elas apresentam a premissa de que a figura do limiar “é instituinte do dispositivo fílmico e da dimensão dialética”, expressa pela alegoria que as cenas documentais da demolição de um bairro remetem, as quais estão presentes no desenvolvimento da narrativa. Tal alegoria

quer chamar a atenção para o fato de que não existe uma revolução sem transformação. Em suma, o processo de construção de moradias para a população pobre com a destruição da favela de Las Yaguas e a construção de bairros populares como Miraflores pode ser compreendido como “duro, pesado e custoso”.

Tratando-se das relações entre a linguagem documental e ficcional, elas vêm tornando-se recorrentes em diferentes obras audiovisuais. As e os cineastas têm explorado as possibilidades que surgem quando as duas linguagens estão juntas, rompendo, desta forma, com alguns cânones que restringiam os aspectos e as dimensões de filmes considerados como documentários e ficcionais, mostrando como são tênues os limites que as separam e como, quando conjugadas, exploram de forma mais interessante subjetividades e questões sociais e políticas.

Um aspecto a ser valorizado no filme é que ele parte de um projeto de Estado instaurado pela revolução e dá enfoque para elementos que marcam a vida de mulheres e homens simples. Uma dimensão política pensada a partir de experiências e subjetividades dos cubanos, sobretudo, os mais pobres. Ao considerar as experiências, a cineasta nos permite uma leitura próxima do pressuposto de Edward P. Thompson de que é a partir delas que se “compreende a resposta mental emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15).

De cierta manera, ao apresentar-nos a relação amorosa entre a professora de classe média Yolanda e o trabalhador negro Mario, evidencia os conflitos que emergem dessa relação não simplesmente por questões de uma esfera do emocional, mas principalmente as que dizem respeito às classes sociais que essas duas personagens pertencem. Em outras palavras, desde o início, fica claro que as duas personagens, por mais que se considerem revolucionárias, são diferentes umas das outras, daí as

discussões entre o casal no decorrer do filme. A relação amorosa de Yolanda e Mario, no meu ponto de vista, denota os conflitos existentes na sociedade cubana na superação de antigos valores e tradições.

A potencialidade do filme, na minha leitura, está nas cenas reais que ele apresenta, assim como os depoimentos. A voz *over*, no início do filme, faz menção aos valores e aos costumes persistentes no processo de transformação da sociedade cubana. Nesse processo de transformação, a construção de novas moradias e uma política educacional como prioridade são imprescindíveis para uma mudança na realidade da sociedade marginal.

Daí Yolanda ser uma professora e de certa forma, por meio do ofício da docência, influenciar no processo de melhoria da situação da população pobre de Cuba. Todavia, o filme foge de uma perspectiva romantizada ao tratar do trabalho de Yolanda na educação. Por mais que ela seja considerada essencial para as crianças pobres cubanas, ela se depara com vários empecilhos para cumprir a sua função transformadora. Yolanda não sabe como lidar com a indisciplina de seu aluno Lázaro; não compreende as condições de vida das mães pobres de seus alunos⁶, que elas fazem o possível para estarem presentes nas vidas de seus filhos tendo em vista que cumprem duras jornadas de trabalho; não entende que o fato de algumas crianças não aprenderem não está associada ao descaso das famílias, mas a um problema social mais amplo; diante disso, a revolucionária professora Yolanda confessa às câmeras de Gómez sua preocupação com as crianças, chamando a atenção para o fato de muitas meninas não seguirem com os estudos, o que alimenta um ciclo de desigualdade difícil de romper.

É essa mesma Yolanda que remete às mulheres emancipadas, divorciada, independente, incomoda-se com algumas atitudes de seu companheiro Mario, e deixa claro que não admitirá certas posturas dele.

⁶ Mesquita e Veiga (2019, p. 16) chamam a atenção para “o ponto cego do lugar de classe” de Yolanda.

Diante disso e das demais premissas apresentadas, é possível atribuir ao filme uma perspectiva interseccional, tal como o fazem Mesquita e Veiga (2019).

É a condição de limiar estruturante do filme que permite a Sarita manter uma abordagem dialética dos processos, tornando metodologicamente natural que o feminismo seja pensado num trânsito interseccional. Estar no limiar é estar sempre em relação a, colocação em perspectiva que vem a calhar quando se trata de um posicionamento político feminista, a partir do qual a figura da mulher não seja generalizada, fixada, ou isolada, mas esteja em permanente revisão teórica e histórica, de modo a colocar em cheque perspectivas que a essencialize, desconstruindo-a sem, no entanto, abrir mão da materialidade e da positividade constituinte do ser mulher (MESQUITA; VEIGA, 2019, p. 12-13).

Entretanto, a figura de Yolanda não nos impede de enxergar mulheres cubanas que vivem condições diferentes da sua, as mães Mexicana e Mercedes são os exemplos.⁷ São os emblemas das mulheres cubanas no contexto pós-revolução que não usufruem de uma condição de mulher revolucionária, de classe média e emancipada. Aspecto que me faz reforçar que questões de classe e raça devem ser norteadoras para entender os desdobramentos culminados pelo processo revolucionário nas vidas das mulheres pobres de Cuba. Grosso modo, para entendermos a realidade das mulheres negras e pobres cubanas, faz-se necessário ir contra as formas de dominação, assumir a empreitada de um exercício de desconstrução e reconstrução de perspectivas analíticas consagradas. Papel assumido por muitas intelectuais do feminismo negro, entre elas Patricia Hill Collins (JARBADO, 2012, p. 35).

Mario, por sua vez, lida com uma série de conflitos para superar atitudes machistas. Tanto no que diz respeito à sua relação com Yolanda, quanto à sua decisão de não apoiar e encobrir as mentiras de seu amigo Humberto. Ele representa o homem revolucionário cubano que vivencia as transformações com todos os conflitos e dilemas que delas podem emergir.

⁷ Mesquita e Veiga (2019, p. 16) também mencionam o contraste dessas duas mães em relação à figura de Yolanda.

Os valores culturais que marcam as realidades das classes populares, segundo Valdés León, não devem ser superados e esquecidos, mas sim entendidos por meio de uma ótica crítica.

[...] Uma das ideias fundamentais que parece emergir do filme é que a cultura marginal não precisa desaparecer no confronto que ocorre entre o processo de mudança social e os antigos valores criados por um sistema econômico derrubado. Será precisamente a leitura crítica de uma herança cultural que nutrirá, em vez de encadear, que fará parte de uma mudança social, ao invés de um meio de alienação do indivíduo (VALDÉS LEÓN, 2015, p. 50).⁸

Ou seja, é possível falar em um processo de ressignificações de antigos valores e tradições diante das transformações impulsionadas pela revolução. Todavia, tais ressignificações não se dão de forma amena, tendo em vista as rupturas. Segundo Marshall Berman, o ser moderno é estar em uma ambiente propício à aventura, assim como ao poder, à alegria, ao crescimento, à autotransformação e à transformação das coisas ao redor, todavia, existe também a ameaça de destruição de “tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. Todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologias são eliminadas pela experiência ambiental da modernidade. Sendo assim, é possível afirmar “que a modernidade une a espécie humana”, contudo, é uma união paradoxal, “uma unidade de desumanidade”, uma vez que “ela nos despeja a todos um turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidades e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo que é sólido desmancha no ar’” (BERMAN, 2007, p. 24).

A vida moderna manifesta-se através de dois níveis: o material e o espiritual. Para alguns interessados pelo “modernismo”, este é considerado “como uma espécie de puro espírito”, expresso nas produções artísticas e intelectuais; já no que diz respeito à “modernização”, ressaltam-se as

⁸ Tradução livre de: “[...] Una de las ideas fundamentales que parece desprenderse de la película es que la cultura marginal no tiene por qué desaparecer en el enfrentamiento que se produce entre el proceso de cambio social y los antiguos valores creados por un sistema económico derrocado. Ya que será precisamente la asunción crítica de una herencia cultural aquella que nutrirá en vez de encadenar, que formará parte del cambio social en vez de ser medio para la alienación del individuo”.

estruturas e processos materiais, políticos, econômicos e sociais, desconsiderando-se as interferências “dos espíritos e da alma humana” em seus desenvolvimentos. Um dualismo que torna difícil uma apreensão “de um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno” ((BERMAN, 2007, p. 158).

Nesse sentido, ressalto que o filme de Sara Gómez considera as subjetividades da população pobre diante das mudanças que estavam em curso em Cuba na década de 1970. Ela nos apresenta uma leitura da sociedade cubana por meio de um recorte cujo enfoque são os moradores de Miraflores. Berman (2007) pensa a modernidade dentro das engrenagens do capitalismo, a realidade que a cineasta mostra-nos vai na contramão dos valores e lógicas capitalistas, no entanto, depara-se com limites para atuar em um cenário de pobreza e desigualdade social.

As identidades cultural e nacional cubana não ficaram imunes ao processo de transformações políticas, econômicas e sociais culminadas pela revolução. As velhas identidades, responsáveis por uma estabilidade no mundo social, entraram em declínio. Fato que levou ao surgimento de novas identidades, sendo que o indivíduo moderno passou a estar fragmentado. Essa “crise de identidade” está inserida em “um processo mais amplo de mudança”, que desloca “as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7).

Transformações que nos levaram à pós-modernidade. Nessa nova realidade, a identidade é uma “celebração móvel”, formando-se e transformando-se de forma contínua “em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Sua definição não é biológica, e sim histórica. Nesse sentido, nós podemos assumir diferentes identidades em momentos distintos, “identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Dentro

de cada pessoa há identidades contraditórias, que as empurram em diferentes direções, por essa razão suas identificações são deslocadas. Não existe uma identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerentes”, pois “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam”, os indivíduos são “confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”, podendo identificar-se, mesmo que temporariamente, com cada uma delas (HALL, 2006, p. 12-13).

Uma premissa possível para o filme de Sara Gómez é que a sociedade cubana que ele retrata estava vivenciando a situação descrita por Stuart Hall sobre as “crises das identidades”. Entretanto, são crises que não se dão apenas na esfera do privado com os indivíduos, mas crises que se manifestam no âmbito social. Situação que nos leva a enxergar a complexa teia que envolve os elementos relacionados às identidades, cada indivíduo em sua unicidade é complexo, nas dimensões sociais e políticas tal complexidade pode assumir novos aportes ou até mesmo as características das identidades são marcadas pelos contextos que os indivíduos estão inseridos. As mulheres e homens cubanos no filme de Sara Gómez têm suas experiências e vivências influenciadas pelas conjunturas sociais, políticas e econômicas.

Usando o conceito de nossa contemporaneidade de *lugar de fala* (RIBEIRO, 2017), afirmo que a cineasta mulher, negra e engajada com os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos de seu país, propõe-se a discutir questões essenciais na sociedade cubana do período pós-revolução, como o já afirmado, são apresentados questionamentos sobre uma realidade, os quais ainda se fazem presentes. É uma tomada de posição que dá vazão às questões de gênero, raça e classe social imbricadas em um contexto histórico específico.

Sara Gómez estava imersa nos debates evidentes e latentes de sua época. Dessa forma, a categoria de estrutura do sentimento de Raymond Williams pode descrever sua experiência.

A estrutura é sempre a do sentimento real, ligado à particularidade da experiência coletiva histórica e de seus efeitos reais nos indivíduos e nos grupos. Sua qualidade empírica não é sempre naturalista ou sociológica: tem tudo a ver com a fenomenologia da consciência intersubjetiva e com os processos interativos estruturais por meio dos quais é formado e subseqüentemente transformado em estruturas sociais e culturais nascentes e emergentes (SCHUTZ, 1962 apud FILMER, 2009, p. 372).

Nossas práticas sociais e aspectos mentais não estão desvinculados das “formas de produção e de organização socioeconômica” (CEVASCO, 2001, p. 97). Assim, é possível inferir que a cineasta a partir das especificidades do contexto que esteve inserida que marcaram sua trajetória intelectual, profissional e a sua identidade como mulher negra engajada com os ideais revolucionários apresenta uma leitura da realidade que a cercava sem romantizá-la, visando entendê-la a partir de uma ótica não simplista evidenciando as problemáticas que a caracterizam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sara Gómez, no filme analisado, falou sobre a sociedade que fazia parte, na qual presenciava os problemas sociais que as mudanças não davam conta de superar. Dentre as muitas leituras possíveis para o seu cinema, destaco o seu caráter atemporal, apesar de se tratar de um momento datado de Cuba. Ela não nos apresenta respostas para os questionamentos nem caminhos para superar o problema da desigualdade social, assim, permite-nos olhar para esta realidade considerando as dimensões subjetivas de mulheres e homens simples “arrastados” por um projeto de Estado e de sociedade, que, mesmo rompendo com o modelo desigual do capitalismo, deparou-se com limites para possibilitar uma vida com dignidade para mulheres e homens

pobres. As demolições presentes no filme me fazem pensar que o novo nem sempre promove boas transformações em sua plenitude.

Diante desse novo processo, antigos valores permanecem arraigados o que de certa forma prejudicou o projeto modernizador. Em linhas gerais, a modernidade não rompe com as distinções raciais, de classe e de gênero, pelo contrário, proporciona-lhes novas dimensões, o que acentua ainda mais as desigualdades.

Por sua vez, o filme *De cierta manera*, como linguagem e proposta cinematográfica, pode ser considerado moderno, pois se alinha às cinematografias modernas latino-americanas. É uma obra pioneira por trazer imagens de uma época marcada por contradições e dicotomias e por ter como diretora uma mulher negra, intelectual e inquieta com as questões da sociedade que fazia parte.

Sara Gómez em seu filme, além dos demais aspectos mencionados no decorrer deste artigo, discute a questão identitária cubana no período pós-revolução, a qual estava cercada por conflitos e complexidades, características recorrentes tratando-se do campo das identidades, contudo, acentuadas na realidade cubana uma vez que a dicotomia entre a tradição e o novo manteve-se presente, redimensionando os problemas sociais.

5 REFERÊNCIAS

AVELLAR, José Carlos. **A ponte clandestina**: Birri, Glauber, Solanas, García Espinosa, Sanjinés, Alea – Teorias de cinema na América Latina. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora 34/Edusp, 1995.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DAVIES, Catherine. Modernity, masculinity and Imperfect Cinema in Cuba. **Screen**, v. 38, n. 4, winter 1997. Glasgow, Scotland, UK, pp. 345-359.

DÁVILLA, Ignacio Del Valle; VILLAÇA, Mariana. Revolução Cubana e documentário – 60 anos. **DOC On-line**, p.2-11, set.2019. Disponível em: < <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc/article/view/650/467>> Acesso em 12 jul. 2020.

FILMER, Paul. A estrutura do sentimento e das formações sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de R. Williams. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, p. 371-396, 2009. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1944/1582>> Acesso em 17 mai. 2020.

GÓMEZ, Sara. Respuestas a una encuesta sobre el cine documental didáctico. **Pensamiento Crítico**, 42, 1970.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JARBADO, Mercedes (Org.). **Feminismos negros**: una antologia. Madrid: Traficantes de sonhos/Mapas, 2012.

MESQUITA, Cláudia Cardoso; VEIGA, Roberta. O feminismo de Sarita: limiar, dialética e interseccionalidade em *De cierta manera*. In: **Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 11 a 14 jun.2019, p. 1-20. Disponível em: < http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_R23FBX7T3FTK5NEJQLIQ_28_7837_22_02_2019_11_49_12.pdf> Acesso em 12 mai. 2020.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**: pontos de partida para uma revisão histórica. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1977.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

RICH, B. Ruby. An/Other view of New Latin American Cinema. **Iris – a journal of theory on image and sound**, n.13, 1991, pp. 5-27.

SCHUTZ, Alfred. **Collected Papers**. The Hague: Nijhoff, 1962, v.2.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VALDÉS LEÓN, Camila. *De cierta manera*. Lecturas de Frantz Fanon en Sara Gómez. **Cuadernos del Caribe**, San Andrés Isla, n. 19, p.45-51, jan-jun.2015. Disponível em: <

<https://revistas.unal.edu.co/index.php/ccaribe/article/view/53508>> Acesso em 12 mai. 2020.

VEIGA, Ana Maria. Radicalizar e “Cine Imperfecto” cubano – Sara Gómez. **História Revista**, Goiânia, v.23, n.1, p.28-48, jan./abr. 2018. (DOI: hr.v23i1.51912)

VILLAÇA, Mariana. Aproximações e tensões entre o ICAIC e a política cultural em Cuba. **Ideas: Idée d’Amérique**, Paris, n.7, p. 1-15, Printemps/Été, 2016. (<https://doi.org/10.4000/ideas.1366>)

VILLAÇA, Mariana. **Cinema Cubano. Revolução e Política Cultural**. São Paulo: Alameda, 2010.



AMÉRICA LATINA POR UMA EPISTEMOLOGIA DECOLONIAL DA COMUNICAÇÃO

*AMÉRICA LATINA POR UNA EPISTEMOLOGÍA DECOLONIAL
DE LA COMUNICACIÓN*

*LATIN AMERICA FOR A DECOLONIAL EPISTEMOLOGY OF
COMMUNICATION*

*Bruno Santos Nascimento Dias*¹ 
Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo: Este ensaio procura refletir sobre possíveis caminhos para outras formas de se pensar a comunicação como fenômeno social, ou seja, o que é comunicação e quais são as referências para entendê-la. Considerando que este é um campo de estudo orientado pelos paradigmas das ciências sociais ocidentais, propõe-se uma abordagem tomando como referência as periferias e os limites do pensamento comunicacional contemporâneo, especialmente da América Latina. Para isso, ancoramo-nos na visão crítica proposta pela rede Modernidade/Colonialidade e no Giro Decolonial, que, como resultado dos debates pós-coloniais e com a herança do pensamento crítico latino-americano do século XX, puseram em marcha um movimento de resistência - teórico e político, mas também prático e epistemológico - para desconstruir os paradigmas da modernidade/colonialidade. Portanto, buscamos, na perspectiva da comunicação, apontar caminhos de reflexão a partir de uma revisão teórica/conceitual e em articulação com propostas contra-hegemônicas já existentes, tanto na história do pensamento comunicacional latino-americano quanto em debates recentes sobre o campo nesta região.

Palavras-chave: Comunicação; Epistemologia; América Latina; Giro Decolonial; Decolonialidade.

Resumen: Este ensayo busca reflexionar sobre caminos posibles hacia otras formas de pensar la comunicación como un fenómeno social, es decir, qué es la comunicación y cuáles son los referentes para entenderla. Considerando tratarse de un campo de estudio orientado por los paradigmas de las ciencias sociales occidentales, se propone un abordaje tomando como referencia las periferias y los límites del pensamiento

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra e mestre em Comunicação com Menção em Estudos de Recepção Midiática pela Universidade Andina Simón Bolívar, sede Equador. E-mail:

comunicacional contemporâneo, especialmente desde América Latina. Para hacerlo, nos anclamos en la mirada crítica planteada por la red Modernidad/Colonialidad y el Giro Decolonial que, a raíz de los debates poscoloniales y con la herencia del pensamiento crítico latinoamericano del siglo XX, han puesto en marcha un movimiento de resistencia -teórico y político, bien como práctico y epistemológico- de deconstrucción de los paradigmas de la modernidad/colonialidad. Por lo tanto, buscamos desde la comunicación señalar caminos para la reflexión a partir de una revisión teórica/conceptual y de articulación con propuestas contrahegemónicas existentes, tanto en la historia del pensamiento comunicacional latinoamericano como en recientes debates sobre el campo en esta región.

Palabras-clave: Comunicación; Epistemología; América Latina; Giro Decolonial; Decolonialidad.

Abstract: This essay seeks to reflect on possible ways to other means of thinking about communication as a social phenomenon, that is, what is communication and what are the references to understand it. Considering that it's a field of study oriented by the paradigms of the western social sciences, an approach is proposed taking as a reference the peripheries and limits of contemporary communicational thinking, especially from Latin America. For this purpose, we anchor ourselves in the critical gaze raised by the Modernity/Coloniality network and the Decolonial Turn that, as a result of the postcolonial debates and with the inheritance of Latin American critical thought of the 20th century, have launched a movement of resistance - theoretical and political, as well as practical and epistemological - of deconstruction the paradigms of modernity/coloniality. Therefore, we seek from communication to point out ways for reflection based on a theoretical/conceptual review and from articulation with existing counter-hegemonic proposals, both in the history of Latin American communicational thought and in recent debates on the field in this region.

Keywords: Communication; Epistemology; Latin-America; Decolonial Turn; Decoloniality.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170987](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170987)

*Recebido em: 11/06/2020
Aprovado em: 06/12/2020
Publicado em: 30/12/2020*

1 INTRODUÇÃO

A Comunicação enquanto campo de estudo é orientada pelos modelos e paradigmas das ciências sociais ocidentais. As referências

teóricas que alimentam o trabalho de boa parte das pesquisas e programas de formação em universidades e organizações, e em publicações ao redor do mundo, seguem, ainda hoje, centrada nos modelos concebidos, em uma significativa maioria, por pensadores originários e/ou baseados nos Estados Unidos e na Europa. Ainda que, a partir dessa perspectiva, a apropriação da teoria social ocidental por parte dos estudos de mídia e comunicação seja uma questão (HESMONDHALGH; TOYNBEE, 2008), com a emergência e consolidação, especialmente nos últimos 30 anos, de uma variedade de contribuições teóricas críticas às concepções hegemônicas da modernidade, oriundas principalmente das sociedades exploradas pelo colonialismo e imperialismo a partir do século XVI, faz-se necessário também refletir sobre aspectos que estão para além dessa problemática, como a construção mesma de tais teorias. É, portanto, nesta direção que o presente artigo pretende caminhar: a de propor um olhar para as periferias e fronteiras do pensamento sobre comunicação contemporâneo, em especial na América Latina.

Os pressupostos nos quais se ancora o nosso olhar crítico são aqueles desenvolvidos pela rede Modernidade/Colonialidade e o Giro Decolonial² que, desde o final dos anos 1990, na esteira dos debates pós-coloniais e com a herança do pensamento crítico latino-americano, tem contribuído de forma transdisciplinar ao debate sobre a necessidade de ruptura com a hegemonia euro-estadunidense na produção do conhecimento³ e a emergência de saberes periféricos. Este movimento parte do pressuposto de que o fim dos sistemas coloniais não significou a superação das suas formas de dominação. Antes, o projeto posto em marcha com a conquista das Américas e fundamentado na classificação racial/étnica da população

² Segundo Luciana Ballestrin (2013) o grupo Modernidade/Colonialidade se constitui a partir do final dos anos 1990 através de seminários, reuniões e publicações de intelectuais e pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, diversos países da América Latina e vinculado a distintas Universidades no continente e nos Estados Unidos. O Giro Decolonial, por sua vez, é um termo proposto por Nelson Maldonado-Torres e que faz referência ao “movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (Ballestrin, 2013, p.105).

³ Para efeito do debate que propomos não será feita distinção hierárquica entre os termos “saber”, “conhecimento” e eventualmente “pensamento”, tratados, por tanto, neste texto, como equivalentes.

mundial deu origem à colonialidade, que opera nas dimensões do poder, do saber e do ser e é constitutiva da modernidade. Assim, não é possível falar em modernidade sem considerar sua “cara oculta”: a colonialidade (BALLESTRIN, 2013; MIGNOLO, 2009). Na dimensão do saber a colonialidade se expressa no eurocentrismo, com o pretensão universalismo da ciência moderna e na conseqüente secundarização, invisibilização e silenciamento de outras formas de conhecimento.

O exercício ao qual este trabalho se propõe, portanto, é essencialmente de reflexão crítica e teórica e está dividido em duas partes: primeiramente, tomando como referência as noções, conceitos e categorias oferecidos pela rede Modernidade/Colonialidade, nos esforçamos por decodificar a concepção moderna de conhecimento e comunicação; em seguida, buscamos reconstituí-los a partir das formulações e experiências de saberes alternativos e contra-hegemônicos, como os neste texto denominados “comunicação e o viver bem”, “comunicação das macumbas” e “comunicações bastardas”. Esta proposição nos termos da crítica decolonial pode sugerir um paradoxo: sendo a comunicação, enquanto campo científico, concebida a partir de um conhecimento que é essencialmente moderno, pensá-la desde outros termos poderia parecer, no máximo, o ajustamento ou instrumentalização dessas outras formas de conhecer em função de um objetivo que segue vinculado à modernidade/colonialidade. O risco de fato existe e, nesse sentido, vale destacar que, mesmo sendo o Giro Decolonial a “radicalização do argumento pós-colonial” (BALLESTRIN, 2013, p. 89) que em última instância reivindica a ruptura com formulações eurocêntricas, a motivação não é invalidar muito menos descartar o conhecimento produzido pelo ocidente. Remetendo às palavras de Enrique Dussel (2000), consideramos que a superação da modernidade deve significar, sobretudo, a sua “subsunção real” em função de sua alteridade negada, logo:

[...] não se trata de um projeto pré-moderno, como afirmação folclórica do passado; nem um projeto antimoderno de grupos conservadores, de direita, de grupos nazis, fascistas ou populistas; nem um projeto pós-moderno de negação da Modernidade como

crítica de toda razão para cair em um irracionalismo niilista. (DUSSEL, 2000, p. 50, tradução nossa)

Trata-se, sim, de, a partir de uma postura dialógica equitativa, lançar luz sobre caminhos outros possíveis. Portanto, admitindo o risco antes mencionado, assumimos o projeto de ruptura com a racionalidade eurocêntrica, fundamentalmente, como um rompimento com a violência e os silenciamentos de sua pretensão universalista perpetrados ao longo da história e ainda hoje.

2 A COLONIALIDADE DO SABER

O argumento da noção de colonialidade do saber é relativamente simples: se o fim dos sistemas coloniais não representou a superação de suas estruturas de dominação, uma das dimensões mais significativas nas quais esta dominação se expressa é a do conhecimento. Em efeito, na perspectiva da rede Colonialidade/Modernidade a colonialidade do saber é um problema central e, por isso, motivo de ricos e profundos debates, o que exprime toda sua complexidade (BALLESTRIN, 2013, p. 103). Esta dimensão da dominação colonial se relaciona com a própria ideia de conhecimento e suas respectivas formas de disseminação e circulação na dinâmica do projeto moderno.

Uma das chaves para compreensão da colonialidade do saber é a ideia de diferença colonial e geopolítica do conhecimento proposta por Walter Mignolo (2002) segundo o qual *“a expansão ocidental não foi apenas econômica e política, mas também educativa e intelectual”* (MIGNOLO, 2002, p.63, tradução nossa). Tal ideia deriva da noção de colonialidade do poder, desenvolvida por Aníbal Quijano (1992, 2000), que parte da compreensão de que o sistema colonial que se constitui com a chegada de espanhóis e portugueses na América Latina se estabelece a partir da relação interdependente entre controle econômico, hierarquização racial e consolidação do paradigma europeu do

conhecimento racional. Assim, Mignolo aponta a diferença colonial como aquela constituída pelo pensamento hegemônico que, como estratégia de ocultação de uma relação de poder opressora, foi “vendida” como “diferença cultural”. A diferença colonial identificou nas populações não-europeias faltas e excessos que precisavam ser ajustados e privou-os, entre muitas outras coisas, da possibilidade de criar pensamento⁴ (MIGNOLO, 2003, p. 27).

Portanto, a geopolítica do conhecimento diz respeito ao processo que Nelson Maldonado-Torres (2009) chamou de “esquecimento da colonialidade”, isto é, a maneira como o conhecimento, da filosofia à teoria social, é marcado geograficamente e historicamente, com um valor e uma “origem” espaço-temporal, que vai da Grécia antiga à França iluminista, e exclui todo o saber humano produzido em outras partes do globo. Nessa geopolítica fabricada e imposta pela modernidade, as outras regiões do mundo foram “inventadas” como deslocadas, o que, no caso da América Latina, por exemplo, após os processos de independência, foi assumido pelos intelectuais e estadistas da região como horizonte, ou seja, o ser “modernos” como projeto. Dessa maneira:

[...] o conhecimento, assim como a economia, está organizado mediante centros de poder e regiões subalternas. A armadilha é que o discurso da modernidade criou a ilusão de que o conhecimento é des-incorporado e des-localizado e que é necessário, a partir de todas as regiões do planeta, “subir” até a epistemologia da modernidade. (WALSH, 2003, p. 4)

Mignolo chama a atenção ainda para o fato de como este conhecimento moderno originado e produzido na Europa se estendeu às antigas colônias a ponto de estas as assumirem como próprias. Para ele, as três grandes narrativas que marcam a história do conhecimento moderno – cristianismo, liberalismo e marxismo – se impuseram nas regiões colonizadas, em diferentes épocas, “*como um caminho de libertação, sem*

⁴ O autor faz referência ao pensamento Renascentista, que era, para a Europa, “a maneira como o pensamento se concebia” no momento da conquista da América e início dos sistemas de administração colonial. Porém em outro momento do texto referenciado, deixa claro o entendimento de que “as diferenças coloniais foram construídas pelo pensamento hegemônico em distintas épocas” (MIGNOLO, 2003, p. 27).

fazer a distinção entre emancipação na Europa e libertação no mundo colonial” (MIGNOLO, 2002, p. 64, tradução nossa), e assim seguem ainda hoje na maneira como “o debate pós-moderno na América Latina, por exemplo, reproduziu uma discussão cujos problemas se originaram não nas histórias coloniais do subcontinente, mas nas histórias da modernidade europeia” (MIGNOLO, 2002, p. 64, tradução nossa).

Um outro aspecto significativo para compreender a gramática da colonialidade do saber é o que Santiago Castro-Gómez (2007) chama de “*hybris do ponto zero*” definida como “*o modelo epistêmico da modernidade*” e do qual o olhar colonial sobre o mundo é tributário. A *hybris* do ponto zero descreve um paradigma fundamentado na concepção de que o conhecimento tem um caráter universal (válido para todos, em todo lugar e em toda época) e se produz a partir de um ponto de observação neutro que é o que permite ao observador alcançar esse conhecimento em toda sua verdade e autenticidade, livre de qualquer dúvida. Nesta concepção “*a ciência moderna se situa fora do mundo (no ponto zero) para observar o mundo*” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 83, tradução nossa). O argumento do autor parte da premissa que a herança colonial do conhecimento se estabelece pela distinção entre *doxa* e *episteme*, isto é, saberes legítimos e ilegítimos, úteis e inúteis, válidos e inválidos. O conhecimento legítimo, útil e válido, aquele que goza de chancela científica, têm a universidade como seu lugar privilegiado de produção e vigilância que, para tal, estabelece suas hierarquias, limites e especialidades. Segundo Castro-Gómez (2007), este paradigma epistêmico remonta ao final do século XV em que, com a expansão colonial e a conformação do sistema-mundo capitalista, começa a se impor a noção de que homem e natureza conformam âmbitos ontologicamente separados.

O conhecimento passa a ter como fim a fragmentação e segmentação da realidade com o objetivo de exercer sobre ela um controle racional. Este modelo, porém, se enfrenta à limitação de um olhar

analítico e não-orgânico sobre o mundo, daí falar de *hybris*, referência ao conceito grego que remete à presunção, arrogância e prepotência:

[...] isto é, mais ou menos, o que ocorre com a ciência ocidental da modernidade. De fato, a *hybris* é o grande pecado do Ocidente: pretender fazer de si um ponto de vista sobre todos os demais pontos de vista, mas sem que desse ponto de vista se possa ter um ponto de vista. (CASTRO-GÓMEZ., 2007, p. 83, tradução nossa)

Estas formulações estão em sintonia com o que Boaventura de Sousa Santos (2009a) chamou de pensamento abissal que, em síntese, argumenta que o conhecimento ocidental se realiza por meio de divisões que estabelecem distinções entre o que é verdadeiro, útil, legal e o que é falso, inútil, ilegal. São linhas que operam de tal maneira que o outro lado se torna invisível, como se não existisse. Subjacente a elas, está a distinção entre metrópole e colônia, que se expressa inclusive na cartografia. O Tratado de Tordesilhas, a linha do Equador, bem como o meridiano de Greenwich são exemplos de linhas imaginárias que são muito mais que marcas de orientação espacial, mas uma geografia do poder (QUIJANO, 2000, p. 213; SANTOS, 2009a, p. 27-28). Como nas demais referências trazidas até aqui, esse autor também defende que tais características, marcas expressivas da modernidade, continuam operando na contemporaneidade e são determinantes da episteme pretensamente universal do ocidente, de maneira que:

A mesma cartografia abissal é constitutiva do conhecimento moderno. Mais uma vez, a zona colonial é, *par excellence*, o universo das crenças e dos comportamentos incompreensíveis que de forma alguma podem considerar-se conhecimento, estando, por isso, para além do verdadeiro e do falso. O outro lado da linha alberga apenas práticas incompreensíveis, mágicas ou idolátricas. (SANTOS, 2009a, p. 29)

Estes mecanismos da colonialidade do saber permitiram a assunção de uma epistemologia que se impôs e invisibilizou, silenciou e apagou todas as demais. Ela não se estabeleceu, como deve ser óbvio, espontaneamente, mas através de variadas formas de opressão e brutal violência. Este processo, Boaventura de Sousa Santos (1998) chama de

epistemicídio: o extermínio através da morte política e cultural (além da física) de grupos subjugados como forma de garantir e conservar sua subordinação, agregando que os genocídios ao longo da história pressupõem como norma epistemicídios, inclusive como estratégia necessária à sua justificação (SANTOS, 1998, p.208). Santiago Castro-Gómez (2000), por sua vez, recorre ao que Gayatri Spivak denominou “violência epistêmica”, adicionando a dimensão da disciplina, que se institui por meio de sistemas concretos e abstratos como a escola, a lei, o Estado, as prisões, os hospitais e as Ciências Sociais (CASTRO-GÓMEZ, 2000, p.151, tradução nossa).

As categorias mobilizadas até aqui são algumas das que consideramos importantes para a compreensão da complexidade e alcance da noção de colonialidade do saber. Partimos do princípio de que, em detrimento de todas as outras formas de saber, ainda se encontra em operação a lógica moderna/colonial de imposição violenta de uma epistemologia pretensamente universal. O momento, entretanto, permite e exige o questionamento desta lógica – não, como afirmado anteriormente, através da simples negação (que pode sim ser eventualmente necessária), mas, sobretudo, por meio de estratégias propositivas e dialógicas que não se articulem a partir da perspectiva hierárquica e universalista das epistemologias modernas/coloniais.

3 DECOLONIZAR AS EPISTEMOLOGIAS: AMÉRICA LATINA E COMUNICAÇÃO

Conforme mencionado, assumimos que a crítica da rede Modernidade/Colonialidade e todo o arcabouço contemplado pela noção de Giro Decolonial são essencialmente propositivos. O que queremos dizer é que não se trata apenas de “combater” o paradigma moderno, mas de apontar caminhos para sua subsunção. Não falamos, portanto, de movimentos independentes (combater e apontar caminhos), senão

características distintas de uma mesma proposição. Em suma, identificar e apontar os limites da colonialidade do saber advém, antes que tudo, da necessidade de construção de um “paradigma outro” (MIGNOLO, 2003, pp. 19–60). Nesse contexto, um considerável grupo de pensadores têm contribuído ao longo das últimas décadas com frutíferos debates e alternativas. Dos vinculados à rede Modernidade/Colonialidade, há desde propostas mais conciliadoras, como a ideia de “transmodernidade” de Enrique Dussel (2000), a “ecologia de saberes” de Boaventura de Sousa Santos (2009b), o “pensamento de fronteira” abordado por Ramón Grosfoguel (2008), ou a noção de “interculturalidade crítica” apresentada por Catherine Walsh (2010), como outras mais combativas, como a “reconstituição epistêmica” de Aníbal Quijano (1992, pp. 18–20) e a “desobediência epistêmica” de Walter Mignolo (2010).

Todas estas formulações têm na sua origem o legado do pensamento crítico latino-americano, mais precisamente aquele produzido ao longo das décadas de 1960 e 1970 e que é tributário da teoria crítica marxista. Esta vinculação pode sugerir um paradoxo: propor uma crítica não eurocêntrica ao eurocentrismo tendo este como raiz. A questão que se apresenta, portanto, é: como superar a modernidade eurocêntrica sem dispensar sua importante contribuição? Ramón Grosfoguel (2008, p. 117), um dos que mais se dedicaram a aprofundar a reflexão nessa direção, detalha três aspectos fundamentais: a exigência de um cânone mais amplo que o ocidental; o pluriversal em oposição ao universal, isto é, necessidade de superação de um universal abstrato através de um diálogo crítico entre diversos projetos críticos; e a imposição de se levar efetivamente a sério as contribuições de pensadores do Sul Global. Não é necessário muito esforço, entretanto, para perceber que – sem desconsiderar todo o caminho trilhado até o presente momento – ainda se está bem distante de uma realidade epistêmica equitativa. Se por um lado no debate sobre os caminhos para decolonizar as epistemologias ainda existe um desequilíbrio entre a produção teórica e a práxis, por outro, estes

esforços se enfrentam a uma realidade na qual “os intelectuais do Sul dialogam com trabalhos dos intelectuais do Norte, mas não vice-versa” (GROSFOGUEL, 2012, p. 338).

É aqui que consideramos válido direcionar o foco para a comunicação. A partir do cânone eurocêntrico, o pensamento comunicacional (aqui assumido como teorias da comunicação e também de mídia) é formado e alimentado pela teoria social e carrega no seu interior as questões próprias do desenvolvimento desta, como a distância entre a experiência e a explicação social, o trabalho teórico e o trabalho empírico, além das mais contemporâneas que debatem perspectivas e tendências como estruturalismo, essencialismo, objetividade, relativismo, construtivismo e pós-modernidade, entre muitas outras (não é nosso objetivo entrar nessas questões). Neste contexto, uma historiografia da comunicação é normalmente descrita com:

[...] o desenvolvimento inicial do campo nos Estados Unidos, definindo “pesquisa administrativa” contra a Teoria Crítica de Adorno e talvez outros membros da Escola de Frankfurt, seguido dos Estudos dos Efeitos entre os anos 50 e 60 e, em muitos casos, contando uma história de como várias formas de pesquisa crítica influenciadas pela teoria cultural surgiram nas décadas de 1970 e 1980 para mudar o campo. (HESMONDHALGH; TOYNBEE, 2008, p. 7)

A produção dos pensadores da América Latina é reconhecidamente rica, diversa e de forte orientação crítica. Na trilha do pensamento “subversivo” dos “anos rebeldes latino-americanos” (1960 e 1970), contexto e circunstância que fizeram emergir no campo social propostas como a Teoria da Dependência, a Teologia da Libertação e a Pedagogia do Oprimido, para citar apenas algumas, o que definiu o perfil de conceitualização da comunicação na região foi a presença de uma episteme de traços autóctones marcada pela postura crítica, compromisso transformador e um plano de fundo político-contestatário (TORRICO VILLANUEVA, 2016, p. 142). Tais características se traduzem em um entendimento sobre o fenômeno comunicacional que não se resume em

jornalismo, mídia e tecnologia, mas contempla processos, práticas e experiências de cultura (RINCÓN, 2018, p. 66). É uma tradição que tem sua raiz nos hoje clássicos trabalhos de Antonio Pasquali, Juan Diaz Bordenave, Paulo Freire, Luiz Ramiro Beltrán⁵, que produziram seus pensamentos, boa parte, fora das universidades e em contextos sócio-políticos intensos, marcado por governos autoritários, repressão, consolidação da televisão e um efervescente debate sobre o papel da comunicação como ferramenta de dominação/emancipação. Ganhou novo fôlego nos anos seguintes com um sólido processo de institucionalização e a apropriação, pelos pesquisadores da região, das teorias culturais, o que resultou na publicação, entre as década de 1980 e 1990 de trabalhos que marcaram época – como *De los medios a las mediaciones* (MARTÍN-BARBERO, 1987), e *Culturas híbridas* (GARCÍA CANCLINI, 1990).

Em síntese, a vertente latino-americana que se consolidou ao longo das últimas cinco décadas compreende a comunicação a partir de uma perspectiva subalterna, com ênfase no caráter humano e coletivo do processo e na dimensão inter-relacional e dialógica da produção de sentido. Apesar de seu caráter original e inovador (WAISBORD, 2014, p. 55), não deixa de estar vinculada ao paradigma moderno porque privilegia, em seu desenvolvimento, categorias e conceitos oriundos de questões propostas por autores euro-estadunidenses a partir de suas respectivas realidades e ainda por, em alguma instância, também contemplar formulações que condicionam o processo comunicacional a certas funcionalidades (comunicação para...) – neste caso, associadas não a fins mercadológicos, mas a necessidades regionais como a emancipação, progresso, desenvolvimento ou mesmo democracia. Assim, de uma maneira ou de outra, as formulações latino-americanas para a comunicação se encontraram dentro dos limites da dicotomia dos

⁵ Ainda que seja praticamente consenso que os estudos de comunicação latino-americanos tenham uma raiz comum que remete a trabalhos publicados principalmente nos anos 1960, esse mesmo consenso não existe ao apontar quais seriam estes trabalhos. Os que mencionamos, com uma ou outra exceção, são aqueles mais frequentemente referenciados (DE MELO, 2003; BELTRÁN, 2008; WAISBORD, 2014; TORRICO VILLANUEVA, 2016; FUENTES NAVARRO, 2019)

reducionismos econômico e culturalista, e aquilo que se poderia considerar inovador no que diz respeito a conceitos e metodologia termina condicionado a modelos restritos à compreensão das realidades locais. Em termos mais práticos, enquanto a noção de esfera pública de Habermas segue difundida e aceita como aplicável (ainda que com devidos ajustes) às realidades latino-americanas – pese seu caráter burguês e eurocentrado ser o mais frequente motivo de crítica –, o modelo das mediações de Martín-Barbero é pouco utilizado para além das fronteiras regionais, em geral porque sobre ele repousa a sombra de uma teoria pensada desde e para a América Latina (MARCONDES FILHO, 2008, p. 69). Mesmo sem entrar no mérito de aspectos mais específicos das formulações mencionadas, não se pode ignorar a importância determinante da colonialidade do saber como dimensão que as atravessa.

4 OUTRAS COMUNICAÇÕES POSSÍVEIS

A partir das ideias desenvolvidas até aqui, buscamos deixar suficientemente fundamentada o nosso entendimento quanto à necessidade da diversificação epistemológica das ciências como um todo e, em especial, as da comunicação. O caminho para tal envolve um olhar para as experiências comunicativas vivenciadas a partir de construções, perspectivas e sensibilidades distintas daquelas comumente tomadas em conta pelos modelos convencionais. Exploraremos adiante propostas que consideramos seguir nesta direção. É importante, para tanto, marcar um ponto de ancoragem a partir do qual dimensionamos o que compreendemos como “objeto” de estudo da comunicação. Sendo esta uma pugna ainda mal resolvida dentro das ciências sociais, recorreremos à essência da originalidade da crítica latino-americana neste campo (e já mencionada neste texto) para resgatar a provocação de Jesús Martín-Barbero (2012) sobre a necessidade de se perder o objeto para

ganhar em processo, isto é, pensar a comunicação a partir dos processos de intercâmbio social. Ou, como melhor definiu Muniz Sodré (2017):

[...] assim como a biologia descreve vasos comunicantes ou a arquitetura prevê espaços comunicantes, os seres humanos são comunicantes, não porque falem (atributo consequente ao sistema linguístico), mas porque relacionam ou organizam mediações simbólicas – de modo consciente ou inconsciente – em função de um comum a ser partilhado. No âmbito radical da comunicação, essas mediações não se reduzem à lógica sintática ou semântica dos signos inerentes à fala, porque são transverbais, oscilantes entre mecanismos inconscientes, comportamentos, palavras, imagens e afecções corporais. (SODRÉ, 2017, p.211)

O que apresentaremos, portanto, são reflexões propostas por investigadores que pensam os processos comunicacionais a partir de uma práxis acadêmica que dialoga com saberes diversos. Com fundamento no movimento disruptivo que contempla a noção de giro decolonial, buscamos trazer a contribuição de articulações teóricas que lançam mão de experiências emancipadoras, epistemologias subalternizadas, narrativas emergentes e práticas comunicativas contra-hegemônicas sob a perspectiva propositiva de alternativa aos modelos estabelecidos (SIERRA CABALLERO; MALDONADO, 2016, pp. 14-15). Cabe destacar a existência de inúmeros trabalhos em distintos níveis de elaboração que procuram apontar a reflexões nessa mesma direção. Os livros de memórias do Grupo de Interesse *Comunicación-Decolonialidad* dos dois últimos congressos (2016 e 2018) da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIIC) são um belo exemplo.⁶

O que apresentamos na sequência são aquelas com as quais tivemos uma aproximação mais significativa durante nosso percurso acadêmico e que constituem, em nossa percepção, discussões consistentes e provocativas. É necessário evidenciar também que essas perspectivas que emergem da América Latina no atual momento histórico, partem direta ou indiretamente das vozes dos próprios grupos que as experienciam (indígenas, afrodescendentes, grupos feministas, população LGBTQI+ e

⁶ Estes trabalhos estão acessíveis através da página da ALAIIC na internet: <http://www.alaic.org>

outros), isto é, minorias culturais historicamente privadas dos espaços acadêmicos, mas que passaram a ocupar este discurso a partir, principalmente, das políticas de acesso ao ensino superior, fruto de anos de articulações e luta político-social por eles empreendidas.⁷

4.1 COMUNICAÇÃO E O VIVER BEM

A noção de *viver bem*, que tem sido cada vez mais mencionada em uma considerável quantidade de trabalhos e pesquisas em diversos campos na América Latina (BARRANQUERO, 2012; ACOSTA, 2013; CONTRERAS BASPINEIRO, 2016; MASSONI, 2016; SANTAMARÍA, 2019), faz referência a um conceito presente em diferentes cosmovisões de povos originários da região. Em uma lista advertida como preliminar, Adalid Contreras Baspineiro (2016, p. 66) relaciona as concepções do *Suma Qamaña*, do povos aimará presentes nas regiões altas da Bolívia, Peru e norte do Chile; o *Sumak Kawsay*, quíchua/quéchuas dos povos andinos desde o norte da Argentina até a Colômbia, passando por Bolívia, Peru e Equador; o *Tekó Kaví*, guarani, de terras brasileiras e paraguaias; o *Küme Mongen*, dos povos mapuches do sul do Chile; e o *Wacha'lal* e *Lekil Kuxlejaj* de povos que ocupam a região centro-americana e partes do México. Obviamente não se trata exatamente de uma mesma noção, tampouco a tradução como *bem viver/viver bem* às línguas neolatinas (*buen vivir/vivir bien* no espanhol) é suficiente para contemplar toda sua complexidade (BARRANQUERO, 2012, p. 2). Em síntese – e assumindo o risco de soar reducionista – estas noções remetem a uma concepção de vida em plenitude e harmonia entre o sujeito, a natureza, a comunidade e o cosmos. Ou, enfocando ao que para a comunicação é relevante:

Um elemento característico desta diversidade coincidente de concepções de vida é a interculturalidade que, além de valorizar o (re)conhecimento dos outros, propõe dinamizar interações entre

⁷ Apenas para citar um exemplo, as cotas raciais no Brasil, pauta histórica dos movimentos negro e indígena, foram adotadas pela primeira vez em 2000 nas universidades estaduais do Estado do Rio de Janeiro ganhando gradativamente adesão em outras instituições públicas até se tornar Lei Federal em 2014. Em 2018 pela primeira vez a população negra e parda foi maioria nas universidades públicas do país (AMORIM, 2019).

pessoas e culturas diferentes para enfrentar e superar assimetrias.
(CONTRERAS BASPINEIRO, 2016, p. 67)

Ao ser incorporado como princípio orientador das Constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009)⁸ o viver bem passou a ser contemplado também numa dimensão política-institucional, como referente de um projeto de sociedade. Trata-se, portanto, de um modelo em construção pautado fundamentalmente na vida em harmonia e que, por isso, tem entre seus objetivos a superação de uma realidade capitalista que fomenta e estimula o acúmulo, a desigualdade, a exploração e a discriminação. Dessa maneira, em seu percurso histórico, o viver bem tem se enriquecido com as reivindicações dos diferentes grupos sociais organizados em torno de uma luta antissistema.

A partir destes fundamentos, o viver bem como princípio, segundo Alejandro Barranquero (2012), implica pensar a comunicação de maneira integral, não deslocada ou setorizada por esferas, sejam elas humanas (política, econômica, social, cultural) ou de vida (comunitária, natural, cósmica):

a comunicação não pode ser pensada mais como ferramenta ou instrumento (midiacentrismo, instrumentalismo, tecno-determinismo, “comunicação para”), senão como uma parte constituinte e constitutiva de uma nova cosmovisão que ajude a integrar as dimensões de cultura e natureza. (BARRANQUERO, 2012., p.9)

Contreras Baspineiro (2016, p. 70) aponta uma concepção teórico-metodológica a partir da articulação de três elementos: as experiências de vida comunitária, as comunicologias latino-americanas precedentes e as mediações culturais. Constitui-se, nesse contexto, como oposição ao que o autor chama de “(neo)difusionismo”, que se apropria de maneira utilitária e com fins empresariais da liberdade de expressão, em apologia a um indivíduo isolado e na valorização da mídia por ela mesma.

⁸ Importante chamar atenção à crítica de diferentes setores sociais destes países que denunciam a incapacidade dos governos, tanto os que promoveram, quanto os sucederam a implementação das respectivas cartas constitucionais, em respeitar e implementar políticas públicas derivadas da noção de bem viver presente no documento (Barranquero, 2012, p. 2).

Pressupõe o sentido, por um lado, dialógico e inclusivo, e por outro de vinculação e compromisso na prática social (“estamos obrigados a comunicar-nos uns com os outros”), como caminho para o entendimento e a tomada de decisões. Este sentido está baseado no que, recuperando ideias de David Choquehuanca e Silvia Rivera Cusicanqui,⁹ Contreras Baspineiro explica como quatro princípios: *Saber escutar* – equivalente a “escutar com todos os sentidos”, isto é, reconhecer a existência do outro não apenas como um polo receptivo, mas como sujeito comunicante, ativo e produtor de discurso; *Saber compartilhar* – superar a noção competitiva e hierárquica do processo comunicacional por outra, de troca e intercâmbio onde a comunicação é um processo não linear, mas de fluxo, complementar e recíproco; *Saber viver em harmonia* – refere-se a “referendar as palavras com atos”, isto é, comunicação não apenas como mensagem, mas também ação, na qual existe uma relação de consequência e responsabilidade entre o falar e o agir; *Saber sonhar* – a comunicação vislumbra o futuro a partir do presente como acúmulo histórico e com reciprocidade comunitária.

Metodologicamente, estes princípios da comunicação, compreendida a partir da concepção do viver bem, se expressam em quatro momentos respectivos que estruturam o processo de “construção dos conhecimentos, das práticas, dos imaginários e da palavra articulando de forma processual e justaposta, como movimento contínuo” (CONTRERAS BASPINEIRO, 2016, p. 80): sentir/pensar; decidir/atuar; retornar/conviver; celebrar/esperançar. Em síntese, se inicia no sujeito e na noção de indivisibilidade entre sentir e pensar, passando pela apropriação e recriação, seguido da partilha, que não é apenas dividir com os demais, mas também trazer as referências da memória coletiva para olhar adiante e, ao fim, encontrar o sentido que dá origem a novas perguntas. As denominações que Contreras Baspineiro dá a estes momentos remetem à

⁹ David Choquehuanca foi chanceler da Bolívia de 2006 a 2017; Silvia Rivera Cusicanqui é socióloga, ativista e historiadora boliviana, de origem aimará.

noção de dualidade complementar desenvolvida por Eland Vera (2016), quem explica que:

Os opostos são complementários. A ideia de oposição é de encontro. Trata-se de opostos que mutuamente se beneficiam. As imagens do *ying* e o *yang* na cosmologia chinesa e o deus dos dois báculos na mitologia andina representam de modo visual e simples a razão dual complementar do mundo não ocidental. (VERA, 2016, p.190)

Como sustentam e advertem muitos dos teóricos que debatem a noção do viver bem, tomá-lo como princípio epistemológico envolve não apenas a adoção de outras categorias de compreensão da realidade, mas também a capacidade de contemplar outras formas de se relacionar com o mundo. As reflexões sobre comunicação e o viver bem, portanto, não se podem furtar a esse exercício, o que também pode contribuir significativamente para uma ecologia de saberes comunicacionais.

4.2 A COMUNICAÇÃO DAS MACUMBAS

O que nos referimos aqui como comunicação das macumbas é uma analogia livremente inspirada na “ciência encantada das macumbas” (SIMAS; RUFINO, 2019) que entendemos como uma nomenclatura possível para fazer menção a uma perspectiva que vem cada vez mais sendo trabalhada na pesquisa acadêmica brasileira e que tem como referente os saberes dos povos da diáspora africana. É crescente no Brasil o número de reflexões que partem dos conhecimentos presentes nas religiões de matriz africana (especificamente o candomblé e a umbanda) para compreender aspectos da realidade e dinâmicas da vida social. Uma das contribuições mais significativas nesta direção e que ajudam a dar uma dimensão do desafio e da complexidade do que pretendemos aqui abordar é a do professor Muniz Sodré, que em seu livro *Pensar Nagô* (2017) propõe um “deslocamento epistêmico” que reivindica para os saberes Nagô¹⁰ o

¹⁰ Os “nagôs” ou “iorubás” foram os últimos grupos levados da África ao Brasil como escravos pelos colonizadores portugueses.

estatuto de filosofia através do reconhecimento “*de outra forma teórica que se possa designar como ‘filosófica’*” e que não seja simplesmente “*a revelação sociológica ou antropológica da existência de um sistema simbólico coerente*” (SODRÉ, 2017, p.27). É neste sentido, portanto, que propomos a presente reflexão, destacando que as referências que utilizaremos não estão formuladas exclusivamente dentro dos limites do campo da comunicação, mas sugerem concepções capazes de contribuir para ampliar a compreensão também nessa direção.

A proposta de Muniz Sodré apresenta a cosmogonia Nagô em diálogo com a noção de *Arkhé* grega que é similar ao *axé* iorubá, isto é, conformada por um conhecimento de cariz religioso mas que não se define em uma religião, senão em um pensamento cosmológico e de ética com “roupagem religiosa”, isto é, “*uma filosofia trágica, que afirma o divino como uma faceta da vida, mas sem teologia*” (SODRÉ, 2017, p.94). É nesse envoltório religioso que percebemos sua relação com a comunicação, pois, como argumenta o autor, a filosofia do pensamento Nagô tem a corporeidade e espacialidade como fundamento orientador da coesão social, que opera através de um complexo imaginário nos quais se destacam ritmos, sons, toques e compassos como signos de memória: “*a diátese filosófica é média (e não ativa), isto é, o processo verbal de pensamento perfaz-se no interior da pessoa, entendida em sua unidade com a comunidade, o que solicita o corpo, tanto individual quanto comunitário (a corporeidade) como âncora fundamental*” (SODRÉ, 2017, p. 83).

Este pensamento tem a organização litúrgica das comunidades-terreiros como espaço de preservação, recriação e irradiação de um complexo sistema simbólico onde as palavras (que perderam utilidade interlocutória, mas mantêm uma função mítico-ritualística) são conceito e emoção simultaneamente, isto é, mais performativas que semânticas, na qual a música é essencial. Sodré (2017) destaca a música como manifestação radical do *axé*, cuja potencialidade “*afina-se com a*

sua energia polissêmica, cujos elementos básicos (melodia, harmonia, ritmo, timbre, tessitura etc.) produzem matizes e matrizes de som, contempláveis pela imaginação e passíveis de absorção pelo corpo. As imagens sonoras são tanto auditivas quanto táteis” (SODRÉ, 2017, p. 148). Em diálogo com a concepção ocidental do ser atomizado, Sodré evidencia o caráter comunitário da filosofia Nagô, na qual o ser só existe na medida em que é parte do todo, que expressa sua existência por mediações simbólicas.

Nesse contexto são relevantes também as noções elaboradas por Antônio Simas e Luiz Rufino (2019) ao propor o conhecimento acumulado nos terreiros como chave de interpretação da realidade social. Esse conhecimento é fruto da diáspora e entendido por esses autores como um fenômeno de despedaçamento e invenção que, nesse processo, produziu dos fragmentos de saberes e memórias, algo transformado. Eles se referem, por exemplo, à lógica do jogo, presente em variadas expressões “macumbeiras”, como o movimento da capoeira ou o imaginário do malandro carioca (que remete à figura do Zé Pilintra, entidade presente na umbanda e algumas expressões do candomblé) e é compreendido como o espaço e o tempo da esquivada, da ginga, do ataque e da resposta: *“a forma com que se responde o outro é sempre o mote do jogo. Das pernadas ao carteadado, do riscar o salão aos dados lançados ao ar, a sorte de uma está sempre encruzada ao azar do outro. Porém, a cada queda inicia-se um novo jogo”* (SIMAS; RUFINO, 2019, p.88). O jogo não é um meio, mas um lugar, não tem propriamente um objetivo de conquista, vitória ou aniquilação do outro, mas é, ele mesmo, uma estratégia de convivência e existência. Tal qual a noção de encruzilhada, que segundo os autores, dos gregos a povos originários de África e das Américas, é “lugar de encantamentos”.

A encruzilhada como o cruzamento de caminhos se contrapõe à ideia de caminho único, monocultural, de normatização e planificação dos modos de ser. Simas e Rufino (2019) propõem, a partir dela, a noção de

“culturas de síncope”. Sendo a síncope uma figura rítmica presente na base do samba e outros ritmos de raiz africana, caracterizada por uma variação ou alteração inesperada de tempos fortes e fracos que causa um deslocamento de acentuação, a cultura de síncope é aquela que se refere às possibilidades de subversão entre espaços de normatividade: as estratégias de vida dos moradores das periferias desassistidas da cidade, dos grupos sociais oprimidos por políticas de estado que perpetuam desigualdades, a criatividade, o drible, a transgressão, a desobediência, a improvisação e a invenção. Em suma, *“a síncope é a arte de dizer quando não se diz e não dizer quando se está dizendo”* (SIMAS; RUFINO, 2019, p.20).

Tanto Sodré (2017) como Simas e Rufino (2019) ao propor uma epistemologia a partir dos saberes das diásporas africanas no Brasil destacam o papel fundamental da comunicação na sua constituição. Evidenciam também o lugar central da crença como amálgama de formações simbólicas, o que Sodré aponta como potencial para uma ampliação conceitual da comunicação que aproxima sistemas que o racionalismo iluminista mantém separados:

Com efeito, se entendermos “comunicar” como a ação de pôr em comum, por recursos simbólicos de mediação e vinculação, o que existencialmente não deve permanecer isolado (portanto, como uma partilha discursiva das possibilidades de compreensão), então essas experiências compartilhadas e intrínsecas ao funcionamento dos grupos sociais refletem essencialmente o ato comunicativo. (SODRÉ, 2017, p.245)

4.3 AS COMUNICAÇÕES BASTARDAS

Segundo afirma Erick Torrico-Villanueva (2015) a limitação da comunicação em alcançar seu estatuto de disciplina no seletor grupo das ciências consagradas se assenta em um persistente debate sobre indefinição de seu objeto de estudo e em uma suposta carência teórica. Sem entrar no mérito desse debate, uma dificuldade evidente é o fato de

que é inerente ao campo comunicacional o estudo de um processo de fluxo contínuo no qual, parafraseando a citação atribuída a Heráclito de Éfeso, a mudança é a única constante. Por outro lado, os modelos hegemônicos da comunicação demonstram não pretender dar conta dessa dificuldade, afinal “*Tudo muda, menos os discursos da comunicação que continuam falando de audiências, imperialismos, representações, poderes, bons e maus*” (AMADO; RINCÓN, 2015, p. 5). É em conformidade com essa constatação que se apresenta a perspectiva das mutações bastardas da comunicação, que Omar Rincón vem discutindo em uma série de trabalhos ao longo dos últimos anos. Para Rincón e Martín-Barbero (2019, p. 17), a mutação cultural que habitamos se caracteriza pela emergência de uma civilização diferente daquela moderna, ilustrada e culta e vista por esta como “bárbara”, uma civilização hipertextual, caótica e fluida, desprovida de autoridade cognitiva, política ou moral, absorta pelo capitalismo financeiro e *zumbi* do “entretenimento expandido”.

Pensando nessa direção e a partir da América Latina, Rincón (2016) recupera o popular como categoria de análise fundamental para a comunicação e propõe sua reinvenção: por um lado para além da simples argumentação que adjetiva conteúdos, formatos, modos de narrar, estetizar ou moralizar, por outro, que supera os essencialismos revolucionários, de resistência e pureza subalterna, ou ainda, da ideia de massa de manobra, exotizada e folclorizada. Antes, reivindica o popular como uma experiência bastarda, que pode ser muitas coisas de uma só vez. A ideia do bastardo, nesse contexto é extremamente assertiva porque remete à história do continente e a uma noção que, ao mesmo tempo que contempla a complexidade de ser simultaneamente múltiplo – filho da mãe-cultural local estuprada pelos violadores invasores, os “muitos pais” possíveis – carrega uma crítica que as tradicionais idealizações da mestiçagem/miscigenação, sincretismo ou mesmo a “hibridização” não alcançam: aquilo que não se é. O popular bastardo não é branco, não é ocidental, não é moderno (nem pós-moderno), também não é exótico, não

é místico, nem irracional. Como todo bastardo, é acolhido pela mãe-cultural local, mas não reconhecido, indesejado, ilegítimo e visto como degenerado por parte de seus possíveis pais. Ao mesmo tempo carrega em si a ilustração e o mágico, o clássico e o *pop*, a oralidade e o midiático, o comunitário e o global.

A partir dessa noção do popular, Rincón (2016, 2018) aponta a necessidade de novos paradigmas para a comunicação, porque aquelas pensadas de maneira vertical ignoram aspectos fundamentais da experiência bastarda. Não é suficiente uma adaptação forçada de conteúdo ou, talvez, estética, como algumas experiências na própria América Latina têm proposto. É também fundamental repensar os formatos, porque estes também são ideológicos e terminam reproduzindo modelos e características do ocidente (homem, branco, hétero e cristão) e “os cidadãos querem ser reconhecidos como as estrelas de suas vidas, de suas comunidades e de seus territórios” (RINCÓN, 2018, p. 76). O autor propõe a noção de “cidadanias *celebrities*” como categoria de visibilidade do sujeito comum. A partir do entendimento da cidadania como a realização plena do projeto democrático, fundamentado no princípio da equidade em condições e possibilidades, mas que envolve, ao mesmo tempo, tensões e conflitos na luta simbólica por reconhecimento, as cidadanias *celebrities* “desenvolvem o querer estar nas telas da autoestima pública (meios e redes) com voz, rosto, história e estética própria” (RINCÓN, 2016, p. 41).

A comunicação da experiência bastarda e das cidadanias *celebrities* é, portanto, reinventar as narrativas para a subversão do *mainstream* e para dar lugar às vozes, corpos, realidades e pessoas. Não apenas através de conteúdos multiculturais que incluem ao mesmo tempo que mantêm a estrutura hierárquica da colonialidade, privilegiando sempre as mesmas estéticas e formatos. Em suma, a comunicação bastarda é aquela que assume sua condição como lugar legítimo de enunciação, criação e

produção, não com a pretensão falar pelo outro, mas no qual o outro fala, ouve, vê e é visto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colonialidade do saber não apenas estabelece limites geográficos, ontológicos e epistemológicos àquilo que se compreende por conhecimento, mas determina impossibilidades também ao próprio pensamento. Ao pressupor um olhar último, puro e totalizante acessível pela razão, exclui outros olhares e compreensões e conseqüentemente impede novos conhecimentos. A ideia de racionalidade, motivo de intensos debates entre teóricos europeus ao longo do século XX (BACHELARD, 1977; KUHN, 2005) é um entrave quando compreendida como oposição ou superação de crenças e imaginários, pois, assim como toda crença necessita uma racionalidade lógica, toda razão lógica tem uma dimensão dependente da fé, ou, como melhor explica Sodré (2017, p.208), *“a crença – ideia ‘viva’, portanto, mais sentida do que concebida, unida pela causalidade a uma impressão presente – é pedra de toque do pensamento”*. A crença está na base dos sistemas de comunicação, de modo que esse pluriverso relegado ao “mágico” pela ciência moderna/colonial não pode ser desprezado numa concepção ampla do fenômeno comunicacional. Assim como o *Suma Kawsay*, o *Axé* e as experiências bastardas oferecem leituras de mundo que estão para além do mítico, o religioso ou o supersticioso, são potências que iluminam caminhos para um entendimento lato da comunicação a partir da noção de “organização do comum” (SODRÉ, 2017).

Atendendo à razão moderna/colonial, o aspecto dominante no campo da comunicação atualmente são os estudos de formatos, sistemas, ferramentas, efeitos, impactos e resultados das indústrias midiáticas. Entretanto, o sentido da comunicação, mesmo nas ciências sociais ocidentais, não se reduz a estes funcionalismos. O esforço por contemplar

aspectos, comportamentais, morais, interativos, semânticos, simbólicos e linguísticos, porém, dilui-se em demandas mais emergentes de disputas de poder econômico e político, tanto por parte das indústrias como da própria academia. Tem-se, por fim, uma racionalização reducionista da comunicação em modelos de transmissão, maiormente mediados por tecnologia e pautados pela causalidade, e que exclui quase sempre a dimensão da partilha, circunscreve-a a tecnicismos, e limita sua práxis científica à aplicação de teorias para mensuração de resultados.

Ao defendermos uma epistemologia decolonial da comunicação argumentamos em favor da decolonização da ideia mesmo de comunicação. O que propomos é a superação da colonialidade do saber nas ciências da comunicação pela subsunção das perspectivas hegemônicas, tanto funcionalista quanto crítica, que instrumentalizam o processo por uma epistemologia que seja dialógica, orgânica e plural. Uma epistemologia de epistemologias, que tenha na diversidade mais do que objeto, matéria prima, e no qual a comunicação seja pensada desde o “encantamento” de formas distintas de saber. Entendemos ser essa a direção para estudos em comunicação orientados por uma ecologia de saberes comunicacionais, comprometido com a desobediência epistêmica que rompe as hegemonias conceituais/teóricas/modernas/coloniais e visa propiciar uma ciência efetivamente comunicativa, isto é, de partilha criativa de saberes.

6 REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **El Buen Vivir: Sumak Kawsay, una oportunidad para imaginar otro mundo**. Barcelona: Icaria, 2013.

AMADO, Adriana; RINCÓN, Omar. La reinención de los discursos o cómo entender a los bárbaros del siglo XXI. *In: La comunicación en mutación: [Remix de discursos]*. Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung, FES Comunicación, 2015. p. 5–12.

AMORIM, Daniela. **Pela 1ª vez, negros são maioria nas universidades públicas. O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 nov.2019. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pela-1-vez-negros-sao-maioria-nas-universidades-publicas-diz-ibge,70003088013>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. (trad. Nathanael C. Caixeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, Brasília, n. 11, p. 89–117, 2013.

BARRANQUERO, Alejandro. Comunicación participativa y dominios del Vivir Bien. Una aproximación conceptual. *In*: ACTAS IV CONGRESO INTERNACIONAL LATINA DE COMUNICACIÓN SOCIAL 2012, La Laguna (Tenerife). **Anais eletrônicos do IV CONGRESO INTERNACIONAL LATINA DE COMUNICACIÓN SOCIAL**. La Laguna (Tenerife): Sociedad Latina de Comunicación Social, 2012. Disponível em: <http://www.revistalatinacs.org/12SLCS/2012_actas.html>. Acesso em: 16 jan. 2020.

BELTRÁN, Luis Ramiro. Entre el poder y el saber: Recuento del pensamiento latinoamericano. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 104, p. 26–31, 2008.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la invención del otro. *In*: LANDER, Edgardo (ed.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 145–161.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. *In*: **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Serie Encuentros, Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 79–91.

CONTRERAS BASPINEIRO, Adalid. Aruskipasipxañanakasakipunirakispaw. *In*: SIERRA CABALLERO, Francisco; MALDONADO, Carlos Eduardo (eds.). **Comunicación, decolonialidad y buen vivir**. Quito: CIESPAL, 2016. p. 59–94.

DE MELO, José Marques. Ciências da Comunicação na América Latina: Itinerário para ingressar no século XXI. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 26, n. 1, 2003.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgardo (ed.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 41–53.

FUENTES NAVARRO, Raúl. Pesquisa e metapesquisa sobre comunicação na América Latina. **MATRIZES**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 27–48, 2019.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1990.

GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista crítica de ciências sociais**, Coimbra, n. 80, p. 115–147, 2008.

GROSGUÉL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 337, 2012.

HESMONDHALGH, David; TOYNBEE, Jason. Why media studies needs better social theory. *In: The media and social theory*. Londres: Routledge, 2008. p. 15–38.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (eds.). Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 396–443..

MARCONDES FILHO, Ciro. Martín-Barbero, Canclini, Orozco. Os impasses de uma teoria da comunicação latino-americana. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n. 35, p. 69–85, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. México, D.F.: Gustavo Gili, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De la comunicación a la cultura: perder el "objeto" para ganar el proceso. **Signo y pensamiento**, Bogotá, v. 30, n. 60, p. 76–84, 2012.

MASSONI, Sandra. **Avatares del comunicador complejo y fluido. Del perfil del comunicador social y otros devenires**. Quito: CIESPAL, 2016.

MIGNOLO, Walter D. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. **The South Atlantic Quarterly**, Durham, v. 101, n. 1, p. 57–96, 2002.

MIGNOLO, Walter D. **Historias locales/diseños globales: Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Ediciones AKAL, 2003.

MIGNOLO, Walter D. La colonialidad: la cara oculta de la modernidad. **Catalog of museum exhibit: Modernologies**, Barcelona, p. 39–49, 2009.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, Lima, v. 13, n. 29, p. 11–20, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (ed.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201–246.

RINCÓN, Omar. O popular na comunicação: culturas bastardas + cidadanias celebrities. **Revista ECO-Pós**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 27–49, 2016.

RINCÓN, Omar. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 65–78, 2018.

RINCÓN, Omar; MARTÍN-BARBERO, Jesús. Mapa insomne 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural. *In*: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura (org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Quito: CIESPAL, 2019. p. 17–24.

SANTAMARÍA, Ramiro Ávila. **La utopía del oprimido: Los derechos de la naturaleza y el buen vivir en el pensamiento crítico, el derecho y la literatura**. Ciudad de México: Akal, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009a. p. 23–72.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um Ocidente Não-Ocidentalista? a filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009b. p. 445–486.

SIERRA CABALLERO, Francisco; MALDONADO, Carlos Eduardo. Introducción. *In*: **Comunicación, decolonialidad y buen vivir**. Quito: CIESPAL, 2016. p. 11–17.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017.

TORRICO VILLANUEVA, Erick. La "comunicación occidental". Eurocentrismo y Modernidad: marcas de las teorías predominantes en el campo. **Journal de Comunicación Social**, La Paz, v. 3, p. 41, 2015.

TORRICO VILLANUEVA, Erick. **La contribución del pensamiento teórico latinoamericano a la constitución del campo conceptual de la comunicación: 1960-2009**. Tese (Programa de Doctorado en Ciencias Sociales y Jurídicas) – Facultad de Ciencias de la Información, Universidad Rey Juan Carlos. Madrid, p. 325. 2016. Disponible em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=171758>>. Acceso em: 9 dez. 2019.

VERA, Eland Vera. Los principios del mundo andino en la comunicación para el Buen Vivir. *In*: SIERRA CABALLERO, Francisco; MALDONADO, Carlos Eduardo; (eds.). **Comunicación, Decolonialidad y Buen Vivir**. Quito: CIESPAL, 2016. v. 7p. 189–200.

WAISBORD, Silvio. United and fragmented: Communication and media studies in Latin America. **Journal of Latin American Communication Research**, San Juan, v. 4, n. 1, p. 55–77, 2014.

WALSH, Catherine. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Entrevista a Walter Mignolo. **Polis. Revista Latinoamericana**, Santiago, n. 4, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. *In*: VIAÑA, Jorge; TAPIA, Luís; WALSH, Catherine (eds.). **Construyendo interculturalidad crítica**. La Paz: IICAB, 2010. p. 75 – 96.



LAS VOCES MUDAS: UN DEBATE SOBRE LAS FUENTES CONTRAHEGEMÓNICAS PARA ENTENDER AMÉRICA LATINA

*AS VOZES EMUDECIDAS: UM DEBATE SOBRE AS FONTES
CONTRA-HEGEMÔNICAS PARA A COMPREENSÃO DA AMÉRICA LATINA*

*THE MUTED VOICES: A DEBATE ABOUT COUNTER-HEGEMONIC SOURCES
FOR UNDERSTANDING LATIN AMERICA*

Adriana de Carvalho Alves Braga¹ 
Rede Municipal de Ensino de São Paulo, Brasil

Christian Fernando dos Santos Moura² 
Instituto Federal de São Paulo, Brasil

Resumen: En este artículo partimos de la concepción de la historia elaborada por Walter Benjamin, para meditar sobre el espacio que ocupan los sujetos subordinados en la producción historiográfica de América Latina. Con el fin de recuperar las voces silenciadas, en la construcción de la narrativa histórica de la región, analizamos la relevancia histórica de los códices, la posición privilegiada de Poma de Ayala en el registro de la colonización y las interpretaciones de Mariátegui. Utilizamos el marco explicativo de Edmundo O'Gorman para comprender cómo se inventó e incluyó la noción política de América en la concepción geoeconómica del sistema mundial. En estas reflexiones, centrarse en estos registros cumple el rol de cuestionar una perspectiva histórica relacionada con la “historia de los vencedores”, tendencia criticada por Walter Benjamin, y que opera en el sentido de invisibilizar las identidades sociales subalternizadas. Romper con la lógica colonial pasa por incorporar nuevas representaciones y formas de pensar el contexto vivido dentro de la situación colonial. Estos son elementos que contribuyen al giro decolonial, replanteando la memoria histórica latinoamericana.

Palabras Clave: Historia de América Latina, Giro Decolonial, Fuentes documentales, Invención de América Latina, Walter Benjamin.

¹ Doctora en “Educação, Arte e História da Cultura” por la Universidade Presbiteriana Mackenzie. Master en “Integração da América Latina” por el PROLAM/USP. Profesora de la Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Email: andritsena@hotmail.com

² Doctor en “Artes” por la Escola de Belas Artes de la Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG). Master en “Artes” pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Profesor en el Instituto Federal de São Paulo. Email: christianfsmoura@gmail.com

Resumo: Nesse artigo partimos da concepção de história elaborada por Walter Benjamin para refletir sobre o espaço ocupado por sujeitos subordinados na produção historiográfica da América Latina. Com o objetivo de recuperar as vozes que emudeceram no percurso de construção da narrativa histórica da região, analisamos a relevância histórica dos códices, a posição privilegiada de Poma de Ayala no registro da colonização e as interpretações de Mariátegui. Recorremos ao quadro explicativo de Edmundo O'Gorman para compreender como a noção política de América foi inventada e incluída na concepção geoeconômica do sistema mundial. Nessas reflexões, focalizar esses registros cumpre o papel de questionar uma perspectiva histórica relacionada à "história dos vencedores", tendência criticada por Walter Benjamin, e que opera no sentido de invisibilizar as identidades sociais subalternizadas. Romper com a lógica colonial passa por incorporar novas representações e formas de pensar o contexto vivido dentro da situação colonial. Esses são elementos que contribuem para o giro decolonial, resignificando a memória histórica latino-americana.

Palavras-Chave História de América Latina, Giro decolonial, Fontes documentais, Invenção da América Latina, Walter Benjamin.

Abstract: In this article we focus on the conception of history elaborated by Walter Benjamin to reflect on the position occupied by the subordinated subjects in Latin America historiographic production. In order to recover the silenced voices in the construction of the historical narrative of the region, we analyze the historical relevance of the codices, the privileged position of Poma de Ayala in the record of the colonization and the interpretations of Mariátegui. We use Edmundo O'Gorman's conceptual framework to understand how the political notion of America was invented and included in the geo-economic conception of the world system. When reflecting about that, focusing on these records means to question the "history of the winners" historical perspective, a tendency criticised by Walter Benjamin, which operates in the making of invisible subalternized social identities. Breaking with colonial logic involves incorporating new representations and ways of thinking about the context experienced within the colonial situation. These are elements that contribute to the decolonial overtake reconsidering Latin American historical memory.

Keywords: History of Latin America, Decolonial turn, Documentary sources, Invention of Latin America, Walter Benjamin.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.169231](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.169231)

Recebido em: 29/04/2020
Aprovado em: 23/12/2020
Publicado em: 30/12/2020

1 INTRODUCCIÓN

En este artículo partimos de la concepción de la historia elaborada por Walter Benjamin para explorar el tema de la producción historiográfica en América Latina y, a partir de la corriente benjaminiana, nos enfocamos en algunos rasgos que sugieren la permanencia de una narrativa histórica construida 'desde arriba', que se manifiesta a través del silencio de las voces de los herederos del colonialismo. La idea central con la que trabajamos estas reflexiones es la búsqueda del camino para recuperar esas voces que fueron silenciadas en el transcurso de la construcción de la narrativa histórica de la región.

En la elaboración de esta reflexión, se reconsidera el pensamiento de Edmundo O'Gorman para comprender cómo se inventaron e incluyeron los intereses políticos norteamericanos dentro de la concepción geoeconómica del sistema mundial. A partir de este punto, los objetos historiográficos latinoamericanos, de diferentes momentos históricos, se establecen como referentes investigativos, especialmente los códices mesoamericanos, la crónica de Poma de Ayala y las interpretaciones de José Carlos Mariátegui. Es dentro del alcance de estas narrativas, rodeadas de la colonialidad del poder y el conocimiento, que es posible establecer en este ejercicio, el diálogo entre las propuestas epistemológicas definidas por el pensamiento decolonial, con el concepto de objeto histórico de Walter Benjamín.

Tratar con las voces silenciadas en la historia significa llevar las fuentes extraoficiales al centro del debate, considerada no hegemónica, implica recuperar registros de la experiencia histórica que fueron ignorados. En el contexto de la Historia de América, este proceso de anulación de la memoria comienza en el proceso de colonización, y puede ser considerado uno de los instrumentos de subordinación de los pueblos originarios. La racionalidad colonialista construyó una identidad racial negativa, que fue despojada de su lugar como productor de conocimiento,

lo que explica, por ejemplo, la ausencia de registros históricos indígenas en los libros escolares.

En estas meditaciones, recuperar las fuentes documentales y los sujetos que las produjeron, cumple el rol de cuestionar la “historia de los vencedores”, y debe situarse como una perspectiva que valore el pasado colonial y los lazos de la colonialidad. Incorporar otras representaciones sobre la historia, mostrar otra forma de pensar sobre el mundo y el contexto vivido en el interior de la situación colonial, son elementos que contribuyen a replantear la memoria histórica latinoamericana.

2 SOBRE EL CONCEPTO DE HISTORIA

Las discusiones acerca del concepto de objeto histórico presentes en la producción teórica de Walter Benjamín y en su abordaje de la concepción de historia son de suma importancia para las interpretaciones que se presentan en este artículo, especialmente en lo que se refiere a la discusión teórica, acerca de lo que se considera local, versus la idea de lo que es llamado universal, en la escritura de la Historia.

La filosofía *benjaminiana* de la historia sugiere que mirar hacia el pasado significa no perder de vista las particularidades de aquellas personas que la propia *historia oficial*³ trató de olvidar o que jamás recordará a lo largo de los tiempos. Benjamín en su *Tesis sobre el concepto de historia* (originalmente publicada en 1940), dejó registros de lo que él entendía por Ciencia Histórica, como una fuerte crítica a la perspectiva positivista y mecanicista de la Historia.⁴ Sus escritos consisten en localizar la intervención humana y las operaciones del poder mediante una lectura

³ Prestes (2010) define la *historia oficial* como la “elaboración histórica que conviene a los grupos dominantes de la sociedad y que se consagra y difunde principalmente en los libros escolares y en los medios de comunicación” (2010, p. 92, trad. nuestra).

⁴ Sobre el concepto el autor expone en 18 notas – algunas de las cuales cortas - sus tesis sobre lo que él cree que es la Historia. Fueron elaboradas en el fervor de un momento particularmente tenso de la humanidad. En el siglo XX, en medio del triunfo del nazismo en la Segunda Guerra Mundial, el autor se sintió obligado a reflexionar sobre los fundamentos y propósitos de la historia como ciencia. Es una producción imbuida de un contexto histórico que nos permite verificar cómo tiene lugar la reflexión filosófica de Benjamín, que se basa en la necesidad de racionalizar la concepción, a pesar de la barbarie. Entre los fundamentos utilizados para construir este concepto, destacan los conceptos básicos, como la memoria, la teología y la noción de progreso.

de la Historia a contrapelo, o, dicho de otra manera, la noción de lectura de la Historia escobada a contrapelo, como propone Benjamín (1994, p.225), lo que indica un estudio distinto del pasado, realizado al revés de lo que fue definido y consagrado, acerca del cómo hegemónico y verdadero.

La primera nota de *Sobre el concepto de historia* es acompañada de una proposición imaginaria, en la cual el lector es inducido a vincular la historia a un juego de mesa mecanizado, cuyo desencadenamiento de los hechos históricos es atribuido a un enano que ejerce la función de maestro de un muñeco mecánico y que, al manipular esa marioneta, crea la ilusión de que los movimientos fluyen exclusivamente de la máquina.

La ilusión de que el juego de mesa con sus mecanismos internos construye cada jugada conduce a la idea de que la tecnología, allí representada por el mecanismo, por sí misma sería capaz de promover desarrollo, pero el texto alerta: "podemos imaginar una contrapartida filosófica de ese mecanismo. El títere llamado 'materialismo histórico' ganará siempre [...] desde que tome la teología a su servicio" (BENJAMIN, 1994, p. 222). La utilización del elemento teológico es interesante porque evidencia el carácter dialéctico en que se asientan las reflexiones de Benjamín, o sea, a la primera mirada pueden parecer tales actos mecánicos y racionales, pero están impregnados de sentido etéreo, inmaterial, casi divino. Ese elemento de la teología puede ser entendido cuando verificamos la formación personal del autor, quien tenía ascendencia judaica.

Los hechos son la manifestación de la actuación de la marioneta, el maestro es el materialismo histórico, o sea, la historia se conduce por las condiciones materiales con las cuales se desarrolla la experiencia humana, cuyo progreso tecnológico puede ser entendido como expresión de esa experiencia en el tiempo. Para una mirada desatenta, el progreso es el conductor de la historia y a ella es atribuido el desarrollo de la humanidad, lo que hace que la fe esté depositada en el mejoramiento constante de las

máquinas. Esa alegoría se relaciona con la necesidad de profundizar en el examen de la historia humana, cuyas herramientas son la prueba material del desarrollo de las civilizaciones, así, las bases que generan ese desarrollo se relacionan a lo que es eminentemente humano: la capacidad creadora e inventiva, en el tiempo y en el espacio.

En la décima tercera nota, se hace la crítica a un determinado tipo de concepción histórica, que se atribuye al progreso desvinculado de la realidad. La teoría y la práctica de la historiografía afiliada a la social-democracia, se equivocan al presentar un concepto dogmático de la historia, de la idea del progreso en sí, como algo automático. Benjamín (1994, p. 229) considera que el equívoco se debe a la idea de un progreso de la humanidad en la historia como inseparable “de la idea de su marcha en un tiempo vacío y homogéneo. La crítica de la idea de progreso se basa en la crítica de la idea de esta marcha”.

La relación pasado-presente-futuro es explorada por el autor, que afirma en su segunda nota que el presente, en el alma humana, no tiene envidia del futuro (BENJAMÍN, 1994, p. 223). A través de esa afirmación, se puede comprender que lo que causa angustia e interés es el pasado, no el porvenir. Todavía, trabajar con el pasado no significa reconstituirlo o recuperarlo, pero si apropiarse de la reminiscencia. La imagen del pasado, muy distante de la percepción de fragmentos congelados, es lo que la historia transforma en cosa suya. Al pasado se suman varios elementos, ya que mirar el pasado es un ejercicio que remite a las experiencias que podríamos haber vivenciado – los vacíos que pueden ser llenados a través de la memoria, lo que a veces nos engaña para cultivar elementos que no hemos experimentado. De hecho, esta es una concepción de memoria que no es una dimensión fija, al revés, es vívida y elemento constante de reelaboración, a partir de la suma de las experiencias, acciones y aprendizajes desarrollados a lo largo de la vida de los sujetos y es la

narrativa la que manifiesta esa movilización de los elementos de la memoria, una reminiscencia al pasado.

El investigador apegado a la perspectiva del materialismo histórico sabe que, de las diversas experiencias narradas acerca del pasado, muchas fueron sofocadas en el proceso de constitución de una Historia Oficial. Y ello debido justamente al advenimiento de un privilegio de narrar los hechos y construir la historia y, en tal ejercicio de escritura de la historia, se manifiesta una operación de poder. El privilegio incide en la posibilidad de cambiar las jugadas en las piezas del juego de la historia, sustituir u omitir algunas piezas. Esa perspectiva nos conduce, inevitablemente, a la indagación sobre cuánto de la historia fue perdido por los narradores que optaron por preservar solamente la historia de los vencedores.

El diálogo con la teología puede ser nítidamente percibido en la cuarta nota *benjaminiana*, que se inicia con una cita de Hegel, en la cual el filósofo orienta a luchar por las condiciones materiales de existencia, y el reino de Dios se haría por sí mismo (BENJAMÍN, 1994, p. 223). Esa reflexión no puede ser interpretada como negación de la religiosidad, sino como una afirmación de que las condiciones materiales son fundamentales para la mantención de la vida material, donde se incluyen las instancias circunscritas a lo divino. De esa forma, sobresale la pertinencia de concebir la historia a partir de los presupuestos del análisis, fundado en la perspectiva del materialismo histórico. Adentrando de modo más incisivo en las afirmaciones pertinentes a esa concepción, notamos que hay un destaque para el concepto de lucha de clases, entendida como una disputa por las “cosas brutas y materiales”, que son las condiciones necesarias para el pleno gozo de otras esferas de la vida.

Al tratar de las dimensiones ‘refinadas’ de la vida, entendidas como componentes de la vida social, el autor identifica los aspectos relacionados a la formación cultural, en la cual se insertan las vinculaciones religiosas adoptadas por los sujetos. Se percibe que, para Benjamín, la separación

entre la lucha de clases y la cultura es un equívoco, ya que son instancias distintas, pero ambas son inherentes a la experiencia humana.

A partir de esas bases conceptuales es posible identificar que, en el pensamiento del filósofo alemán, la narrativa histórica ejerce el papel de uno de los componentes que orientan la vida social, y a la narrativa se le atribuye la complejidad de la relación entre las instancias de significación de la experiencia social. Se trata de un pensamiento que no prioriza la teoría en detrimento a la vivencia y lo que busca es abarcar la experiencia social a partir de la intervención humana en el tiempo y en el espacio. La materialidad de la vida no se presenta de modo compartimentado y las reflexiones de Benjamín están atentas a ello.

Ante los innumerables análisis producidos sobre la obra del autor, se destaca el libro *Walter Benjamin: aviso de incendio: una lectura de las tesis "sobre el concepto de historia"*, de Michael Löwy (2005). Enteramente dedicado a la reflexión sobre las bases conceptuales y el contexto político en el cual fueron escritas las reflexiones sobre la historia de Benjamín, al buscar comprenderlas y profundizarlas, el teórico alerta:

Es necesario especificar que este documento no fue destinado a publicación. Benjamin se lo dio o lo envió a algunos amigos muy cercanos, Hannah Arendt, Theodor W Adorno, pero insistió, en la carta a Gretel Adorno, que no era el caso publicarlo, porque eso "abriría la puerta a una entusiasta incomprensión". Sus temores proféticos se hicieron realidad: gran parte de la literatura sobre estas tesis resulta de malentendidos, a veces entusiastas, a veces escépticos, pero en cualquier caso incapaces de comprender la dimensión del texto. (LÖWY, 2005, p. 34).

Atentos a las orientaciones de Löwy (2005), se realiza un ejercicio de reflexión orientado hacia algunos elementos de la historia de la "América Latina" asumiendo una postura investigativa *benjaminiana*. Con ello, no tenemos la pretensión de establecer un análisis profundo acerca de las tesis de Benjamín, sino utilizar uno de los puntos para identificar, en las fuentes y en las narrativas históricas cómo ocurrió la inscripción de las voces silenciadas en los discursos históricos "oficiales". Al destacar

"oficiales" nos referimos a un aspecto que nos permite analizar el caso de historias, como las latinoamericanas, que no se ajustan a las jerarquías occidentales dominantes que favorecen, como veremos, a los hombres blancos y heterosexuales. Esa corriente *benjaminiana* ayuda en la focalización de trazos que sugieren la permanencia de una narrativa histórica construida 'desde arriba', que se manifiesta por medio del silenciamiento de las voces herederas del colonialismo.

3 LA AMÉRICA INVENTADA

¿Cómo pensar América Latina en el contexto de la historia general de la humanidad? Por ejemplo, uno de los apoyos teóricos que ayudan en la comprensión de la construcción de la idea de América es la obra *La invención de América*, en la cual el mexicano Edmundo O'Gorman (1992) sugiere que tal invención empieza a ser construida a partir de la necesidad de una interpretación sobre la llegada de Colón al continente. La idea del descubrimiento atendió a la necesidad de la interpretación acerca del hecho, ya que "ni las cosas ni los eventos son algo en sí mismos, pero su razón de ser depende del sentido que se señala en el marco referencial de la imagen que se tenga al respecto de la realidad, en ese momento" (O'GORMAN, 1992, p. 71). También es preocupación de la obra mencionada la comprensión sobre la posición de privilegio reservada a Europa que, según ella, se asienta en una perspectiva cristiana de pensamiento.

Europa, hogar de la cultura y fortaleza del cristianismo, asumió la representación del destino inmanente y trascendental de la humanidad, siendo la historia europea el único devenir humano dotado de un significado auténtico. En resumen, Europa adquiere la historia universal y los valores y creencias de esa civilización se ofrecen como paradigma histórico y norma suprema para juzgar y apreciar otras civilizaciones. Este es el sentido moral y cultural de la estructura jerárquica de la división tripartita del mundo. (O'GORMAN, 1992, p. 195).

Esa división tripartita mencionada es Europa, Asia y África, lo conocido del mundo hasta aquel momento. Y América sería la cuarta parte

de esa división que merecía ser reconocida, así como su papel en la historia. Para el historiador y filósofo mexicano, la llave para interpretar el apareamiento histórico de América es la invención, una vez que ese reconocimiento no se refería al surgimiento geográfico de una nueva porción del mundo, pero necesitaba ser entendida como “el resultado de una invención del pensamiento Occidental y no como lo de un descubrimiento meramente físico” (O’GORMAN, 1992, p. 18). Por esa razón, el “descubrimiento” no es un evento en sí, sino la interpretación de un evento, que es la inclusión de una entidad geográfica distinta. Sobre Cristóbal Colón, argumenta que el “descubrimiento” solamente hace sentido cuando el descubridor tiene consciencia del objeto descubierto, y cabe a los intérpretes del evento histórico, posteriormente, la afirmación de que fue el genovés el descubridor. O’Gorman expone su tesis: “[...] al llegar Colón el 12 de octubre a una pequeña isla que él creyó pertenecía a un archipiélago adyacente al Japón fue como descubrió América. Bien, pero preguntemos si eso fue en verdad lo que él, Colón, hizo o si eso es lo que se dice que hizo” (1992, p. 25).

En los años que sucedieron a la colonización de América, ocurrió un proceso político de anulación de la memoria de los pueblos originarios en el Continente, como estrategia de subordinación de estos últimos. Para el sociólogo peruano Aníbal Quijano (2014), la efectividad del colonialismo ocurrió a través de dos movimientos: el primero fue el despojamiento de las identidades históricas y el segundo fue la construcción de una nueva identidad racial, colonial negativa, siendo que esas razas fueron sacadas de su lugar en la historia y en la producción del conocimiento.

Históricamente, eso significó una nueva manera de legitimar las ya antiguas ideas y prácticas de relaciones de superioridad / inferioridad entre dominados y dominantes. Desde entonces ha demostrado ser el más eficaz y perdurable instrumento de dominación social universal, pues de él pasó a depender inclusive otro igualmente universal, pero más antiguo, el intersexual o de género: los pueblos conquistados y dominados fueron situados en una posición natural de inferioridad y, en consecuencia, también sus rasgos fenotípicos, así como sus descubrimientos mentales y culturales (QUIJANO, 2014, p. 779-780).

La construcción histórica de la idea de razas inferiores además de estructurar un orden colonial y reducir millares de sujetos a condición de primitivos “implicaba también su reubicación en el nuevo tiempo histórico, constituido con América primero y con Europa después: en adelante eran el pasado” (QUIJANO, 2014, p. 801). Subalternizados por la lógica colonial, ¿qué espacio ocupan los pueblos americanos en la producción de narrativas de sus experiencias históricas? ¿Cuáles sujetos históricos fueron responsables por construir las narrativas? Algunos de los registros de una historia anterior al proceso de colonización, y en su trayecto, son fuentes importantes en la tentativa de reubicar esos pueblos en la historia.

Algunas de las fuentes a que los historiadores contemporáneos se remiten, para proceder al estudio de algunas civilizaciones americanas anteriores y en el transcurso del proceso de colonización son los **códices**, que son producciones narrativas elaboradas sobre diferentes soportes. León-Portilla (2012, p. 07) esclarece que los españoles nombraban esos objetos de ‘libros de pinturas y caracteres’ e informa que, etimológicamente, el término códice tiene origen en la palabra códex (tronco), en referencia a uno de los soportes donde se producían tales textos. Al analizar esas producciones, su contenido el valor historiográfico que se atribuye a ellas, el historiador brasileño Eduardo Natalino dos Santos (2005, p. 71) apunta que el “conjunto de los códices mesoamericanos es compuesto por cerca de una docena de manuscritos prehispánicos y por más de cinco centenas coloniales” que son el objeto de investigación de historiadores y arqueólogos.

Para Santos (2005, 73), no existe consenso en lo que se refiere al estudio de los códices y, sin embargo, existe un grupo de investigadores que tiende a aceptarlos como vestigios de hechos sociales amplios, que permiten conocer las instituciones que los han producido y la complejidad de las sociedades mesoamericanas. En esa perspectiva, se puede considerar que esos documentos se inscriben como fuentes narrativas autóctonas especialmente singulares.

En el transcurso de la invasión y colonización española, una infinidad de producciones materiales de las civilizaciones originarias fueron destruidas, lo que fue fundamental para promover el silenciamiento de las culturas subalternizadas. Si tenemos en cuenta las observaciones de Benjamín (1994) acerca de las narrativas y su vinculación a la experiencia, se puede comprender que el sofocamiento de esas culturas, en el proceso de colonización, acarreó pérdidas inestimables en la constitución de una historia múltiple sobre el Continente. Pues fueron suplantadas otras manifestaciones de sociabilidad e intelectualidad, en perjuicio de una visión unitaria de historia y hegemónica como matriz explicativa.

4 LA COLONIZACIÓN EN LA NARRATIVA DE POMA DE AYALA

En los primeros años de la colonización española en América, una importante producción narrativa sobre el período colonial, la *Primera nueva corónica y buen gobierno*, fue escrita por el cronista Felipe Guamán Poma de Ayala. Nacido en la región donde se localiza actualmente el Perú, vivió entre los años de 1535 y 1615 y sus biógrafos manejan la hipótesis de que hubiera sido descendiente directo de nobles del Imperio Inca⁵. El libro, compuesto por cerca de trescientos noventa y ocho dibujos y textos que retratan la primera fase de la conquista hispánica, fue enviado al rey Felipe III, aunque, nunca llegó a su destino, y fue divulgado solamente en 1908. Después de cuatro siglos en las sombras, actualmente se encuentra disponible para consulta en Dinamarca.

Al tratar de la relevancia de las crónicas de Poma de Ayala, Consuelo Alfaro Lagorio (2007, p. 236) afirma que es uno de los documentos más significativos sobre la invasión española al Continente. Se trata de, “al mismo tiempo, un esfuerzo por registrar datos y versiones destinadas a

⁵ La nota biográfica del libro de Poma de Ayala informa que “Felipe Guamán Poma de Ayala habría nacido entre 1535 o 1536, en el pueblo de San Cristóbal de Suntuto en la Provincia de Lucanas, Ayacucho (...). Fue su padre Martín Guamán Malqui al que el cronista hace descender de la etnia Yarowilca, soberanos del Chinchasuyu, quienes sometidos por los incas conservaron sus prerrogativas y títulos. De su madre Juana Curi Oollo, dice que descende del inca Túpac Yupanqui” (POMA DE AYALA, 2014, p. 9).

construir memoria no solo de ese momento histórico, sino de un pasado étnico para el que la introducción de la escritura presenta riesgos”. A pesar de las muchas polémicas que persisten en relación a este libro – las críticas, por ejemplo, a la posición social del autor y al uso del idioma español - ciertamente esa obra puede ser inscrita entre los registros de las voces no incorporadas a la narrativa oficial.

En sus largos recorridos, el cronista observó de primera mano la situación social de Perú y recogió abundante información de la tradición oral prehispánica que juzgo desde un punto de vista católico, pero que, por contraste, nos da un panorama general de las costumbres, religión, economía y vida social, es decir, la cosmovisión de los antiguos habitantes del Perú. (POMA DE AYALA, 2014, p. 12. Trad. nuestra)⁶.

Esa perspectiva, producida desde adentro y en los primeros años del proceso de usurpación colonial, presenta innumerables críticas a las conductas de los representantes de la corona española en América. Son denunciados actos perversos y crueles, como castigos públicos infligidos con violencia extrema, además de otros desvíos como fornicación, adulterio y alcoholismo, lo que coloca en juicio el propósito del texto, pues la oscilación en el discurso sugiere a veces la denuncia de los crímenes practicados, y por otras el consejo a los gobernantes, a fin de que se consolide un buen gobierno.

El desaparecimiento de la obra provocó un desierto de informaciones sobre la época, de modo que es posible, cinco siglos más tarde, considerar esta fuente como una narrativa legítima de la época por su potencial de capturar el fenómeno de la subordinación y colonización a partir de la visión de un indígena.

Para Walter Mignolo (2014), el texto de Poma de Ayala se inscribe en el ámbito de las narrativas de-coloniales, gracias a su posición subalternizada en la jerarquía del poder colonial y, para confirmar este entendimiento, el teórico argentino rescata la memoria del cronista del

⁶ La biografía de Poma de Ayala compone la primera parte del libro. Los datos editoriales indican que el libro tiene tres autores, César Chacón Rosasco; Felipe Guamán Poma De Ayala; Gretel Bardález Zambrano.

Tawantinsuyu y de Otobbah Cugoano, un ex esclavo de Anáhuac (región del Caribe). Al describir los textos producidos por Ayala y Cugoano, afirma que “[...] son tratados políticos des-coloniales que, gracias a la colonialidad del saber, no llegaron a compartir la mesa de las discusiones con Maquiavelo, Hobbes o Locke” (MIGNOLO, 2014, p. 65-66). Es la colonialidad transferida a la esfera de la producción del conocimiento que impidió que esos textos pudiesen componer la bibliografía de tratados políticos y tal reducción en la circulación del conocimiento ocurrió, sobre todo, por el espacio geográfico de origen de esos escritos, así como la posición jerárquica ocupada por quien los produjo.

La importancia de ese tipo de producción, para la historiografía, sería la capacidad de evidenciar otra forma de pensamiento sobre el contexto vivido en el interior de la situación colonial, pues abren “[...] las puertas al pensamiento otro, el primero al pensamiento fronterizo a partir de la experiencia y memoria del Tawantinsuyu y el segundo a la experiencia y memoria de la brutal esclavitud negra del Atlántico” (MIGNOLO, 2014, p. 66).⁷

Y en el desencadenamiento de esa reflexión, el autor propone que los textos de Ayala y Cugoano sean puertas que no pretenden conducir a un tipo de verdad, pero, sugiere a otros lugares de una memoria colonial. Lo que, obviamente, no se encuentra en el acervo oficializado por la Historia. Para Mignolo (2014, p. 67) esa memoria colonial producida por los subalternizados es corporizada en huellas, siendo justamente en esa herida colonial donde se teje el pensamiento descolonial.

⁷ La noción de la categoría de situación colonial, entendida y utilizada aquí para describir el problema colonial basado en la perspectiva debatida por Georges Balandier en el trabajo *La situation coloniale: approche théorique*, y corresponde a la explicación dada por el autor como una coyuntura compleja y particular creada por la expansión de las naciones europeas durante el siglo pasado, que llevaron a la dominación y, a veces, al exterminio, de casi todas las culturas y pueblos considerados por los colonos como atrasados, inferiores y "primitivos", y condicionaron las experiencias de reacción de los pueblos dependientes. La colonización influyó en el comportamiento de los pueblos emancipados. O, aún, como el nombre dado al conjunto de la realidad económica, social, cultural y política que coexiste en el espacio colonial, en la medida en que abarcaba tanto a la sociedad colonial creada por los colonizadores europeos como a las sociedades colonizadas por las poblaciones indígenas (PIMENTA, 2010, p.152).

La llamada “historia de los vencedores” es objeto de críticas, pues trata de una perspectiva que valora el pasado colonial como una permanencia que impregna el presente por medio de los lazos de colonialidad que a su vez conciben la Historia como una sucesión de etapas fundamentadas en la idea de progreso único.

Esas críticas proponen un giro epistémico decolonial reorganizando todo lo que fue nombrado como local y global en la producción de la Historia. Luciana Ballestrin (2013, p. 90) explica que la expresión “descolonial” (o decolonial en los términos de Castro-Gómez y Grosfoguel [2007])⁸ no debe ser confundida como la mera descolonización. En la visión de la autora, en términos históricos y temporales, esta última indica una superación del colonialismo; por su parte, la idea de decolonialidad indica exactamente lo contrario y busca trascender la colonialidad, la cara oscura de la modernidad, que permanece operando aún en los días de hoy en un padrón mundial de poder.

El giro decolonial busca responder a las lógicas de la colonialidad del poder, ser y saber, confrontando otras experiencias políticas, vivencias culturales, alternativas económicas y producciones del conocimiento obscurecidas, destruidas o bloqueadas por el occidentalismo, eurocentrismo y liberalismo dominantes. Esa propuesta concibe la importancia de la interacción entre teoría y práctica, buscando dialogar con la gramática de las luchas sociales, populares y subalternizadas de los pueblos que compusieron y componen la invención de la idea de América Latina.

⁸ Para Castro-Gómez y Grosfoguel (2007) el concepto de ‘decolonialidad’ se contraponen a la idea de que as formas de relaciones establecidas actualmente representan rupturas con la colonialidad postcolonial, pues, lo que el capitalismo global contemporáneo hace es resignificar las exclusiones. Para los teóricos, la decolonialidad “cuestiona abiertamente el mito de la descolonización y la tesis de que la posmodernidad nos conduce a un mundo ya desvinculado de la colonialidad” (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOQUEL, 2007, p. 13)

5 LA PERSPECTIVA DE MARIÁTEGUI

De alguna forma, las críticas decoloniales dialogan con lo que Benjamín propone, cuando el autor percibe que la Historia como progreso es siempre considerada como historia de los vencedores, ella omite por detrás de esa máxima, los intereses de los subalternizados y sus tácticas discursivas. Para el filósofo alemán, le toca a la Historia tomar partido de los vencidos, luchar por la rememoración de las particularidades de un pasado que quedó aprisionado en las narrativas históricas universales. Es necesario anotar que tanto la perspectiva decolonial como la óptica benjaminiana son precedidas por el pensamiento del periodista y teórico marxista peruano José Carlos Mariátegui en *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (2008) un análisis sobre la realidad peruana, cuando el autor señala:

El problema está en este mismo Perú, hijo de la conquista. [...] Somos un pueblo en el que vivimos juntos, pero sin fusionarnos aún, sin entendernos, indígenas y conquistadores. La república siente e incluso confiesa solidaridad con el virreinato. Al igual que el virreinato, la república es el Perú de los colonizadores, más que los nativos. El sentimiento y el interés de las cuatro quintas partes de la población casi no desempeñan ningún papel en la configuración de la nacionalidad y sus instituciones. (2008, p. 116).

Esas afirmaciones que integran el ensayo *El Proceso de la Educación Pública* (originalmente publicado en 1928) identifican en el Perú del inicio del siglo XX los resquicios del colonialismo y no ignoran las influencias ejercidas por los Estados Unidos y Francia en la formación del país. Pero, el autor advierte que a pesar de ello “solo la española alcanza en su tiempo, un dominio completo” (MARIÁTEGUI, 2008, p.115) siendo que las demás influencias no son capaces de cambiar las líneas fundamentales de constitución del Estado. Se observa cierta correspondencia entre el término “herencia española”, utilizado por Mariátegui (2008) y el concepto

de colonialidad, pues, las referencias utilizadas para tratar de la 'herencia' son definidas en el campo económico, social, psicológico e intelectual.

Las reflexiones de Mariátegui sobre la influencia española y francesa en la constitución de la sociedad peruana pueden ser entendidas a partir de un proyecto político que buscaba, sobre todo, alcanzar el dominio completo de las sociedades bajo la directriz del eurocentrismo, una construcción histórica de hegemonía. Lo que el autor propone es una interpretación del colonialismo por medio del marxismo, pero distinto del esquema de desarrollo histórico europeo como el único camino posible para la interpretación de la realidad latino-americana.

La relevancia de la obra de José Carlos Mariátegui consiste en su capacidad de dialogar con otro modo de comprensión de las problemáticas ocasionadas por el colonialismo y su revisión histórica de la Historia de la América Latina con inclusión de los pueblos indígenas como protagonistas y no como actores secundarios del proceso histórico. El ejercicio del poder correspondió a los europeos, ellos y sus descendientes fueron responsables por la mantención de una colonialidad del saber, responsabilidad que cae en localizar la invisibilidad de los colonizados en la escritura de la historia. Es en ese pensamiento que se puede incluir, como crítica, la periodización eurocéntrica, en la cual se fundó la escritura de la Historia de América, especialmente, cuando cuestionamos la ausencia de narrativas producidas por los pueblos subalternizados, que son las voces ausentes en la narrativa histórica de la región.

La originalidad del pensamiento de Mariátegui significó un avance para el marxismo latino-americano, porque al tratar el tema indígena en Perú localizando el problema latifundista, redireccionó la escritura de la historia sobre la óptica del colonizador europeo hacia una perspectiva indigenista. Aquí entonces se articula el ejercicio reflexivo propuesto, ya que para Benjamín (1994) las 'cosas brutas y materiales' se suman a las

'cuestiones refinadas de la vida' para dar sentido a la experiencia de los sujetos.

En América Latina, las dimensiones materiales y subjetivas de la vida fueron moldeadas a partir de la idea de modernidad, concepto articulado a la colonialidad del poder. La construcción de la modernidad es considerada como parte fundamental del eurocentrismo, ya que los padrones configuradores del 'desarrollo' tienen espacio definido en la geopolítica, el Norte global. De hecho, considerando que son los sujetos los que hacen la historia, es relevante la contribución crítica de Mariátegui, al denunciar que las poblaciones indígenas no 'juegan un papel' en la formación de la nacionalidad peruana.

6 CONSIDERACIONES FINALES

Anterior al problema inicialmente apuntado, que fue establecer un ejercicio crítico reflexivo sobre cómo se puede concebir la importancia de las fuentes históricas en la América Latina, este artículo puso en evidencia elementos de la Historia de América buscando ponerlos en un diálogo con la perspectiva de Walter Benjamín, para dibujar hipótesis que orientasen la respuesta o por los menos indicasen posibles caminos interpretativos respecto a la historia única latino-americana. Tal búsqueda surgió de la idea de no solamente contemplar el significado de las fuentes documentales en América Latina, pero también demostrar la invisibilidad de esas fuentes como herramienta política de dominación.

Ese cuestionamiento fue hecho para rescatar la importancia de los códices del nuevo mundo, objeto de la cultura material autóctona que aún genera controversia en relación a su utilización en la producción de la narrativa histórica. También propusimos realzar el significado histórico de la crónica de Poma de Ayala, exploramos la posibilidad de comprender esa obra como una producción descolonizadora o anticolonial, ya vez que la narrativa de la colonización es traída a partir de la percepción de un

indígena. La posición relacional del sujeto histórico que produce la narrativa es, conforme señaló Mignolo, un elemento determinante para un juicio de valor sobre las fuentes. Fue la posición jerárquicamente subalternizada de Ayala la que permitió que su obra fuera invisibilizada, a pesar de que su testimonio sobre la colonización trajera una perspectiva privilegiada: alguien que vivió aquel momento histórico. En la interpretación de América del siglo XX, localizamos en la producción de Mariátegui una crítica a la sociedad peruana, y por extensión latinoamericana, que reproduce desde la república la carga colonial - aún hoy vigente - profundamente racista y desigual, una de las huellas de la colonialidad.

Rescatar esas fuentes e interpretarlas en esa perspectiva contribuye a repensar el modo como entendemos la experiencia social, pues tal debate confirma que las narrativas históricas de la región, aunque invisibilizadas, son componentes fundamentales para la resignificación de la memoria histórica latino-americana. La tarea de reelaboración de las ideas acerca de la constitución de una Historia de América Latina debe partir de esa mirada hacia adentro, en una perspectiva crítica que valore los procesos de elaboración del saber en la resistencia, destinando el debido espacio para las experiencias autóctonas producidas en la región.

Luego, la compleja indagación sobre la producción de lo nuevo, en la territorialidad latinoamericana debe ser una operación que contemple, reconozca y valore la experiencia acumulada en los más de cinco siglos de resistencia a la colonización y la colonialidad en sus distintos matices. Ese proceso debe ocurrir en el diálogo entre esa experiencia social y el pasado, como herramienta metodológica de interpretación de la realidad.

La comprensión de la relación entre el pasado y el presente, la memoria y la narrativa de esa memoria es una operación que tiene sentido cuando se observa la permanencia de los lazos de colonialidad y a partir de esa constatación, tenemos las herramientas para el posicionamiento en

pro de proyectos políticos emancipatorios. Aprender con la experiencia social como propuso Benjamín es retomar las reminiscencias de la historia latino-americana como chispas de esperanza, una tarea que nos toca en el aquí y ahora.

7 REFERENCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *In: Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, may/ago 2013, pp. 89-117. Disponible en: <https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf> . Accedido en 11 dic. 2020.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Coleção Obras Escolhidas, v. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução Rubens R. T. Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. II).

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. *En: El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (compiladores). Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

LAGORIO, Consuelo Alfaro. *Textualidade, imagem e mestiçagem na crônica de Guamán Poma*. *Revista Gragoatá*. Niterói, nº 22, p. 235-252, 1. sem. 2007. Disponible en: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33204/19191>. Accedido en 11 dic. 2020.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices: os antigos livros do novo mundo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Expressão Popular/CLACSO, 2008.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento des-colonial, desprendimiento y apertura: un manifiesto. In: *Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento*. Walter Mignolo, Catherine Walsh; Alvaro García Linera (orgs.). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. 2ª edición.

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

PIMENTA, Fernando Tavares. *Perspectivas da Historiografia Colonial Portuguesa (Século XX)*. Outros combates pela história. Coimbra, 2010. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0199-1_9 . Accedido en 11 dic. 2020.

POMA DE AYALA, Felipe Guamán. *Los dibujos del cronista Indio Guamán Poma*. Cusco, Perú: Editorial Piki, 2014.

PRESTES, Anita Leocádia. O historiador perante a história oficial. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 91-96; jan. 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *En: Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires : CLACSO, 2014.

Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>.

Accedido en 11 dic. 2020.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Usos historiográficos dos códices mixteco-nahuas*. *Revista de História*, nº 153, 2005, pp. 69-115. Disponível em: <http://paineira.usp.br/cema/images/ProducaoCEMA/EduardoNatalinodosSantos/USOSHISTORIOGRAFICOSDOSCODICESMIXTECOSNAHUAS.pdf>.

Accedido en 11 dic. 2020.



LUGARES DE MEMÓRIA DAS DITADURAS CIVIS-MILITARES LATINO-AMERICANAS, ARQUITETURA E INSCRIÇÕES DE SENTIDO

*LUGARES DE MEMORIA DE LAS DICTADURAS CÍVICO-MILITARES EN
LATINOAMÉRICA, ARQUITECTURA E INSCRIPCIONES DE SENTIDO*

*PLACES OF MEMORY OF CIVIL-MILITARY DICTATORSHIPS IN LATIN
AMERICA, ARCHITECTURE AND SENSE INSCRIPTIONS*

Caio Vargas Jatene¹ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Luiz de Lucca Neto² 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar, em perspectiva comparada, três lugares de memória latino-americanos, criados no âmbito de medidas de Justiça de Transição, para construção crítica da memória traumática pós-ditaduras civis-militares. São eles: o *Espacio Memoria y Derechos Humanos* (Ex-ESMA - *Escuela de Mecánica de la Armada*) em Buenos Aires, Argentina; o Memorial da Resistência de São Paulo, Brasil e o *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*, situado em Santiago, Chile. A análise comparativa dos elementos históricos e arquitetônicos, bem como dos projetos de memorialização, permitiu concluir, preliminarmente, a presença de formas distintas de inscrições de sentido por parte da sociedade e trajetórias diferentes de preservação, consoante aos limites e às conjunturas internas de cada país.

Palavras-chave: Lugares de Memória; Ditaduras Civis-Militares; Justiça de Transição; Arquitetura; Patrimônio.

Resumen: El objetivo del presente trabajo es analizar, en una perspectiva comparativa, tres lugares de memoria latinoamericanos, creados al amparo de las medidas de Justicia de Transición, para la construcción

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCI-ECA-USP), bolsista CAPES. *E-mail:* caio.jatene@usp.br.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (PPGAU-FAU-USP), *E-mail:* luiz.lucca.neto@usp.br

crítica de la memoria traumática después de las dictaduras civil-militares. Ellos son: Espacio Memoria y Derechos Humanos (ex ESMA - Escuela de Mecánica de la Armada) en Buenos Aires, Argentina; el Memorial da Resistência de São Paulo, Brasil, y el Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, ubicado en Santiago, Chile. El análisis comparativo de los elementos históricos y arquitectónicos, así como los proyectos de memorialización permiten concluir, preliminarmente, la presencia de distintas formas de inscripciones de significado por parte de la sociedad y diferentes trayectorias de preservación, dependiendo de los límites y circunstancias internas de cada país.

Palabras clave: Lugares de Memoria; Dictaduras Civiles-Militares; Justicia de Transición; Arquitectura; Patrimonio.

Abstract: The goal of this paper is to analyze, through a comparative perspective, three Latin American places of memory created in the context of Transitional Justice measures, for the critical construction of the traumatic memory after Civil-Military Dictatorships. They are: the *Espacio Memoria y Derechos Humanos* (former ESMA - *Escuela de Mecánica de la Armada*) in Buenos Aires, Argentina; the *Memorial da Resistência de São Paulo*, in Brazil; and the *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos*, located in Santiago, Chile. The comparative analysis of historical and architectural elements, as well as the memorialization projects, allow to conclude, preliminarily, the presence of different forms of sense inscriptions by the society and different trajectories of preservation, according to the limits and the internal circumstances of each country.

Keywords: Places of Memory; Civil-Military Dictatorships; Latin America; Architecture; Heritage.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170383](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170383)

Recebido em: 30/05/2020
Aprovado em: 06/12/2020
Publicado em: 30/12/2020

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar, em perspectiva comparada, três lugares de memória das ditaduras civis-militares, instaladas na América Latina, a partir de meados do século XX. Esses dispositivos são: o *Espacio Memoria y Derechos Humanos* (Ex-ESMA - *Escuela de Mecánica de la Armada*), situado em Buenos Aires, Argentina; o Memorial da Resistência, situado em São Paulo, Brasil; o *Museo de la*

Memoria y los Derechos Humanos, situado em Santiago, Chile. Os três casos são lugares de memória emblemáticos, criados pós-ditaduras civis-militares no âmbito das medidas de Justiça de transição. Este trabalho parte da hipótese de que a memória pode ser transmitida por meio da patrimonialização e da arquitetura. Nesse sentido, a utilização do método histórico para investigar tais instituições permite verificar sua influência nas sociedades em que se inserem. Associado a isso, a análise dos projetos de memorialização e dos elementos arquitetônicos possibilitam averiguar como a memória é depositada e transmitida nesses locais.

Muitos documentos, vestígios materiais e provas do terrorismo de Estado foram deliberadamente apagados ao final das ditaduras e durante o início dos processos de transição nesses países latino-americanos, que emergiram dos autoritarismos militares. No entanto, com base nos testemunhos das vítimas e por iniciativa de organizações da sociedade civil, posteriormente encampadas pelos governos democráticos, foram criados lugares de memória política, hoje um dos principais suportes materiais de memória, provas das violações dos direitos humanos, bem como instrumentos de compensação simbólica das vítimas e de toda a sociedade. Disso decorre a importância de estudo e preservação desses espaços.

O conceito *lugares de memória* foi cunhado e desenvolvido pelo historiador Pierre Nora (1993). Segundo este autor, os lugares de memória são os *loci* “onde a memória se cristaliza e se refugia” (NORA, 1993, p. 7). Para ser um lugar de memória, é necessário “*ter vontade de memória*” (NORA, 1993, p. 22), intenção de determinados grupos em admitir um determinado local como detentor de memória coletiva. Na falta dessa intencionalidade, o local será apenas um lugar de história (NORA, 1993). A coletividade não reconhece um lugar apenas como digno de lembrança, pois nele são depositadas inscrições de sentido. Por isso, Paul Ricoeur denomina esses locais como “*lugares socialmente marcados*” (2018, p. 131).

Além da intencionalidade, nos lugares de memória coexistem três aspectos simultaneamente: o material, o simbólico e o funcional (NORA, 1993). Para o filósofo Paul Ricoeur (2018), a materialização da memória está vinculada ao elogio do patrimônio, locais nos quais ancorar a memória coletiva. Ademais, Nora afirma que o objetivo fundamental de um lugar de memória é “*parar o tempo*” (1993, p. 22). No mesmo sentido, para Hartog (2013), os lugares são brechas temporais. Destinam-se a parar o trabalho de esquecimento (NORA, 1993). Por essa razão, os lugares podem ser tratados como veículos de memória, pois as marcas territoriais da memória são dependentes das significações conferidas pelo trabalho e pelas ações coletivas, políticas e simbólicas ou rituais (JELIN; LANGLAND, 2003).

Não obstante, é importante aplicar a concepção de Nora (1993) ao contexto latino-americano traumático pós-ditaduras civis-militares e, assim, trazer tal discussão conceitual para esse cenário específico, onde os lugares de memória podem ser utilizados como pontos de partida para uma análise mais geral das lutas por memória e das inscrições de sentido sociais sobre o passado recente, de repressão política e de terrorismos de Estado (JELIN; LANGLAND, 2003). Na América Latina, as lutas políticas por memória são traduzidas em lutas por verdade, justiça e construção crítica de uma memória emancipatória e conscientizadora. Assim, o estabelecimento dos lugares resulta da luta política, cujas forças sociais adversárias demandam a institucionalização de marcas de memória ou o apagamento dessas marcas (JELIN, 2002).

Como a ativação da memória ocorre em ambientes de confrontação política, tanto na Argentina, no Brasil e no Chile, alguns grupos conseguiram, em maior ou menor gradação, marcar os espaços analisados com um certo conjunto de significações. Nesses espaços, as batalhas por memória foram vencidas e representaram algum tipo de avanço. Tanto os atores da construção da memória, quanto os lugares, estão inscritos em um devir histórico-temporal que se transforma em diferentes contextos políticos e sociais e são assim transmitidos para toda coletividade (JELIN;

LANGLAND, 2003). A memória e suas significações depositadas nos lugares tratam-se, portanto, de uma forma de “*rememoração ativa*” (HUYSSSEN, 2000, p. 67), modo de construção crítica da memória e de democratização local de tais políticas públicas.

Nesse sentido, depositada nos lugares, a memória vincula-se aos conceitos de arquitetura e patrimônio, que passaram por consideráveis transformações nos últimos dois séculos, quando se verifica uma mudança na forma como o tempo é percebido pelas sociedades humanas, na medida em que se intensifica a aceleração do desenvolvimento técnico. François Hartog (2013) identifica estas alterações no tempo, apresentando os regimes de historicidade predominantes em determinados períodos históricos que, em consequência, agem diretamente naquilo que definimos como patrimônio. No pensamento de John Ruskin (1849), teórico fundamental ao conceito de patrimônio, a aceleração do tempo, percebida com a crescente industrialização e com a radical transformação das cidades, representava a desintegração da história e da cultura. Esta aceleração do tempo ameaçava a história e a memória pelo apagamento ou pelo risco de falseamento, refletido na própria intenção de restauro do patrimônio.

Na América Latina, as formulações acerca do patrimônio enfrentaram o dilema da inserção da cultura local no esquema universal moderno, deparando-se, porém, com o descompasso em relação à periodização estabelecida pela historiografia europeia (WAISMAN, 2013). Por exemplo, no Brasil, a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), obra dos intelectuais modernistas no seio do Estado Novo, esteve alicerçada no esforço de formação de uma cultura nacional, nos moldes da periodização da arte europeia, que não se restringiu à inserção, mas constituiu um esforço de superação, de retorno ao passado colonial para a construção de uma modernidade nacional própria, capaz de amalgamar tradicional e moderno.

Estes apontamentos introduzem elementos básicos da noção de patrimônio e do seu lugar nas sociedades latino-americanas, no processo de modernização entre os séculos XIX e XX. Os objetos propostos para este artigo, três lugares de memória das ditaduras latino-americanas, estão contemplados como patrimônio ao mesmo tempo em que envolvem outros elementos relacionados à memória, que os complexificam. Isto é, como patrimônio, estão inscritos nas questões sobre as teorias de restauro e preservação, embora seu valor histórico esteja apoiado na sua dimensão simbólica como lugares de memória das ditaduras.

Os três edifícios, que materializam e guardam esses lugares, apresentam, quanto ao aspecto formal e material, duas características determinantes: dois deles, a ex-ESMA em Buenos Aires e o Memorial da Resistência em São Paulo, estão instalados em edifícios do início do século XX que, originalmente, abrigavam usos distintos do atual; por sua vez, o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, em Santiago, está instalado em um edifício de arquitetura contemporânea, dedicado à preservação da memória da ditadura chilena, pensado e construído exclusivamente para esta finalidade.

Desse modo, nos casos dos lugares selecionados de Argentina e Brasil, a sobreposição das camadas históricas, como um palimpsesto, se apresenta de forma decisiva no edifício como patrimônio. Nesse ponto, somam-se as questões de sua preservação e conservação. No edifício da ex-ESMA são ainda mais decisivas, na medida em que as alterações foram realizadas pelos agentes do Estado, de forma a organizar os espaços de repressão ou encobrir estas práticas. O caso do Chile constitui exemplo distinto, porém, extremamente interessante para se pensar o modo através do qual a sociedade atuou na preservação de sua memória, ao instituir um espaço simbólico e representativo.

Estas arquiteturas, alçadas à patrimônio pela sua relevância histórica e pela sua dimensão de representação da memória coletiva, estão

marcadas por uma especificidade que as diferem de outros patrimônios culturais. São espaços de disputa em torno da memória, que convivem com o risco da falsificação histórica e do apagamento da memória daqueles que sofreram a violência do Estado em um “momento do perigo”, como se refere Walter Benjamin em sua tese VI sobre o conceito de história, diante do recrudescimento do nazismo:

O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1987, p.224-225)

2 TRÊS LUGARES DE MEMÓRIA POLÍTICA

Neste item serão descritos e analisados comparativamente três lugares de memória, objetos deste estudo. Acredita-se que esta análise poderá contribuir para enriquecer a discussão conceitual sobre o tema lugares de memória na América Latina e aprofundar a compreensão de fenômenos sociais contemporâneos complexos (YIN, 2001). Com base nas análises dos históricos de patrimonialização desses bens, pretende-se compreender as inscrições de sentido depositadas e transmitidas pela arquitetura e pelas formas de preservação adotadas nestes dispositivos de memória social.

2.1 O MODELO EX-ESMA

O *Espacio Memoria y Derechos Humanos*, criado oficialmente em 24 março de 2004 (28º aniversário do golpe de Estado na Argentina), abrigou,

anteriormente, a *Escuela de Mecánica de la Armada*. Este estabelecimento foi utilizado como o principal aparato do plano sistemático de sequestro, detenção clandestina, tortura e extermínio de opositores da última ditadura civil-militar argentina³. Símbolo do terrorismo de Estado, foi transformado em um lugar de memória emblemático para toda América Latina, modelo e referência internacional em política pública de memória e educação em direitos humanos. O espaço recebe mais de 200 mil visitantes anualmente (ARGENTINA, 2015).

Durante a ditadura, que vigorou entre 1976 e 1983, estima-se que cerca de cinco mil pessoas desapareceram em suas dependências e ao menos 34 recém-nascidos foram subtraídos da maternidade clandestina que funcionava no local. A preservação do complexo de ruas e edifícios, de 17 hectares, situado na *Av. del Libertador*, endereço movimentado na zona norte da capital Buenos Aires, deu ensejo e impulsionou a “megacausa ESMA”, na qual foram condenados, ao todo, 51 agentes estatais por tortura, genocídio e outros crimes contra os direitos humanos (ARGENTINA, 2015).

Imagem 1 - Fachada da ESMA



Fonte: acervo pessoal do autor, 2018.

³ A denominada última ditadura militar argentina refere-se à ditadura civil-militar instaurada naquele país entre 1976 e 1983, que teve início com o golpe de Estado de 24 de março de 1976, contra o governo da então presidenta da República María Estela Martínez de Perón, também conhecida como Isabelita Perón. Durante o autodenominado “Processo de Reorganização Nacional”, a Argentina foi presidida pelos ditadores militares Jorge Rafael Videla (1976-1981), Roberto Eduardo Viola (1981), Leopoldo Galtieri (1981-1982) e Reynaldo Bignone (1982-1983). Estima-se que mais de 30 mil pessoas tenham sido mortas ou desaparecidas nesse período.

Os primeiros edifícios da ESMA foram construídos em 1924, como sede de uma academia militar da Marinha argentina. Depois de 1976, foi, ao mesmo tempo, instituição de ensino militar, centro clandestino de detenção (CCD) e centro de operações do denominado *Grupo de Tareas 3.3.2 (GT 3.3.2)*. Esse organismo de terrorismo estatal atuou principalmente na desarticulação de organizações populares. A ESMA serviu, também, como CCD para a Aeronáutica, a Prefeitura e o Serviço de Inteligência Naval, de onde saíam os chamados “voos da morte”, com a finalidade de fazer desaparecer pessoas sequestradas por motivos políticos (NOVARO; PALERMO, 2007).

Em 1998, sob o governo do presidente Carlos Menem, foi determinada a desocupação da ESMA e sua demolição para dar lugar a um parque público e a um monumento pela reconciliação nacional. Porém, essa medida foi barrada por ações dos familiares das vítimas e de organizações da sociedade civil. O ato do presidente Menem promoveu um amplo debate sobre o tema na sociedade argentina. Nesse processo, a Justiça Federal considerou o complexo como uma testemunha da verdade e uma prova judicial dos horrores perpetrados no passado recente do país (ARGENTINA, 2015). Contudo, somente em 2004, sob o governo do presidente Néstor Kirchner, o complexo da ex-ESMA foi declarado patrimônio nacional, após um longo embate entre as esferas federal e municipal. Prevaleceu a intenção social de preservar o local por seu valor histórico e simbólico. Esse fato expressa a consolidação de uma cultura política democrática que, na sequência, submeteu torturadores e demais agentes de Estado, responsáveis por crimes contra os direitos humanos, a processos judiciais, tendo sido muitos deles condenados à prisão perpétua (WINN, 2014).

Os edifícios da antiga ESMA foram desocupados em novembro de 2007, com a finalidade de destiná-los inteiramente à promoção e defesa dos direitos humanos. Hoje, por exemplo, o espaço abriga o *Museo Sitio de Memoria ESMA*, inaugurado em 2015, no antigo prédio do cassino dos

oficiais. A revitalização deste imóvel, após ampla pesquisa e com base em testemunhos de sobreviventes, procurou resgatar os traços do passado, como forma de informar e conscientizar a sociedade (NEVES, 2014).

Uma vez que a arquitetura aparece como algo não estático, mas composto por camadas, que vão se sobrepondo ao edifício ao longo de seu processo histórico, o pressuposto que orientou a preservação dos edifícios da antiga ESMA acabou por expor uma destas camadas da história argentina. Constituiu um modo de manutenção da memória dos presos políticos, ampliou a importância do edifício para além do patrimônio histórico e resgatou o seu aspecto imaterial, representado pela construção crítica da memória coletiva.

2.2 MEMORIAL DA RESISTÊNCIA E AS DISPUTAS PELA MEMÓRIA E PELA CIDADE

O Memorial da Resistência de São Paulo foi inaugurado em 2008. Ocupa parte do edifício histórico localizado no Largo General Osório, com frente para a rua Mauá, entre os edifícios da Estação da Luz e da Estação Júlio Prestes, no centro histórico de São Paulo. Atua na preservação da memória da ditadura civil-militar brasileira e conserva parte dos espaços do edifício, antes destinados à detenção de presos políticos. O Memorial divide o Espaço com a Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo. Esta ocupa o primeiro andar da edificação, enquanto o Memorial da Resistência encontra-se no térreo e no terceiro andar.

O edifício é um dos exemplares da arquitetura de matriz eclética projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo, que teve ampla e destacada atuação durante o processo de urbanização da cidade, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. O Escritório Técnico Ramos de Azevedo atuou projetando e construindo edifícios exemplares da cidade

neste período⁴, imprimindo uma imagem moderna à capital paulista que, ao menos até a Primeira República, se encontrava à margem dos centros de maior importância do país.⁵

Neste processo de modernização urbana, o edifício que hoje abriga o Memorial da Resistência recebeu, originalmente, os escritórios administrativos da Estrada de Ferro Sorocabana⁶. Estes usos permaneceram até o ano de 1938. A partir de 1940, o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS) foi instalado no local, onde permaneceu até 1983, quando foi extinto no processo de redemocratização⁷. A partir de 1983 recebeu outros usos vinculados aos órgãos públicos, tendo sido tombado, na esfera estadual, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (COONDEPHAAT), em 1999.

Imagem 2 - Fachada do Memorial da Resistência



Fonte: (MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO, 2020)

⁴ Entre os edifícios projetados por Ramos de Azevedo na cidade de São Paulo encontram-se, por exemplo, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), o Mercado Municipal e o Teatro Municipal, além da própria Pinacoteca do Estado de São Paulo, localizada na mesma região do Memorial da Resistência.

⁵ Segundo Carlos Lemos (1987) o ecletismo foi sinônimo de progresso econômico inaugurado pelo café na cidade de São Paulo.

⁶ Situava-se entre duas estações ferroviárias, as atuais estações de metrô e trens metropolitanos de São Paulo. Além dos escritórios, o prédio projetado por Ramos de Azevedo e inaugurado em 1914, abrigava armazéns para os itens transportados através da ferrovia.

⁷ Durante a maior parte do período ditatorial, o DEOPS atuou como polícia política do estado de São Paulo, cujo edifício funcionou como centro de repressão, controle social e detenção de presos políticos.

O processo de tombamento, aberto em 1976, durou mais de 20 anos. Sua patrimonialização, mesmo que ocorrida em período democrático, se realizou à margem de uma participação social mais ampla, privilegiando o histórico arquitetônico associado à Estrada de Ferro Sorocabana e à modernização da cidade. As reformas realizadas no edifício ocorreram em tempos de democracia, com o nítido intuito de ocultação da história do período ditatorial (NEVES, 2014). A carceragem do DEOPS, onde diversos presos políticos foram detidos e torturados, foi quase totalmente descaracterizada entre a passagem dos anos 1990 e 2000 (SÃO PAULO, 2017). A restauração foi concluída em 2002 e o prédio recebeu usos diversos, enquanto centro expositivo.

A partir de 2004, quando o edifício passou a ser de responsabilidade da Pinacoteca, o Fórum de Ex-Presos e Perseguidos Políticos, em conjunto com outras organizações da sociedade civil, como a Comissão de Familiares e Presos Políticos, passaram a discutir e a pressionar para sua ocupação como lugar de memória crítico à repressão e ao terrorismo de Estado. O espaço foi reaberto com a denominação Memorial da Resistência, em 2008. Com base em ampla pesquisa e testemunhos de ex-presos políticos detidos no local, quatro celas da carceragem foram reconstituídas, em formato similar ao de *period rooms*, onde inscrições nas paredes foram refeitas pelos ex-presos em um ato simbólico de inauguração. A intervenção museológica foi uma tentativa de minimizar os danos causados pelo apagamento dos rastros traumáticos do passado (NEVES, 2014). Atualmente, o Memorial da Resistência de São Paulo conta com um centro de referência para pesquisa, atua na salvaguarda de acervo custodiado, possui auditório, área de exposição permanente, área para exposições temporárias e desempenha ações educativas-culturais, com enfoque temático sobre a resistência, controle e repressão política, não exclusivamente sobre o período da ditadura civil-militar brasileira.

A região do bairro da Luz, onde se encontra o Memorial da Resistência, no centro de São Paulo, tem recebido nas últimas duas

décadas alguns projetos significativos de revitalização urbana. O mais conhecido deles foi lançado em 2005 pela Prefeitura, sob o nome “Projeto Nova Luz”, propondo a requalificação dos espaços urbanos através da construção de novos equipamentos e de parcerias com empresas privadas por meio de uma concessão urbanística. Uma das propostas consistia na construção de um complexo cultural cujo programa comportava espetáculos musicais e de dança, projetado pelo escritório de arquitetura suíço Herzog e De Meuron, mundialmente reconhecido e vencedor do Prêmio Pritzker em 2001.

Este episódio colocou em evidência as intensas disputas e interesses diante do potencial imobiliário do centro da cidade. O projeto enfrentou a resistência de movimentos sociais, moradores e comerciantes, que temiam a escalada de um processo de gentrificação na região da Luz e da Santa Ifigênia (AMORIM, 2016, p.150). No local, as pressões imobiliárias já se manifestavam através das recorrentes ações policiais, que por anos atuaram de forma ostensiva para a expulsão de pessoas em situação de rua, expostas ao tráfico de drogas, que se encontravam nas proximidades.

Na última década, o acirramento dos embates políticos no Brasil se desdobrou para o campo da memória da ditadura civil-militar. Grupos de extrema-direita que se opunham às atividades da Comissão Nacional da Verdade,⁸ negavam ou até exaltavam as violências praticadas pelo regime. Em 2012, no limiar deste período, durante a rápida transformação da conjuntura política no país, um outro projeto foi proposto para a região do bairro da Luz, denominado Memorial da Democracia. Foi desenvolvido pelo escritório paulista Brasil Arquitetura, dos arquitetos Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, reconhecidos pela atuação em projetos de museus e de preservação do patrimônio. Embora não construído, o Memorial da Democracia se insere nesse ambiente de disputa pela memória. Localizado na mesma rua Mauá, seria um complemento ao atual Memorial da

⁸ A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011, para apurar as violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988 no Brasil.

Resistência, contribuindo, para além do novo espaço, como marco da memória da ditadura na paisagem do centro da cidade.

A região do bairro da Luz, que tem passado por diversas tentativas de reformulação, permanece como local de conflitos urbanos, de luta por moradia em oposição à crescente gentrificação, evidenciada através dos grandes projetos culturais encomendados a arquitetos de renome internacional. O Memorial da Democracia, por sua vez, edifício proposto em 2012 e não construído, marca a reviravolta política dos últimos anos no país. O Memorial da Resistência representa uma conquista pela preservação da memória política da ditadura, em meio às disputas pela cidade que se travam na região da Luz, local marcado pelos conflitos sociais e pela repressão na cidade de São Paulo.

2.3 MUSEO DE LA MEMORIA Y LOS DERECHOS HUMANOS: ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA LATINO-AMERICANA

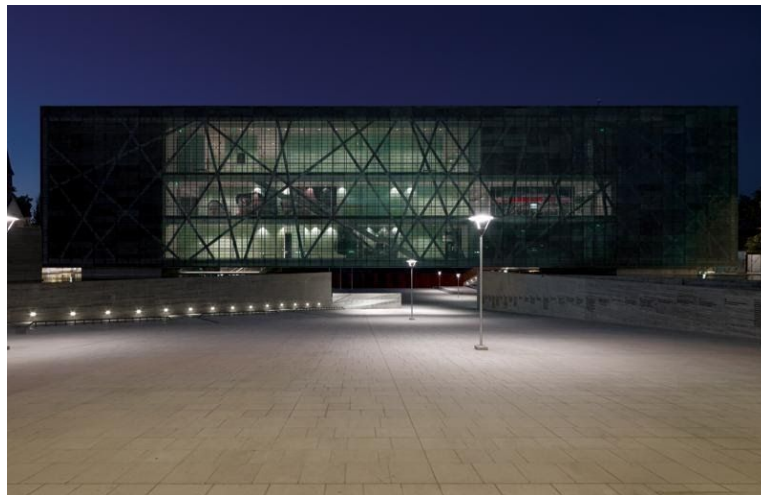
O Museu da Memória e dos Direitos Humanos, de Santiago, no Chile, criado para preservar a história das vítimas da ditadura civil-militar chilena e manter a defesa dos direitos humanos no país, conserva documentos que remetem ao período de 1973 até 1990. A construção do Museu, como lugar de memória, resultou de um concurso de abrangência internacional, durante o governo da Presidente Michelle Bachelet. Concursos de projeto de arquitetura são, por sua vez, formatos profícuos ao confronto de idéias que, frequentemente, resultam casos paradigmáticos para a história da arquitetura, capazes de estimular a crítica e o debate, propor novos rumos e gerar novos personagens ou uma nova geração de projetistas. São representativos de um momento histórico, da cultura de uma sociedade, das crises e das possibilidades de superação de uma hegemonia arquitetônica.

O concurso para o Museu teve mais de 50 propostas submetidas e 5 projetos premiados. Chama a atenção, entre os projetos escolhidos, a predominância de arquitetos de dois países: o próprio Chile, com escritórios sediados em Santiago, alcançando o segundo e terceiro lugares, além da primeira menção honrosa; e Brasil, com dois escritórios de São Paulo, que alcançaram o primeiro lugar e a segunda menção honrosa (PORTAL VITRUVIUS, 2007). A prevalência destes dois países aparece, neste caso, como possibilidade de compreensão das duas culturas arquitetônicas naquele momento.⁹

O projeto vencedor para o edifício inaugurado em 2010 é de autoria do grupo de arquitetura Estudio America, sediado na cidade de São Paulo pelos arquitetos e professores de arquitetura Mario Figueroa, Lucas Fehr e Carlos Dias, em conjunto com sua equipe. O edifício adota, de forma marcante, um elemento que aparece, também, nos demais projetos contemplados pelo concurso, que consiste na elaboração de uma praça que antecede a entrada no edifício evocando seu caráter cívico e que aparece, em maior ou menor grau, enterrada ou rebaixada a partir da cota da rua.

⁹ Não se tem, neste texto, o objetivo de aprofundar a análise dos projetos premiados no concurso. O foco da abordagem é a intenção dada ao edifício como lugar de memória e sua relação com os seus pares latino-americanos. Limitamo-nos à apresentação do projeto construído, sua dimensão como lugar de memória, seus vínculos com o momento e a tradição arquitetônica dos dois países e sua inserção na cultura arquitetônica latinoamericana.

Imagem 3 - Fachada iluminada do Museu da Memória e dos Direitos Humanos



Fonte: (MUSEU DA MEMÓRIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2010)

Este artifício determinado pelo ato de rebaixar certo patamar no terreno, enterrar parte do programa, movimentando as cotas e trabalhando com níveis distintos de modo a criar espaços públicos ou semipúblicos, é contemplado por um segundo recurso, uma estrutura, que pode ou não receber parte do programa e funciona como uma grande cobertura para a primeira. Esta descrição pode ser útil ao Museu da Memória, mas poderia servir a outros inúmeros edifícios icônicos da arquitetura brasileira:

A imagem mais forte do museu, neste sentido, é a de uma caixa de cobre que flutua sobre o vazio. Semelhanças com referências tão díspares como o MASP, de Lina Bo Bardi, ou o Mube, de Mendes da Rocha, são evidentes. O museu propriamente dito fica dentro desta caixa. São quatro andares constituídos como um grande ambiente sem sequência expositiva linear. (SERAPIÃO, 2010)

Aos exemplos do Museu Brasileiro da Escultura (MUBE), de Paulo Mendes da Rocha e do Museu de Artes de São Paulo (MASP), de Lina Bo Bardi, poderiam ser acrescentados outros edifícios que adotam a cobertura e o espaço público ou semipúblico como elemento primordial: o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP; o Centro Cultural São Paulo; a Praça das Artes ou o Instituto Moreira Salles mais recentemente,

todos na cidade de São Paulo e o Pavilhão Brasileiro na Expo 70 em Osaka. Mas, também, o Museu de Arte Moderna e o Palácio Capanema, no Rio de Janeiro; o Museu de Arte Contemporânea de Niterói; o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, em Salvador; o Edifício Central e da Reitoria da Universidade de Brasília e, por que não, a própria Catedral de Brasília, na qual a ideia de cobertura é fundamental.

Esta ideia é continuamente evocada pela literatura (SERAPIÃO, 2010), quando se trata do fenômeno do modernismo no Brasil, geralmente associada a uma tradição paulista. Temos o exemplo recente da exposição “Infinito Vão”,¹⁰ realizada em Matosinhos, Portugal, sobre a arquitetura brasileira (FERRAZ, 2019), que explora este aspecto, cujo o Museu da Memória de Santiago aparece como exemplo recente de sua permanência contemporânea. A referência a uma técnica recorrente na cultura arquitetônica brasileira é lembrada no memorial do projeto pelos autores, destacando-se o arquiteto Mario Figueroa, nascido no Chile, mas radicado no Brasil, onde fez toda a sua formação e construiu sua trajetória profissional:

A memória evidenciada, emergente, que flutua, suavemente elevada. Uma arca, onde se pode depositar todas as reminiscências da história chilena. [...] A estrutura da barra é íntegra, uma, e sem concessões evidencia a elevação da memória. Teremos uma materialidade etérea, qual pedra de Magritte. Assim, uma composição de treliças metálicas, um túnel, vence todo o vão, com a carga descarregando em quatro apoios nos limites. Nelas vinculadas, as caixas de exposição, translúcidas, que protegidas pelo afastamento das extremidades, garantem a controlada iluminação do Museu. (PORTAL VITRUVIUS, 2007)

A descrição de um volume elevado que “flutua” e vence um vão é acompanhada da menção aos materiais translúcidos, que remetem à contemporaneidade. Uma possível atualização da tradição arquitetônica referida, diante da condição globalizada da arquitetura. A utilização da

¹⁰ Exposição “Infinito Vão – 90 anos de arquitetura brasileira”, Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura, Matosinhos, 28 de setembro de 2018 a 28 de abril de 2019. Comissariado geral Nuno Sampaio. Curadoria Fernando Serapião e Guilherme Wisnik.

materialidade translúcida da caixa revelando o seu interior, mesmo que parcialmente, aparece como recurso simbólico que remete a uma dimensão cívica da arquitetura (FOSTER, 2017, p. 49-50), reforçada pela grande praça pública. Embora potente, operar este recurso simbólico acarreta o risco de surtir o efeito contrário, de tornar-se um gesto gratuito de promoção da arquitetura como imagem. Nesse sentido, quanto ao uso indiscriminado dos elementos translúcidos, algo recorrente na arquitetura contemporânea, Hal Foster alerta:

O que está implícito nesta arquitetura da leveza é que a transparência, desejada ou não, é impossível num mundo entregue à forma-mercadoria - ou seja, onde o mecanismo da maioria das coisas constitui outras tantas caixas pretas. (FOSTER, 2017, p.152)

Imagem 4 - Imagem aérea do Museu da Memória e dos Direitos Humanos em Santiago, Chile.



Fonte: (MUSEU DA MEMÓRIA E DOS DIREITOS HUMANOS, 2020)

Pedro Arantes (2010, p.72) reitera a tendência ao uso de materiais translúcidos entre os arquitetos do chamado *star system*, que obstrui a percepção do interior dos edifícios e da estrutura que os sustenta, ofuscando aquilo que os arquitetos modernos pretenderam revelar como intenção de uma postura ética. Neste ponto, tanto Arantes (2010), quanto Foster (2017), tratam do efeito dos novos materiais para a espetacularização dos edifícios e de sua sujeição à imagem na cultura contemporânea,

atravessada pelo consumo. Seus objetos de análise são os edifícios construídos nas últimas décadas nos centros avançados do capitalismo, por arquitetos, principalmente europeus, que ganharam projeção global.

O Museu da Memória e dos Direitos Humanos do Chile, sem dúvida, dialoga com esta conjuntura, impossibilitado de se desvencilhar destas imagens. De outra forma, ao aderir à uma cultura arquitetônica latino-americana, como costuma indicar a literatura quanto à sua filiação ao modernismo brasileiro, o edifício parece dar sobrevida a uma linguagem que parecia banalizada no Brasil desde a desagregação do moderno. Entretanto, mais do que a associação automática aos grandes vãos, sua potência parece estar em seu poder de síntese simbólica, capaz de sintetizar memória e caráter cívico num único elemento, como em alguns edifícios de Brasília.

2.4 ANÁLISE DOS LUGARES DE MEMÓRIA EM PERSPECTIVA COMPARADA

Para uma análise, em perspectiva comparada, quanto aos três lugares de memória referidos acima, destacam-se alguns pontos, considerados principais. Foram selecionados três lugares com trajetórias especialmente distintas. Porém, da mesma forma, são lugares socialmente marcados, utilizados como veículos ou suportes materiais de memória, com a finalidade de desenvolver a rememoração ativa, conscientizadora e democrática sobre os horrores das ditaduras civis-militares em seus países. A ex-ESMA, o antigo DEOPS e o museu da memória chileno foram inaugurados em 2004, 2008 e 2010, respectivamente. Isto é, as iniciativas de constituição como lugares de memória surgem no seio da sociedade civil e, posteriormente, se consolidam como políticas públicas de construção da memória, na primeira década do século XXI, quando ocorreu

o chamado *boom* de memória das ditaduras latino-americanas (WINN, 2014).

Portanto, temos três exemplos cujos percursos de inscrição de sentido são diferentes, mas, igualmente, representam êxitos nas lutas por memória. O primeiro, a ex-ESMA, em Buenos Aires, foi preservado. O segundo, o antigo DEOPS, em São Paulo, de certa forma, foi reconstituído. O terceiro caso, o museu da memória, no Chile, foi construído, a partir de elementos da arquitetura modernista, exclusivamente para abrigar a memória coletiva. Muito embora, nos dois primeiros casos de lugares tenham ocorridos graves violações dos direitos humanos, o que não ocorreu no caso chileno selecionado, os três exemplos são revestidos de simbologia, detêm a intencionalidade por parte da sociedade e, justamente, por isso, são considerados lugares de memória emblemáticos.

Com relação à patrimonialização desses bens, a ex-ESMA, em Buenos Aires, seria demolida para se tornar um parque público. Esse projeto foi barrado pela mobilização popular. O seu reconhecimento, enquanto bem de interesse público e com valor histórico nacional, se deu pelo valor simbólico, inclusive, através de via judicial. A sua preservação serviu como base para a persecução penal de torturadores e, também por isso, se tornou um modelo de referência em toda América Latina. O complexo de prédios sofreu alguma descaracterização durante o período ditatorial argentino, para ocultar os crimes praticados em seu interior. Mesmo assim, suas características, enquanto centro clandestino de detenção, foram preservadas e abertas à visitação pública.

No caso do antigo DEOPS, em São Paulo, sua patrimonialização, somente na esfera estadual, ocorreu por parte do poder público, sem participação popular direta, e se deu pelo seu valor arquitetônico, pertencente ao ecletismo paulista, inserido em um processo maior de revitalização de uma área específica da cidade. As descaracterizações ocorridas no imóvel, para apagar os vestígios dos crimes da ditadura,

curiosamente, ocorreram sob regime democrático e levaram à total destruição desses elementos. Por isso, posteriormente, uma pequena parte da carceragem foi reconstruída e inaugurada em ato simbólico com a presença de ex-presos políticos.

O exemplo do Chile, por sua vez, nos remete a um projeto arrojado, nos moldes do que também se fez, alguns anos depois, em 2012, no centro de São Paulo, com o projeto não construído do Memorial da Democracia. Edifícios contemporâneos, de arquitetura potente, designados como espaços de guarda da memória e marcos urbanos. O desafio colocado aos arquitetos para este tipo de programa é pautado pela capacidade de conferir ao espaço a transmissão da memória, sem recorrer de forma indiscriminada à promoção do edifício como imagem. Num segundo aspecto, que distingue o Museu da Memória de Santiago dos seus pares localizados em Buenos Aires e São Paulo, o edifício é capaz de projetar esta memória para a paisagem da cidade, o que expande a sua dimensão simbólica para além dos seus espaços expositivos internos. Um lugar de memória capaz de comunicar, através de seu edifício, a memória coletiva de um episódio traumático da história do país.

Assim, quanto à origem destes três lugares de memória latino-americanos, há algo que lhes é comum: são produtos de lutas políticas, de batalhas por memória, em uma conjuntura democrática, na qual é retomada a memória de um passado recente e traumático, representado pelas ditaduras civis-militares em que estiveram submetidos os três países. Este resgate é resultado da mobilização social. Muito embora tenham percursos completamente diferentes, nos três dispositivos mencionados, ocorreu, em algum momento, a intenção de parcelas da sociedade em constituir esses espaços como depositários da memória coletiva, com a finalidade precípua de conscientização. Em todos eles estão depositadas inscrições de sentido, que são transmitidas ao público por meio da arquitetura, das ações educativas, dos acervos e, também, de sua

própria preservação. Em resumo e esquematicamente, a comparação entre os três casos pode ser visualizada no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Quadro comparativo

	Espacio Memoria y Derechos Humanos (Ex-ESMA)	Memorial da Resistência	Museo de la Memoria y los Derechos Humanos
Período ou ano de construção do edifício	1924	1910-1914	2007-2010
Ano de patrimonialização	2004	1999	-
Esfera administrativa de patrimonialização	federal	estadual	-
Participação popular no processo de patrimonialização	sim	não	-
Ensejo do processo de patrimonialização	valor histórico/simbólico	valor arquitetônico	-
Ano de fundação/criação do lugar de memória	2004	2008	2010
Presidente do governo vigente à época da inauguração	Néstor Kirchner	Luiz Inácio Lula da Silva	Michelle Bachelet
Participação popular no processo de criação do lugar de memória	sim	sim	sim
Espaço expositivo para construção da memória	preservado	reconstituído	construído
Esfera administrativa responsável	federal	estadual	federal
Aberto à visitação pública	sim	sim	sim

Fonte: Elaboração dos autores

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três lugares se inserem em um movimento de resgate da história, em face aos crimes cometidos pelas ditaduras civis-militares contra os direitos humanos. Isto é possível em um momento de estabilização da democracia após décadas de ditadura, coincidindo com a existência de governos progressistas nesses países. No Chile, o início da concepção do

projeto do museu ocorreu em paralelo com os governos de Ricardo Lagos Escobar (2000-2006) e Michelle Bachelet (2006-2010 e 2014-2018), ambos do Partido Socialista. Movimento parecido ocorreu, também, na Argentina e no Brasil, quando ocupavam a presidência dos respectivos países Nestor Kirchner (2003-2007), do Partido Justicialista, e Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2006 e 2006-2010) do Partido dos Trabalhadores. Nos três casos, os presidentes sofreram algum tipo de perseguição política ou foram presos durante os regimes de exceção.

Conforme o “momento do perigo” referido por Walter Benjamin (1987, p.224), é papel do historiador retomar o passado dos que foram subjogados ou vencidos, contrapondo-se à história apresentada como progresso. Os lugares de memória apresentados neste trabalho retomam uma tradição: manter viva a história que se tentou ocultar com o fim das ditaduras. De diferentes formas, através da preservação e do restauro de elementos que foram apagados, ou da formulação de um novo espaço simbólico, estes lugares reivindicam por meio de suas arquiteturas uma história não linear, que mantém viva a memória coletiva.

4 AGRDECIMENTOS

Os autores agradecem, especialmente, à profa. dra. Nair Yumiko Kobashi, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCI/ECA/USP), pela orientação e à doutoranda em Ciência da Informação (PPGCI/ECA/USP) Mariana Ramos Crivelente por toda ajuda. O primeiro autor agradece também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida.

5 REFERÊNCIAS

AMORIM, Fernando de Oliveira. **Uma experiência de mobilização e resistência dos movimentos sociais no processo de planejamento**

urbano: o Projeto Nova Luz em São Paulo. 2016. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.16.2017.tde-19122016-151119.

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma.** 2010. Tese (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.16.2010.tde-01062010-095029.

ARGENTINA. MINISTERIO DE JUSTICIA Y DERECHOS HUMANOS DE LA NACIÓN. Secretaría de Derechos Humanos. **Espacios de memoria en la Argentina.** Buenos Aires: Ministerio de Justicia y Derechos Humanos de la Nación. Secretaría de Derechos Humanos, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo, Brasiliense, 1987.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. Arquitetura em vão? Sobre exposição da arquitetura brasileira em Matosinhos, Portugal. **Resenhas Online**, São Paulo, ano 18, n. 205.04, Vitruvius, jan. 2019. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/18.205/7231>. Acesso em: 28 maio 2020.

FOSTER, Hal. **O complexo arte-arquitetura.** São Paulo: Ubu Editora, 2017.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** Madrid: Siglo XXI, 2002.

JELIN, Elizabeth; LANGLAND, Victoria. **Monumentos, memoriales y marcas territoriales.** Madrid: Siglo XXI, 2003.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. O Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa (org). **Ecletismo na arquitetura brasileira.** São Paulo, Nobel, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. **Sobre o Memorial da Resistência.** Disponível em: <http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?mn=4&c=83&s=0#>. Acesso em: 30 maio 2020.

MUSEU DA MEMÓRIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Museu da Memória/Estúdio América.** s/d. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-715/museu-da-memoria-estudio-america?ad_medium=gallery. Acesso em: 27 maio 2020.

MUSEU DA MEMÓRIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Museu da Memória + Centro Matucana – Santiago – Chile.** 2010. Disponível em: <https://concursosdeprojeto.org/2010/05/02/museu-memoria-chile/>. Acesso em: 27 maio 2020.

NEVES, Deborah. **A persistência do passado:** patrimônio e memoriais da ditadura em São Paulo e Buenos Aires. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Proj. História**, São Paulo, (10), dez. 1993.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PORTAL VITRUVIUS. Concurso de Arquitetura Centro Matucana - Museo de la Memoria. **Projetos**, São Paulo, ano 07, n. 083.01, Vitruvius, jun. 2007. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/07.083/2840>. Acesso em 01 de julho de 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

RUSKIN, John. **The Seven Lamps of Architecture.** London: Smith, Elder, 1849.

SÃO PAULO (Brasil). Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. **Memórias resistentes, memórias residentes: lugares de memória da ditadura civil-militar no município de São Paulo.** São Paulo: Memorial da Resistência de São Paulo: Associação Pinacoteca Arte e Cultura, 2017.

SERAPIÃO, Fernando. Um museu para a memória chilena. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 de janeiro de 2010. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1801201017.htm>. Acesso em: 28 maio 2020.

WAISMAN, Marina. **O interior da história : historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos.** São Paulo, Perspectiva, 2013.

WINN, Peter. (ed.). **No hay mañana sin ayer: batallas por la memoria histórica en el Cono Sur.** Santiago: LOM Ediciones, 2014.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.



COOPERAÇÃO E TRÂNSITO ENTRE AS DITADURAS ARGENTINA E BRASILEIRA: O REGISTRO DE PESSOAS REFUGIADAS ARGENTINAS EXILADAS NO BRASIL (1977 – 1979)

*COOPERACIÓN Y TRÁNSITO ENTRE LAS DICTADURAS ARGENTINA Y
BRASILEÑA: EL REGISTRO DE LOS REFUGIADOS ARGENTINOS EXILIADOS
EN EL BRASIL (1977 – 1979)*

*COOPERATION AND TRANSIT BETWEEN THE ARGENTINIAN AND
BRAZILIAN DICTATORSHIP GOVERNMENTS: THE RECORDS OF
ARGENTINE REFUGEE'S EXILED TO BRAZIL (1977 – 1979)*

Ana Carolina Contin Kosiak¹ 

Marcos Gonçalves² 

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Resumo: O artigo objetiva analisar os registros dos órgãos de segurança sobre as pessoas refugiadas argentinas que fugiam em direção a seu exílio no Brasil durante o período que compreende os anos de 1977 e 1979. A pesquisa utiliza como fonte o material produzido pelo grupo de trabalho formado durante a ditadura militar brasileira pelos ministérios das Relações Exteriores e da Justiça, órgãos de informação das forças armadas (CIE, CENIMAR, CISA); e informes do ACNUR que definiam possíveis países de acolhimento para exílio. Analisa-se a documentação como parte constituinte dos “arquivos da repressão”. Abordam-se as redes de cooperação e trânsito entre as ditaduras como responsáveis pela forma de tratamento aos refugiados, e depois exilados, vindos de sociedades que enfrentavam governos ditatoriais. Foram ações determinantes para a política de mobilidade forçada. Discute-se a política sobre a fronteira, apresentando a forma como ocorria o controle de pessoas que transitavam da Argentina para o Brasil, e a recusa de acolhimento de refugiados como uma prática governamental que refletia os interesses das ditaduras.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Direito (Mestrado Profissional) da Universidade Positivo (UP). E-mail: anac.kosiak@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. E-mail: paideia_mg@yahoo.com.br

Palavras-chave: Ditadura civil-militar, Redes de Cooperação e Repressão, Refugiados argentinos, Exílio no Brasil, Arquivos da Repressão.

Resumen: El artículo tiene como objetivo analizar los registros de los órganos de seguridad, entre los años de 1977 y 1979, sobre las personas refugiadas provenientes de Argentina en dirección a su exilio en el Brasil. La presente investigación utiliza como fuente el material producido por el grupo de trabajo formado durante la dictadura militar brasileña por los Ministerios de Relaciones Exteriores, de Justicia, órganos de información de las Fuerzas Armadas (CIE, CENIMAR y CISA), e informes del ACNUR que atribuían estatus de refugiadas a los argentinos y definían posibles países de acogida para exilio. Esta documentación es considerada como parte de los “archivos de la represión”. Se abordan las redes de cooperación y tránsito entre las dos dictaduras como responsables por el tratamiento a los refugiados, y después exiliados, provenientes de sociedades que enfrentaban gobiernos dictatoriales. Tales redes fueron determinantes para la política de movilidad forzada. Se discute la política sobre las fronteras presentando la manera como ocurrió el control de las personas que transitaban de Argentina para el Brasil, y el rechazo a acoger refugiados como práctica gubernamental que reprodujo los intereses de las dictaduras.

Palabras claves: Dictadura Cívico-militar, Redes de Cooperación y Represión, Refugiados Argentinos, Exilio en el Brasil, Archivos de la Represión.

Abstract: This paper aims to analyze the records of security agencies on Argentinean refugees who fled Argentina to Brazil between 1977 and 1979. This paper is underpinned on documental sources produced by the working group created during the Brazilian military dictatorship by the Ministry of Foreign Affairs, the Ministry of Justice and Armed Forces information agencies (CIE, CENIMAR, CISA); and UNHCR reports that defined possible host countries for the exiles during that period. We analyzed documents considered as part of the ‘archives of repression’. We also tackle the cooperation and transit networks between these dictatorships, which were responsible for the treatment of refugees (who were exiled later) coming from societies that faced dictatorial governments as well. These networks were determinants for the forced mobilities policy. and as determinants for the forced migration policies. We also discuss the policy on the borders, particularly the way in which the control of people who transited from Argentina to Brazil occurred, as well as the refusal to host refugees as a governmental practice that reproduced the interests of these dictatorships.

Keywords: Civil- military Dictatorship, Cooperation and Repression Networks, Argentinian Refugees, Exile in Brazil, Archives of Repression.

1 INTRODUÇÃO

O artigo propõe discutir as políticas de colaboração entre as ditaduras argentina e brasileira no que se refere ao controle e vigilância dos cidadãos argentinos que buscaram refúgio no Brasil entre os anos de 1977 a 1979. Pretende-se analisar tal cooperação, a partir dos registros produzidos pelo ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) quanto à proteção de latino-americanos, em especial, argentinos, que ingressaram no Brasil, buscando alcançar a condição de refugiados por motivos políticos. O contexto histórico no qual se inscreve esta investigação corresponde a situações relativamente contrastantes quanto ao emprego de mecanismos repressivos na Argentina e no Brasil. Enquanto no país platino observava-se o auge do terrorismo de Estado, principalmente, institucionalizado pela prática indiscriminada da tortura e do desaparecimento forçado de pessoas, assim como, a desarticulação e aniquilamento dos movimentos de oposição armada; no Brasil era possível visualizar com mais frequência o discurso sobre a “abertura política” e a anistia, com o gradativo relaxamento dos aparatos repressivos.

Como metodologia, analisaram-se fichas elaboradas³ pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), que reuniam informações sobre as pessoas que haviam atravessado a fronteira entre Argentina e Brasil, e cujo objetivo era o controle da entrada, da

³ O material consultado está disponível em formato digital no Arquivo Nacional (RJ). Trata-se de documentação produzida pelo Ministério das Relações Exteriores e pelo Ministério da Justiça, a partir da formação de um grupo de trabalho que contou com a participação dos órgãos de informação e repressão das forças armadas. Para consultar as fichas -que chamaremos de *arquivos da repressão*- vide os registros identificados sob a seguinte classificação:

BRASIL. Arquivo Nacional – Documentos do Executivo e do Legislativo. Classificação BR.RJANRIO_TT_O_AVU_0056 – 357 páginas.

BRASIL. Arquivo Nacional – Documentos do Executivo e do Legislativo. Classificação BR.RJANRIO_TT_O_AVU_0054 a BR.RJANRIO_TT_O_AVU_0060.

permanência e da rápida saída dos refugiados do Brasil, concebendo essa documentação como parte constituinte dos *arquivos da repressão*. Embora ela não seja de tipologia especificamente policial, é considerada como uma manifestação de um sistema repressivo, que a classificava como "confidencial", motivo pelo qual levou muitos anos para ser liberada. A definição de "arquivos da repressão" abriga conjuntos documentais produzidos pelos órgãos de informação e segurança do aparato estatal em ações repressivas, durante períodos não democráticos e, ainda, a documentação produzida pelas organizações de Direitos Humanos em sua busca de informações sobre atingidos e de denúncia de ilegalidade e violências praticadas (BAUER, GERTZ, 2009, p. 173-193).

A periodização dos documentos corresponde aos anos de 1977 a 1979, tendo em vista que, sob o ponto de vista de conservação dos documentos, essa cronologia apresentou condições mais favoráveis no que se refere tanto à homogeneidade quanto à constituição de séries de informações mais consolidadas.

O artigo está organizado pelas seguintes seções: a primeira discute sobre a cooperação entre as ditaduras argentina e brasileira, e é seguida de uma discussão sobre a política exercida sobre a fronteira entre os dois Estados que enfrentavam governos ditatoriais. Após, discute-se a categoria do exílio como processo histórico de mobilidade forçada na América Latina, e, especificamente, sobre a temática do exílio de pessoas argentinas que possuíam *status* de refugiadas no Brasil, de forma quantitativa e qualitativa.

2 COOPERAÇÃO ENTRE AS DITADURAS ARGENTINA E BRASILEIRA

A ditadura civil-militar brasileira marcou um percurso de 21 anos de repressão e cerceamento das liberdades políticas, com graves repercussões quando o sistema democrático tradicional foi restaurado. Tal

processo sempre representou uma questão merecedora de tratamento analítico delicado por parte das ciências sociais, devido à conhecida história de autoritarismo político do país, e, igualmente, em face de compreender as complexas alternâncias do longo período de ruptura da ordem institucional legal. De 1964 a 1985, o Brasil vivenciou práticas arbitrárias de governo, implantando a utilização sistemática e cotidiana da violência enquanto maneira de garantir a “ordem” nacional, silenciar pessoas e grupos, e assegurar que o plano de governo desenvolvido fosse aplicado. Como resultado, cassações aos direitos políticos, restrições às liberdades e violações a toda sorte de direitos humanos tornaram-se lugares-comuns na sociedade (PADRÓS, 2008).

Tampouco para o Brasil, assim como para a Argentina, a intervenção militar de 1976 foi a primeira. A história do país é marcada por diversos processos de “reorganização nacional” que pretendiam, através da violência política estatal, restabelecer a ordem, reorganizar as instituições e criar as condições para uma “autêntica democracia” (NOVARO, PALERMO, 2007, p. 2). Os militares, portanto, não produziram uma intervenção política inédita, já que sua participação na política e no governo era recorrente. Em tempos de instabilidade, as forças armadas tomavam o poder, intervinham, “instauravam a ordem”, e “devolviam” o governo para as elites.

Entretanto, o golpe de 1976 marca o ineditismo de um programa de governo sob o comando militar. O grande diferencial do golpe de 1976 teria sido o de que foi o primeiro movimento de tomada de poder unanimemente apoiado por todas as três forças armadas. Segundo a visão de Novaro e Palermo, não só esse movimento foi mais consensual entre os militares, mas igualmente apresentou maior adesão entre a população (NOVARO, PALERMO, 2007, p. 30). Os militares então teriam assumido o papel de “salvadores da nação”, aqueles que iriam livrar a Argentina do mal peronista, e para cumprir tal dever criaram centros clandestinos de detenção que funcionavam como campos de concentração e extermínio.

A partir de uma análise transnacional sobre as relações dinâmicas entre as ditaduras argentina e brasileira, Enrique Serra Padrós e Melisa Slatman afirmam que apenas tratar sobre a Operação Condor⁴ como uma maneira de cooperação entre as duas ditaduras é uma resposta insuficiente. Portanto, abordam tanto as especificidades de cada Estado, como os produtos históricos regionais que possibilitaram as interações e dinâmicas de relação entre as duas experiências históricas próximas (PADRÓS, SLATMAN, 2014, p. 252).

Com enfoque na temática dos desaparecimentos, Padrós e Slatman realizam dois questionamentos sobre o debate que problematiza e compara as ditaduras argentina e brasileira. Primeiramente, questionam sobre o “por que desapareceram brasileiros na Argentina?”. Depois, perguntam o “por que desapareceram argentinos no Brasil?”. As respostas estão relacionadas às redes de cooperação entre as duas ditaduras, e o modo como cada uma exerceu a repressão. A combinação das ditaduras dentro das redes repressivas tinha como objetivos facilitar a repressão, a transnacionalização do terrorismo de Estado, a criação de uma comunidade de interesses econômicos e identidades políticas comuns, e a definição de diretrizes comuns que salvaguardassem a defesa da segurança nacional. Havia também uma rede de informação, que facilitava e permitia infiltrações, monitoramentos, e controle mais intensos. Todo “inimigo interno” era um inimigo interno de todas as ditaduras. O Brasil atuou para evitar que a desestabilização dos Estados vizinhos pudesse repercutir internamente com instabilidade ou mudanças bruscas. Por sua vez, as redes de coordenação dos militares argentinos superavam o Cone Sul no que diz respeito à atuação das embaixadas, e à infiltração nas organizações de exilados. Enquanto o caminho brasileiro foi de constituição gradual da repressão, no caso argentino, o caminho foi mais

⁴ A Operação Condor (também conhecida como *Plan Cóndor* ou *Operativo Cóndor*), iniciativa colaborativa entre os regimes ditatoriais do Cone Sul da segunda metade do século XX, foi uma articulação/organização transnacional cujo principal objetivo era a troca de prisioneiros e informações sobre os diversos movimentos de oposição existentes durante o período. O ano-marco de sua formação foi 1975, a partir de então, ações militares conjuntas foram realizadas por Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Em 1978, Peru e Equador também passaram a atuar nessa iniciativa transnacional (MARMONTEL, 2014, p. 113).

errático e a repressão mais intensa. O Brasil vivenciou um ritmo crescente quanto à especialização de seus organismos repressivos e ao nível de impacto da repressão no conjunto da sociedade; a especialização e complexidade dos organismos argentinos se produziram com anterioridade ao golpe de Estado (PADRÓS, SLATMAN, 2014, p. 261).

O objetivo da ditadura brasileira foi, na maior parte dos casos, desarticular a oposição, porém, resultando em contínuo recrudescimento das medidas repressivas, sobretudo, a partir de 1968, quando parte da sociedade atuou de forma mais efetiva na oposição à ditadura. Na Argentina, o alvo era o extermínio físico da oposição – ainda que o Brasil tenha empregado essa estratégia em algumas situações, como no caso da guerrilha do Araguaia. Segundo Padrós e Slatman, o modelo argentino pode ser considerado de planificação centralizada e execução descentralizada, sendo que o extermínio físico de determinados grupos surge como meio para reorganizar e enquadrar a sociedade num novo modelo desejado.

No caso argentino, é possível analisar a repressão como caracterizada pela política de aniquilamento físico daqueles que ensejaram uma contestação social e, conseqüentemente, a imposição da hegemonia das classes dominantes. Havia um circuito entre sequestro, tortura e desaparecimento, além do pacto com as outras ditaduras do Cone Sul⁵. Nos anos mais reativos, a ditadura argentina não favoreceu o exílio. Além disso, eram limitados os recursos documentais para descrever como operava a ditadura em relação ao controle de exilados⁶. Padrós e Slatman apontam que o Brasil foi um país de acolhida para quem escapava da repressão argentina. Além de militantes que estavam em trânsito, destacou-se a entrada de pessoas sem redes de contatos pessoais e políticos, e de pessoas com recursos econômicos limitados. Diferentemente da

⁵ Samantha Viz Quadrat (2007; 2011) desenvolve um interessante trabalho sobre o exílio argentino no Brasil ditatorial, possui diversas publicações e pesquisas sobre perseguição e colaboração entre as ditaduras militares do Cone Sul, dentre outras temáticas sobre a repressão e os regimes ditatoriais latino-americanos.

⁶ Há documentação significativa, embora pouco explorada, no Archivo del Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto, em Buenos Aires. Para mais discussão sobre documentação (especialmente diplomática), ver Setemy (2013) e seus apontamentos sobre uma história, “enfim, desarquivada”.

Argentina, o Brasil contou com um registro eficiente das pessoas que cruzavam a fronteira e obtinham o *status* de refugiados – permanecendo no Brasil até um possível futuro exílio em outro país.

Padrós e Slatman (2014) apontam o período entre 1976 e 1977 como o de maior afluxo de refugiados argentinos para o Brasil; e que o período de 1975 a 1978 representou o ápice da repressão na Argentina (tendo seu auge nos meses imediatamente posteriores ao golpe de março de 1976)⁷.

O Brasil presenciava uma tendência inversa: o aumento da rede repressiva argentina coincide com o início de uma desaceleração repressiva no Brasil, que já havia vivido o auge da sua repressão, aproximadamente entre 1968 (marcado pelo Ato Institucional nº 5) e 1974⁸. Padrós e Slatman destacam um primeiro grande surto repressivo logo após o golpe de 1964, voltado principalmente para o grupo político do presidente deposto João Goulart – o segundo momento, a partir de 1968 tem como alvo principal jovens de organizações opositoras, ciclos que inclusive provocaram o exílio de muitos brasileiros para países vizinhos, como o Uruguai e a própria Argentina.

Esse relativo abrandamento da repressão ditatorial pode ter tornado o Brasil um país relativamente atrativo para aqueles que desejavam fugir da Argentina, principalmente levando em conta que há fronteira territorial entre ambos os Estados. Outros aspectos, porém, tornavam o Brasil ainda um local de perigo. Um deles é o que o período analisado coincide, em grande parte, de acordo com Padrós e Slatman, com as ações da Operação Condor, o maior plano de cooperação repressiva entre as ditaduras do Cone Sul. Além disso, esses governos defendiam que a ameaça subversiva não possuía fronteiras e, portanto, seu combate também não deveria possuir. Por isso mesmo o governo brasileiro, que já acreditava ter

⁷ Para pensar a questão geracional determinada por um evento, ver SIRINELLI (1996).

⁸ Apesar de o governo Geisel ser tratado como de “abertura” e menor violência repressiva, sabe-se que a realidade era distinta dos *slogans* que se referem ao período. O pesquisador Matias Spektor (2004), trabalhou com a documentação da CIA, agência de inteligência estadunidense, que comprova não apenas a ciência de Geisel a respeito das violências do regime, como seu endosso pela violência e os assassinatos sumários. Segundo Borges (2018), o documento de 1974 descreve a “*decisão de Geisel de continuar com execuções sumárias*”, e relata que cerca de 104 pessoas foram “*executadas sumariamente*” em um ano.

alcançado uma certa estabilidade interna na segunda metade da década de 1970, continuava preocupado em não permitir a instabilidade em seus vizinhos, o que poderia reverberar internamente. Assim, da mesma forma com que o Brasil não aceitava com boa vontade refugiados de outras ditaduras, a Argentina procurava evitar o fenômeno de trânsito entre os Estados.

O governo argentino estabeleceu rígido controle sobre as fronteiras, compartilhava informações com outras ditaduras e expandia a repressão às embaixadas argentinas no exterior (inclusive na Europa) (PADRÓS, SLATMAN, 2014). Por isso, se muitos argentinos fugiam para o Brasil, pelas tendências inversas da repressão interna e pelas fronteiras terrestres, a grande maioria, com o auxílio do ACNUR, permanecia somente alguns meses no Brasil e rumava para outras localidades. Padrós e Slatman destacam que, após 1978, a repressão começa a diminuir nas duas ditaduras, em decorrência dos conflitos entre nações, crise na coordenação repressiva internacional, condenação de organismos internacionais e perda relativa de apoio dos EUA (PADRÓS, SLATMAN, 2014). Depois de 1979, os registros mais completos começam a escassear. Como motivos, podem ser elencados a debilidade dos arquivos devido a uma possível má gestão arquivística (fato que ocasiona a também possível perda de informações); e um refluxo na política repressiva mais ostensiva. Além disso, o ano de 1979 representa uma crise terminal do ciclo de ditaduras, marcando a institucionalização de processos de justiça de transição.

O lugar estratégico que ocupam as fronteiras -espaços sensíveis- como território de passagem de exilados e expulsos, e cenário de articulação das redes de cooperação entre ditaduras fornece informações sobre o funcionamento dos modelos repressivos no aspecto da expulsão política e o conseqüente desterro. Sznajder e Roniger indicaram que uma das características essenciais das ditaduras do Cone Sul foi o caráter massivo (especialmente nas realidades argentina e chilena) que assumiram os exílios como a outra face da radicalidade durante a exclusão

política dessas ditaduras (SZNAJDER, RONIGER, 2014, p. 262). Em outros estudos, os autores interpretaram as formas de desterro político ocorridas durante as ditaduras como manifestações que ocasionam a exclusão institucional de setores sociais opositores a tais sistemas autoritários impostos à margem da legalidade. Nesse sentido, o termo exclusão institucional abriga um amplo conjunto de significados que o inscreve, igualmente, em uma conceituação abrangente, sem que se destitua sua historicidade ou se lhe atribua um valor ontológico superestimado (SZNAJDER, RONIGER, 2014, p. 31). Tendo em vista que tais episódios dizem respeito aos processos históricos de violência política que marcaram a região, e que, por sua vez, desencadearam recorrentes situações de proscricção política, acreditamos que uma reflexão mais pormenorizada e compreensiva da política sobre a fronteira adotada pela ditadura pode auxiliar a descobrir alguns desses aspectos quanto às suas especificidades.

3 A POLÍTICA SOBRE A FRONTEIRA

O refúgio de exilados argentinos no Brasil, para que adquirissem, e posteriormente, vistos de saída, foi uma prática recorrente durante a vigência dos dois regimes repressivos. Vale ressaltar que poucas pessoas possuíam passaporte, à época, e que o trânsito entre a maioria dos países do Cone Sul exigia apenas a identidade. Entre outros métodos para controle dessas pessoas, bem como a manutenção de vigilância e sua saída o mais breve possível do território brasileiro, um grupo formado por membros do Ministério da Justiça em conjunto com o Ministério das Relações Exteriores, requisitou ao ACNUR a elaboração de fichas que contivessem informações sobre as pessoas que haviam atravessado a fronteira.

Convém lembrar que à época o ACNUR não possuía representação formal no Brasil, e todas as suas ações em defesa dos refugiados apareciam sob delegação do PNUD (Programa das Nações Unidas para o

Desenvolvimento), que mantinha escritórios no Rio de Janeiro e em Brasília (GONÇALVES, 2015, p. 38). Para isso, foram requisitados, junto ao ACNUR, os dados completos dos ingressantes, a começar pela qualificação completa do indivíduo, os acompanhantes, local de entrada, forma de entrada, local de permanência e data de entrada. Desta forma, o governo poderia mapear os locais de maior entrada, saber o tempo restante que o refugiado teria no país de forma legal, e o local de permanência, para manter a vigilância. A tentativa de controle da entrada da população argentina pelo governo brasileiro deveu-se à entrada de um número expressivo de pessoas no território brasileiro e ao temor de que esses “subversivos” passassem a se fixar no Brasil de forma permanente. Serviu também para propagar o medo entre aqueles que pretendiam vir para o país.

Em setembro de 1977, membros do Ministério da Justiça e das Relações Exteriores, do Serviço Nacional de Informações e do observador da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, formaram um grupo de trabalho informal que discutiu e determinou a política do governo brasileiro para com os “refugiados” sob a proteção do ACNUR. O documento final produzido após a reunião desse grupo teve como objetivo prestar contas aos órgãos de informação da ditadura – especialmente o Centro de Informações do Exército (CIE) – sobre qual seria a política adotada pelo governo federal para a concessão de vistos de saída a “subversivos” estrangeiros, conhecidos como refugiados pela ONU⁹. Além disso, temas como o “problema da permanência dos refugiados” em território brasileiro, bem como o controle do trânsito em fronteira, e a preocupação do governo brasileiro também foram tratados no documento.

O Brasil alegava não reconhecer oficialmente tais pessoas como refugiadas, mas afirmava que aceitava a situação por razões “estritamente políticas e humanitárias”. O governo entendia que os termos jurídicos não

⁹ BRASIL. Arquivo Nacional Brasil. Coordenação de Documentos Escritos – Documentos do Executivo e do Legislativo, BR.AN.RIO.TT.O.MCP.PRO.986, Processo GAB nº 100.707 – 23/09/1977.

se aplicavam ao contexto latino-americano, devido às limitações geográficas e temporais expostas na Convenção da ONU sobre o *Status* dos Refugiados (1951) e seu Protocolo (1967)¹⁰.

A reunião do grupo informal resultou em uma série de determinações. Foi definido que caberia ao ACNUR retirar do Brasil as pessoas às quais tinha dado proteção, uma vez que o governo brasileiro havia se eximido de toda a responsabilidade do tratamento direto com as pessoas que entravam no país. Apesar disso, determinava que novas medidas deveriam ser tomadas, caso o número de refugiados viesse a aumentar. Houve, também, a determinação de que fosse organizado um fichário completo de todas as pessoas que tivessem se colocado sob a proteção do ACNUR – dados esses que o próprio ACNUR consentiu em fornecer.

O grupo de trabalho posicionou-se afirmando que “tolerância e boa-vontade” não eram inesgotáveis, e que os exercícios de controle e fiscalização (já existentes) poderiam ser aumentados, incidindo sobre aquelas pessoas que representassem uma margem maior de risco. Ademais, exigiam que houvesse uma condução política, e não apenas estritamente jurídica, da questão da entrada e saída de pessoas do território brasileiro. Segundo o documento produzido, deveria haver, além do máximo de vigilância durante a permanência das pessoas no Brasil; o

¹⁰ Segundo a Convenção de 1951 (Art. 1º, seção A, 2), “o termo ‘refugiado’ se aplicará a qualquer pessoa que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.” Para os fins da Convenção, “as palavras ‘acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 do art. 1º, seção A, poderão ser compreendidas no sentido de ou a) acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 na Europa; ou b) acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 na Europa ou alhures”. Seu protocolo publicado em 1967 (Artigo 1, §2) determina que “o termo ‘refugiado’ significa qualquer pessoa que se enquadre na definição dada no artigo primeiro da Convenção, como se as palavras ‘em decorrência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951’ e as palavras ‘como consequência de tais acontecimentos’ não figurassem do §2 da seção A do artigo primeiro”. O documento de 1967 derruba, portanto, as reservas temporal e geográfica antes estabelecidas para o reconhecimento da categoria jurídica do refúgio. Embora o Protocolo de 1967 tivesse adotado uma postura mais flexível, tornando o refúgio uma categoria atemporal; a reserva geográfica ficou mantida em Estados como o Brasil, reafirmando tal dispositivo, e considerando como refugiados apenas pessoas de nacionalidade europeia. O acesso pode se dar em ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados**. 28 de julho de 1951. Disponível em: http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portuques/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados

máximo de pressão para a saída delas. Para ele, a liberdade de locomoção dentro do território facilitaria supostas atividades subversivas. Nessa toada, temiam o fato de o número crescente de refugiados estar ganhando repercussão política e jornalística. Para os membros do grupo de trabalho, isso estaria “tornando o Brasil uma espécie de ‘ponte’ para subversivos sul-americanos atingirem outros países” (BRASIL, 1977, p. 7). Por isso, acreditavam na necessidade de serem tomadas medidas mais rigorosas e objetivas para dificultar e desestimular a ação do ACNUR.

O grupo decidiu por tolerar refugiados apenas sob a proteção do ACNUR, destacando que os endereços dos locais onde as pessoas ficariam “confinadas”, às custas da ONU, deveriam ser fornecidos. Além disso, exigiam que fossem apresentados ao Departamento da Polícia Federal (DPF), em 24 horas após sua entrada, para serem fichados (oferecendo informações como qualificação, fotografias, data, local e forma de entrada). A saída do país deveria ocorrer em 30 dias, sob pena de deportação sumária; e as pessoas que se encontrassem em território brasileiro não poderiam realizar nenhum exercício de qualquer tipo de atividade política contra o Brasil ou seu respectivo país de origem, sob pena de deportação imediata. O governo brasileiro exerceria funções de controle. Não aceitaria a presença de “refugiados” que entrassem com nomes e documentos falsos, acompanharia as atividades, fiscalizaria bagagens quando as pessoas deixassem o Brasil, e designaria outras medidas de controle a serem realizadas por meio dos órgãos de segurança. Considerando o caráter especialmente político do tema, determinou-se que os contatos do ACNUR deveriam ser feitos diretamente com o Ministério das Relações Exteriores (MRE).

A criação oficial de um grupo de trabalho para reexaminar o assunto também ficaria a cargo do poder executivo. Caso o governo decidisse não mais tolerar a presença de refugiados no Brasil, seria estipulada uma data, a partir da qual o ACNUR ficaria impedido de exercer suas atividades no Brasil, em consonância com os aspectos jurídicos em vigor (Estatuto de

1951 e Protocolo de 1967).

Além desse documento que registrou a atividade do grupo de trabalho informal, há um compilado de correspondências entre responsáveis pelos mecanismos de controle e segurança nacionais, que aborda a questão do trânsito de pessoas nas fronteiras brasileiras, destacando a posição do Brasil como “não-envolvido” na situação problema, e designando outras funções e determinações ao ACNUR, além daquelas que o órgão já exercia.

Os documentos também tratavam a questão como “problema dos refugiados”, se utilizando da expressão “problema da permanência”. Segundo eles, a tendência ao aumento do fluxo de cidadãos de países limítrofes, mormente argentinos, dificultaria, cada vez mais, o controle das fronteiras brasileiras. Retomavam a ideia de que teria havido fortes pressões para o Brasil atender ao apelo do ACNUR, uma vez que, juridicamente, só eram obrigados a receber refugiados europeus. Além disso, os documentos criticavam a unilateralidade do *status* de refugiado; e do fato de o governo brasileiro considerá-los como “pessoas em trânsito” – e que essa tolerância se daria enquanto durassem as gestões do ACNUR. Mesmo só havendo notícias de acolhimento das pessoas por parte do ACNUR, o governo ainda determinou que o órgão deveria informar as razões que o levariam a recusar o reconhecimento do *status* de refugiados. Segundo a documentação, existiam três categorias de refugiados: os de entrada legal/regular (com documentos reais e passagem pelos postos de fronteira); os aparentemente regulares (que se utilizaram de documentos falsos); e os absolutamente irregulares (que passaram a fronteira clandestinamente). Dentro da categoria que separava as pessoas pela forma de entrada, é possível destacar que muitas delas foram cadastradas como turistas – o que gerava um problema para os mecanismos de controle, já que a legislação brasileira não previa o controle de turistas.

Existia uma preocupação quanto aos antecedentes de militância

política de algumas das pessoas na lista do ACNUR. A atenção também era voltada para evitar uma repercussão política e jornalística nacional e internacional desfavorável ao governo. Havia, ainda, a proposta de reforçar o policiamento (ostensivo e velado) às instalações da ONU no Brasil, para evitar incidentes com fins publicitários (como ocupações e greves de fome, por exemplo). Um interessante dado trazido pelas correspondências é que havia indícios de que o ACNUR dava prioridade alta aos refugiados na Argentina, Chile, Uruguai e Peru – consideradas realidades mais críticas (BRASIL, 1977, p. 46). A preocupação do governo brasileiro também recaía sobre a decisão do governo argentino em conceder liberdade aos presos políticos (“indesejáveis políticos”) desde que abandonassem o país.

Ao analisar a documentação, é possível perceber que existem três formatos de fichas, que se diferenciam pela quantidade de informações que passaram a ser incluídas. Acompanhando possível pressão do governo brasileiro sobre o ACNUR para controle maior dos refugiados, as fichas com informações mais completas são aquelas feitas posteriormente. Portanto, conforme a atuação do órgão ia se expandindo, maior cobrança foi gerada pelo Estado para a manutenção do “controle” sobre os “subversivos” que chegavam ao Brasil. Além das fichas de entrada, existiam documentos que se referiam à saída das pessoas do território brasileiro. Eram ofícios formais, caracterizados pela rubrica de “secreto-urgentíssimo”, enviados pelo ACNUR aos ministros da Justiça e das Relações Exteriores. As cartas indicavam o nome das pessoas que estavam saindo do Brasil, a data de sua saída, e o país a que se destinavam. A partir do documento produzido pelo grupo de trabalho informal, e das correspondências entre os representantes dos órgãos estatais relacionados à segurança nacional, é possível compreender que houve uma recusa por parte do governo brasileiro em qualificar as pessoas vindas da Argentina (e de outros países latino-americanos) como “refugiadas”. Isso se deu especialmente pela interpretação dos termos jurídicos da Convenção da ONU sobre o Estatuto dos Refugiados (1951) e seu seguinte Protocolo (1967), que abriram margem

para que o governo brasileiro alegasse limitações geográficas e temporais da definição do refúgio como justificativa para que o governo não fosse obrigado a atuar nessa questão.

O fato de exercer atividades de cooperação com o contexto político repressivo dos Estados dos quais as pessoas saíram também era um fator que influenciava a postura brasileira. Ainda, o governo também preferiu se afastar do contato direto com os refugiados, permanecendo em uma situação de controlador e fiscalizador. Todas as ações de entrada e saída do território eram realizadas por representantes do ACNUR, que deveriam preencher documentos e relatórios sobre a condição de entrada dos refugiados, seus dados pessoais, e, após o período de permanência no Brasil, o local de acolhida – e de exílio. Na próxima seção atribuímos ênfase ao exílio enquanto uma categoria polissêmica, e enquanto drama de alcance global, mas que apareceu como síndrome recorrente da política latino-americana ditatorial.

4 O EXÍLIO COMO PROCESSO DE MOBILIDADE FORÇADA NA AMÉRICA LATINA

O refúgio, como um processo de proteção temporária, apresenta-se como um importante instrumento internacional de proteção ao indivíduo perseguido. É considerado, nesse contexto, como uma etapa anterior ao exílio, também muito presente na história latino-americana, principalmente quando se aborda a *história recente* das ditaduras militares das décadas de 1960 a 1980.

As fronteiras, nesse contexto, adquirem um significado especial. As definições de exílio são muitas, e têm ênfases variadas, versando entre a limitação das liberdades pessoais, condições de expulsão baseadas em mudanças radicais das circunstâncias, sentimento de alienação, ato de coação e forma de escapar da perseguição ou da violência política e civil,

que serão apresentados na sequência. Juntamente com essa variedade semântica nas dimensões social e política, o exílio é também um mecanismo de exclusão institucionalizada.

Percebe-se que, mais do que abordar única e exclusivamente o funcionamento dos regimes autoritários, e até mesmo aspectos generalizadores da experiência do exílio, para se construir uma história da experiência exilar, devem-se fomentar seus aspectos multidisciplinares, sua relação com a memória, a pluralidade de experiências coletivas, e a formação de identidades. Roniger apresenta essa ideia temática como a emergência da história contemporânea ou do "tempo presente", sustentada em testemunhos orais e na abertura de arquivos sobre a repressão, que permitem entender em profundidade o entorno transnacional do asilo, a repressão e os contatos entre exilados de distintos Estados (RONIGER, 2011, p. 48). Sznajder e Roniger também definem o exílio como um mecanismo de exclusão política e da vida pública, em que alguém foi forçado ou pressionado a abandonar seu Estado de origem ou lugar de residência, sendo impossibilitado de regressar até que ocorra uma modificação nas circunstâncias políticas (SZNAJDER, RONIGER, 2014, p. 40).

Apesar de apresentarem uma definição sobre essa prática de mobilidade forçada, os autores afirmam que a condição de exílio possui muitas definições que são permeadas entre si. Dessa forma, além de consequência de governos autoritários, e de uma limitação da liberdade pessoal, podem ser incluídas tanto as condições de expulsão, como o ato voluntário de expatriação fundamentado em uma mudança radical de circunstâncias. Quando abordam a questão do exílio em série, Sznajder e Roniger apresentam um grupo de indivíduos que abandonaram seus países de origem e encontraram refúgio em um país disposto a recebê-los como exilados ou refugiados, e que se encontram em uma situação em que, devido a transformações políticas e ainda impossibilitados de voltar a seus próprios países, se vêm forçados a abandonar seu novo país de residência para um novo exílio (SZNAJDER, RONIGER, 2014, p. 45). Essa

exposição explica os denominadores comuns das ditaduras latino-americanas que, além de configurarem a saída de muitas pessoas dos seus países de origem, eram também espaços de trânsito entre a repressão e o exílio. Nesse aspecto é possível compreender que Brasil, Bolívia e Peru, por exemplo, foram países de exílio. Mas, para muitos, foram também lugares de trânsito até outros destinos, escalas nas rotas de escape, refúgios provisórios na espera de documentação ou dinheiro que permitiram continuar a travessia (YANKELEVICH, 2008, p. 215). Diante disso, é possível compreender que, apesar da dimensão política do exílio ter sido muito importante, ela não foi a única. Isto é, o exílio político, produzido pelo terrorismo de Estado não foi apenas uma das motivações para o abandono das pessoas de seu país de origem, que carregavam uma diversidade de experiências pessoais, laborais e políticas. Assim, deve-se reconhecer que a experiência da condição do exílio foi plural. Houve múltiplos exílios desenvolvidos sobre uma variedade de motivos e de práticas políticas e sociais, implantadas em cada uma das nações onde os expatriados encontraram exílio (YANKELEVICH, 2008, p. 214). A documentação que evidencia as negociações entre o ACNUR e a ditadura brasileira revela que a diáspora argentina no período atingiu altos índices de mobilidade, transformando o Brasil em um dos corredores de acesso a países da Europa, principalmente.

5 EXÍLIO ARGENTINO

O exílio se converteu em um modo central de se "fazer política" no período das ditaduras militares latino-americanas (RONIGER, 2011, p. 33). O fenômeno é visto em uma dinâmica política institucional de exclusão importante e um fator permanente na cultura política da América Latina, centrando-se em um hiato nas relações entre cidadania e nacionalidade, gerando impactos próprios nas esferas públicas dos países da região (RONIGER, 2011, p. 33) Assim como as cooperações e interações entre os

modelos repressivos e redes de coordenação das ditaduras, o estudo sobre o exílio apresenta singularidades e confluências entre os exílios instaurados pelos regimes dos países do Cone Sul (Argentina, Uruguai, Chile e Brasil). Isso ocorreu, principalmente, pelas realidades enfrentarem o mesmo contexto internacional e a origem comum das ditaduras. Muitos dos eixos de análise da condição exilar latino-americana requerem a combinação de níveis e escalas múltiplas (local, nacional, regional, internacional, transnacional); e perpassam pelos vínculos dos exilados com o país de residência, ou transição. As especificidades históricas nacionais na descrição dos processos transnacionais são fundamentais para a compreensão das experiências e fenômenos.

Discutindo o contexto ditatorial argentino, Jensen aponta o exílio dessa ditadura como uma novidade que chama a atenção pelo grande número de pessoas exiladas, por sua extensão temporal, transversalidade e militância, e forma de diáspora (JENSEN, 2011, p. 4). Para ela, o desterro de 1976 é considerado um fenômeno inédito e singular. Muito antes do forte interesse historiográfico pelo exílio, já havia uma simbiose entre a história da literatura argentina, a realidade cultural, e o fenômeno do exílio (JENSEN, 2011, p. 4).

Yankelevich elucida que a temática do exílio foi muito abordada a partir da explosão de memórias na Argentina, principalmente após os 30 anos do golpe de Estado (YANKELEVICH, 2008, p. 205). O exílio deve ser considerado, então, para além das definições aqui já citadas, como um espaço de luta anti-ditatorial e de busca por mecanismos que permitiriam condenar aos responsáveis pelos crimes (YANKELEVICH, 2008, p. 222). Nesse sentido, o autor aponta que os contatos internacionais do exílio argentino não transitaram pelos canais partidários e institucionais, mas resultaram de esforços pessoais e das próprias organizações gestadas no exílio. O autor apresenta algumas preocupações do núcleo de exilados argentinos: a necessidade de discutir a derrota política pensada basicamente desde um peronismo de cunho *montonero*, realizando uma

crítica à experiência guerrilheira; a análise da situação política e econômica da Argentina; a concepção dos problemas da construção e do sentido de democracia; e a própria discussão sobre a crise do marxismo (YANKELEVICH, 2008, p. 225).

Em suma, o exílio argentino é visto como a ação do terrorismo de Estado na Argentina. Esse fenômeno teve consequências como o desenraizamento, a perda de identidade, e a interrupção violenta de todas as atividades cotidianas. Os exilados, por sua vez, desenvolveram uma ativa pressão sobre a ditadura militar. Por isso, o exílio argentino a partir de 1976 deve ser entendido como um processo coletivo, porém desenvolvido a partir da somatória de ações individuais. A reconstrução desse passado se faz importante para a compreensão tanto da ditadura como para a construção da memória individual de cada pessoa em particular.

Segundo Jensen, o recém-institucionalizado campo da *história recente* vem a partir da década de 1990 considerando como centro da agenda pública argentina: o debate sobre as consequências do autoritarismo, as formas de militância setentista, a violência política, a ditadura militar e o exílio. Há uma necessidade de se estabelecer novos caminhos temático-problemáticos para compreender a complexidade do exílio e da própria Argentina nos anos 70. Jensen considera que uma história do exílio permite não só uma investigação sobre o funcionamento do Estado terrorista, mas analisar também a origem e o desenvolvimento das organizações armadas, as formas de transição da ditadura para a democracia, o desenvolvimento dos direitos humanos, e as práticas, valores e ideais de militância política. No caso do exílio argentino, e como observaremos em seguida, pessoas que se sentiam ameaçadas pelas condições impostas, procuraram em outra ditadura o impulso para recompor a vida a partir de um tríplice roteiro: fuga da Argentina, refúgio no Brasil, exílio em algum país disposto a recebê-los.

6 DOCUMENTAÇÃO SOBRE O REFÚGIO DE EXILADOS ARGENTINOS NO BRASIL

Na documentação produzida pelo grupo de trabalho sobre o refúgio no Brasil, o governo brasileiro mostrou sua preocupação com a entrada sem controle de “subversivos” argentinos, com o apoio do ACNUR, em seu território. O governo exigiu uma série de mecanismos de controle que o mantivesse distante do tratamento direto com os refugiados, mas que fosse possível a fiscalização da situação da fronteira e, se necessário, a aplicação de medidas que contivessem a entrada das pessoas no país. Com isso, foram implementadas as fichas de entrada e de saída das pessoas argentinas, de modo a assegurar que o governo controlasse quem eram essas pessoas, e qual seria a destinação dada a elas. Pode-se compreender que a memória dos processos de mobilidade forçada está relacionada com uma magnitude quantitativa, o grau de afetação da pirâmide social e seu peso qualitativo. Analisar alguns dados quantitativos dos agentes sociais do refúgio e do exílio pode servir de base para futuras análises e compreensões do fenômeno, sempre levando em conta os aspectos individuais e coletivos de um momento histórico amplo, transversal e, ao mesmo tempo multifacetado, repleto de singularidades. Ao realizar a análise das pessoas refugiadas, é possível, a partir das informações fornecidas nas fichas, discutir o perfil dos argentinos que fugiam para o Brasil.

No período de 1977 a 1979, a documentação disponível para uma medição mais rigorosa, aponta que entraram no Brasil 1229 pessoas. Dentre elas, 456 eram homens, 381 mulheres e 392 crianças. Desses mesmos dados, foram encontradas 777 pessoas argentinas; dentre elas 287 homens, 239 mulheres e 251 crianças. Apenas com esses dados referentes ao gênero, é possível compreender que a perseguição da ditadura e, portanto, a busca de refúgio atingia ambos os gêneros. Outro dado passível

de análise é uma problematização da própria fonte. Em um primeiro momento, poderíamos supor que o indivíduo principal da fonte é a pessoa refugiada em si que está sendo perseguida na Argentina, e os demais seus acompanhantes. Porém, observa-se que, salvo nos casos em que uma mulher entrara no Brasil sozinha ou acompanhada somente de seus filhos, o indivíduo principal é sempre o homem.

É razoável supor que não somente as mulheres que entraram sem homens adultos, mas muitas das outras listadas como acompanhantes, também estivessem envolvidas na resistência (ou então o casal fosse o envolvido, o que era comum) e que houvesse uma hierarquia sexual (consciente ou inconsciente) dos órgãos que as elaboraram, o que pode ser concluído pela forma como as fichas foram elaboradas. Mesmo que não envolvidos diretamente, parentes de opositores também corriam perigo, e, ainda que não fossem individualmente perseguidos, compõem grupos de exilados, pois também tiveram que abandonar seus lares e se arriscar numa fuga para outro local. Nesse sentido, uma análise mais detalhada sobre os acompanhantes pode elucidar melhor os envolvidos nesse processo de passagem na fronteira.

Os números argentinos mostram que 40% das entradas eram de casais com filhos; 29% delas eram homens sozinhos; 11% casais sem filhos; 10% mulheres; 8% mulheres acompanhadas pelos filhos; e 2% homens que traziam seus filhos. A primeira informação que chama a atenção é a forte presença de famílias. Se forem somadas as porcentagens dos indivíduos que entraram sozinhos, o resultado será de apenas 21% de todas as entradas. Isso demonstra que o caráter totalizante da ditadura argentina também repercutia no número de pessoas que atravessavam a fronteira. Mesmo que não envolvidos na resistência, familiares, amigos ou meros conhecidos de opositores da ditadura corriam risco. Assim, faz sentido que muitos dos que fugiam da Argentina levassem suas famílias consigo não somente para se manterem próximos, mas também para protegê-los, pois, apesar dos riscos envolvidos no refúgio, estariam mais seguros indo junto

do que permanecendo na Argentina.

A partir dos indivíduos apresentados pelas fichas, e da análise do contexto em que estavam inseridos, é possível concluir que essas pessoas não viam a possibilidade de retorno como uma alternativa a curto prazo – embora seja possível que tivessem planos de retornar à Argentina –, por isso levavam consigo suas famílias. Outro indício de que o retorno não seria próximo, é o fato de o Brasil servir de local de trânsito para outros lugares mais distantes. No que diz respeito à forma de entrada no Brasil, os números permitem concluir que, de maneira geral, os argentinos entraram de forma lícita -24% como “turistas” e 9% como “legais”-; já que apenas 9% deles possuem designação de “clandestino” ou “ilegal”. Entretanto, há uma enorme lacuna na fonte, quando se analisa que 58% das pessoas têm como “não informada” a maneira com que entraram no Brasil (o que pode ter ocorrido, até mesmo, por uma escolha do próprio ACNUR, ao protegê-las.). Roniger afirma que, para os exilados, a escolha de sair do seu país de origem ou de residência quase nunca cabe a esses indivíduos. Quando são os próprios que tomam a iniciativa de deixar o lugar o fazem pela possibilidade de serem coagidos, por estarem correndo sérios riscos. É importante destacar a partir destas definições, que o exílio pode resultar de procedimentos judiciais ou de decisões arbitrárias, mas em ambos os casos os indivíduos afetados o perceberão como um ato de coação (RONIGER, 2011, p. 36).

Isso remete aos números que apresentam esta legalidade da forma de entrada dos refugiados argentinos no Brasil, na medida em que se deve considerar que mesmo não tendo sido formalmente expulsos de suas casas, a ponto de terem sua entrada vista como legal pelas autoridades brasileiras, esses indivíduos foram obrigados sim a partir de seu país, logo, seu desterro não seria menor ou menos impactante devido a situação regular que apresentavam. Outro fator que desperta interesse na análise da documentação é o local de entrada no Brasil, o que permite delimitar, a partir dos dados, os locais que eram frequentemente utilizados para sair da

Argentina. O Rio Grande do Sul (a partir de Uruguaiana, Chuí e Pelotas) e o Paraná (com Foz do Iguaçu), são os mais mencionados, respectivamente.

De acordo com Padrós e Slatman, logo após o golpe brasileiro de 1964, o controle repressivo passou a se concentrar em grande medida na fronteira, buscando identificar aqueles que eram procurados pelo novo regime e que tinham a intenção de deixar o país. Teria se desenvolvido, inclusive, um trabalho de busca nas zonas urbanas próximas às fronteiras, e, com o passar do tempo, os esquemas de controles destas teriam se tornado cada vez mais aperfeiçoados (PADRÓS, SLATMAN, 2014, p. 254). Na Argentina, de maneira semelhante, teria se operado um controle extenuante das fronteiras no que diz respeito à entrada e saída de pessoas, sendo que se restringia a saída de qualquer pessoa do território argentino (PADRÓS, SLATMAN, 2014, p. 270).

Apesar deste controle extenuante, como se demonstra pelos dados, foi pelas regiões fronteiriças, do Rio Grande do Sul e Paraná, que mais entraram os refugiados. Os exilados que no Brasil residiam, mesmo tendo em vista que o regime brasileiro avançou no sentido de uma certa abertura a partir de 1975, conviviam com o medo constante de que as autoridades argentinas recebessem informações das agências brasileiras sobre o lugar em que viviam e sobre as atividades que desempenhavam. Quando se deu a visita do ditador Jorge Rafael Videla no país, em 1980, teria ocorrido um pânico em geral na comunidade de refugiados argentinos, que temiam que fossem presos preventivamente pelas autoridades brasileiras, ou que sofressem a repressão dos comandos argentinos dentro do território do Brasil (PADRÓS, SLATMAN, 2014). Em parte, o receio dos refugiados de serem descobertos pela repressão argentina e brasileira pode explicar, por sua vez, o número expressivo de dados inexistentes ou incompletos sobre o lugar de residência dos refugiados.

O fato de partir, ou “fugir”, tratou-se, ainda segundo Franco, de uma “não opção”: foi uma decisão pessoal motivada tanto por perseguições

políticas efetivas, consequências decorrentes de permanecer, como por temor de incorrer nas possibilidades do “ciclo” (FRANCO, 2008, p. 18). A busca de refúgio, mesmo que, paradoxalmente, para outra ditadura, representou, naquele contexto, uma das únicas formas de salvar a vida. O refugiado argentino, ao ingressar no Brasil consignava-se como “duplamente subversivo”: o era no país expulsor; o era no país receptor (FRANCO, 2008, p. 18).

Por fim, é necessária uma análise dos ofícios que informavam aos Ministérios da Justiça e das Relações Exteriores a saída dos argentinos pelo Brasil, com destino a outros países – agora na situação de exilados. Muito embora as fichas de entrada incluíssem – com algumas lacunas – diversas informações sobre os indivíduos, os registros de saída incluíam informações apenas sobre o nome das pessoas, a data de sua saída do Brasil, e o país de destino do exílio. No total, saíram do Brasil, entre 1977 e 1979, 1.166 pessoas, de diversas nacionalidades. Dentre os locais de destino, encontram-se com maior número de pessoas enviadas à Suécia (579), à França (143), aos Países Baixos (126), à Suíça (72), à Dinamarca (51), e à Bélgica (49). No que diz respeito à saída de argentinos, foram contabilizadas 812 pessoas saindo do Brasil com destino a outros países. Os argentinos seguiram o exposto sobre o número total de pessoas. Em primeiro lugar, está a Suécia (368),¹¹ seguida da França (122) e dos Países Baixos (98). A Suíça vem logo atrás (67), seguida da Bélgica (24) e do México (24). Do número total de argentinos que saíram do refúgio no Brasil, encontram-se 431 homens e 381 mulheres. Entretanto, o número de mulheres cai para 70, quando consideramos apenas as fichas em que elas são a pessoa principal (excluindo, então, quando estão acompanhadas de homens companheiros ou maridos). O destino dessas mulheres também segue o exposto anteriormente. Suécia (24), França (22) e Países Baixos (9), seguem sendo o principal destino. Os outros países, como Itália (4), Suíça (3) e Espanha (3), possuem um número bem pequeno de mulheres que

¹¹ Sobre as particularidades e condições do exílio argentino na Suécia, ver especialmente: MARTÍNEZ (2009).

foram destinadas como exiladas em seus territórios.

Roniger afirma a necessidade e importância dos estudos dos lugares de exílio, pois possibilitariam estudar a mecânica de residência fora do país de origem, a vivência exilar, as relações dentro das comunidades dos exilados e os movimentos de solidariedade com as vítimas da repressão (RONIGER, 2011, p. 48).

Mesmo que esses dados numéricos levantados a partir da documentação não ofereçam a possibilidade de analisar de maneira muito incisiva e abrangente essas questões subjetivas mencionadas pelo autor sobre a comunidade dos exilados, algo que é possível afirmar é que essa comunidade [de exilados] estava, em grande parte, espacialmente muito próxima.

7 CONCLUSÃO

Como proposto durante o trabalho, discute-se o fato de os mecanismos de segurança e controle brasileiros -e o próprio governo- serem contrários à entrada de refugiados, designando toda a questão de recepção, responsabilidade sobre a retirada de informações, e a própria saída das pessoas do território brasileiro, aos representantes do ACNUR. A aceitação do governo brasileiro pela entrada de pessoas latino-americanas em seu território diz muito mais sobre questões políticas e diplomáticas, do que sobre as matérias legais que regem o tema. O Brasil não considerava como obrigação aceitar pessoas perseguidas em seu território, dadas as reservas geográficas e temporais apresentadas pela Convenção de 1951 (apesar da promulgação do Protocolo de 1967). Além disso, existiam mecanismos de cooperação entre os governos ditatoriais, principalmente do Cone Sul, o que tornava a aceitação de refugiados desses Estados uma espécie de estratégia contra os acordos que os governos estabeleciam entre si. Para evitar conflitos com mecanismos internacionais, e, por consequência, evitar medidas que poderiam colocar a política ditatorial em

xeque, o governo brasileiro aceitava a entrada de refugiados latino-americanos em seu território, desde que por responsabilidade do ACNUR, e com a condição de que a agência enviasse relatórios para controle estatal. Ainda assim, havia relutância por parte de muitos órgãos brasileiros em reconhecer e designar a categoria de “refugiados”, tratando esse tema, muitas vezes, de maneira pejorativa e exclusiva (como o fato de considerar as pessoas que atravessam a fronteira como subversivas, por exemplo).

A oportunidade de trabalhar com as fichas de entradas de argentinos e argentinas no Brasil durante o período das duas ditaduras militares proporcionou não só um maior contato com as fontes do período, como também tornou palpáveis e mais próximas discussões que antes só existiam no campo teórico. Embora paradoxal e repleto de particularidades e especificidades, perceber as individualidades e lacunas trazidas pelas fontes permite que se construa um estudo articulado e multidisciplinar do fenômeno do exílio – se sobrepondo e superando, em muitos aspectos, a historiografia tradicional. Ainda, é importante ressaltar que as motivações e os tipos de mobilização são diferentes, o que relaciona o debate acerca do refúgio com as condições políticas, sociais e econômicas tanto dos Estados de origem, como dos Estados de acolhimento.

8 REFERÊNCIAS

BAUER, Caroline Silveira; GERTZ, René E. Arquivos de regimes repressivos: fontes sensíveis da história recente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

BORGES, Rodolfo. Documento da CIA relata que cúpula do Governo militar brasileiro autorizou execuções. **El País Brasil**, 10.05.2018 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/10/politica/1525976675_975787.html . Acesso em: 21 out.2020.

FRANCO, Marina. **El exilio: argentinos en Francia durante la dictadura**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

GONÇALVES, Marcos. Indesejáveis hermanos. Os refugiados argentinos e o sistema de informações da ditadura brasileira. **Hib – Revista de Historia Iberoamericana**, Santiago de Chile, 2015, vol. 8, n. 2, p. 32-53. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7043082.pdf> Acesso em 24 dic.2020. DOI: 10.3232/HIB.2015.V8.N2.02 Acesso em: 19 jun.2020.

JENSEN, Silvina. Exilio e Historia Reciente. Avances y perspectivas de un campo en construcción. In: **Aletheia**, vol. 1, número 02.05.2011. Bahía Blanca, Argentina, 2011. Disponível em: <http://aletheiaold.fahce.unlp.edu.ar/numeros/numero-2/no2-en-pdf/Jensen-%20OK.pdf> . Acesso em: 19 jun.2020.

MARMONTEL, Leonardo. Operação Condor: A internacionalização do terror. **Estudios Avanzados** 21 jun.2014: 111-136. Disponível em: <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/ideas/article/download/1597/1470/> Acesso em: 19 jun.2020.

MARTÍNEZ, Elda G. Buscar un refugio para recomponer la vida: el exilio argentino de los años 70. **Rivista telematica di studi sulla memoria femminile**, n. 11, 2009, pp. 1-15.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A ditadura militar argentina 1976 – 1983. Do golpe de estado à restauração democrática**. São Paulo: Edusp, 2007.

PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula; QUADRAT, Samantha Viz (Org.). **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 143-178.

PADRÓS, Enrique Serra; SLATMAN, Melisa. Brasil y Argentina: modelos represivos y redes de coordinación durante el último ciclo de dictaduras

del Cono Sur. Estudio en clave comparativa y transnacional. In: JENSEN, S. y LASTRA, S. (ed.). **Exilios: Militancia y represión. Nuevas fuentes y nuevos abordajes de los destierros de la Argentina de los años setenta**. La Plata: Edulp. 2014.

RONIGER, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.) **Caminhos cruzados. História e memória dos exílios latino-americanos no século XX**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

QUADRAT, Samantha V. Exiliados argentinos en Brasil: una situación delicada. In: JENSEN, Silvina; YANKELEVICH, Pablo. (Orgs.). **Exilios: destinos y experiencias bajo la dictadura militar**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2007, p. 63-102.

QUADRAT, Samantha V. Da Argentina para o Brasil, de uma ditadura a outra. In: JENSEN, Silvina; YANKELEVICH, Pablo. (Org.). **Caminhos cruzados. História e memória dos exílios latino-americanos no século XX**. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 169-204.

SETEMY, Adriana Cristina Lopes. **SENTINELAS DAS FRONTEIRAS: o Itamaraty e a diplomacia brasileira na produção de informações para o combate ao inimigo comunista (1935-1966)**. Tese de Doutorado (341f.). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/805242.pdf> Acesso em: 24 dic.2020.

SIRINELLI, J. A geração. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SPEKTOR, Matias. Origens e direção do Pragmatismo Ecumênico e Responsável (1974-1979). **Revista Brasileira de Política Internacional**, vol. 47, n. 2, p. 191-222, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbpi/v47n2/v47n2a07.pdf>. Acesso em 18 dic.2020.

SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. **La política del destierro y el exilio en América Latina**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2014.

YANKELEVICH, Pablo. Exilio y dictadura. In: LIDA, Clara. et. al. **Argentina, 1976. Estudios en torno al golpe de Estado**. Buenos Aires: FCE, 2008.




IIRSA, cosiplan e a atuação brasileira na consolidação da integração de infraestrutura na américa do sul

*IIRSA, COSIPLAN Y LA ACTUACIÓN BRASILEÑA EN LA CONSOLIDACIÓN DE
LA INTEGRACIÓN DE INFRAESTRUCTURA EN AMÉRICA DEL SUR*


*IIRSA, COSIPLAN AND THE BRAZILIAN PERFORMANCE IN THE
CONSOLIDATION OF INFRASTRUCTURE INTEGRATION IN SOUTH
AMERICA*

Jéssica Maria Grassi¹ 

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ana Karolina Moraes Silva² 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

Lucas Kerr Oliveira³ 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

Resumo: No presente artigo visamos discutir a atuação brasileira nos projetos da IIRSA e do Cosiplan, considerando as diferentes interpretações acerca do papel que o Brasil desempenhou neste processo. Inicialmente, são desenvolvidos os conceitos de subimperialismo, liderança regional e potência regional e, a partir desta discussão teórica-conceitual, o artigo explora a formação e evolução da IIRSA e do Cosiplan apresentando a atuação brasileira em ambos. Através desta revisão bibliográfica, combinada com a análise dos dados do investimento realizado nas iniciativas de integração de infraestrutura no mesmo período, buscamos testar a hipótese segundo a qual a participação brasileira na integração de infraestrutura sul-americana, durante os governos de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, se deu sob uma lógica subimperialista. Conclui-se que a tese do subimperialismo brasileiro não se sustenta através da revisão bibliográfica e dos dados de investimentos, os quais demonstram que o Brasil buscou liderar o processo de integração na

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Bolsista CAPES. E-mail: jessica.grassi@posgrad.ufsc.br

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Bolsista de Demanda Social (DS/UNILA). E-mail: ana.morais@aluno.unila.edu.br

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: lucas.oliveira@unila.edu.br.

região em uma ação coerente com os seus interesses geopolíticos, visando melhorar sua inserção internacional através da cooperação e da consolidação da integração do bloco regional sul-americano.

Palavras-chave: Subimperialismo; Liderança Regional; América do Sul; Infraestrutura; IIRSA.

Resumen: En este artículo pretendemos discutir el desempeño brasileño en los proyectos de IIRSA y Cosiplan, considerando las diferentes interpretaciones sobre el papel que Brasil jugó en este proceso. Inicialmente, se desarrollan los conceptos de subimperialismo, liderazgo regional y potencia regional y, en base a esta discusión teórico-conceptual, el artículo explora la formación y evolución de IIRSA y Cosiplan, presentando el desempeño brasileño dentro de ambos. A través de esta revisión bibliográfica, combinada con el análisis de los datos de inversión realizados en las iniciativas de integración de infraestructura en el mismo período, colocamos en prueba la hipótesis según la cual la participación brasileña en la integración de la infraestructura sudamericana, durante los gobiernos de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva y Dilma Rousseff, se desarrolló bajo una lógica subimperialista. Se concluye que tal hipótesis del subimperialismo brasileño no se sustenta a través de la revisión bibliográfica y de los datos de inversión, que demuestran que Brasil buscó liderar el proceso de integración en la región en una acción coherente con sus intereses geopolíticos, con el objetivo de mejorar su inserción internacional a través de la cooperación y la consolidación de la integración del bloque regional sudamericano.

Palabras-clave: Subimperialismo; Liderazgo Regional; Sudamérica; Infraestructura; IIRSA.

Abstract: Through this article we aim to discuss the Brazilian performance in the projects of IIRSA and Cosiplan, considering the different interpretations about the role that Brazil played in this process. Initially, the concepts of sub-imperialism, regional leadership and regional power are developed and, based on this theoretical-conceptual discussion, the article explores the formation and evolution of IIRSA and Cosiplan presenting the Brazilian performance in the scope of both. Through this bibliographic review, combined with the analysis of investment data made in infrastructure integration initiatives in the same period, we test the hypothesis according to which participation Brazilian integration of South American infrastructure, during the governments of Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva and Dilma Rousseff, it took place under a sub-imperialist logic. It follows that the hypothesis of Brazilian sub-imperialism is not supported by bibliographic review and investment data, which demonstrate that Brazil sought to lead the integration process in the region in an action consistent with its geopolitical interests, aiming

to improve its international insertion through cooperation and the consolidation of the South American regional bloc integration.

Keywords: Sub-imperialism; Regional Leadership; South America; Infrastructure; IIRSA.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170379](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170379)

Recebido em: 30/05/2020

Aprovado em: 13/12/2020

Publicado em: 30/12/2020

1 INTRODUÇÃO

A Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) se desenvolveu a partir da proposta aprovada na I Reunião de Presidentes Sul-Americanos, realizada em Brasília, entre 31 de agosto e 1º de setembro de 2000, com o objetivo de *“impulsionar a integração e modernização da infraestrutura física de transportes, energia e comunicações⁴, sob uma perspectiva regionalista do continente Sul-Americano”* (COMUNICADO DE BRASÍLIA, 2000, s. p.).

Tendo sido inicialmente proposta pelo governo brasileiro durante a Presidência de Fernando Henrique Cardoso, foi oficializada em 2002 e se desenvolveu a partir de um formato intergovernamental com reuniões multilaterais entre os Presidentes da região. Mais tarde, os projetos da IIRSA foram agregados à agenda da então nascente União das Nações Sul-Americanas (Unasul), no âmbito do Conselho Sul-Americano de Infraestrutura e Planejamento (Cosiplan). No que diz respeito à atuação brasileira, há diversas discussões sobre o papel que o país exerceu na iniciativa e os seus interesses e projetos.

Desse modo, com este artigo, busca-se compreender a atuação brasileira nos projetos da IIRSA/Cosiplan, dando ênfase ao período

⁴ No setor dos transportes, a prioridade era facilitar o trânsito de pessoas, cargas e veículos através de rodovias, ferrovias, rotas fluviais e marítimas, que também dinamizaria o comércio e os investimentos na região. No setor energético, buscava-se, essencialmente, integrar e complementar os recursos da região (especialmente dos recursos minerais, como petróleo e gás natural), assim como ampliar a interconexão elétrica. Já na área de telecomunicações, o objetivo seria estabelecer uma rede que permitisse a cooperação visando suprir as demandas de logística da informação da região (HONÓRIO, 2013).

compreendido entre sua criação, durante o governo do Presidentes Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), e o governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016). Devido à multiplicidade de discussões acerca do papel que o Brasil desempenha na região – apontadas na primeira seção do artigo -, optou-se por enfatizar o que diz respeito à tese do subimperialismo brasileiro na América do Sul, de modo a ressaltar e aprofundar esse importante debate e verificar a sustentação da hipótese proposta.

Para a elaboração deste trabalho, contamos com uma revisão bibliográfica de especialistas nas temáticas relacionadas, uma revisão de fontes primárias, como documentos e dados da IIRSA e relativos à integração sul-americana, assim como dados relativos ao financiamento dos projetos, empregando o método hipotético dedutivo para desenvolver a pesquisa.

Na primeira seção do texto, realiza-se uma revisão bibliográfica dos conceitos de subimperialismo, liderança regional e potência regional, aplicados ao caso brasileiro e às relações entre o Brasil e seus vizinhos, visando investigar as visões e as possibilidades referentes à atuação do país na América do Sul. Em sua segunda seção, busca-se analisar a criação e o desenvolvimento da IIRSA/Cosiplan, identificando os propósitos e a atuação brasileira na organização.

Revisitando os debates teóricos e conceituais da primeira seção, são apresentados e analisados dados e argumentos referentes ao papel do Brasil nos projetos da iniciativa. Desse modo, na terceira e última seção do trabalho, desenvolvemos uma análise acerca do financiamento dos projetos da IIRSA/Cosiplan, utilizando dados da própria instituição, com vistas a aprofundar o debate sobre o papel do financiamento brasileiro através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Conclui-se, por fim, que o papel desempenhado pelo Brasil nos projetos de infraestrutura não corrobora com interpretações que afirmam que o país seja subimperialista, mas sim faz parte de um projeto geopolítico brasileiro. Tal projeto é resultante de um longo ciclo no qual o país buscou se projetar como líder regional, visando tornar-se uma potência regional, arcando minimamente com custos da construção da infraestrutura integrada na região, para inserir-se internacionalmente de forma mais autônoma, sem abdicar da construção e/ou manutenção da liderança na região sul-americana.

2 O BRASIL EM MEIO AO DEBATE TEÓRICO: UM PAÍS SUBIMPERIALISTA OU UMA POTÊNCIA EM BUSCA DE LIDERANÇA REGIONAL?

Nesta seção, busca-se desenvolver os conceitos de subimperialismo, liderança regional e potência regional para analisar a participação brasileira nos processos de integração da infraestrutura regional sul-americana nos escopos da IIRSA e do Cosiplan. Tal revisão teórica embasará a discussão da hipótese do subimperialismo brasileiro, segundo a qual o Brasil seria um país subimperialista, subordinado ao imperialismo⁵ central, utilizando os processos de integração para consolidar sua exportação de capitais na América do Sul.

A partir do debate existente sobre o problema do desenvolvimento capitalista nos países latino-americanos, desenvolveu-se, no seio da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), a Teoria da Dependência. Esta é compreendida por diversos autores como um corpo heterogêneo em seu referencial teórico básico, sendo composta por

⁵ No marco do imperialismo tradicional, uma referência clássica para o debate do imperialismo é a obra de Lênin, "O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo", de 1916. O pensador revolucionário definiu o imperialismo como uma fase do capitalismo, ao contrário da maior parte dos pensadores do início do século XX que definiam o imperialismo como uma política externa dos Estados. Sua análise dá prioridade ao papel do capital financeiro e dos monopólios no capitalismo (LÊNIN, 1916). Entre os autores que também se destacam ao trabalhar sobre o conceito de imperialismo estão Nicolai Bukharin e Rosa Luxemburgo. Já no marco das análises contemporâneas, destacam-se Samir Amim, Ellen Wood, Alex Callinicos e Atilio Boron.

diversos autores cujas abordagens metodológicas variam. A Teoria da Dependência se consolidou a partir da década de 1960, em um período em que pensadores latino-americanos buscavam caminhos alternativos ao imposto pelo sistema capitalista aos países da região.

Já a Teoria Marxista da Dependência (TMD), a partir da década de 1970, buscou superar tanto o nacional desenvolvimentismo da CEPAL quanto o etapismo revolucionário típico dos Partidos Comunistas latino-americanos do período. Os autores dessa escola, como Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, André Gunder Frank e Ruy Mauro Marini, criaram um corpo teórico crítico pautado nas especificidades históricas do desenvolvimento capitalista na América Latina (SEABRA, 2019).

Cabe ressaltar que o período histórico no qual a Teoria Marxista da Dependência se desenvolveu coincide com o período da Ditadura Militar brasileira. Nesse período, entre 1964 e 1985, intercalaram-se no poder governos com alinhamentos pragmáticos⁶ e alinhamentos automáticos⁷ aos Estados Unidos (PECEQUILO, 2011). Além disso, o pensamento geopolítico brasileiro desde Mário Travassos⁸ até o período ditatorial identificava a América do Sul como área de influência direta do Brasil, considerando que a região era destinada ao exercício e expansão do poder brasileiro, competindo com a Argentina pelo domínio desse território. Ainda, a região era compreendida como uma área de instabilidade e possibilidades de conflitos, principalmente no entorno fronteiriço (CERVO, 2008; COSTA, 2008; JAEGER, 2018; GRASSI, 2019a).

Ademais, ao longo dos anos de 1970 ocorreram as tratativas para a construção da Hidrelétrica de Itaipu entre Brasil e Paraguai - as quais foram iniciadas na década anterior -, sendo este marcado como um

⁶ Não significaria a subordinação dos interesses brasileiros aos norte-americanos, nem resultaria a perda do espaço na América do Sul, mas há a troca de favores, “*visando à obtenção de vantagens e à valorização do papel estratégico do país no subcontinente*” (PECEQUILO, 2011, p. 19).

⁷ Supõe que a adesão às políticas norte-americanas resultaria em concessões. Para a autora, o automatismo é associado, muitas vezes, ao sentimento de euforia brasileira diante de manifestações positivas norte-americanas (PECEQUILO, 2011).

⁸ Mário Travassos (1891 – 1973) foi um militar brasileiro, autor de “*Projeção Continental do Brasil*” (1935), um dos primeiros estudos sobre geopolítica feitos no Brasil.

período de ápice das rivalidades entre Argentina e Brasil (SARAIVA, 2012; GRASSI, 2019a e 2019b). Desde então, muito tem mudado na região e nas relações entre os países, como será mencionado nas seções seguintes.

Segundo Ruy Mauro Marini, sob o regime militar, a burguesia industrial brasileira, impossibilitada de expandir o mercado interno brasileiro, optou pela tentativa de compensar essa limitação através da incorporação de mercados que já estivessem formados em países vizinhos, como, por exemplo, o mercado uruguaio (MARINI, 1974).

A partir das discussões acerca da burguesia brasileira, Marini desenvolveu, nos anos 1970, o conceito de subimperialismo, o qual define como *“a forma que assume a economia dependente ao chegar na etapa dos monopólios e do capital financeiro”* (MARINI, 1977, p. 18, tradução nossa). No prefácio de sua obra *“Subdesenvolvimento e Revolução”*, afirma que o subimperialismo pode ser compreendido:

- a) a partir da reestruturação do sistema capitalista global, que é derivado da nova divisão internacional do trabalho, e;
- b) a partir das leis próprias da economia dependente, essencialmente: a superexploração do trabalho, o divórcio entre as fases do ciclo de capital, a monopolização extrema em favor da indústria suntuária, a integração de capital nacional ao capital estrangeiro ou, o que é o mesmo, a integração de sistemas (MARINI, 1974, p. XIII, tradução nossa).

Para Marini, o subimperialismo só é possível quando: (i) há conformação de uma composição orgânica média do capital; e (ii) há o exercício relativamente autônomo de uma política expansionista, a qual gera maior integração da economia subimperialista ao sistema produtivo imperialista, porém, de forma subordinada à hegemonia do imperialismo global. Assim, o autor classifica o Brasil como o único país em toda a América Latina a expressar plenamente o fenômeno subimperialista. Todavia, o subimperialismo brasileiro, apesar de possuir certo grau de autonomia e iniciativa, está subordinado ao imperialismo estadunidense. (MARINI, 1977).

Partindo da teoria desenvolvida por Marini, Luce (2007) propõe que a atuação hegemônica⁹ na região por parte do governo Lula impregnou sua política para a integração regional com um caráter subimperialista, desenvolvendo-se na esfera consensual, sendo um novo subimperialismo, o social-liberal. Desse modo, a atuação do Brasil buscaria atender aos interesses da burguesia nacional, a qual estaria, segundo o autor, integrada ao imperialismo dominante (LUCE, 2007).

Nessa perspectiva, Fontes (2009) argumenta que o Brasil opera como uma plataforma subalterna dos capitais multinacionais presentes no país, que o utilizam para chegar à região sul-americana, levando a uma extensa reconfiguração do panorama sociopolítico do Brasil na contemporaneidade. Ademais, a autora alerta, entre outros fatores, sobre o papel do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a consolidação do Brasil como uma plataforma dos capitais financeiros de potências imperialistas, afirmando que o banco atua na América do Sul com *“substantivos aportes, direcionando algumas privatizações, favorecendo certos grupos”* (FONTES, 2009, p. 235).

Ainda, Andrade (2015) e Lima (2018) afirmam que a participação dos capitais brasileiros na IIRSA/Cosiplan, através dos investimentos do BNDES na iniciativa, caracteriza o subimperialismo brasileiro. Isto porque a IIRSA é utilizada como um instrumento de política de hegemonia regional e compõe a cooperação antagônica entre o subimperialismo brasileiro e o imperialismo estadunidense, ao mesmo tempo que os capitais do BNDES contribuem para que a composição orgânica média do capital seja conformada, estabelecendo, assim, o subimperialismo como padrão de reprodução do capital.

⁹ Tendo em vista o recorte teórico proposto neste artigo, não se trouxe a discussão sobre um papel de hegemonia regional, outro termo relacionado ao Brasil e sua atuação na região. Entretanto, ressalta-se que a hegemonia mundial, conforme o conceito empregado por Arrighi (2006, p. 27), se refere *“à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas”*. Ademais, a potência hegemônica deve combinar coerção e consentimento e possuir a capacidade de universalizar seus interesses próprios como os interesses gerais dos atores que compõem o sistema internacional (ARRIGHI, 2006). Para Mearsheimer (2007), que parte de uma perspectiva realista do conceito de hegemonia, um Estado que busque estabelecer-se como hegemonia regional precisa ampliar a lacuna de poder entre si e seus vizinhos para evitar que outros Estados da sua região tenham os meios para ameaçá-lo ou mesmo organizar uma possível coalizão contra-balançante.

Como contraponto ao argumento do subimperialismo brasileiro, os conceitos de liderança regional e potência regional também são comumente atribuídos à atuação do Brasil no contexto da América do Sul. Lima (2013) propõe que a liderança regional deve ser entendida como a capacidade de influenciar os resultados, e não de influenciar a terceiros. Padula (2010) aponta quatro formas de se exercer a liderança política e econômica regional:

- (i) Uma liderança expansiva e assimétrica, concentrando ganhos políticos e econômicos no líder em detrimento do desempenho político e econômico dos demais países.
- (ii) Uma liderança em que a expansão do líder favoreça a expansão econômica e política dos demais países, mas que ainda assim, em última instância, concentre ganhos políticos e econômicos no líder, não combatendo assimetrias pré-existentes.
- (iii) Uma liderança em que a expansão do líder favoreça a expansão econômica e política dos demais países e do conjunto, mas que ainda trabalhe para manter sua posição privilegiada em termos de concentração regional de poderes político e econômico; assim, podendo até combater em grande medida as assimetrias estruturais pré-existentes entre os países da região e o líder, não visa comprometer a hierarquia regional estabelecida.
- (iv) Uma liderança cooperativa, na qual a expansão do líder impulsiona ganhos políticos e econômicos recíprocos dos países e do conjunto, reduzindo as assimetrias pré-existentes, na medida do possível (PADULA, 2010, p. 79).

Sobre a projeção de poder e a liderança brasileira na região, Lima (2013) defende ser necessário considerar os indicadores tradicionais para medir as capacidades dos países, como PIB e população. Fiori (2011) também traz variáveis importantes para analisar o papel de liderança regional, destacando a necessidade de vontade estratégica consistente e permanente, a coordenação estreita entre as agências responsáveis pela política externa do país, a capacidade social e estatal de construir consensos e a capacidade de planejar e implementar ações conjuntas. Partindo disso, poderia ser afirmado que o Brasil possuía as capacidades para projetar-se regionalmente como líder do processo de integração do bloco sul-americano.

Apesar de não existirem estudos comprovando o quanto uma suposta liderança brasileira foi aceita a nível regional, Lima (2013) aponta

que os poucos estudos existentes demonstram uma ambiguidade latente nas opiniões de analistas e lideranças políticas no que se refere a este tema. Se, por um lado, a atuação brasileira na América do Sul sofre duras críticas, acusada de imperialista ou com intentos hegemônicos, por outro, esta também é criticada por aqueles que sugerem que o país não contribui suficientemente para o benefício da região (LIMA, 2013).

A sua vez, uma potência regional pode ser definida como um Estado que articula sua pretensão de liderança em uma região econômica, política e ideacionalmente delimitada, que tem grande influência nos assuntos regionais e que dispõe dos recursos materiais (militar, econômico, demográfico), organizacionais (políticos) e ideológicos para projetar seu poder regionalmente (NOLTE, 2010, p. 983).

Deve ser um Estado econômica, política e culturalmente interconectado com a região; que influencia na delimitação geopolítica e na construção política e econômica da região; que exerce influência nas estruturas de governança regional; que define e articula a identidade e o projeto comum da região; que proporciona e se esforça pelo bem coletivo; que define ou tem importante papel na definição da agenda de segurança; que tem sua liderança respeitada e reconhecida pelos demais países; que integra fóruns e instituições inter-regionais e globais, agindo não apenas pelos próprios interesses, mas representando também a região (NOLTE, 2010, p. 983).

Para que um Estado se constitua como uma potência regional, Gratius (2007) define que este precisa: fazer parte de uma região definida; aspirar à liderança regional; influenciar a construção regional política e geoestrategicamente; dispor de recursos materiais, organizacionais e ideológicos necessários ao projeto de poder regional; ter relações de interdependência a nível regional nas esferas política, econômica e cultural; ter grande influência nos assuntos regionais; ser reconhecido

como líder pelos países da região; atuar como o representante ou porta-voz da região em foros internacionais.

Analisando a capacidade militar brasileira, o potencial demográfico e geográfico do país, bem como os recursos econômicos dos quais o Brasil dispõe, Gratius (2007) considera que o Brasil cumpre com todos os recursos quantificáveis necessários para que exerça o papel de potência regional, e até mesmo de potência mundial. Afirma, ainda, que o Brasil é o único país da América do Sul que possui esses recursos. Contudo, a autora considera que não está claro se o país possui a influência ou o reconhecimento dos países vizinhos, ambos necessários para que um país seja uma potência regional, além do fato do Brasil possuir problemas internos estruturais que operam como obstáculos para que o país assuma a posição de potência regional, mesmo que possua boa parte de todos os recursos necessários (GRATIUS, 2007).

Moniz Bandeira (2008) propõe que, para ser uma potência (regional ou mundial), um país necessita de significativa extensão territorial, poder econômico e poder militar. Tais recursos seriam necessários para que um país possa se expressar na política internacional de forma independente e influenciar a ação de outros Estados.

Há, inclusive, discussões que, por considerarem que o Brasil não atende todos os requisitos de uma potência regional, apesar de ser o país com mais condições de assumir esse papel na região, ao analisarem a atuação brasileira na América do Sul durante a primeira década do século XXI, propõem a designação de potência regional emergente ou, em alguns casos, como potência emergente (GRATIUS, 2007; FLEMES; SARAIVA, 2014).

Em suma, nota-se que a atuação brasileira na América do Sul pode ser compreendida a partir de diferentes prismas. Dessa forma, ao exemplificar esse fato, tratou-se aqui da tese do subimperialismo brasileiro, bem como das perspectivas de liderança e potência regionais. Assim, a partir dessa análise conceitual, poderá ser examinada a atuação brasileira

no que diz respeito à IIRSA/Cosiplan, bem como ser testada a definição de subimperialismo para este caso. Contudo, antes disso, será necessário compreender brevemente a formação da IIRSA e do Cosiplan, dentro do contexto da Unasul, o que será feito na próxima seção.

3 A GEOPOLÍTICA BRASILEIRA NA AMÉRICA DO SUL: A IIRSA/COSIPLAN E A INTEGRAÇÃO DE INFRAESTRUTURA NA AMÉRICA DO SUL (2000-2016)

Por incorporar novos temas à agenda da integração regional, a I Reunião de Presidentes da América do Sul, ocorrida em Brasília, em setembro de 2000, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, pode ser considerada o grande ponto de inflexão do regionalismo sul-americano. Nessa ocasião, os doze chefes de Estado concluíram a necessidade da união regional para promover o desenvolvimento e a inserção global, acordando em impulsionar a integração política, social e econômica da América do Sul. A partir disso, em 2002, formalizou-se a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA), a primeira iniciativa de integração regional no subcontinente que contou com a participação dos 12 países sul-americanos (PADULA, 2010; HONÓRIO, 2013).

A partir dos ganhos obtidos desde então, na III Reunião de Presidentes da América do Sul, realizada em 2004, em Cusco, no Peru, os líderes dos países discutiram novos delineamentos para a integração regional, como a redução das assimetrias entre os países e maior coordenação política. A partir disso, surgiu a proposta da Comunidade das Nações Sul-Americanas (CASA/CNS)¹⁰. No entanto, em 2007, os presidentes resolveram substituir a CASA, e, em 2008, aprovaram o Tratado Constitutivo que criou a União das Nações Sul-Americanas (Unasul).

¹⁰ No Brasil costuma-se utilizar a sigla CASA, no entanto, nos demais países sul-americanos, também se utiliza a sigla CNS para a Comunidade de Nações Sul-Americanas.

Partindo disso, a IIRSA foi considerada o embrião do processo que culminou na criação da Unasul, pelas perspectivas, objetivos, propostas e logros no diálogo conjunto mantido entre os presidentes sul-americanos desde os anos 2000. Contudo, a partir das críticas endereçadas à iniciativa quanto à lacuna política em seu processo, os países avançaram em direção a um modelo mais político de integração, sendo, por isso, a infraestrutura tratada, posteriormente, como apenas um dos eixos ou pilares da Unasul.

No âmbito da Unasul, criou-se o Conselho Sul-Americano de Infraestrutura e Planejamento (Cosiplan), em 2009, o qual incorporou a IIRSA, no intento por superar a falta de conexão da iniciativa com os esquemas de integração regional, munindo-os, assim, de um guarda-chuva institucional. Desde sua criação, inúmeros projetos foram financiados, sendo que, no final de 2016, o portfólio da IIRSA contava com o total de 581 projetos de integração, somando um investimento estimado de US\$ 191,42 bilhões (COSIPLAN, 2016).

A IIRSA foi pensada como um projeto de integração geopolítica ou como uma integração dos mercados regionais, com vistas a reduzir as assimetrias regionais e angariar melhorias nos âmbitos econômico-comerciais e mesmo sociais. Apesar dos objetivos e da proposta oficial da IIRSA, várias críticas, como o subimperialismo brasileiro (LUCE, 2007; CECEÑA, 2009), foram direcionadas à iniciativa.

Há muitas discussões sobre a busca do Estado brasileiro por um padrão de relações regionais que se baseie na projeção política e econômica do país como um meio para a internacionalização das empresas nacionais, sendo a região um espaço privilegiado para o adensamento dos negócios (SENNES, 2010; SPEKTOR, 2010). Para Sennes (2010, p. 124):

É possível identificar uma agenda de interesses regional do Brasil, mas longe de ser uma agenda integracionista e ampla, ela é seletiva, focada na preservação da capacidade decisória doméstica e na manutenção dos instrumentos de fomento com caráter nacional e voltada a alavancar projetos e interesses brasileiros.

A este ponto de vista, Spektor (2010) acrescenta que três proposições marcariam o pensamento brasileiro sobre a região: a primeira é a de que o Brasil pode exercer influência nas relações internacionais sem que isso necessariamente o torne uma potência regional; a segunda é a de que a região pode proteger a “autonomia nacional” em um mundo globalizado; e a terceira, segundo a qual a região pode servir para aumentar o poder, o prestígio e a influência nacional brasileira. A partir destas três proposições, segundo o autor, estariam evidenciadas algumas ambiguidades da atitude brasileira em relação à América do Sul.

Nessa direção, Castro (2012) ressalta a importância de se levar em consideração a complementaridade dos Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento¹¹ e os Eixos de Integração e Desenvolvimento presentes na IIRSA. A infraestrutura buscada pelo Brasil teria, portanto, como objetivo principal conectá-lo com o litoral do pacífico, devido à importância do transporte e escoamento dos produtos nacionais (CASTRO, 2012).

Os Planos de Aceleração do Crescimento (PAC I e II)¹² e a IIRSA assumem a mesma orientação de integração competitiva, adotando um modelo de modernização com base em mega projetos de investimentos. Construídos na mesma perspectiva, os projetos do PAC e da IIRSA articulam-se e parecem coordenados e complementares, como se observa na consulta feita aos dados oficiais das instâncias sul-americanas de planejamento (CASTRO, 2012, p.45-46).

Entretanto, é fundamental pontuar também que a IIRSA representaria a possibilidade dos países da região se tornarem mais competitivos no mercado internacional (CASTRO, 2012) e usufruírem de condições mais vantajosas na competição internacional e inter-regional (MORAIS SILVA; KERR OLIVEIRA, 2019). Ressalta-se também que, além de impactar positivamente o comércio, a integração da infraestrutura auxilia na integração das áreas periféricas do continente e das áreas fronteiriças,

¹¹ Segundo Castro (2012, p. 48) “os Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento constituíram a matriz de planejamento e intervenção”, pressupondo “uma visão geográfica de domínio e controle dos territórios”. Esses Eixos estiveram presentes no Plano Brasil em Ação (1996-1999), no Avança Brasil (2000-2003) e nos Planos Plurianuais de 1996-1999, 2000-2003 e 2004-2007, que revelam as prioridades espaciais do Estado (CASTRO, 2012).

¹² Criado em 2007, o PAC tinha por objetivo promover a retomada do planejamento e da execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do Brasil. Em 2011, a segunda fase do PAC aprimorou a fase anterior, com mais recursos e parcerias (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, 2020).

aumentando a atuação do Estado nessas regiões, de modo a garantir maior segurança e capacidade de defesa, bem como gerar o desenvolvimento socioeconômico (JAEGER, 2014).

A melhoria da infraestrutura regional é sublinhada como crucial para a defesa da América do Sul, uma vez que, desde os anos 1970, há no cenário internacional o acirramento de disputas por mercados e pelo controle de recursos estratégicos de longo prazo, especialmente recursos energéticos, gerando disputas hegemônicas em todas as regiões do mundo, contexto no qual a América do Sul está indissociavelmente inserida (FIORI, 2008; KERR OLIVEIRA; MARQUES, 2015).

Nesse sentido, sobre a atuação brasileira no processo integracionista sul-americano, desde o segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso passou a se pontuar o entendimento por parte do país da interdependência e da vinculação entre a prosperidade do Brasil e a dos seus vizinhos. Dessa maneira, no final do governo de Cardoso desenvolveu-se o pensamento de que o Brasil deveria assumir de fato seu papel de liderança na América do Sul e nos governos Lula isso foi reiterado com o Brasil declarando a prioridade da América do Sul e destacando sua disposição de exercer a liderança no subcontinente (MONIZ BANDEIRA, 2008; LIMA, 2013).

Sobre o contexto regional do princípio dos anos 2000, Moniz Bandeira afirma:

O Brasil estava a exercer de fato a liderança da América do Sul, aceita consensualmente pelos demais governos da região, dado seu enorme peso econômico, político e estratégico, sem pretensões de hegemonia, respeitando as particularidades de cada povo. E a Segunda Reunião de Presidentes da América do Sul realizou-se em Guayaquil, Equador, entre 26 e 27 de julho de 2002, quando foi aprovado o “Consenso de Guayaquil sobre Integração, Segurança e Infraestrutura para o Desenvolvimento”, manifestando o propósito de construir “um futuro de convivência fecunda e pacífica, de permanente cooperação” e declarando “a América do Sul como Zona de Paz e Cooperação” (MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 19).

Assim, a integração regional foi posta como uma das principais estratégias políticas e econômicas dos governos Lula e Dilma (AMORIM, 2009). Guimarães (2008, p. 68-69) salienta que *“a solidariedade nos esforços de desenvolvimento e de integração é uma ideia central na estratégia brasileira na América do Sul”*. Do mesmo modo, Moniz Bandeira (2008, p. 28) também destaca essa ideia ao apontar que o Brasil, durante o governo Lula, teve a integração regional como um objetivo estratégico, porque o país havia compreendido que *“a união dos demais países da América do Sul com o Brasil [...] em uma comunidade econômica e política, conformaria uma grande potência, com enorme peso no cenário mundial.”*

No período de análise deste estudo, o Brasil buscou desenvolver relativa autonomia em relação aos Estados Unidos (VISENTINI, 2008), bem como procurou fugir da tendência do principal elemento do regionalismo aberto na região, a proliferação de tratados de livre-comércio assinados com os Estados Unidos. A partir disso, com uma postura baseada em um cálculo estratégico, buscou fortalecer seu papel de liderança na América do Sul, almejando desenvolver sua atuação no cenário internacional, visando, assim, reduzir a ingerência externa na região e aumentar a confiança dos vizinhos sobre sua projeção internacional (PAZ, 2015).

Sobre isso, ainda, Guimarães (2008, p. 68) reitera a importância da redução das assimetrias de natureza econômica e social no contexto de um processo integracionista, sendo necessário, para isso, programas específicos e ambiciosos. Nessa perspectiva, haveria a necessidade de *“um processo de transferência de renda sob a forma de investimentos entre os Estados participantes”*, como o que estava sendo desenvolvido naquele período com o Fundo para a Convergência Estrutural do Mercado Comum do Sul (Mercosul), o Focem.

Guimarães também relembra que o Presidente Lula mencionou diversas vezes a relevância da generosidade dos países maiores e mais

desenvolvidos para o êxito da integração na América do Sul. Isso significa que *“o Brasil deve estar disposto a conceder tratamento mais vantajoso sem reciprocidade a todos os seus vizinhos, em especial àqueles de menor desenvolvimento relativo, aos países mediterrâneos e aos países de menor PIB per capita.”* (GUIMARÃES, 2008, p. 68).

Quando se trata da integração em infraestrutura na região, observou-se que uma das maiores dificuldades para conduzir os projetos é a dificuldade de os países sul-americanos acessarem o crédito internacional para investimentos, devido às limitações ao endividamento externo e à inacessibilidade aos instrumentos de garantia. Pela prioridade dada pelos países sul-americanos ao pagamento da dívida interna e externa, estes países têm considerável dificuldade para elevarem a sua poupança interna e, conseqüentemente, dependem do mercado internacional de capitais para investirem em infraestrutura (GUIMARÃES, 2008).

Desta forma, o Brasil atuou ao longo dos primeiros anos do século XXI para fortalecer instituições financeiras como a Cooperação Andina de Fomento (CAF), visando promover os investimentos em infraestrutura na região, bem como incentivou a proposta de um Banco do Sul, em uma clara tentativa por ampliar a autonomia financeira sul-americana (GUIMARÃES, 2008).

Além disso, por ser um dos poucos, senão o único país da região, que dispunha de um forte banco de desenvolvimento no período em análise – o BNDES –, o Brasil buscou fazer uma diferença qualitativa nos investimentos na infraestrutura da América do Sul (GUIMARÃES, 2008; SENHORAS, 2008). Isso porque os ativos do Banco, em 2008, eram *“de US\$ 87 bilhões, maiores que os do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID (US\$ 66 bilhões)”* e este poderia *“emprestar recursos para a execução de obras de infraestrutura em condições competitivas com as do mercado internacional e sem condicionar tais empréstimos a*

‘compromissos’ de política externa ou à execução de ‘reformas’ econômicas internas” (GUIMARÃES, 2008, p. 67).

Sobre a atuação na IIRSA, também pode-se observar, na Carteira de Projetos do Cosiplan de 2016, que o Brasil foi o segundo país em número total de projetos, atrás da Argentina. No entanto, o valor total de investimento foi maior. Em porcentagem, o Brasil possuía 13,82% dos projetos, e 44,83% dos investimentos. Isso pode ser visualizado na tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Projetos concluídos por país (em bilhões de US\$)

País	Nº total de projetos	Nº de projetos concluídos	% projetos	Quantidade de investimento	% investimento
Argentina	178	23	15,4	6,215	21,0
Bolívia	53	5	3,4	0,017	0,1
Brasil	94	28	18,81	13,296	44,8
Chile	74	22	14,8	2,065	7,0
Colômbia	33	14	9,4	0,726	2,4
Equador	40	16	10,7	0,813	2,7
Guiana	8	2	1,3	0,010	0,0
Paraguai	66	11	7,4	1,994	6,7
Peru	72	19	12,8	3,914	13,2
Uruguai	42	7	4,7	0,481	1,6
Venezuela	20	2	1,3	0,125	0,4

Fonte: Cosiplan (2016, p. 36). Tradução nossa.

Cabe salientar a importância de um “agente integrador”, que possua a capacidade e a vontade de assumir os custos materiais e simbólicos, para alavancar o processo de integração regional (WEXELL SEVERO, 2015). Nessa perspectiva,

analisando os dados, o Brasil concentra 51% do PIB, 49% da população e 48% do território da América do Sul. Mesmo não sendo o país com maior PIB per capita, possui fronteiras com nove dos onze vizinhos e contribui com mais da metade da produção industrial da região. Além disso, conta com o BNDES, a terceira maior instituição de fomento do mundo. Pareceria não existir dúvidas, sobretudo por parte dos demais países sul-americanos, de que a viabilidade do processo de integração aumentaria consideravelmente se o Brasil assumisse a postura de líder (WEXELL SEVERO, 2015, p. 203-204).

Guimarães (2008) afirma que a estratégia brasileira de integração possui três elementos centrais: (i) financiar obras de infraestrutura nos países sul-americanos e chegar a fornecer créditos a empresas desses países, sob as mesmas condições às quais os créditos são concedidos a empresas brasileiras, visando o crescimento e o desenvolvimento dos países vizinhos, pela importância que os mercados destes países possuem para as exportações brasileiras; (ii) reduzir as assimetrias econômicas e sociais da região por meio do processo de transferência de renda através de entos entre os Estados sul-americanos (como ocorre no processo de integração europeu); (iii) a generosidade dos países maiores e mais desenvolvidos, oferecendo tratamento diferenciado em diversas áreas a todos os países da América do Sul que fazem parte do processo de integração regional, sem exigência de reciprocidade.

Nesse sentido, o caráter de liderança brasileira, principalmente no que diz respeito à integração de infraestrutura, acabou por se confundir a com um movimento de expansão territorial. No entanto, para Senhoras (2008, p. 201-202), essa liderança está relacionada às debilidades regionais e à *“própria evolução singular do capitalismo periférico”*, mas que abriu possibilidades *“de uma política menos dependente dos EUA, com grandes implicações estratégicas e consequências históricas importantes para a região”*.

Ainda assim, essa liderança regional encontrou obstáculos tanto no nível doméstico, como os relativos a questões orçamentárias e às próprias assimetrias internas, quanto regionais, como os temores e críticas dos países vizinhos à possibilidade de uma atuação expansionista. Por outro lado, também houve críticas devido à falta de um papel mais significativo de *paymaster*¹³ e, a nível internacional, devido aos limites impostos pela potência norte-americana (SENHORAS, 2008; CARVALHO; GONÇALVES, 2016).

¹³ Expressão do inglês, utilizada para identificar o principal país financiador do processo integracionista.

Essas limitações foram mais visíveis durante o governo de Dilma Rousseff. Apesar da manutenção das intenções e propostas dos governos anteriores, os esforços foram relativamente inferiores, com um menor ativismo em assuntos regionais, agravados pelo cenário externo desfavorável, a crise econômica e política que começou a se apresentar e pelas fragilidades anteriores não resolvidas (CARVALHO; GONÇALVES, 2016; GRASSI, 2019b). Dessa forma, conforme Carvalho e Gonçalves:

O país conservou os recursos materiais que permitiram defini-lo como potência regional, mas, no campo da liderança, percebem-se claros sinais de enfraquecimento no que tange tanto às modalidades consensual, cooperativa, empreendedora, como estrutural e distributiva e normativa e intelectual. A fragilidade doméstica e a reversão de condições externas tiveram reflexos diretos para as ações brasileiras direcionadas à promoção dos seus interesses no âmbito da região e as condições para o exercício da liderança ficaram comprometidas. Consequentemente, o país não conseguiu se posicionar como elo integrador regional e liderar a construção de um espaço geopolítico autônomo como na gestão anterior (CARVALHO; GONÇALVES, 2016, p. 243).

Em suma, destaca-se que, no período analisado nesta seção, as relações com o entorno geográfico foram marcadas pelo diálogo, pelo *soft power*¹⁴, pela busca do desenvolvimento econômico e social, da autonomia política, da estabilidade e segurança regional e, desse modo, da consolidação da integração regional.

As mudanças no governo brasileiro, a partir da ruptura institucional de 2016, que pôs fim ao segundo governo Dilma Rousseff, e a eleição (em 2018) de um governo ideologicamente de extrema-direita, defensor do alinhamento automático e subalterno aos EUA, provocou um direcionamento radical da política externa brasileira, com uma ruptura, ao menos no plano do discurso e das políticas governamentais de curto prazo, do secular projeto de liderança regional e de consolidação da posição do Brasil como potência regional, que vinham sendo construídos lentamente

¹⁴ Do inglês, poder brando. Conceito proposto por Nye Jr. (2009, p. 76-77), refere-se à “capacidade de estabelecer a pauta política de maneira a expressar as preferências dos outros [...], tende a estar associada com recursos de poder intangíveis como a cultura, a ideologia e as instituições [...]”

como parte da Grande Estratégia brasileira (AMORIM, 2016; KERR OLIVEIRA *et al*, 2016).

A partir dessas visões gerais acerca da IIRSA e do seu papel no subcontinente, na próxima seção, propõe-se examinar a atuação brasileira dentro da iniciativa, buscando demonstrar a forma com que a inserção brasileira na América do Sul pode ser compreendida sob o ponto de vista da integração infraestrutural.

4 A CARTEIRA DE PROJETOS DA IIRSA/COSIPLAN E SUAS FONTES DE FINANCIAMENTO: O PAPEL DO BRASIL E DO BNDES

A conjuntura regional do período de surgimento da IIRSA favorecia a abertura comercial, razão pela qual o Investimento Estrangeiro Direto (IED)¹⁵ e o capital privado foram considerados como fatores essenciais para o funcionamento e operacionalização da iniciativa. Assim, a iniciativa foi conduzida pelo Comitê de Coordenação Técnica (CCT), formado pelo BID, o CAF e o Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA) (PADULA, 2010).

O BID foi criado em 1959 pelos países-membros da Organização dos Estados Americanos (OEA) e todos os países-membros da UNASUL também compõem o BID. Entre os objetivos da instituição estão a redução da pobreza e das desigualdades sociais, a promoção da cooperação e integração regionais, bem como do desenvolvimento através da iniciativa privada (BID, 2020).

Sediado em Caracas, o CAF foi fundado em 1970, formado por 19 países, dos quais 17 são parte da América Latina, além de Espanha e Portugal, e por 14 bancos privados da região. Atua promovendo o desenvolvimento e a integração regional na América Latina, através de

¹⁵ O Investimento Estrangeiro Direto (IED) é a movimentação de capitais internacionais para investimento, quando empresas ou indivíduos no exterior criam operações em outro país, de acordo com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos: <http://www.apexbrasil.com.br/o-que-e-ied>.

recursos para a realização de vários serviços financeiros, de alto valor agregado, para clientes dos setores público e privado (CAF, 2020).

O FONPLATA é uma entidade financeira ligada ao Tratado da Bacia do Prata (1969-1970) destinada a prestar apoio técnico e financeiro à realização de estudos, projetos, programas, obras e iniciativas que promovam o desenvolvimento harmônico e a integração física dos países membros da Bacia do Prata: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai (FONPLATA, 2020).

Quando abordamos o tema do financiamento das obras da IIRSA/Cosiplan, a atuação do BNDES no financiamento de projetos de infraestrutura na região também é um tema em debate. O BNDES foi e é considerado o protagonista da internacionalização do capital brasileiro, como financiador de longo prazo para que as empresas brasileiras pudessem realizar grandes obras na região. Além disso, o Banco colaborou para as fusões e aquisições de empresas em outros países ao facilitar o acesso aos fundos de investimento. No entanto, não se tem precisão sobre os financiamentos dos projetos, devido à pobreza dos dados disponibilizados pelo Banco pela alegação de sigilo bancário, bem como as limitações do site da IIRSA (PAZ, 2015; BRAGA, 2013).

Em 2002, o estatuto do BNDES foi alterado para apoiar as operações das empresas brasileiras voltadas ao exterior, especialmente aos projetos de integração regional. Assim, o Banco passou a atuar com mais desenvoltura na IIRSA, apoiando com somas milionárias as grandes empresas que têm interferido com suas obras no reordenamento territorial da América do Sul. [...] O discurso pautado numa política de cooperação técnica e na instalação de uma infraestrutura mais moderna permitiu o avanço das oportunidades de negócios para empresas brasileiras, como a Petrobrás, o Banco do Brasil, a Odebrecht, a Camargo Corrêa, a Gerdau, a Votorantim, a Vale do Rio Doce, o JBS-Friboi, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Andrade Gutierrez, entre outras, e os grupos internacionais a elas associados. [...] Nesse cenário de competitividade, o BNDES operou por meio da transferência de um volume expressivo de recursos públicos, através de créditos subsidiados, para os grandes grupos econômicos e empresas que atuavam preferencialmente nos setores de commodities (BRAGA, 2013, p. 13).

A iniciativa se encontra, muitas vezes, atrelada à discussão da expansão das empresas brasileiras de construção civil na região através do BNDES, bem como ligada à questão do aumento da presença brasileira nos países da região através de produtos e de empresas. Essa visão é a de que houve um perfil hegemônico na atuação brasileira, uma vez que os projetos da IIRSA seriam a expressão da natureza subimperialista do Brasil (HONÓRIO, 2013).

Sob este argumento, Paz (2015) defendia que a atuação do BNDES na região sul-americana haveria beneficiado a classe empresarial brasileira através da liberação de crédito subsidiado. Assim, os interesses político-econômicos brasileiros teriam se realizado, utilizando a América do Sul como plataforma para a projeção geopolítica do Brasil, uma vez que as obras de infraestrutura na região serviram para ampliar a presença econômica e a influência política do país na região.

Em relação à participação das empresas brasileiras de construção civil e engenharia na IIRSA, o governo brasileiro reconhece que estas são superiores competitivamente às demais da América do Sul e reforça as condições para que elas sejam beneficiadas nesse sentido. Assim, para Luce (2007), a atuação das grandes empresas brasileiras, apoiadas pelo BNDES, e as políticas de integração do governo Lula não cumpriram o objetivo enunciado de enfrentar as assimetrias, ao contrário, aprofundaram o intercâmbio desigual e a divisão regional desigual do trabalho.

Além disso, os impactos das obras financiadas pelo BNDES receberam inúmeras denúncias, alegando-se que *“as promessas de uma integração regional pautada na justiça social e no respeito ao meio ambiente não se concretizou”*, pelo contrário, se acentuaram *“as assimetrias socioespaciais a partir da construção de gasodutos, oleodutos, hidrelétricas e estradas, que seguem os interesses das grandes empresas e não das comunidades locais”* (BRAGA, 2013, p. 17).

Segue-se agora a uma breve análise da Carteira de Projetos do Cosiplan, documento que compila informações referentes aos projetos desenvolvidos no seio da iniciativa. Segundo a Carteira de 2016, 61% de todo o montante financeiro destinado às obras da instituição foi oriundo do setor público, enquanto o setor privado representava 19% dos investimentos totais e as iniciativas público-privadas representavam 20%. Ainda, 13% dos investimentos esperados não possuíam uma fonte designada. Quanto ao número total de projetos existentes, 82% contavam com financiamento público, seguido por 12% de projetos financiados pelo setor privado e apenas 6% financiados pelo setor público-privado (COSIPLAN, 2016).

No mesmo ano, os projetos de transporte eram majoritariamente financiados pelo setor público, já as obras de infraestrutura energética contavam com uma participação semelhante do setor público e das iniciativas público-privadas e, por fim, o setor de comunicações era completamente financiado pelo setor público (COSIPLAN, 2016). A tabela 2, a seguir, detalha as fontes de financiamento da Carteira de Projetos do Cosiplan, em bilhões de dólares, até o mês de agosto de 2016.

Tabela 2 - Fontes de Financiamento (em bilhões de US\$)

Fonte de financiamento	Nº de projetos	Investimento estimado	Investimento executado
Tesouro nacional	354	72,368	14,435
Privados	88	48,728	5,574
Por definir	78	42,312	0,170
BID	39	4,629	1,150
CAF	30	2,855	0,795
Tesouro estadual/provincial	18	1,875	0,200
Binacional	13	9,647	1,408
FOCEM	10	0,819	0,419
Vários	8	1,939	1,342
FONPLATA	6	0,298	0,0
Por definir (público)	6	0,403	0,0
Por definir (privado)	5	1,149	0,388
Bancos privados	4	0,108	0,0
Banco Mundial	4	0,172	0,068
União Europeia	4	0,179	0,075
JBIC	3	0,185	0,0
Governo chinês	3	0,400	0,0
BNDES	2	0,157	0,0
Tesouro municipal	2	2,100	2,100
Vários (privado)	2	0,719	0,0
Vários (público)	2	0,370	0,0
Total	681	191,420	28,128

Fonte: Cosiplan (2016, p. 29). Tradução nossa.

Assim, conforme os dados da tabela demonstram, de todos os valores estimados e executados como fonte de financiamento confirmados até agosto de 2016, o maior montante era oriundo dos tesouros nacionais dos países-membros da Unasul (US\$ 72,368 bilhões), seguido pelo investimento privado (US\$ 48,728 bilhões). Dentre as instituições financeiras, o maior investimento foi destinado pelo BID (US\$ 4,629 bilhões), seguido do CAF (US\$ 2,855 bilhões) e pelo FOCEM (US\$ 819 milhões). Quanto ao BNDES, o investimento total estimado para os projetos da IIRSA/Cosiplan até agosto de 2016 (US\$ 157,1 milhões), era menor do que 0,1% de todos os investimentos estimados para a iniciativa. De fato, a contribuição estimada do BNDES era menor do que o investimento esperado do governo chinês (US\$ 400,0 milhões), do *Japan Bank for International Cooperation* (JBIC) (US\$ 185,9 milhões), e da União Europeia (US\$ 179,5 milhões).

Desta forma, é possível afirmar que não houve participação massiva do BNDES nos financiamentos das obras da IIRSA, nem existiu um protagonismo ou antagonismo significativo do banco nos projetos da iniciativa (COSTA, 2011). Além disso, de acordo com o coordenador nacional Ernesto Carrara Junior, “o BNDES financia os projetos que lhe são apresentados por empresas brasileiras estando estas na linha de frente de ação” (HONÓRIO, 2013, p. 104). Outra questão importante que merece ser lembrada é que algumas construtoras brasileiras também atuam na região por meio dos créditos obtidos em outras instituições, como o CAF (WEXELL SEVERO, 2015).

Outro ponto abordado por Wexell Severo (2015), que tem relevância para o estudo, é que, de modo geral, os capitais brasileiros não são os maiores em nenhum dos países vizinhos e representam uma proporção muito pequena dos investimentos brasileiros no exterior, mesmo com o crescimento da presença de grandes empresas brasileiras no Uruguai, Paraguai e na Argentina. Na Tabela 3, esses números podem ser observados.

Tabela 3 – Origem do IED em países da América do Sul - Fluxos entre 2006-2013

	1ª posição	2ª posição	3ª posição	4ª posição	5ª posição
Argentina	EUA (15,5%)	Espanha (10,6%)	Holanda (10,5%)	Brasil (8,8%)	Chile (8,5%)
Bolívia	Espanha (33%)	Suécia (17%)	Inglaterra (15%)	França (11%)	Peru (7,8%)
Brasil	Holanda (16,1%)	EUA (15,6%)	Espanha (7,2%)	Luxemburgo (6,9%)	França (6,4%)
Chile	EUA (16,7%)	Holanda (14,8%)	Espanha (10,4%)	Canadá (5,1%)	Inglaterra (4,3%)
Colômbia	EUA (22%)	Panamá (14,7%)	Inglaterra (12,1%)	Anguilla (6,9%)	Espanha (6,8%)
Equador	México (36,9%)	Panamá (14,6%)	Brasil (13,6%)	China (12,8%)	Espanha (12,4%)
Paraguai	EUA (46,2%)	Brasil (20,6%)	Argentina (13,6%)	Espanha (5%)	Panamá (5%)
Peru	Espanha (20,2%)	Inglaterra (20%)	EUA (14,4%)	Holanda (7%)	Chile (6,1%)
Uruguai	Argentina (28,1%)	Espanha (6,9%)	Brasil (6,4%)	EUA (4,3%)	Inglaterra (2,8%)
Venezuela	Holanda (17,4%)	EUA (15,8%)	França (7,2%)	Espanha (5,6%)	Suíça (4,8)

Fontes: Bancos Centrais ou órgãos estatais dos países

Fonte: Wexell Severo (2015, p. 257)

Entre os anos 2007 e 2013, o investimento estrangeiro acumulado do Brasil na região ficou em apenas 6,3% do total de investimentos brasileiros no exterior, sendo que os dois países da região que receberam maiores

investimentos totais acumulados no período, Argentina e Uruguai, responderam por apenas 2,4% e 1,4% do total (WEXELL SEVERO, 2015, p. 259-260). Esses dados podem ser observados na Tabela 4 a seguir.

Tabela 4 - Estoque de Investimento Brasileiro Direto no mundo
Distribuição por país da empresa investida imediata (Banco Central do Brasil)

		2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2007-2013	
									Mil US\$	% Total
	1º	31.212	31.024	36.268	37.092	47.390	56.618	66.549	306.154	24,7%
	2º	16.431	14.124	18.308	29.466	32.138	40.264	42.290	193.022	15,6%
Ilhas Virgens Britânicas	3º	11.245	10.685	13.387	14.724	16.231	22.291	27.399	115.962	9,4%
Holanda	4º	2.160	2.380	3.600	10.785	20.819	28.186	30.742	98.672	8,0%
Bahamas	5º	9.341	9.531	10.291	12.353	12.921	14.500	18.205	87.142	7,0%
Estados Unidos	6º	6.063	9.167	9.943	13.184	10.291	18.401	14.086	81.134	6,5%
Espanha	7º	4.083	5.055	5.270	8.992	11.187	15.376	19.103	69.066	5,6%
Luxemburgo	8º	4.259	4.602	4.356	4.794	5.425	14.719	17.350	55.506	4,5%
Dinamarca	9º	12.567	8.036	9.698	9.290	9.831	783	779	50.983	4,1%
Argentina	10º	2.360	3.376	4.251	5.148	5.143	5.511	4.574	30.362	2,4%
Uruguai	11º	1.878	2.443	2.531	2.497	2.384	2.951	3.003	17.687	1,4%
Hungria	12º	901	1.827	1.751	2.489	2.513	3.207	3.026	15.715	1,3%
Portugal	13º	1.493	1.449	1.962	3.257	3.008	2.139	2.374	15.682	1,3%
Panamá	14º	1.185	3.727	1.005	1.614	1.443	2.430	3.253	14.658	1,2%
Peru	15º	584	244	704	2.254	1.902	2.986	3.298	11.972	1,0%
Venezuela	20º	218	282	801	679	762	1.083	1.490	5.315	0,4%
Chile	21º	509	387	459	574	608	1.107	1.575	5.220	0,4%
Colômbia	24º	178	298	561	872	1.194	696	575	4.374	0,4%
Paraguai	27º	117	153	170	262	350	578	641	2.271	0,2%
Bolívia	35º	53	48	67	86	96	96	128	574	0,0%
Equador	40º	39	21	22	30	40	68	106	326	0,0%
América do Sul	-	5.936	7.253	9.566	12.402	12.480	15.075	15.390	78.100	6,3%
Total		111.339	113.755	132.413	169.066	192.933	247.172	272.921	1.239.599	100,0%
Am.Sul / Total		5,3%	6,4%	7,2%	7,3%	6,5%	6,1%	5,6%	6,3%	

Fonte: Wexell Severo (2015, p. 260).

Estes dados corroboram com a deslegitimação da tese de que o Brasil estaria assumindo uma postura subimperialista, visto que em termos relativos os investimentos brasileiros na América do Sul são muito reduzidos. Ademais, as críticas sobre a participação do BNDES no financiamento das obras da IIRSA/Cosiplan são ambíguas. Cobrava-se, internacionalmente, que o Brasil adotasse a postura de *paymaster* das obras e, por outro lado, acusava-se o país de se utilizar do banco com intenções hegemônicas na América do Sul (HONÓRIO, 2013; WEXELL SEVERO, 2015).

Por fim, com relação ao papel de liderança que o Brasil buscou desempenhar nos processos de integração de infraestrutura regional, importaria analisar também os obstáculos à consolidação dessa liderança. Sobre isso Wexell Severo (2015) aponta três principais desafios ou preocupações para a liderança brasileira do processo de integração: uma relacionada aos esforços externos, e mesmo internos, para desacreditar a

liderança regional brasileira, apresentando o país como uma ameaça aos vizinhos; outra diz respeito às tentativas de desestabilizar a parceria estratégica entre Brasil e Argentina – considerada o núcleo duro da integração sul-americana; e, finalmente, a destacada participação norte-americana nas dinâmicas regional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, considera-se que o conceito de subimperialismo elaborado por Marini nos anos 1970, um período histórico muito distinto ao período de criação da IIRSA, apresenta limitações teóricas à análise da participação brasileira nos processos de integração em infraestrutura na América do Sul, possuindo pouca aplicabilidade quando analisado para o período demarcado nesta pesquisa.

Apesar do fato das empresas brasileiras de construção civil terem sido beneficiadas, e do superávit na balança comercial brasileira com seus vizinhos ter crescido (LUCE, 2007), a tese do subimperialismo brasileiro expresso através dos investimentos brasileiros na IIRSA/Cosiplan, não se comprova. Os investimentos do Brasil realizados através do BNDES são inexpressivos, menos de 0,1% do total de investimentos na Carteira de Projetos do Cosiplan até 2016. À frente dos investimentos brasileiros estão os investimentos de países como China e Japão, além dos investimentos da União Europeia (COSIPLAN, 2016).

Em contrapartida, havia uma pressão política dos próprios governos da região para que o Brasil desempenhasse o papel de principal financiador das obras da iniciativa. Ademais, a participação dos capitais brasileiros nas economias dos países da região é pouco expressiva, uma vez que o Brasil não está entre os maiores investidores de nenhum país sul-americano, apesar da presença de suas empresas no Paraguai, Argentina e Uruguai, principalmente.

O projeto da IIRSA/Cosiplan foi consolidado em um período em que a América do Sul foi priorizada pela política externa brasileira. Assim, o país buscou interconectar-se mais com seu entorno geográfico e estratégico e ter influência nas tomadas de decisões, intensificando o diálogo conjunto, almejando alcançar melhores níveis de desenvolvimento econômico e social, de autonomia política, de estabilidade e de segurança para o Brasil e para a região, devido ao reconhecimento da interdependência entre os países sul-americanos e do potencial da região em tornar-se um polo de poder mundial. Os incentivos dados à integração, com a formação da IIRSA e da Unasul, demonstram essas intenções.

Ademais, os investimentos brasileiros cumpriam parte central da estratégia adotada pelo país para incentivar e promover a integração, seguindo o princípio de que os países com maiores recursos deveriam oferecer as maiores contribuições financeiras. Sem a contribuição financeira brasileira, o discurso integracionista dos governos Lula e Dilma não encontraria sustentação. Portanto, ao invés de fazerem parte de uma prática subimperialista, os investimentos cumpriam o papel de respaldar a estratégia brasileira de integração sul-americana, visando alterar a inserção da América do Sul no sistema internacional através da integração da região.

Considera-se, desta forma, que a atuação brasileira pode ser melhor compreendida a partir do conceito de liderança regional ou potência regional emergente. Isso porque, apesar de a política externa brasileira estar voltada ao objetivo de consolidar o país como potência regional na América do Sul e o país apresentar as capacidades para isso, o Estado brasileiro não cumpriu, na prática, todos os requisitos para ser uma potência regional, apesar de exercer a liderança regional por um breve período. Por exemplo, fica evidente que o Brasil apresentou dificuldades para priorizar os investimentos na América do Sul, uma vez que os investimentos brasileiros na IIRSA/Cosiplan deveriam ser mais expressivos para que o país assumisse o posto de potência regional. Além disso, apesar

de ser a maior potência militar da região, o Brasil ainda possui uma lacuna dentre as capacidades necessárias para defender a região de ameaças externas, o que implica custos (políticos, econômicos e militares) significativos.

Por fim, vale ressaltar que, apesar de todos os avanços na institucionalização regional alcançados nos anos 2000, percebe-se a paralisação ou retrocesso de muitas destas conquistas nos últimos anos. Esta conjuntura adversa à integração demonstra a dificuldade de se manter uma política pró-integração regional contínua no tempo e de longa duração, por parte de um Estado Nacional que, embora fosse considerado em certos períodos uma potência regional, ou potência emergente, não logrou consolidar o consenso nacional mínimo necessário para sustentar uma Grande Estratégia nacional para sua região geopolítica. Assim, muitos dos projetos de cooperação e integração e dos projetos de liderança regional e de Brasil enquanto potência regional emergente foram paralisados, regrediram ou, até mesmo, estão sendo desmantelados.

7 REFERÊNCIAS

AMORIM, Celso L. A integração sul-americana. **Revista Diplomacia, Estratégia, Política**. Brasília, n. 10, p. 9-21, out-dez.2009. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/ipri/images/pdf/Revista_DEP10_Portugues.pdf>. Acesso em: 28 mai.2020.

AMORIM, Celso L. **A Grande Estratégia do Brasil: discursos, artigos e entrevista da gestão no Ministério da Defesa (2011-2014)**. Antonio Jorge Ramalho da Rocha *et al* (ed.). Brasília: FUNAG, 2016. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/1145-A-Grande-Estrategia-do-Brasil_FINAL_25_04.pdf>. Acesso em: 30 mai.2020.

ANDRADE, Carolina Borges. **Subimperialismo brasileiro na perspectiva da integração da infraestrutura regional sul-americana**. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134829>>. Acesso em 06 ago. 2020.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

BID. Conheça o BID. **Banco Interamericano de Desenvolvimento**, 06 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.iadb.org/pt/sobre-o-bid/visao-geral>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

BRAGA, Jorge Luiz Raposo. O BNDES e o projeto de integração regional: internacionalização de empresas brasileiras no jogo político da América do Sul. **Encuentro de Geógrafos de América Latina**. Lima, Peru, 2013, p. 1-21.

CAF. Quem somos. **Banco de Desenvolvimento da América Latina**, 06 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.caf.com/pt/sobre-a-caf/quem-somos/>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

CARVALHO, Patrícia Nasser de; GONÇALVES, Fernanda Cristina Nanci Izidro. O Brasil como potência regional: uma análise da sua liderança na América do Sul no início do século XXI. **Carta Internacional**. Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 222-248, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.21530/ci.v11n3.2016.570>>. Acesso em: 07 ago. 2020.

CASTRO, Edna. Expansão da fronteira, megaprojetos de infraestrutura e integração sul-americana. **Caderno CRH**. Salvador, v. 25, n. 64, p. 45-61, jan./abr., 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792012000100004>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

CECEÑA, Ana Esther. Os caminhos e os agentes do saqueio da América Latina. In: **Empresas Transnacionais brasileiras na América Latina: um debate necessário**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009, p. 205-218.

CERVO, Amado Luiz. **Inserção internacional: formação de conceitos brasileiros**. Saraiva, São Paulo, 2008.

COMUNICADO DE BRASÍLIA. Reunião de Presidentes da América do Sul. Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana. Brasília, DF, 01 set. 2000. Disponível em: <<https://www.oei.es/historico/oeivirt/cimeira1.htm>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

COSIPLAN. **Cartera de Proyectos 2016**. Venezuela, dez.2016. Disponível em: <http://www.iirsa.org/admin_iirsa_web/Uploads/Documents/Cartera%202016_web.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2020.

COSTA, Darc A. (Org.). **América do Sul: integração e infraestrutura, um estudo sobre temas e projetos essenciais para a integração regional, como energia e transportes**. Rio de Janeiro: CapaxDei, 2011.

COSTA, Wanderley Messias. **Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. 2.ed, São Paulo: Editora USP, 2008

FIORI, José Luís. O sistema mundial, no início do século XXI. In: FIORI, José Luis; SERRANO, Franklin; MEDEIROS, Carlos. **O mito do colapso americano**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

FIORI, José Luís. **Brasil e América do Sul: o desafio da inserção internacional soberana**. Textos para Discussão CEPAL-IPEA, 42. CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA. Brasília, DF, 2011.

FLEMES, Daniel; SARAIVA, Miriam Gomes. Potências emergentes na ordem de redes: o caso do Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília, v. 57, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7329201400312>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

FONPLATA. Missão e visão. **Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata**, 06 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.fonplata.org/pt/institucional/missao-e-visao>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

FONTES, Virgínia. *O imperialismo brasileiro*. In: **Empresas Transnacionais brasileiras na América Latina: um debate necessário**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009, p. 219- 245.

GRASSI, Jéssica Maria. Geopolítica de Brasil e Argentina: percepções sobre a América do Sul e as relações bilaterais. **Revista Neiba – Cadernos Brasil-Argentina**. v. 8, n. 1, p. 1-25, 2019a. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/neiba.2019.47837>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

GRASSI, Jéssica Maria. **Parceria Estratégica entre Brasil e Argentina: cooperação nuclear e integração sul-americana no século XXI**. Dissertação (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu, 2019b. Disponível em: <<http://dspace.unila.edu.br/123456789/4916>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

GRATIUS, Susanne. Brasil en las Américas: ¿Una potencia regional pacificadora?. **Fundación para las Relaciones Internacionales y el Diálogo Exterior (FRIDE)**. Documento de Trabajo 35, abril, Madrid, 2007.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. O mundo multipolar e a integração sul-americana. **Temas & Matizes**, Cascavel, 2008, n. 14, p. 58-72. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/2484>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

HONÓRIO, Karen Santos. **O significado da iniciativa para a integração da infraestrutura regional sul-americana (IIRSA) no regionalismo sul-americano (2000-2012): um estudo sobre a iniciativa e a participação do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, São Paulo, 2013. <<http://hdl.handle.net/11449/128074>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

JAEGER, Bruna Coelho. **A integração infraestrutural sul-americana: impactos sobre a estratégia e a geopolítica regional.** Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/116365>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

JAEGER, Bruna Coelho. Debatendo o conceito de “Subimperialismo” à época da ditadura civil-militar (1964-1985) e do Governo Lula da Silva (2003-2010). **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Dossiê Interpretações do Brasil Contemporâneo, v. 23, n. 2, mai./ago., 2018. Disponível em: <[10.5433/2176-6665.2018.2v23n2p224](https://doi.org/10.5433/2176-6665.2018.2v23n2p224)>. Acesso em: 05 ago. 2020.

KERR OLIVEIRA, Lucas *et al.* Análise de estruturas geopolíticas e de tendências de aumento da competição interestatal internacional: contribuições para a prospecção de cenários de ameaças à Soberania Brasileira sobre o Pré-Sal. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 3, nº 2, p. 139-176, jul./dez. 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.26792/rbed.v3n2.2016.72306>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

KERR OLIVEIRA, Lucas; MARQUES, Teresa Cristina Schneider. A Infraestrutura da Integração Regional e a Integração Brasil-Uruguaí. In: MALLMANN, Maria Izabel, MARQUES, Teresa Cristina Schneider (Orgs.). **Fronteras e relações Brasil-Uruguaí.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 109-126.

LÊNIN, Vladimir. **O imperialismo, fase superior do capitalismo.** Lisboa-Moscou: Editorial Progresso, 1916.

LIMA, Maria Regina Soares. Relações interamericanas: a nova agenda sul-americana e o Brasil. **Lua Nova**. São Paulo, n. 90, p. 167-201, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ln/n90/a07n90.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

LIMA, Rafael Teixeira. **A integração regional em infraestrutura da IIRSA e os capitais do BNDES nos governos Lula da Silva (2003-2010): Subimperialismo do neodesenvolvimentismo brasileiro?** Dissertação (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina), Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <<http://dspace.unila.edu.br/123456789/3641>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

LUCE, Mathias Seibel. **O subimperialismo brasileiro revisitado: a política de integração regional do governo Lula (2003-2007).** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14394>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesarrollo y revolución.** Siglo XXI Editores, 5 ed., México, 1974.

MARINI, Ruy Mauro. La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo. **Cuadernos Políticos**. México, n. 12, abr./jun., 1977. Disponível em: <http://www.olafinanciera.unam.mx/new_web/10/pdfs/Marini-Clasicos-OlaFin-10.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

MEARSHEIMER, John. **A Tragédia da Política das Grandes Potências**. Lisboa: Gradiva, 2007.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. **Sobre o PAC**. Disponível em: <<http://pac.gov.br/sobre-o-pac>>. Acesso em 30 set.2020.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. O Brasil como potência regional e a importância estratégica da América do Sul na sua política exterior. **Temas & Matizes**, Dossiê: Mercosul: Lutas Populares e Projetos Sociais, v. 7, n. 14, p. 09-32, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/2477>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

MORAIS SILVA, Ana Karolina; KERR OLIVEIRA, Lucas. Desenvolvimento, soberania e geopolítica: o papel da integração de infraestrutura energética na América do Sul. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, v. 6, p. 65-82, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/IC/article/view/1540>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

NOLTE, Detlef. How to compare regional powers: analytical concepts and research topics. **Review of International Studies**. Cambridge, v. 36, p. 881-901, 2010. Disponível em: <https://www.giga-hamburg.de/sites/default/files/publications/how_to_compare.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2020.

NYE Jr., Joseph. **Cooperação e conflito nas Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

PADULA, Raphael. **Integração regional de infraestrutura e comércio na América do Sul nos anos 2000: uma análise político-estratégica**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/60/teses/coppe_d/RaphaelPadula.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2020.

PAZ, Gabrielle Santos. Integração da América do Sul: o BNDES como agente da política regional do governo Lula. **Anais do 1º Seminário Internacional de Ciência Política: Estado e Democracia em mudança no século XXI**. UFRGS, Porto Alegre, 09-11 set.2015. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/PAZ-2015-Integra%C3%A7%C3%A3o-da-Am%C3%A9rica-do-Sul.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **As relações Brasil-Estados Unidos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

SARAIVA, Miriam Gomes. **Encontros e Desencontros: o lugar da Argentina na política externa brasileira**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

SEABRA, Raphael. L. Do dependentismo à teoria marxista da dependência: uma síntese crítica desta transição. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 1, jan./abr., 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v34n1/0102-6992-se-34-01-261.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

SENHORAS, Elói Martins. **Regionalismo transnacional e integração física: um estudo sobre a iniciativa de integração da infraestrutura sul-americana**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/287269>>. Acesso em 07 mai. 2020.

SENNES, Ricardo. Brasil na América do Sul: internacionalização da economia, acordos seletivos e estratégia *hub-and-spokes*. IPEA. **Revista Tempo do Mundo**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, dez., 2010. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/115>>.

SPEKTOR, Matias. Ideias de ativismo regional: a transformação das leituras brasileiras da região. **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília, v. 53, n.1, p. 25-44, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-73292010000100002>>. Acesso em: 27 mai. 2020.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. O Brasil, o Mercosul e a integração na América do Sul. p. 93-129. In: Wiesebron, M.; Griffiths, M. (Orgs.). **Processos de Integração regional e cooperação intercontinental desde 1989**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

WEXELL SEVERO, Luciano. **Integração econômica e desenvolvimento da América do Sul: o Brasil e a desconstrução das assimetrias regionais**. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

APÊNDICE

Quadro 1 - Síntese dos conceitos apresentados para a análise da atuação brasileira na América do Sul

Conceito	Definição resumida e variáveis para análise
<p>Subimperialismo (MARINI, 1974 e 1977).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Economia dependente que alcançou etapa dos monopólios e do capital financeiro; - Política expansionista relativamente autônoma, mas subordinada à potência imperialista; - Incorporação de mercados já formados, atendendo aos interesses da burguesia industrial; - Integração de capital nacional ao capital estrangeiro; - Divórcio entre as fases do ciclo de capital; - Superexploração do trabalho; - Monopolização extrema em favor da indústria suntuária.
<p>Potência Regional (NOLTE, 2010) (GRATIUS, 2007) (MONIZ BANDEIRA, 2008)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Articula a pretensão de liderança em uma região econômica, política e ideacionalmente delimitada; - Dispõe dos recursos materiais (militar, econômico, demográfico), organizacionais (políticos) e ideológicos para projetar seu poder regionalmente; - Deve ser econômica, política e culturalmente interconectado com a região; - Tem influência na delimitação geopolítica e na construção política, econômica e geoestratégica da região, com papel importante na definição da agenda de segurança; - Exerce influência nas estruturas de governança regional; - Se compromete com os processos de integração regional; - Tem influência na definição e articulação da identidade e no projeto comum da região; - Proporciona e se esforça pelo bem coletivo; - Sua liderança é respeitada e reconhecida pelos demais; - Integra fóruns e instituições inter-regionais e globais, representando também a região em fóruns internacionais.
<p>Liderança Regional (PADULA, 2010) (FIORI, 2011) (LIMA, 2013) (KERR OLIVEIRA <i>et al</i>, 2016).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Coordenação estreita entre as agências responsáveis pela política externa do país; - Vontade estratégica consistente e permanente; - Capacidade social e estatal de construir consensos; - Capacidade de planejar e implementar ações conjuntas; - Capacidade de influenciar os resultados, e não de influenciar a terceiros; - PIB e população são indicadores importantes para mediar a capacidade de liderança; - Importância da capacidade de proteger ou defender o processo de integração regional de ameaças externas; - Uso planejado de meios de pagamento, do favorecimento do comércio e do desenvolvimento dos vizinhos, da redução das assimetrias, do financiamento de obras para a integração e da distribuição de outros bens públicos de uso comum à região; - Pode ser uma liderança expansiva (concentrando ganhos políticos e econômicos no líder em detrimento do desempenho político e

	<p>econômico dos demais países);</p> <ul style="list-style-type: none">- Pode se desenvolver de modo que a expansão do líder favoreça a expansão econômica e política dos demais países, não combatendo assimetrias pré-existentes;- Pode ser uma liderança em que a expansão do líder favoreça a expansão econômica e política dos demais países e do conjunto, combatendo em parte as assimetrias, mas que ainda garanta a posição privilegiada do líder;- Ou ainda, uma liderança cooperativa, na qual a expansão do líder proporciona ganhos políticos e econômicos recíprocos ao conjunto de países, reduzindo as assimetrias pré-existentes, na medida do possível.
--	---

Fonte: elaborado pelos autores a partir da revisão bibliográfica exposta no artigo.



LATIN AMERICAN FINANCIAL DEPENDENCY IN THE 19TH CENTURY: THE ROLE OF THE CITY IN DRIVING REGIONAL INSERTION IN THE INTERNATIONAL FINANCIAL SYSTEM

*DEPENDÊNCIA FINANCEIRA LATINO-AMERICANA NO SÉCULO XIX:
O PAPEL DA CITY NA CONDUÇÃO DA INSERÇÃO REGIONAL
NO SISTEMA FINANCEIRO INTERNACIONAL*

*DEPENDENCIA FINANCIERA LATINOAMERICANA EN EL SIGLO XIX:
EL PAPEL DE LA CITY EN EL IMPULSO DE LA INSERCIÓN REGIONAL
EN EL SISTEMA FINANCIERO INTERNACIONAL*

José Alex Rego Soares¹ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Abstract: The goal of this paper is to review the literature on the problem of Latin America's financial dependence due to the process of indebtedness at the end of the 1820s independence wars and the insertion of these young nations in the international financial circuit under the lead of the City of London. We aim to highlight the shape of the vulnerability of these economies during the nineteenth century, in the intersection of Latin American economies as financial capital and their outcome on the dynamics of capital accumulation in the region, reflecting on the international division of labor and their specialization as *commodities* exporting economies. In this way, we will need a bibliography review on the subject in order to corroborate our analytical perspective. To do so, we are going to analyze the financial dependence and the debt crisis in the region, the role of financial capital in the expansion of regional commodities production, and finally the financial inheritance in the industrialization process of Latin America, which constitutes dependence as a historical construction.

Keywords: Latin America, International Financing, Dependency.

Resumo: O objetivo deste artigo é revisitar a literatura que discute a problemática da dependência financeira da América Latina decorrente do processo de

¹ Economista com Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), Pós-Doutoramento na FEA/USP e Professor Colaborador III na FEA pelo PART. E-mail: jalex.economia43@gmail.com

endividamento ao fim e ao cabo das lutas de independência na década de 1820, e a inserção dessas jovens nações no circuito financeiro internacional comandado pela *City* londrina. Pretendemos ressaltar a configuração da vulnerabilidade dessas economias no transcurso do século XIX, na interseção das economias da América Latina como capital financeiro e sua repercussão na dinâmica da acumulação de capital na região, refletindo na divisão internacional do trabalho e sua especialização enquanto economias exportadoras de *commodities*. Desta forma, nos pautaremos em uma revisão bibliográfica sobre a temática, a fim de corroborar com o nosso viés analítico. Para tanto, analisaremos a dependência financeira e a crise da dívida na região, o papel do capital financeiro na expansão da produção regional de mercadorias e, por fim, a herança financeira no processo de industrialização da América Latina, constituindo a dependência como uma construção histórica.

Palavras-chave: América Latina, Financiamento Internacional, Dependência.

Resumen: El propósito de este artículo es revisar la literatura que discute el problema de la dependencia financiera de América Latina resultante del proceso de endeudamiento al final de las luchas por la independencia en la década de 1820, y la inserción de estas jóvenes naciones en el circuito financiero internacional liderado por City Londres. Pretendemos destacar la configuración de la vulnerabilidad de estas economías en el curso del siglo XIX, en la intersección de las economías latinoamericanas como capital financiero y su repercusión en la dinámica de la acumulación de capital en la región, reflexionando sobre la división internacional del trabajo y su especialización como economías exportadoras de productos básicos. De esta manera, seremos guiados por una revisión de la literatura sobre el tema, para corroborar con nuestro sesgo analítico. Con este fin, analizaremos la dependencia financiera y la crisis de la deuda en la región, el papel del capital financiero en la expansión de la producción regional de productos básicos y, finalmente, la herencia financiera en el proceso de industrialización en América Latina, constituyendo la dependencia como una construcción histórica.

Palabras claves: América Latina, Financiamiento Internacional, Dependencia.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170329](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170329)

Recebido em: 30/05/2020

Aprovado em: 26/12/2020

Publicado em: 30/12/2020

1 INTRODUCTION

The end of the political independence struggles in Latin America resulted in the formation of a set of States dependent on the financial system and introduced these young nations into a cycle of financial

accumulation. New conditions of dependency were established, this time under the yoke of the international financial system.

The exposure of Latin American countries to international financial cycles² is a structurally chronic and critical condition, given the lack of autonomy of these countries in relation to these capitals. Because of the historical conditions imposed on Latin American countries' development, the dynamics offered by economic agents in the *City of London* in the 19th - the great capitalist center consolidated in that century - exposed a dependency upon external savings and kept these countries as hostages.

The goal here is to analyze the relationship between the City and Latin America's newly independent economies through the financialization of capital. Thus, we start from the first observation that this relationship between center and periphery is consolidated by the financial sphere, exposing the character of underdevelopment as a financial dependency. This dependence refers not only to external savings but to the capital cycles themselves.

The high volatility of these capitals, added to the endogenous conditions of the country-specific economic and political groups development, is a critical factor in the exposure of this region's primary export profile countries³. As a result, we will draw a synthesis of the debate on this theme using a review of the critical literature on the conditions of dependency upon external capital in a critical way. Furthermore, dependency and vulnerability is going to be discussed in this article in 3 sections. The first session presents the expansion of the *City* and its regional economy and financial aspects. In the second section, we analyze the presence of external indebtedness concerning

² "International Financial Flow is the generic name given to the various historical moments of capital export from central countries, or the import of foreign capital or even external savings that settles in the region." (Hirst; Thompson, 1998, p. 75).

³ According to Dobb, the backwardness of regions (such as Latin America) "were generally traditional colonial or semi-colonial regions - the farm, plantation and raw materials lands of large capitalist emporiums that took advantage of them as factors of food stuff and cheap raw materials and as spheres of investment" (Dobb, 1970, p. 25-6).

all Latin American countries and the international financial system, in a monopolistic capitalism (imperialism) context, and in the third section, we are going to present the sphere of international finance and the industrialization process in the region.

2 THE CONSOLIDATION OF THE CITY AND THE FINANCIAL DEPENDENCY OF LATIN AMERICA

England, by consolidating itself hegemonically as an exporter of capital to the world at the beginning of the 19th century has hegemonized these capitals performance on two fronts: one in the consolidation of old markets, and the other through the insertion in new markets, expanding the gravitational orbit of the *London City*.

From these fronts, the capital unfolds within Latin America - as direct investments: railways, public utilities, mining, etc. - and others as the newly independent state's funding. *"They had huge branch networks which channeled savings from the remotest corners of Britain to London, and thenceforth to all parts of the world through City intermediation"* (De Cecco, 1987, p. 09).

The *City* of London hegemonizes and shapes the conditions of capital accumulation process that undergoes through the financial world, a complete metamorphosis of capital, spreading to different countries of the world.

The *City*'s hegemony of London drove to a (re) connection of Latin American economy with the international economic system, in its most advanced form⁴, - the financial system having the largest monopolistic company that moves from the economic center to the outskirts - powering the financially-productive system. The world market

⁴ This more advanced form is still earlier in the form of industrial capital. Latin America connects to the world capitalist system in financial condition, much earlier than the relationship with industrial capital and therefore its relationship with international capital cannot be considered as a secondary or supporting players in the formation of Brazilian capitalism, as authors of the thesis of late capitalism place it.

reinstatement redefinition, far beyond the former colonial meaning as explored by Tomich (2011).

The (re) connection between Latin America and the *City* defines international financial profile flows and their impacts on economic and social reality in particular to the productive area, bringing large international companies in mining, energy, financial system, railways, utilities, shipping company - established in the first half of the 19th century a "(...) *mosaic of capitalist and non-capitalist relations of production*" (Glade, 2009, p.21)⁵. As "*head of the capitalist machine*" (Arrighi, 1996, p. 164), the *City* directs the (re) connection and the world economy planning, not disrupting the economic systems connected to the world market.

In the first quarter of the 19th century, the Latin American new countries joined the international planning (Griffith-Dawson, 1998).

The new states of Central and South America became enmeshed in a complex web of commercial and financial relationships which progressively tied them to an expanding world economy and its consecutive cycles of expansion and recession, of prosperity and crisis. (Marichal, 1989a, p 12-13).

According to Griffith-Dawson (1998), Latin American economies actively participated in the financial market, due to their internal low capacity accumulation and the financial needs of these economies resulting from the independence wars. It is also important to mention the colonial legacy that shaped these economies⁶.

⁵ Periods in the constitution of this historical formation process of companies in Latin America: 1) after "the first decades immediately to independence" (Lewis, 2001, p. 128) an attempt was made to create derived manufacture from colonial manufactures; - here, despite the attempt to consolidate small manufacturing, there was an incoming movement of large capital, the large financial capital exported by *City* of London to Brazil and Latin America. Financial capital in its most advanced form is in relationship with the most basic forms of production organization. 2) "it was classic of exports expansion" (Lewis, 2001, p. 128), a period that extends from approximately 1870 to the first world war, based on a process of modernization of various organizational sectors of infrastructure combined with expansion of domestic demand; 3) "period that extended from the first world war to the Depression" (Lewis, 2001, p. 128).

⁶ According to Albert Hirschman, one of the reasons for the country's backwardness: "Latin Americans in the 19th century are linked, in a way, to the emergence of local theories, ideas or opinions about the nature of the problem of Latin American development. The explanation may be that, many decades after the schemes of independence, the problems of survival, organization and consolidation of South American states, in the midst of disputes over borders, internal uprisings and civil wars, remained at the center of public attention so that the 'ideologues' focused primarily on the problem of political organization" (Hirschman, 1967, p. 11).

On table 1, we can observe the *City* of London's capitals intake in the region⁷. Through loans to the Latin American countries, England grew and consolidated as an economic and political reference powerful enough to finance the countries in the region in their early years of existence. Juan Bautista Alberti (1858 in Marichal, 1989b, p.03) summarizes this scenario as follows: "*Nations like England or France might hesitate between seeking loans within the country or taking them from abroad; but desert and poor countries that do not have their own capital have no right to hesitate [...]*"⁸. Between 1822 and 1829, Latin America countries obtained twelve loans from the City of London - 1.5 loans per year from 1822 to 1828. This scenario summarizes the Latin America financial dependency and its orbit around a dynamic financial provider.

The position held by the *City* constituted a reference to all capital investment, as Joseph Smith corroborates:

An international economy came into being with London as the financial capital. British exports dominated world markets and few countries remained unaffected by British capital investment. In 1815, Britain had an accumulated credit abroad of around 10 million pounds. By 1895 the figure was 2.195,3 million. (Smith, 1979, p. 03).

London's privileged position, with no competitors, turn Latin American newly born destiny of the nations into the aegis of international financial dynamics. Thereby they see themselves hostages *to the City of London*, ultimately given the region's own colonization model – as an exporting raw materials platform for their respective metropolises, consolidating their relationship with the international market. This dependence system outcome refers to: I) the financial institutions fragility within these new countries, II) early manufacturing industry with low capital concentration capacity, III) lack of a political and

⁷ For a detailed historical analysis on the City, see Meunir, D. (1958).

⁸ Original in Spanish: "*Naciones como la Inglaterra o la Francia podrían vacilar entre buscar préstamos dentro del país o tomarlos del extranjero; pero países desiertos y pobres que no tienen capitales propios no tienen derecho a vacilar [...]*"

institutional design regarding a developing model and IV) the need of external savings ownership. The availability of credit in the *City* centralizes on these savings-in-need economies. The old colonial economic and social structure transforms into a new phase of capitalism, opening a new typology of dependency from high finance.

It is also worth highlighting the condition of economies newly independent of a spoiling colonial regime that left an impoverished society as an inheritance. The cycle - poverty plus the need for resources to finance the struggle for independence and the dependent specialized export platform linked to the *City* - form the perfect environment for Latin America's financial exposure.

Table 1 - Loans (placed in London), 1822-1829.

Year of Issue	Interest Rates	State Name	Total amount of loans contracted in pounds sterling	Amount of loans issued in London in pounds	Issue price	Agents Responsible for Issue
1822	6	Chile	1,000,000	934,000	70	Hullert Bros & Co.
	6	Colombia	2,000,000	2,000,00	84	Herring, Graham & Co.
	6	Peru	1,200,00	450,000,	88	Thomas Kinder & Co.
1824	5	Brazil	1,686,200*	1,686,200*	75	Baylett, Farquhar & Co. Alexander & Co., Wilson Shaw & Co.
	6	Buenos Aires	1,000,000	1,000,000	85	Baring Bros. & Co.
	6	Colombia	4,750,000	4,750,000	88,5	B.A Goldschmidt & Co
	5	Peru	Loan balance sheet	750,000	82	Thomas Kinder & Co.
1825	5	Brazil	2,000,000	2,000,000	85	Rothschild & Sons
	6	Guatemala	1,428,571	163,300	63	Barclay, Herring-Richardson & Co.
	6	Mexico	3,200,000	3,200,000	86,75	Barclay, Herring Richardson & Co.
	6	Peru	616,000	616,000	78	Thomas Kinder & Co.
1829	5	Brazil	800,000		54	Rothschild & Sons

* Some sources cite the amount as £1 million.
Source: Griffith-Dawson (1998, p. 315). Rates=%

The efficient capital accumulation system shortfall and the newly created nations' basic institutions, added to the need for credits, will

provide a high degree of vulnerability to international capital with its erratic flow (speculative cycle). William Galde draws attention to the fact that these capitals travel "*completely exempt from formal restriction*" (2009, p. 64), increasing the region's exposure to the harmful and unstable effects of these capitals in times of crisis.

These countries vulnerability reflection can be seen in Table 2, the exposure to external debt crises that unfolded in a set of defaults during the nineteenth century, and they are associated, at first, with the need for indebtedness due to the wars of independence waged by the countries of the region during the 1820s (12 *default*) defaults⁹. The global crises events that occurred in the world during the 1860s to the mid-1870s, and again from 1880 until the early 1890s (defaults 16) (Marichal, 2014), they rebound within Latin America's economies and, consequently, the payment of their obligations (Reinhart; Rogoff, 2008, p. 23), in a link to the international system¹⁰.

The Latin American countries' trend is impacted due to problems in the capacity of generating internal resources for foreign debt payments, added to the lack of new financing, as can be seen in Table 2. We found the recurrent defaults, their renegotiations and the forms of adjustment practiced in the post-independency time, as a chronic problem to the countries of the region, persisting throughout the nineteenth century.

The dependency on the *City* derives on a recurring basis, a close relationship between the need for external savings inherited from the colonial structure, and the need to continue sustaining the payments of its external obligations. When it is sensitive to dependency on external resources, it exposes the fragility of financial institutions, low

⁹ A default is a failure to meet principal payment or interest on the due date included in the original terms of the contract. Standard and Poors (December 22, 1999) also includes standard restructurings that contain terms less favorable to creditors than the original transactions (Reinhart; Rogoff, 2008, p. 01).

¹⁰ Russian economist Nikolai D. Kondratief (1946), in his classic work *The long waves of the economy*, tries to answer what are the periods of cycles within capitalist economies. In this case, there is some compatibility between the times when most of the *defaults in Latin America* and the second wave of descent, which lasts from 1870-75 I to 1890-96 (1946, p. 31). For further details over this period, we can see Arrighi (1996, p. 168) and Griffith-Dawson (1998, p. 264-269) about the countries of Latin America.

concentration of capital, lack of financial institutions and the supply of external credit. A direct current that feeds back that financial exposure-dependency.

Table 2 - External default of Latin American countries during the 19th century

Country Independence day	1800-1824	1825-1849	1850-1874	1875-1899
Latin America				
Argentina, 1816	-	1827	-	1890
Brazil, 1822	-	-	-	1898
Bolivia, 1825	-	-	-	1875
Chile, 1818	-	1826	-	1880
Colombia, 1819	-	1826	1850-1873	1880
Costa Rica, 1822	-	1828	1874	1895
Ecuador, 1830	-	1826	1868	1894
El Salvador, 1821	-	1828	-	1898
Guatemala, 1821	-	1828	-	1876, 1894, 1899
Honduras, 1821	-	1828	1873	-
Mexico, 1821	-	1827, 1833, 1844	1866	1898
Nicaragua, 1821	-	1828	-	1894
Paraguay, 1811	-	-	1874	1892
Peru, 1821	-	1826	-	1876
Dominican Rep, 1845	-	-	1872	1892, 1897, 1899
Uruguay, 1811	-	-	-	1876, 1891
Venezuela, 1830	-	1826, 1848	1860, 1865	1892, 1898

Source: Reinhart; Rogoff (March 5, 2008). Available in <
www.academia.edu/2663066/This_time_is_different_A_panoramic_view_of_eight_centuries_of_financial_crises>>. Accessed: 15 Mar 2018

3 THE FINANCIAL CAPITAL ROLE IN THE REGIONAL EXPANSION PRODUCTION

The financial resources demanded by these nations enforced a reflective condition on these countries, the cyclical dynamics of these flows, with little room for maneuver given to such fragility conditions both external and internal. The Britain trade flow also increased. The figures generated by the trade flow pinpoint a lower relative load for Britain. However, the load for Latin American countries is more

significant. Joseph Smith describes it this way:

Although the Latin America trade relationship with Britain was not as important as to Europe, North America, or Asia, British trade with Latin America was still substantial. Between 1865 and 1895 annual British exports to that area averaged 20.6 million pounds as an annual import averaged 20.3 million. As a value supplier to the British economy the rapidly developing British relationship with Argentina was the prime example of this. Latin America was also a major field of British financial investment. Such investment has been estimated at just over 80 million pounds and more than 552 million pounds in 1885. The sum was considerable, but Latin America was only a part of a global picture (Smith, 1979, p. 4).

This relationship builds up a complex condition, the financial market turmoil is responsible for its own *commodity markets disorganization*, making up an interconnection between goods and capital markets within Latin America economies. Thus, displaying a high level of vulnerability to the exporting sector, markedly dependent on international capital (investments), therefore, in turn, jeopardized the production performance conditions within the economies of the region, as Celso Furtado points out:

The international economic relations development was not made only on the increasing exchanges between the various nations, but also on the creation of headquarters that controlled the financial flows; that guided international capital transfers; that financed strategic exportable products stockpiles, that intervened in pricing formation, etc. A Latin American country exportable surplus expansion depended almost always on facilities investments financed with foreign capital, which became accessible whenever the insertion of growth in production to international markets corresponded to the command centers' expectations of the world economy (Furtado, 1986a, p. 203).

The external savings performance enforced significant tensions to the region's economies income generation capacity shaping the *commodity production expansion and downturn cycles*. By now the Latin American economies insertion in the international circuit has become an important changing moment for the financial capital performance.

The exporting sector growth helped to create an internal market,

although extremely restricted. Simultaneously, it drove the centers' urbanization with greater internal accumulation performance. The countries became intertwined through the international flow of financial capital itself and by the commodities. Therefore, the national and international relationship is not a competition with each other; but a dependency on native capital with *the City's financial capital*. This reflective situation occurs as a symbiosis between the "two" capitals – a subordinated complementation, unable to create a competitive system in the Latin American capitalistic economies' accumulation process¹¹. Giovanni Arrighi describes the capital maximizing process as the only way of self- preservation:

The only path means that the profit-maximizing, accumulation capital logic and the income-maximizing commercial expansions logic coincide and sustain each other. For its sprawling, the world economy can count on the ever-increasing volume of currency and other means of payment that seek to invest in trade. And for its self-expansion, the capital can count on the availability of an increasing number of specialized markets, in which an increasing mass of products can be bought and sold, without having their value depreciated (Arrighi, 1996, p. 238).

The credit development that breaks the limit for the very means of production expansion reinvigorates the logic of the system in its expansion process, creating actions and contradictions within itself, launching fictitious capital into the world. A capitalist logic, dynamic element capable of permeating all the spaces of the world, for Hobsbawm, is the creation of a "*unified world*"¹² (2011, p. 87).

From the mid-19th century onwards, the transformations inside *the City* will shape this capitals' presence in the region, beyond mostly loans conditions, thus releasing the financial flow so that the governments of the region could appropriate for the direct external investments in order to feed new investments methods (especially

¹¹This relationship between the nascent capitals and the international capital, encloses the very expansion of the accumulation conditions of the region, restricting its dynamics. The presence in the first hour of international capital acts in its favor as a market reserve mechanism, shaping the conditions of dependency of the region to the investments of these large monopolies.

¹² This expression is the name of chapter 3 of *The Age of Capital*, in which Hobsbawm traces the formation of this global economy, which emerges with force between 1848 and 1875. The reference to be consulted is Griffith-Dawson (1998).

railways and services). Thereafter, there are now three ways available for governments to obtain these resources from the mid-19th century onwards: I) foreign loans through official banks; II) past debts refinancing loans; and III) weaponry purchasing and railways developments, as it can be seen on Table 3.

The financial transactions to Latin America in the mid 19th century were unveiled in three steps: first – which takes place in the 1850s – they are basically limited to the old refinancing foreign debts, especially those incurred in the 1820 (independence wars); second – in the 1860s – a strong military funding presence takes place (Paraguay's war); and, finally, on third, it directed to the infrastructure financing, together with public contracts, especially the railways construction (Marichal, 1989b, p. 113).

The financial market developed new ways of mobilizing resources and distributing them more skillfully to companies located in central economies. Given the large capital accumulation and the birth of the large company, companies were organized by shares. A *"fertile moment for capital mobilization experiments regarding industrial development"* (Hobsbawm, 2011, p. 326).

Still in the 19th century twilight years, we observed a picture of the whole capital's metamorphosis: from a capital accumulation process established in search of new markets, to the old markets effective consolidation. Thus, the capital expansion leads to Latin American economies' interconnection with the international economy (Bethell, 2009, p.604).

Table 3. Foreign Loans to Latin American governments - 1850-1875

Nations	Number of Loans	Nominal value Total (millions sterling)	Military (%)	Public works (%)	Refinancing (%)
Argentina	7	13.488	20	68	11
Bolivia	1	1.700	–	100	–
Brazil	8	23.467	30	13	57
Chile	7	8.552	37	51	12
Colombia	2	2.200	–	9	91
Costa Rica	3	3.400	–	100	–
Ecuador	1	1.824	–	–	100
Guatemala	2	650	–	77	23
Haiti	1	1.458	–	–	100
Honduras	4	5.590	–	98	2
Mexico	2	16.960	70	–	30
Paraguay	2	3.000	–	80	20
Peru	7	51.840	10	45	45
Dominican Rep	1	757	–	100	–
Uruguay	1	3.500	–	–	100
Venezuela	2	2.500	–	30	70

Source: Marichal, 1989b, p. 95.

What we can mention from the information on table 3 is that most of these resources that provide means of capital will greatly impact on the economic organization of Latin American countries, bringing an intersection with the world economy.

At the end of the 19th century, the countries of the region became compromised with the international dynamics, given its primary-exporting structure, its economic and financial dependency relationship. This is a consequence from regional (internal) development dynamics at different "periods" of Latin America capitalism development and the relationship of these economies with the dynamic center of international capitalism (Soares, 2016).

This interconnection plays an important role to the Latin America's national funds, releasing them to be reinvested in the very expansion of their main export product (*commodities*), and for other

minor investments. The lack of an accurate perspective on the development and the access to international flows has fostered specialization in primary exporting sectors.

The economy's diversification process inhibition was articulated with the investments profile made available by *the City*. In turn, Marx and Engels, when writing about English trade in *The English Trade Balance*, highlight that the export of capital goes beyond banks and insurance companies:

[...] has interests in railways, canals, mines, etc., foreigners, from where it receives the corresponding dividends. Shipments related to all these interests are made most exclusively in products that exceed the amount of English exports (Marx; Engels, 1978 [1853], p. 176).

It is on this frantic, changing scenario that the colonial economies to capitalist economies transition process takes place. Hence, The productive forces inequality is crystallized here, not bringing distance reduction inside the international labor division between the newly liberated colonized economies and the industrialized nations, expressing, thus, in the international exchange, "*the International Division of Labor*" (Bukharin, 1988 [1915-1917], p. 21).

This reorganization on the technical-financial fronts of capitalist economies at the end of the 19th century marks the capitalist enterprises monopolization process, establishing a new company and a new bank (Lenin, 1982 [1917], p. 586-610). Thus, a new phase is open, which the Political Economy enshrined as imperialism¹³. The local economy integration upon these international markets through international financial flows was an important step in the system reproduction of labor division that has been coming forward to the region since its colonization.

Thus, productive specialization is established, since the

¹³ A brief summary of the interpretations of imperialism can be found in a footnote in the book *The emergence of the mode of production of goods*, of Prof. Francisco de Oliveira. In the case of Latin America, Albert O. Hirschman presents a very particular discussion on the subject in *On Hegel, imperialism, and structural stagnation*, from 1976, little explored by Marx, according to the author.

investments presented were set, as a rule, to the interests not only financial, but also commercial and industrial of its creditors, as we can see through¹⁴ the types of investments that took place at the end of the 1880s, see table 3.

England, as the world's great engine (Dobb, 1971, p. 362-3) and financial center, has a formidable role in these investments. There has been volume rise of British investment from just over £200 million in 1880 to around £1 billion at the turn of the 20th century.

Most of British investments in Latin America in the thirty to forty years before World War I were made in the portfolio (government bonds and minority holdings in foreign-controlled companies), although direct investments increased from a quarter in 1880 to almost half in 1914. More than a third of the money invested by the British in Latin America were placed in government bonds (state, federal and municipal). (Bethell. 2009, p. 590).

The integration process into the international financial monopolistic capital was an organizational method of these capitals, subjecting the region's economies to consolidate a very particular investment typology. At the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, this process becomes evident when Lenin notices the monopolistic conditions taking place.

In South America [...] 5 German banks have 40 branches; 5 English, 70 branches [...] England and Germany, over the last twenty-five years, have invested approximately US\$1 billion in Argentina, Brazil and Uruguay; from the outcome, they benefit 46% of all trade in these three countries. (Lenin, 1982 [1917], p.625).

The industrial and financial centers' connection with Latin America was the force that boosted the capital accumulation process throughout the Latin American continent.

¹⁴ Lenin describes as follows the new stage that capitalism had reached – imperialism: "Financial capital created the time of monopolies. And monopolies always carry monopolistic principles: the use of 'relationships' for profitable transactions replaces competition in the open market. It is quite common that among the clauses of the loan it is necessary to spend part of it on the purchase of products to the creditor country, in particular armaments, boats etc. France has often resorted to this process during the last two decades (1890-1910). The export of capital becomes a means of stimulating the export of goods" (1982 [1917], p. 624).

The role of such flows in Latin American economies results directly from the degree of development that central economies have achieved (financially and technologically) and their need to reproduce such capitals, severely impacting the former European colonies economic structures, in order to format the region's own economies in the process of integration into world capitalism formatting the international labor division. Lenin comes again to corroborate what is stated, as follows:

The export of capital is reflected in the capitalism development within the countries where they are invested, accelerating it quite extraordinarily. If, as a result, the referred export can, to some extent, bring a development stagnation to the exporting countries, this can only take place in exchange for greater enlargement and the deepening of capitalism development around the world (Lenin, 1982 [1917], p. 623).

The borrower and lender relationship is a financial, dependency condition between both, a financial and commercial relationship (Lenin, 1982 [1917], p. 624). The financial binding is, at this historical moment, a sensitive factor, and will crystallize from the 19th to the 20th century transition. This relationship becomes clear when we understand table 4 (which corroborates with table 3, in relation to the investments profile in the region), which concerns with British investments in Latin America and its priorities. Yet regarding the capitalism full changes conditions in the global order, and the region's economies begin to integrate this circuit, in a characteristic of its development, as Carlos Marichal points out:

[...] overlapping network of capital flows from several North Atlantic industrialized nations [...] However, these flows were not the only local productive activities financing sources; on the contrary, they were the complement to domestic investment, standing out in certain areas rather than others (Marichal, 1995, p. 12-3).

In this way, we can recall how the form of dependency comes off, together with these financial and commercial flows. Latin America begins to participate in the modern international monetary system – which fosters trade expansion with an international financing system, thus linking Latin American countries to this dynamic at the end of the

19th century and in the beginning of 20th (Cárdenas *et al*, 2003, p. 10).

This relationship can be noticed more clearly in relation to trade between the countries of the region and Europe. Therefore, it was Great Britain that eventually took the labor international division to its "*maximum expresión*", according to Eric R Wolff (1972, p. 21). In this utmost international labor division context, where countries are integrated, with the distances' reduction, the Latin American economies are placed in a very complex picture: hostages of the income generated by the exploitation of primary products. At the same time, it establishes a distancing from the regional integration process– a Latin American integration paradox.

This foreign capital relationship brought complicators and, moreover, exposed these economies to euphoria and depression cycles, as well put by Griffith- Dawson (1998). This conjuncture establishment brings repercussions on the relations between the economic center and the periphery beyond economic issues, reflected in internal politics and international relations that have been built from this framework. There are also other important variables in this scenario: "*[...] financial dependency will be the starting point for an early political and direct military dependency*" (Donghi, 2011, p. 203).

This dependency on foreign resources leads, namely, to international financial flows exposure and external cycles in a way dependent on the conjuncture of dynamic centers (Webb, 2003,). This capital´s dependency is described by Rosa Luxemburgo as follows:

This 'commodity' is not appropriated to fill 'certain gaps' of foreign 'national economies', but rather, 'create gaps', open faults and ruptures in the wall of the ageing 'national economies', to penetrate and act on them as a powder keg and turn them into a more or less long term, into heaps of ruins (Luxemburgo, 1971 [1925], p. 75).

Yet, in her words, this "commodity" [paves the way for other] "most notable goods", thus undermining local economies and bringing these

economies to the so-called civilized world of mass consumption – a consumption pattern fetish that seeks to copy from central countries.

As a reflux occurs, these economies' fragility is exposed to a context of "financial asphyxiation", which results in a lack of resources for their projects and also reverses the signal flow in order to honor their external commitments, critically interfering in the balance of payments. It is precisely at this point that these countries' lack of autonomy in financing Latin America development is materialized (Thorp; Whitehead, 1986).

Table. 4. British investments in Latin America at the end of 1880¹⁵
(in millions of pounds sterling - current values)

Countries	Investments Nominal	Government Bonds <i>Bonds</i>	Economic enterprises
Argentina	20.338,71	11.233,700	9.105,009
Bolivia	1.654,000	1.654,000	–
Brazil	38.869,067	23.060,162	15.808,905
Chile	8.466,521	7.765,104	701,417
Colombia	3.073,375	2.100,000	973,373
Costa Rica	3.304,000	3.304,000	–
Cuba	1.231,600	–	231,600
Dominican Republic	713,300	714,3	–
Ecuador	1.959,380	1.724,000	135,38
Guatemala	544,200	544,2	–
Honduras	3.222,000	3.222,000	–
Mexico	32.740.916	23.540,800	9.200,116
Nicaragua	206,570	–	206,57
Paraguay	1.505,400	1.505,400	–
Peru	36.177,070	32.688,320	3.488,750
Uruguay	7.644,105	3.519,220	4.124,885
Venezuela	7.564,390	6.402,800	1.161,590
General	10.274,660	–	10.274,600
Total	179.490,261	123.078,006	56.412,255

Note: Capital in various economic ventures: 34 railways, 24 utilities, 18 mining companies, 08 banking and other financing, 05 real estate developments, 07 shipping companies and various.
Source: Rippey (1972, p.25).

Thus, a process of dependence is presented that unfolds in a perverse way, considering that, in most Latin American countries,

¹⁵ In 1875, there were a total of 77 British companies operating in Latin America, which had operations on the London Stock Exchange; of this total, 25 companies were railway, 11 mining, 6 banks and 7 telegraph companies, 9 gas, 5 shipping (Marichal, 1989b, p. 93).

spontaneous savings are insufficient to cover the most urgent capital needs (Prebisch, 2011).

The outcome is a vicious circle formation: Capital productivity is low, because capital is lacking, and capital is lacking because the savings margin is low, given the low productivity (Prebisch, 2000, p. 109).

4 LATIN AMERICA'S INDUSTRIALIZATION AND FINANCIAL HERITAGE

Latin America's *economic and financial lack of a consolidation system* – which is a consequence of the region's dependence - exposes the necessary conditions to harbor the region's economies accumulation process, and to program the investment of the material structures of productions, in order to feed the region's economies internal developments. The lack of a dynamic economic system weakens the process of capital accumulation, and it is necessary to go to the foreign market to demand resources to support investments within regional economies. However there is a relationship beyond the institutional area, this is the character's condition to the region's colonization specificities, based on the systematic transference of the economic surplus to the metropolis, configuring a dynamics that hinds the generated product's internal inversion.

The local industry constitution at the end of the late 19th century cannot break up with the conditions inherited from the colonial period.

Given the particular conditions that each country faced to consolidate its own industrialization process, the Latin American's economies dynamic subject, highly profitable, is the monoculture, mining or other primary exporting activity, turning into an important obstacle to another economic activity constitution with a high degree of specialization. Furtado (1986b, p. 115) described the primary products export profile conditions, which reflects a strong concentration in a few production lines, which leads the productive structure to develop in an

inverse way from that which occurs before the demand profile.

Under these conditions, the industry will thrive over the rise effect on domestic income, thus preventing a dynamic core consolidation, which, in turn, is unable to establish itself for the primary export sector's benefit.

The technical conditions inherited from the colonial period and their degree of use rebound on the Latin American's economies formation and on the dynamics of accumulation itself, given the typology for very particular exporting economies and well distinguished from one other (Bértola and Ocampo, 2010 p. 20- 23; Furtado, 1986b, p.55).

By analyzing more carefully an attempt elaboration to approach to a typology formation that explains the Latin America's economies material conditions dynamics, these economies aspects and the positions they end up occupying in the international scenario, it is possible to conclude that one of the major problems that persists in Latin America at the end of the 19th century is the impossibility to the countries of the region to constitute "an economic system" integrated (Furtado , 1986a, p. 191), without consolidating dynamic mechanisms of accumulation and, consequently, financing its own development.

Thus, it is imperative to raise foreign resources to the financing of current transactions as well as for internal investments, in order to boost the necessary conditions for industrialization acknowledged in this context as a form of long-term development of regional economies. Aldo Ferrer describes such behavior during the twentieth century:

It is understood that within the structure of a "peripheral" economy, the possibilities of entrepreneur expansion activity were necessarily limited. With production concentrated in primary export activity, absent from any domestic generation of new technologies, it limited the industry to simpler manufacturing; the opportunities of the Latin American entrepreneur were inevitably narrow. Within this structure, capital accumulation was concentrated in traditional export activities, while savings formation was decisively dependent on foreign trade and foreign capital (Ferrer, 1969, p. 20).

It is a basic reading of Latin America's development understanding from an industrial structure as a way to overcome the backwardness of the capitalist development concept. This concept, in general, goes against the logic of the classical thought, although it is possible to detect an effort to define development and social well-being.

5 CONCLUSION

The exposed idea and arguments are based on a historical research agenda of the conditions that permeate Latin America's main weaknesses, given the continuous and systemic flow of foreign savings, in order to respond to the internal financing development conditions of the countries in the region. In this context, we present a review of the critical and broad interpretations of the external financing role in the region's economies at the end of the colonial system.

The historical conditions clearly demonstrate this scenario and the more ordinary dependency characteristics on external savings in a paradoxical condition. The need for external resources exposes the fragility of the region's economies and further weakens those economies, exposing the financial cycles of the central economies, in the case of the 19th century the City.

The search for resources to finance development derives from the very accumulation of the dependency model, inherited from the colonial period within a systematic framework in which the search for foreign savings exposes Latin American contradictions development model. At its limit, the very weakness of capital accumulation, added to the lack of political projects to overcome this process, was not capable of breaking this international dependency.

Thus, we observe the dependency conditions metamorphosing, from a former Iberic colonie framework to a system of countries orbiting

around the financial system articulated by Great Britain, hegemonized by financial capital, consolidating Latin countries' subordination relationship with financial capital.

The relationship between regional economic groups and financial capital becomes intimate, reflecting in the state sphere, and in the capital accumulation mechanisms format via state. This defines Latin America's international insertion design in financial capitalism in the 19th century.

6 REFERENCES

ARRIGHI, G.. **O Longo Século XX**: poder, dinheiro e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: editora UNESP, 1996.

BÉRTOLA, L; OCAMPO, J. A. **Desenvolvimento, Vicissitudes e Desigualdade**: uma história econômica da América Latina desde a independência. Madrid: Secretaría General Iberoamericana, 2010.

BETHELL, L.. A Grã-Bretanha e a América Latina, 1830-1930. In: BETHELL, L. **História da América Latina de 1870-1930**. (org.). Volume IV. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Brasília, DF. Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

BUKHARIN, N. I. **A Economia Mundial e o Imperialismo**: esboço econômico. São Paulo. Nova Cultural, 1988 [1915-1917].

CÁRDENAS, E.; OCAMPO, J.A.; THORP, R. Introducción, In: CÁRDENAS, E; OCAMPO, J.A.; THORP, R. (org). **La Era de las Exportaciones Latinoamericanas**: de fines del siglo XIX a principios del XX El trimestre económico. Fondo de Cultura Económico. México, 2003.

DE CECCO, M. **"Gold Standard."** The New Palgrave: A Dictionary of Economics. First Edition. Eds. John Eatwell, Murray Milgate and Peter Newman. Palgrave Macmillan, 1987. The New Palgrave Dictionary of

Economics Online. Palgrave Macmillan. 14 October 2013
doi:10.1057/9780230226203.2655.

DOBB, M. **A Evolução do Capitalismo**. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1971.

DOBB, M. **Desenvolvimento Econômico e Países Subdesenvolvidos: seguido de a planificação socialista**. Edições 70. São Paulo/ SP, 1970.

DONGHI, H. **História da América Latina**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 2011.

FERRER, A. Industrias básicas, integración y corporaciones internacionales. In: **La Dependencia Político-Económica de América Latina**. México. Siglo Veintiuno Editores, 1969.

FURTADO, C. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo. Editora Nacional, 1986a.

FURTADO, C. **A Economia Latino-Americana: formação histórica e problemas contemporâneos**. São Paulo. Ed. Nacional, 1986b.

GLADE, W. A América Latina e a economia internacional, 1870-1930. In: BETHELL, L. **História da América Latina de 1870-1930**. (org.). Volume IV. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Brasília, DF. Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

GRIFFITH-DAWSON, F. **A Primeira Crise da Dívida Latino-Americana**. São Paulo: Editora 34, 1998.

HIRSCHMAN, A, O. Ideologia do desenvolvimentismo econômico na América Latina. In: Hirschman, A, **O Monetarismo vs Estruturalismo: um estudo sobre a América Latina**. (org.). Programa de Publicações didáticas. Agência Norte-Americana para o desenvolvimento internacional. USAID. Rio de Janeiro, 1967.

HIRST, P.; THOMPSON, G. **Globalização em Questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes,

1998.

HOBSBAWM, E. J. **A Era do Capital 1848-1875**. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2011.

KONDRATIEFF, N.; GARVY, G. Las Ondas Largas de La Economía. **Revista de Occidente**, Bárbara de Braganza, 12. Madrid, 1946.

LENIN, V. I. **O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo** (ensaio popular). Obras escolhidas em três tomos Vol. 1, 2º edição. Editora Alfa – Ômega, São Paulo, 1982 [1917].

LEWIS, C. M. A indústria na América Latina antes de 1930. In BETHEL, Leslie Org. **História da América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, volume IV, 2001. p. 111-174.

LUXEMBURGO, R. **Introdução à Economia Política**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1971 [1925].

MARICHAL, C. **A Century of Debt Crises in Latin America**: from independence to the great depression, 1920-1930. Princeton University. Princeton, New Jersey, 1989a.

MARICHAL, C. **Historia de la Deuda Externa de América Latina**. 1942-1992, Quinto Centenario, Alianza Editorial. España, 1989b.

MARICHAL, C. Introducción. In: MARICHAL, C. Coordinador. **Las Inversiones Extranjeras en América Latina, 1850-1930**. Nuevos debates y problemas en la historia económica comparada. Ed. El colegio de México. España, 1995. P.11-25.

MARICHAL, C. **Historia Mínima de la Deuda Externa Latino-Americana, 1820-2010**. México: Colegio de México, 2014.

MARX, K.; ENGELS, F. **Sobre o Colonialismo**. Volume II. Editorial Estampa. Lisboa, 1978 [1853]

MEUNIR, D. **La City de Londres**: los grandes mercados internacionales. Fomento de Cultura. Valencia, 1958.

OLIVEIRA, F de. A Emergência do Modo de Produção de Mercadorias: uma interpretação teórica da economia da República Velha no Brasil. In: **História geral da civilização brasileira**: o Brasil republicano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1997.

PREBISCH, R. O Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus problemas. In: BIELSCHOWSKY, R (ORG). **Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal**. Rio de Janeiro, Record. 2000.

PREBISCH, R.. **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaio**s. Organização e introdução. Adolfo Gurrieri; Rio de Janeiro. Contraponto. Centro Internacional Celso Furtado. RJ, 2011.

REINHART,C.; ROGOFF,K.NBER: **This Time is Different**: A Panoramic View of Eight Centuries of Financial Crises. Available in: https://www.nber.org/people/kenneth_rogoff. Accessed: 15 march.2018.

RIPPY, J. F. **British Investments in Latin America, 1822-194**: The evolution of International business 1800-1945. Volume I. Routledge, London, 1972.

SMITH, J. **Illusions of Conflict: Anglo-American Diplomacy Toward Latin America, 1865-1896**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, Digital Research Library, 1979. Available in: <http://digital.library.pitt.edu/cgin/t/text/textidx?c=pittpress;cc=pittpress;view=toc;idno=31735057897583>. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. Accessed: 10.mai.2018.

SOARES, J. A. R. **O Processo Histórico da Construção de uma Instituição de Fomento para a América Latina**: a economia política do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2016, 309 p.

THORP, R.; WHITEHEAD, L. **La Crisis de la Deuda en América Latina**.

Colombia: Siglo XXI, 1986.

TOMICH, D. W. **Pelo Prisma da Escravidão**: trabalho, capital e economia mundial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

WEBB, R. La influencia de las instituciones financieras internacionales en la industrialización mediante la política de sustitución de importaciones. In: CÁRDENAS, E; OCAMPO, J.A.; THORP, R. (org.). **Industrialización en la América Latina**: La leyenda negra de la posguerra. El trimestre Económico n° 94. Fondo de Cultura Económico. México, 2003. .

WOLFF, R. **La Economía Política del Imperialismo**. Ediciones periferia, S.R.L. Buenos Aires, 1972, p. 19- 39.



ECOLOGIA POLÍTICA E AGRICULTURA URBANA NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES TEÓRICAS POR UMA APROXIMAÇÃO

*ECOLOGÍA POLÍTICA Y AGRICULTURA URBANA EN AMÉRICA LATINA:
REFLEXIONES TEÓRICAS PARA UNA APROXIMACIÓN*

*POLITICAL ECOLOGY AND URBAN AGRICULTURE IN LATIN AMERICA:
THEORETICAL REFLECTIONS FOR AN APPROXIMATION*

Henrique Freitas Alves¹ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar um panorama das discussões da ecologia política urbana e da agricultura urbana. A metodologia utilizada baseou-se na revisão bibliográfica, selecionada através do metabuscador Portal Águia (USP), de obras que abordem a ecologia política urbana e a agricultura urbana, além de comparar a literatura específica da ecologia política e caminhos para inserção na agricultura urbana. Por meio disto, evidencia-se a necessidade de aproximação ainda maior das análises destas na literatura acadêmica latino-americana, dada a escassez de estudos neste sentido na região. Dessa forma, discute-se a complexidade das relações políticas e socioambientais por trás da prática da agricultura urbana, evidenciando a contribuição de sua associação ao campo da ecologia política.

Palavras-chave: Agricultura Urbana; Ecologia Política; Ecologia Política Urbana; Metabolismo Urbano; Reapropriação Social Natureza.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar una descripción general de las discusiones sobre ecología política urbana y agricultura urbana. La metodología utilizada se basó en una revisión bibliográfica, seleccionada a través del metabuscador Portal Águia (USP), de trabajos que abordan la ecología política urbana y la agricultura urbana, además de comparar la literatura específica sobre ecología política y caminos de inserción en la agricultura urbana. A través de ello, se constata que es necesario acercar aún más tales análisis a la literatura académica latinoamericana, dada la escasez de estudios al respecto en la región. Así,

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. E-mail: hfreitas.alves0@usp.br.

se discute la complejidad de las relaciones políticas y socioambientales detrás de la práctica de la agricultura urbana, destacando la contribución de su asociación al campo de la ecología política.

Palabras-clave: Agricultura Urbana; Ecología Política; Ecología Política Urbana; Metabolismo Urbano; Reapropiación Social Naturaleza.

Abstract: This article aims to present an overview of the discussions on urban political ecology and urban agriculture. The methodology used was based on a bibliographic review, selected through the Portal Águia (USP), of works that address urban political ecology and urban agriculture, in addition to comparing the specific literature on political ecology and paths for insertion in urban agriculture. Through this, there is a need for an even closer approximation of these analyzes in Latin American academic literature, given the scarcity of studies in this regard in the region. Thus, the complexity of political and socio-environmental relations behind the practice of urban agriculture is discussed, highlighting the contribution of its association to the field of political ecology.

Keywords: Urban Agriculture; Political Ecology; Urban Political Ecology; Urban Metabolism; Social Reappropriation Nature.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.171250](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.171250)

Recebido em: 20/06/2020

Aprovado em: 23/12/2020

Publicado em: 30/12/2020

1 INTRODUÇÃO

Diante da ampliação dos estudos de agricultura urbana na América Latina, assim como dos processos políticos e econômicos que a permeiam no âmbito da urbanização, vê-se a necessidade de uma aproximação maior destes estudos com os referenciais teóricos da ecologia política, sobretudo da ecologia política urbana. Mougeot (1999; 2005) ao caracterizar a agricultura urbana a define enquanto prática com múltiplas formas e finalidades. Dessa forma, é preciso que esta seja discutida com profundidade, abarcando toda a complexidade dos processos capitalistas de apropriação e modificação da normativa urbana, ou seja, como prática presente no processo de transformação do território urbano.

Ainda, a agricultura urbana é utilizada cada vez mais pelas comunidades periféricas como forma de exatamente transformar o território, repensando a relação sociedade-natureza dentro da dinâmica da urbanização capitalista. A disputa pela apropriação do processo de construção e consolidação da normativa urbana é contínua, e a agricultura urbana surge como ferramenta de transformação, o que ressalta a necessidade de discuti-la dentro da literatura da ecologia política, a qual se encarrega principalmente dos estudos dos conflitos socioambientais distributivos.

O artigo, então, fora construído a partir do levantamento bibliográfico pelo portal de busca integrada da Agência USP de Gestão de Informação Acadêmica (ÁGUIA), o qual se caracteriza como um metabuscador de base de dados integrada, abarcando os convênios e parcerias da USP, tais como os bancos de dados Scopus, Web of Science, Portal de Periódicos da Capes, dentre diversos outros. Adotamos a pesquisa do cruzamento das palavras-chave 'ecologia política', 'ecologia política urbana', 'agricultura urbana'. A revisão e discussão da literatura encontrada foi feita sob o referencial da ecologia política, nas obras de Porto-Gonçalves (2012) e Martínez-Alier (2007), discutindo como essa corrente teórica contribuiria para o campo da agricultura urbana.

Como resultado, percebeu-se que há escassez de estudos de agricultura urbana na América Latina que estejam relacionados e/ou que apresentem a ecologia política urbana como referencial teórico, contando com Ávila Sánchez (2019), Contesse, van Vliet e Lenhart (2018), Herrera (2018), Shillington (2013) e Villar Navascués (2017). Apesar disto, há, ainda que de forma reduzida, estudos teóricos acerca da necessidade de abordar a ecologia política urbana nos estudos latino-americanos sobre cidades e urbanização, destacando-se Contreras-Escandón (2017) e Oropeza (2018).

Assim, o artigo foi dividido em seis seções, além desta introdução. Primeiramente, discute-se a ecologia política, seus fundamentos e campos de estudo. Em seguida, é apresentada a ecologia política urbana como

uma ramificação da ecologia política, com foco nas questões relativas ao espaço e território urbano. A terceira seção apresenta os estudos teóricos da agricultura urbana, e os estudos do campo que possuem como referencial teórico a agricultura urbana, na qual percebe-se que a grande maioria dos trabalhos não abordam a América Latina.

Posteriormente, são apresentados os estudos latino-americanos sobre agricultura urbana e ecologia política urbana. Por fim, as considerações finais são destinadas para discutir a diversidade dentro da ecologia política urbana e possíveis caminhos de aproximações.

2 ECOLOGIA POLÍTICA

A ecologia política tem por pressuposto repensar a relação do sistema capitalista com a natureza, partindo de uma perspectiva crítica quanto aos aspectos políticos e sociais presentes na teoria e prática do neoliberalismo e a ideia tradicional de desenvolvimento 'sustentável'.

Dessa maneira, a ecologia política, tal qual sintetiza Porto-Gonçalves (2012), rejeita a ideia de dominação da natureza permeada pelo discurso e prática neoliberais, repensando os alicerces eurocêntricos da racionalidade do sistema, retirando a natureza das perspectivas produtivista e exploratória. Ao contestar a dominação, a ecologia política ressalta as vozes das comunidades silenciadas pelo neoliberalismo, tais como os povos originários, camponeses e quilombolas. Contreras-Escandón (2017, p.29) classifica a ecologia política como uma corrente teórica que, além de adotar a perspectiva construtivista da natureza, agrega o aspecto político, no qual as relações entre sociedade e natureza ocorrem por meio de relações de poder, transparecendo a necessidade de se olhar nos meandros dos processos de normalização de ideais, discursos e políticas.

A ecologia política contesta a noção de desenvolvimento sustentável que não problematiza os padrões de consumo capitalistas, pelo contrário,

desenvolve, no máximo, formas de 'compensação' dos danos ambientais da produção (como o mercado de carbono), sem atacar a pressão no ecossistema dos padrões de consumo neoliberais, tal como explana Porto-Gonçalves (2012). De acordo com Martinez-Alier (2007), a ecologia política se concentra, sobretudo, no estudo dos conflitos ecológicos distributivos, partindo da premissa de que os problemas ambientais são derivados de decisões políticas e de poder, incidindo de maneira desigual de acordo com classe social, raça, gênero e localidade.

Neste sentido, para Oropeza (2019, p.5), a ecologia política se sustenta em três teses principais: 1) a situação do mundo atual deriva do caos e colapso provenientes da dupla exploração do capital sobre a natureza e seres humanos; 2) se refere à transformação espacial desta dupla exploração, transformando os territórios em local, regional e global; 3) estabelece que, dadas as duas teses anteriores, a sequência de crises nas últimas décadas transparecem que há, na verdade, uma crise da civilização.

A necessidade de se pensar a ecologia política sob olhares latino-americanos, no entendimento de Porto-Gonçalves (2012, p.20), está calcada no fato de a região abarcar uma enorme biodiversidade de recursos naturais valiosos do ponto de vista exploratório do capital. E este campo teórico é composto de autores latino-americanos também porque os diferentes movimentos sociais da região há tempos incorporaram a pauta ambiental em suas agendas políticas combatendo os avanços do capital.

Porto-Gonçalves (2012) analisa, também, que apesar de o debate em torno do território e a questão ambiental, no sentido da relação sociedade-natureza, surgir inicialmente nos países centrais sob viés eurocêntrico, na América Latina se torna ainda mais complexo, pois “[...] aqui, a natureza e a cultura são politizadas com o deslocamento da luta pela terra para a luta pelo território, onde esse conceito adquire outras

significações ao apontar que dentro de um mesmo estado-territorial habitam múltiplas territorialidades” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 34). Ou seja, dentro dessa perspectiva passa-se a analisar o conceito de território para além da soberania do Estado-nação, abrangendo as relações de poder presentes na apropriação e controle do espaço geográfico, bem como revelando o apagamento das ‘múltiplas territorialidades’ presentes no conceito de Estado-nação. Em síntese

“[...] território é igual à natureza mais cultura através das relações de poder, e essa é uma das principais contribuições da América Latina para a ecologia política. A partir dessa perspectiva, o debate ambiental requer a explicitação das relações sociais e de poder que lhes são constitutivas” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 34).

Portanto, a ecologia política discute, a partir do conceito de território, a questão ambiental sob a perspectiva da *reapropriação social da natureza*, que consiste no entendimento de que a reprodução das relações de produção capitalista tem por condição os processos de separação dos segmentos sociais e individualização da luta de classes, além da separação completa da relação com a natureza (PORTO-GONÇALVES, 2012). Como o território necessariamente engloba a territorialidade - a ocupação do espaço e recursos pelos povos dentro de uma construção histórica e política -, o próprio conceito de território, portanto, explicita as relações políticas, sociais, culturais e de poder presentes no mesmo. Portanto, a *reapropriação social da natureza* engloba mais do que a discussão simplista da relação sociedade-natureza, incluindo nesta os conceitos de território e (múltiplas) territorialidades.

Além disso, a ecologia política representa uma alternativa à ecologia clássica, de caráter “apolítico” (DOMENE, 2006; CONTRERAS-ESCANDÓN, 2017; VILLAR NAVASCUÉS, 2017), buscando agregar análises mais profundas e amplas sobre os processos ecológicos e as influências das forças políticas por trás dos mesmos. Entretanto, assim como a ecologia política parte da discussão do território e territorialidades, Porto-Gonçalves (2012) apresenta a necessidade de uma abordagem latino-americana para

a ecologia política, visto que as condições sociais, políticas, econômicas e culturais nas quais o território se consolida são completamente diferentes na região, sobretudo se comparadas a Europa e EUA.

Assim, com a abordagem latino-americana, Porto-Gonçalves (2012) situa a ecologia política enquanto espaço para a *reapropriação social da natureza* na busca pela construção de sociedades sustentáveis não do ponto de vista do *mainstream* das relações internacionais e da ecologia tradicional, e sim com base na perspectiva ecológica e cultural dos povos tradicionais da terra. Portanto, a busca pela reapropriação ocorre enquanto questão territorial, na medida em que a dominação capitalista parte do pressuposto de separação territorial, separação da relação sociedade-natureza também enquanto terra, enquanto condição primária de existência, de produção, enfim, do meio de produção primário. Perde-se o entendimento da natureza enquanto parte essencial da vida humana. Essa questão transparece na América Latina na medida em que as lutas pela *reapropriação social da natureza* têm como sujeitos centrais os povos periféricos do sistema capitalista, ou seja, os povos indígenas, camponeses, quilombolas, sem terras, comunidades periféricas urbanas e etc.

Os debates em torno do território e da ecologia política são extremamente amplos. Esta seção teve como finalidade apresentar a discussão teórica da ecologia política como um todo e a necessidade de realizar abordagem latino-americana destes estudos, além de situar o entendimento do conceito território em suas múltiplas dimensões, como discute Porto-Gonçalves (2012). Em seguida, discute-se a ecologia política urbana, uma ramificação para os estudos destinados a discutir o espaço e território urbano dentro da ecologia política.

3 ECOLOGIA POLÍTICA URBANA

Para além da ecologia política, vê-se a necessidade de apontar os caminhos teóricos da discussão urbana, apresentando a ecologia política urbana. Assim, Domene (2006, p.170) e Contreras-Escandón (2017, p.30) discorrem que, problematizando os significados da ecologia tradicional e da sustentabilidade urbana, a ecologia política urbana discute quais as condições e circunstâncias para se chegar à mudança socioambiental. Ou seja, consideram que tais mudanças não são neutras, e a sustentabilidade urbana deve se concentrar em questionar sobre “sustentabilidade para quê, para quem e em que circunstâncias?”. A ecologia política urbana, portanto, discute que o processo de urbanização e de sustentabilidade devem ser vistos dentro da complexidade e dinamismo dos processos políticos, sociais, econômicos e culturais.

Essa vertente entende a cidade como natureza produzida socialmente, um híbrido socionatural, evidenciando as relações de poder presentes na cidade, influenciadas pelas estruturas políticas e socioeconômicas (VILLAR NAVASCUÉS, 2017).

Dessa forma, apresenta-se como uma linha de pesquisa acadêmica renovada, de caráter interdisciplinar, fomentando o debate entre diferentes áreas que permitem ampliar o marco teórico e os estudos de caso (VILLAR NAVASCUÉS, 2017; DOMENE, 2006; OROPEZA, 2019). No sentido de buscar cidades sustentáveis, a ecologia política urbana entende que as maiores barreiras são políticas e seus objetivos sujeitos a relações de poder (DOMENE, 2006).

Um dos primeiros teóricos desta abordagem, Swyngedouw (1997, p.312) sustenta que natureza e sociedade são combinadas formando a ecologia política urbana, na qual os aspectos políticos e socioeconômicos se unem ao ecológico de forma inseparável e, dessa forma, a urbanização é um processo moldado pelas relações sociais de poder, em múltiplas formas onde a transformação socioespacial (da natureza) possui papel central. A cidade é um grande processo social de transformação da natureza, onde

sociedade e natureza resultam na ecologia política urbana, que une o poder da mobilização social e transformação ecológica com o poder do dinheiro (SWYNGEDOUW, 1997). A relação sociedade, natureza e cidade é conflitiva, heterogênea e perturbadora (OROPEZA, 2019).

Neste sentido, esta vertente da ecologia política urbana propõe uma interpretação do conceito de *metabolismo urbano* (utilizado comumente para explicar o processo em que as cidades transformam matéria-prima, energia e água em ambiente construído, produzindo resíduos e etc.) para analisar a urbanização enquanto conjunto de ações sociais e ecológicas que interagem metabolizando o ambiente a fim de transformá-lo em um híbrido sicionatural (VILLAR NAVASCUÉS, 2017).

Portanto, a ecologia política urbana interpreta o metabolismo urbano em meio às influências política e econômica das elites no poder, bem como do contexto histórico e social de formação dos espaços e território urbano. Dessa forma, por meio dos fluxos metabólicos é que são produzidas e reproduzidas materialmente as cidades, convertendo os elementos naturais em mercadoria de acordo com as relações de poder e interesses (VILLAR NAVASCUÉS, 2017).

Oropeza (2019, p.6) complementa, entendendo as cidades como entornos urbanos produzidos resultantes de processos socioambientais complexos, sendo híbridos por apresentarem parte social e parte natural; parte técnica e parte cultural.

Na relação sociedade-natureza, é difícil ver onde começa a sociedade e onde termina a natureza. A urbanização tem sido o motor para produção de novas naturezas, não há nada de antinatural nas cidades, porque a ação humana que as cria não pode se considerar externa aos ecossistemas se não processos urbanos e ambientais inter-relacionados, como é o caso de várias cidades latino-americanas (OROPEZA, 2019, p.6-7, traduzido pelo autor).

Para Contreras-Escandón (2017, p.32), os estudos urbanos da América Latina que possuem como marco teórico a ecologia política urbana, colocam em questão também a noção de desenvolvimento, apesar de

ainda ser um campo pouco explorado em estudos na região. Analisando as pesquisas do campo da ecologia política urbana, Villar Navascués (2017, p.175) identificou quatro categorias de estudo principais: metabolismo hídrico, produção de sionatureza urbana, fluxos metabólicos, e ecologia política urbana dos riscos naturais.

Neste artigo, focaremos a análise da produção de sionatureza urbana, visto que estão nesta categoria os estudos de agricultura urbana.

Como analisamos, as sionatureza urbanas são o resultado espacial das interações entre os processos políticos, sociais, culturais e econômicos em meio aos fluxos metabólicos, que em seu interior expressam as relações desiguais de poder e as estruturas socioeconômicas dominantes (VILLAR NAVASCUÉS, 2017). Os estudos de agricultura urbana desta vertente o entendem enquanto híbridos sionaturais com função de discutir e construir a soberania alimentar, a justiça socioecológica na periferia e a mudança sociopolítica a partir da introdução de práticas sustentáveis a nível local (VILLAR NAVASCUÉS, 2017).

Portanto, discutimos como a ecologia política urbana apresenta uma nova abordagem das relações urbanas, sobretudo dos problemas relacionados ao híbrido sionatural, não utilizando o conceito de território urbano. Em seguida, serão apresentados os estudos teóricos da agricultura urbana, abordando a concepção, potencial e heterogeneidade da prática.

4 AGRICULTURA URBANA

Antes de discutir especificamente os estudos de agricultura urbana presente na ecologia política urbana, convém apresentar previamente a concepção de agricultura urbana, sua finalidade usual e, também, os estudos de casos da América Latina.

A agricultura urbana enquanto prática é milenar, sendo aplicada desde os primórdios da civilização. Contudo, no âmbito institucional o termo, conforme Mougeot (1999), foi incorporado nos anos seguintes, enquanto Ávila Sánchez (2019) complementa atribuindo a maior força desta prática a partir de 2000. As formas e métodos da agricultura urbana são diversos (MOUGEOT, 1999; MOUGEOT, 2005; ÁVILA SÁNCHEZ, 2019; MENDES, 2012; FAO, 2014). Contudo, o autoconsumo é sempre a principal finalidade.

Mougeot (1999) ao analisar a diferenciação entre agricultura urbana e rural argumenta que, além da diferença geográfica, a interação com o espaço urbano é crucial para classificar a primeira, no sentido de que ela se constrói e é moldada pelo espaço urbano.

Assim, a agricultura urbana, dentro da política institucional, ganha força a partir dos incentivos da FAO visando a segurança alimentar², a qual identificou nesta prática uma importante ferramenta local. Chandra e Diehl (2019) sintetizam que, além da disponibilidade de alimentos, a agricultura urbana permite acesso a alimentos de qualidade, agindo diretamente na diversidade da dieta familiar. Estudos comparativos demonstram que famílias praticantes de agricultura urbana podem consumir até 30% mais alimentos do que aquelas no mesmo local que não são praticantes (MENDES, 2012; ZAAR, 2015).

Entretanto, existe uma clara diferenciação da agricultura urbana praticada ao Norte e ao Sul global. No caso específico da América Latina, região que de acordo com a FAO (2019) concentra quase 188 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar moderada ou severa e apresenta a maior desigualdade de gênero em sua distribuição, as práticas são distintas. Diversos autores apontam que ao Sul global a agricultura urbana está mais ligada aos processos de êxodo rural (ÁVILA SÁNCHEZ,

² Segurança alimentar deve ser entendida, neste contexto, como a possibilidade das pessoas se alimentarem com nutrientes suficientes e diversos. No caso da agricultura urbana, dados da FAO (2014) e outras referências da literatura indicam importante melhoria da atividade na qualidade da alimentação da população periférica, a partir do aumento do consumo de hortaliças.

2019; CHANDRA, DIEHL, 2019), com maior ligação ao histórico rural e camponês das famílias urbanas (AVELLA, SOSA, 2015).

Ainda, a motivação e ampliação de acordo com as crises econômicas sofridas pela região se consolida como uma diferença substancial da motivação ao Norte, ligada mais a atividades de lazer, terapêuticas e de urbanização verde (ÁVILA SÁNCHEZ, 2019; HERRERA, 2018).

Neste sentido, a FAO (2014) realizou um estudo profundo na América Latina abarcando as práticas de agricultura urbana e projetos financiados pela organização. Foi constatado que a prática já estava difundida no continente, sendo mais encontrada nas regiões periféricas dos centros urbanos e com índices de insegurança alimentar mais elevados. A liderança das mulheres nos projetos da FAO foi extremamente destacada, chegando a compor até 90% dos participantes em projeto realizado em Manágua, Nicarágua.

Diversos projetos se destacaram nas análises, como os casos de Antígua e Barbuda, Habana (Cuba), Tegucigalpa (Honduras), Quito (Equador), El Alto (Bolívia) e Rosário (Argentina). Como o foco do projeto era a segurança alimentar, pouco foi registrado quanto à transformação socioespacial e territorial da ampliação da prática. Contudo, os resultados na segurança alimentar foram extremamente expressivos, com produção significativa de alimentos e geração de renda.

Entretanto, ainda que não seja o foco do relatório, analisando-o podemos perceber o quanto os laços comunitários estão presentes, como no caso de Quito, onde já existia uma política consolidada de agricultura urbana, em que a participação deveria incluir ao menos seis pessoas, podendo ser familiares, vizinhos ou amigos, visando estimular o diálogo e construção coletiva de conhecimento, sob o viés comunitário. No caso de Antigua e Barbuda, por outro lado, parte do excedente da produção era compartilhado com os vizinhos de maneira espontânea.

Além disso, percebe-se também o quanto a distribuição desigual dos problemas ambientais (MARTINEZ-ALIER, 2007) afeta de forma muito similar todos os projetos. A escassez de água tratada, falta de disponibilidade de terras e falta de políticas públicas foram os principais entraves relatados, havendo, ainda, a insegurança gerada pela desigualdade social, como no caso de Tegucigalpa, em Honduras, onde os altos índices de violência restringiram o projeto.

A discussão da agricultura urbana, seu potencial e impacto na insegurança alimentar é bastante longa e complexa. O que se pretendeu aqui foi apresentar um breve panorama desta prática. Em seguida será discutido como a agricultura urbana poderia estar mais inserida na ecologia política urbana, e Shillington (2013, 110) apresenta um ponto emblemático, visto que discute a implementação dos projetos de FAO (2014)

5 AGRICULTURA URBANA E ECOLOGIA POLÍTICA URBANA

Feita a apresentação da concepção de agricultura urbana, cabe, agora, adentrar nos estudos desta prática presente na literatura da ecologia política urbana de forma geral.

Milbourne (2012, p. 944) entende a ecologia política urbana como uma nova forma inovativa de abordar as injustiças nas cidades, na qual se critica os estudos ecológicos que negligenciam o ‘urbano’ e também critica os estudos urbanos que marginalizam as questões ambientais. Moore (2006, p. 176) ao discutir o urbano utiliza o conceito de normativa urbana, como o “conjunto de instituições, representações, políticas e práticas espaciais que criam e reforçam o panorama urbano por uma normalização e naturalização”. Contudo, reforça que tal normativa não é estática e imutável, pelo contrário.

Dessa maneira, McLain *et al* (2014, p. 221) colocam a ecologia política urbana enquanto o entendimento das diversas formas como a natureza nas cidades é metabolizada pelo capitalismo e pelos sujeitos que o controlam, os quais decidem a distribuição dos benefícios e malefícios dessa apropriação. Neste sentido, é claro o paralelo entre esta corrente teórica e os estudos de agricultura urbana, pois como define Nagib (2016):

A agricultura urbana é multifuncional em suas expressões (formas e atividades). Ela está preocupada com questões locais, de microescala urbana, conectada às questões culturais e demandas comunitárias. Ela é um mecanismo para promover intervenções no espaço público, impulsionada por distintos movimentos sociais e materializada pelos ativismos urbanos. A agricultura urbana luta contra os efeitos do acelerado e intenso processo de urbanização [...] (NAGIB, 2016, p. 53).

Ainda, Shillington (2013) sustenta que a transformação das cidades pela participação e apropriação envolve tanto as práticas sociais quanto relações e processos ecológicos, estando intrínsecos e presentes em situações como reivindicação de água limpa, acesso à terra, alimentos saudáveis e etc. O direito ao metabolismo urbano é sobre a possibilidade de grupos e indivíduos produzirem condições socioambientais que (re)criem condições de vivência social e ecológica justas (SHILLINGTON, 2013).

Dessa forma, iniciando a presença da agricultura urbana na ecologia política, Moore (2006, p.175) analisa as origens da dicotomia urbano rural, tendo como base a literatura estadunidense, na qual se encontra explicitamente a categorização das práticas 'rurais' como não pertencentes a normativa urbana, industrial, higienista e purista. A natureza se tornou então apenas objeto de embelezamento no panorama urbano, apenas decorativa e, dessa forma, retira da cidade as práticas produtivas, fazendo com que a agricultura seja vista como uma prática somente do rural.

Contudo, ao analisar a cidade de Columbus-EUA entre os anos de 1900-1940, Moore (2006) constata que, durante os períodos de crise pelas guerras, a prática de agricultura urbana fora extremamente encorajada,

por todas as forças políticas da cidade, presente nos jornais oficiais no sentido de estimular a independência econômica e alimentar dos cidadãos, atribuindo facilidade para uso da terra e outras formas de estímulo, sobretudo para as pessoas desempregadas. A autora entende que tal estímulo ocorreu porque o mercado capitalista, em crise, era incapaz de suprir as necessidades da população, e recorreu ao discurso de individualização das responsabilidades.

Entretanto, Moore (2006) constata que, passada a crise, a partir da década de 1940 o discurso oficial se transforma, a agricultura urbana passa a ser desencorajada e vista como algo fora da normativa urbana, na qual a industrialização deveria ser o foco, e as terras utilizadas dentro na logística de urbanização.

Para entender essa dinâmica, Moore (2006) se baseia nos estudos da Escola de Chicago, e constata que dentro da dinâmica urbana, o capitalismo é concebido enquanto forma singular, negando as possibilidades de relações econômicas alternativas a não ser em tempos de crise, o que se torna evidente na análise feita sobre agricultura urbana em Columbus. A autora conclui, ainda, que houve uma evidente tentativa de apagar a história da agricultura urbana na cidade, que ainda que tenha tido um *boom* ocasionado pela crise econômica, não deixou de ser uma atividade presente no imaginário social.

Portanto, a normativa urbana de Columbus foi transformada radicalmente pelas forças políticas e econômicas, que durante a crise e pela incapacidade de prover empregos e alimentos para a população encorajou a subsistência com a agricultura urbana, incorporando-a como parte da normativa urbana. Contudo, posteriormente fora retomada a normativa onde no urbano não haveria lugar para práticas típicas do meio rural, a natureza deveria ser apenas objeto de embelezamento, decorativo e estático, sem a presença de relações não capitalistas.

Reforçando a ideia de Moore (2006), McLain *et al* (2014) entende que os parques públicos se tornaram espécies de museus, onde as pessoas podem apenas transitar, olhar, mas sem interação, e sustenta que deveria se caminhar para a mudança desse paradigma, reincorporando relações materiais de produção entre pessoas e natureza também na dinâmica urbana. McLain *et al* (2014) apontam, ainda, as problemáticas de reforçar as diferenças entre rural e urbano, uma vez que isto falha em perceber que certos processos analisados pela geografia rural também estão presentes no espaço urbano

Como prática produtiva da natureza, a agricultura urbana revela tensões de posse da terra, acesso e gestão ambiental na cidade que são novos na ecologia política urbana. A agricultura na cidade aponta para um conjunto de práticas persistentes e emergentes relações com a natureza que não são inteiramente urbanas nem rurais (MCLAIN *et al*, 2014, p.237, traduzido pelo autor).

Neste sentido, Milbourne (2012, p.954) analisando os estudos sobre hortas comunitárias nos EUA percebe o vasto potencial desta atividade em comunidades periféricas, provendo segurança alimentar, melhorando a saúde e recriando novas formas de interação social, participação pública e orgulho local. Para Milbourne (2012), projetos de hortas comunitárias promovem a produção de novos espaços de identidade, sociabilidade e empoderamento, produzindo um novo híbrido urbano.

Domene e Saurí (2007) constatam que a partir da agricultura urbana e das hortas comunitárias, os moradores da região criaram sua própria paisagem urbana, transformando as relações sociais em torno da prática, alterando a paisagem urbana tradicional e se reconectando com as origens rurais, superando a dicotomia impregnada. Este processo só fora possível porque a região não era um foco atrativo do capital imobiliário, permitindo que outra dinâmica urbana fosse colocada em prática pela comunidade.

Contudo, a pressão crescente sobre as terras e a urbanização na região coloca em risco a agricultura urbana e evidencia que as

transformações socioambientais não são práticas neutras e estáticas, e sim processos, projetos e lutas políticas contínuas (DOMENE; SAURÍ, 2007).

Milbourne (2012) relata, ainda, que os projetos acompanhados possuem formas, finalidades e escalas diversas, encontrando em alguns a prioridade na saúde mental de pessoas vulneráveis e em asilos, ou na inserção sociocultural de imigrantes e refugiados, além das formas 'tradicionais' de produção de alimentos saudáveis acessíveis e de busca por novos espaços verdes nas comunidades. Percebe, também, que as hortas comunitárias atingem diretamente as formas de injustiça socioambiental, e o trabalho nesses espaços transformou as interações sociais diárias, desenvolvendo novos híbridos urbanos e produzindo novos espaços de convívio entre diversos grupos na comunidade local.

Complementando, Shillington (2013, p.109) sustenta que a transformação das cidades pela participação e apropriação envolve tanto as práticas sociais quanto relações e processos ecológicos, estando intrínsecos e presentes em situações como reivindicação de água limpa, acesso à terra, alimentos e etc. O direito ao metabolismo urbano é sobre a possibilidade de grupos e indivíduos produzirem condições socioambientais que (re)criem condições de vivência social e ecológica justas (SHILLINGTON, 2013).

Analisando o caso de Manágua, Shillington (2013) constata que a agricultura urbana tem sido uma importante forma de produzir condições socioambientais alternativas, de forma a modificar os processos do metabolismo urbano para benefício próprio dos praticantes em comunidades periféricas. A autora conclui que o caso da agricultura urbana em Manágua reflete as complexidades do metabolismo urbano sacionatural, representando a importância da produção e contato diário com as frutas produzidas localmente, alterando toda a dinâmica urbana e sentimento de identificação da comunidade.

Além da mudança do metabolismo urbano pela produção no espaço social, no espaço público, Shillington (2013) também percebe que a produção individual, nas residências próprias, contribuiu para a transformação do metabolismo urbano, agregando novas práticas e discursos culturais. Portanto, o combinado entre a produção comunitária e individual reflete os esforços da comunidade periférica de Manágua de produzir espaços mais inclusivos, nos quais se sentem pertencentes, transformando, então, a normativa urbana ou metabolismo urbano.

Apesar das constatações quanto aos benefícios pela agricultura urbana e hortas comunitárias, algumas críticas são direcionadas no sentido de que estes projetos são um veículo do neoliberalismo, por 'terceirizarem' a responsabilidade social do Estado a voluntários e organizações do terceiro setor, recaindo no discurso empreendedor de individualização das responsabilidades (MILBOURNE, 2012).

Contudo, analisando projetos de hortas comunitárias no Reino Unido, Milbourne (2012) constatou que a negligência dos espaços verdes nas comunidades periféricas era vista como um símbolo de deterioração das comunidades pelos moradores. O autor constata também, que apesar do aspecto social ser a principal motivação dos projetos, alguns dos organizadores se referiram aos problemas ambientais locais como motivadores dos projetos. Milbourne (2012) por sua vez, vê tais críticas ao caráter neoliberal da agricultura urbana como prematuras e carentes de maiores investigações quanto aos distintos projetos de hortas comunitárias, uma vez que esta é praticada comumente justamente para combater a urbanização capitalista.

Retomando a ecologia política urbana, Milbourne (2012) entende que nas hortas comunitárias do Reino Unido se torna evidente a relação complexa e intrínseca da ecologia com questões sociais, culturais e políticas, uma vez que os projetos locais surgiram todos pela combinação destes âmbitos, a partir do sentimento de negligências em todos estes.

Estes projetos lidam com pequenas escalas, agindo diretamente nas injustiças sentidas localmente, provendo respostas particulares a problemas mais amplos (MILBOURNE, 2012).

Agricultura urbana e ecologia política urbana, apesar de contar com poucos trabalhos, apresentam grandes intersecções e de distintas formas. São diversas as questões envolvidas na análise de ambas, tendo sido discutido apenas um panorama das diversas formas de abordagem. Em seguida, busca-se destrinchar ainda mais, destacando como os estudos latino-americanos se diferenciam do restante.

6 AGRICULTURA URBANA SOB A ECOLOGIA POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

Ainda são escassos os estudos de agricultura urbana na América Latina que a analisam pelo viés da ecologia política urbana (VILLAR NAVASCUÉS, 2017). Entretanto, ao comparar os processos da região com os dos países europeus ou dos EUA, é possível identificar uma diferenciação substancial. Ao Norte político, a agricultura urbana já está presente nas políticas públicas, sendo mais associada a atividades de bem-estar pessoal, enquanto na América Latina está presente muito mais nas ações autônomas de comunidades periféricas, com forte vínculo à segurança alimentar e identidade camponesa (ÁVILA SÁNCHEZ, 2019).

Além disso, as práticas de agricultura urbana, como observa Herrera (2018, p.3-4) são distintas na medida em que na região latino-americana percebe-se forte crescimento em tempos de crise econômica, reforçando o potencial na segurança alimentar. Apesar desse processo ter sido observado no passado tanto nos EUA (MOORE, 2006) quanto na Europa (DOMENE; SAURÍ, 2007; MILBOURNE, 2012), hoje a agricultura urbana nestas regiões está presente em outro viés, sendo muito mais consolidada enquanto política pública.

Neste sentido, Ávila Sánchez (2019, p.13) reforça que nos países periféricos, tomando como exemplo Argentina e México, a agricultura urbana pode ser tomada pelo capital enquanto ferramenta da gentrificação do território urbano, a partir da valorização econômica e segregação de áreas verdes.

Portanto, ao analisar a agricultura urbana é preciso tomar por base os pressupostos da ecologia política urbana, partindo para o entendimento dos processos políticos, econômicos e sociais presentes nas práticas ecológicas. Reforçando este olhar, Contesse, Vliet e Lenhart (2018, p. 567) apresentam o panorama da cidade de Santiago do Chile, onde constatam que os cidadãos mais pobres apresentavam cinco vezes menos acesso às áreas verdes do que os mais ricos.

Contudo, diferentemente da preocupação de Ávila Sánchez (2019), no Chile, e algo comum em toda América Latina, a agricultura urbana fora utilizada justamente para reverter esse cenário, ou seja, como forma de *reapropriação social da natureza*, como apresenta Porto-Gonçalves (2012), aumentando o acesso das comunidades pobres aos espaços verdes, além da produção para segurança alimentar (CONTESSSE; VLIET; LENHART, 2018).

Ainda, há o caso do estudo e projeto realizado pela FAO (2014) na América Latina, que apesar de extremamente importante, carece de análise na literatura da ecologia política urbana para avaliar profundamente as implicações e limitações do projeto. Neste sentido, ao entender o projeto implementado em Manágua, apesar dos avanços no sentido da segurança alimentar, algo que não se encontra presente no relatório e fora captado por Shillington (2013) foi que a princípio o projeto não fora bem recebido na comunidade, pois alterava completamente a dinâmica cultural e socioespacial da região. Isto ocorreu na medida em que no início não estava prevista a manutenção e ampliação das árvores frutíferas, uma vez que os implementadores deram muito mais

importância para os vegetais e hortaliças, que são de rápido crescimento e impactam mais rápido na segurança alimentar.

Assim, a FAO e as autoridades pretendiam retirar as árvores frutíferas a fim de ampliar o espaço e incidência de sol, algo que fora impedido pela comunidade pois elas eram vitais para a produção dos *refrescos naturales* (SHILLINGTON, 2013), que são basicamente sucos naturais feito a partir das frutas das árvores. Dessa forma, a partir da imposição da comunidade e da importância cultural da dinâmica socioespacial, o projeto fora alterado e utilizou-se o conhecimento técnico adquirido para adaptar as plantações sem afetar as árvores frutíferas.

Outra situação latino-americana foi o caso de Cuba. Apesar do enorme sucesso da agricultura urbana, no início sua prática era vista como sinônimo de pobreza, sendo repudiada pelos moradores das cidades cubanas (ALTIERI *et al*, 1999). Entendia-se, nesta etapa da pós-perestroika, que a agricultura urbana só estava se expandindo em Havana devido à crise econômica, e que assim que esta terminasse, sua prática também passaria (ALTIERI *et al*, 1999). Portanto, a agricultura urbana, ao não fazer parte da normativa urbana de Cuba, era tratada com depreciação, mas a partir da expansão de sua prática, criou-se no imaginário social uma nova normativa, onde a agricultura urbana tinha agora papel central.

Assim, diferentemente do que se previa, a agricultura urbana não acabou, pelo contrário, pois por meio dela a percepção do espaço foi remodelada, reforçando as noções de comunitarismo e soberania alimentar (ALTIERI *et al*, 1999). Ou seja, enquanto nos EUA, Moore (2006) percebe que houve um movimento muito similar, de alteração da normativa urbana em prol da agricultura urbana mas que fora destruído e apropriado pela urbanização capitalista que precedeu a crise, em Cuba a nova normativa urbana apoiada na agricultura e na socialização tanto dos espaços verdes quanto da produção alimentar continuou presente no imaginário social e na paisagem urbana.

Os dois cenários evidenciam as disputas políticas e econômicas por trás dos processos da agricultura urbana. Nos EUA o capital atingiu diretamente a promoção de políticas públicas, sufocando a prática e visando uma urbanização segregativa, com a clara distinção dos espaços urbano e rural, prezando pelo individualismo e dependência do mercado. Por outro lado, em Cuba, com uma estrutura política completamente diferente, o governo socialista seguiu estimulando a prática, tornando-a ponto central das políticas de combate à fome.

A urbanização capitalista na América Latina é muito mais nociva e provoca mais desigualdade do que a nos EUA e Europa, mas ao mesmo tempo abre espaços de resistência, como é feito pela agricultura urbana. Esta seção teve por finalidade apresentar exatamente essa visão, discutindo a necessidade de um olhar latino-americano dentro da ecologia política urbana e agricultura.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser observado, as múltiplas concepções de agricultura urbana e os complexos processos políticos e econômicos que a compõem evidenciam a necessidade de análise sob o viés da ecologia política urbana. A junção da literatura da ecologia política com as análises de Moore (2006) e Altieri *et al* (1999) ilustram de forma cristalina os diferentes processos por trás da agricultura urbana, bem como das disputas políticas pelo controle da normativa urbana e do híbrido socionatural.

Contudo, é interessante observar como diferentes abordagens de um mesmo problema aparecem. Alguns tratam como objeto o híbrido socionatural e o metabolismo urbano (DOMENÉ, 2006; MILBOURNE, 2012; MCLAIN *et al*, 2014; OROPEZA, 2019; SHILLINGTON, 2013; SWYNGEDOUW, 1997; VILLAR NAVASCUÉS, 2017), outros a normativa urbana (MOORE, 2006), a paisagem (DOMENÉ; SAURÍ, 2007), e também o território (PORTO-GONÇALVES, 2012) se olhado apenas a ecologia política. Apesar

das diferentes abordagens, o foco central dos estudos é a urbanização capitalista e as formas de *reapropriação social da natureza*, como apresenta Porto-Gonçalves (2012), diante da clara relação e contribuição da agricultura urbana para a discussão e prática deste processo.

A proposta deste artigo foi apresentar a relação intrínseca da agricultura urbana com a ecologia política urbana, a fim de estimular que os estudos latino-americanos sobre agricultura urbana recorram à literatura da ecologia política, algo ainda escasso na produção científica da região, como constatou Villar Navascués (2017).

Além disso, cabe apontar como consideração final algo curioso e percebido como um entrave para o avanço desta discussão. Na revisão da literatura geográfica sobre os processos urbanos de produção de desigualdade espacial, nota-se que além da ecologia política urbana, o campo da justiça espacial aborda aspectos e objetos de análise bastante similares aos da primeira. Dessa forma, percebe-se que há na literatura geográfica duas correntes teóricas que abordam objetos e possuem referenciais teóricos similares – visto que ambas tomam como base, sobretudo, os estudos de Henri Lefebvre e de David Harvey sobre direito à cidade e a dinâmica da urbanização capitalista –, contudo que não dialogam entre si. A presença de ambas correntes na literatura sobre agricultura urbana merece ser estudada.

Assim, conforme Ribeiro (2017, p.161) aponta, a aproximação da justiça espacial e da ecologia política urbana se torna necessária para ampliar e aprofundar os estudos da complexidade dos processos políticos, sociais e ambientais presentes no meio urbano. Por fim, entende-se que em muito contribuiria para a qualidade e profundidade dos estudos de agricultura urbana na América Latina a utilização da ecologia política urbana nas análises dos estudos de caso.

8 REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel; COMPANIONI, Nelso; CAÑIZARES, Kristina; MURPHY, Catherine; ROSSET, Peter; BOURQUE, Martin; NICHOLLS, Clara. The Greening of the 'Barrios': Urban Agriculture for Food Security in Cuba. **Agriculture and Human Values** 16,131-140. Jun.1999 <https://doi.org/10.1023/A:1007545304561>.

AVELLA, Angela Patricia; SOSA, Miguel Darío. Agricultura Familiar en Colombia: análisis de caso del municipio de Trinidad, departamento de Casanare / Family agriculture in Colombia: a case study of the Trinidad county, Casanare department. **Revista de Direito da Cidade**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 30-40, fev. 2015. ISSN 2317-7721. <http://dx.doi.org/10.12957/rdc.2015.15198>.

AVILA SÁNCHEZ, Héctor. Agricultura urbana y periurbana: Reconfiguraciones territoriales y potencialidades en torno a los sistemas alimentarios urbanos. **Invest. Geog, México**, n. 98, 00009, Apr. 2019. <http://dx.doi.org/10.14350/rig.59785>.

CHANDRA, Amanda Jennifer; DIEHL, Jessica Ann. Urban agriculture, food security, and development policies in Jakarta: A case study of farming communities at Kalideres – Cengkareng district, West Jakarta. **Land Use Policy**, v. 89, 2019. doi: 10.1016/j.proenv.2013.02.006.

CONTESSÉ, Maria; van VLIET, B. J. Mas.; LENHART, Jennifer. Is urban agriculture urban green space? A comparison of policy arrangements for urban green space and urban agriculture in Santiago de Chile. **Land Use Policy**, 71, 566-577. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2017.11.006>.

CONTRERAS-ESCANDÓN, Christian Hernán. Superar la sostenibilidad urbana: una ruta para América Latina. **Bitácora Urbano Territorial**, Bogotá, v. 27, n. 2, p. 27-34, Ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-79132017000200027&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 15 Jun.2020. <http://dx.doi.org/10.15446/bitacora.v27n2.62483>.

DOMENE, Elena. La ecología política urbana: Una disciplina emergente para el análisis del cambio socioambiental en entornos ciudadanos. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, 48, 167-178. 2006. <<https://ddd.uab.cat/record/19330>> Acesso em: 2020-06-18.

DOMENE, Elena; SAURÍ, David. Urbanization and class-produced natures: Vegetable gardens in the Barcelona Metropolitan Region. **Geoforum [en línea]**, 38 (2), 287-298. 2007. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2006.03.004>.

FAO (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION). **Ciudades más verdes en América Latina y el Caribe**. Roma: FAO, 2014. Disponível em: <http://www.fao.org/ag/agp/greenercities/pdf/GGCLAC/Ciudades-mas-verdes-America-Latina-Caribe.pdf>. Acesso em: 18 jun.2020.

FAO (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION). **The state of food security and nutrition in the world**. Food and Agriculture Organization of the United Nations. Rome, 2019. Disponível em: <http://www.fao.org/3/ca5162en/ca5162en.pdf>. Acesso em: 14 dec.2020.

HERRERA, Francisco. La agricultura urbana en Caracas: diagnóstico de los espacios agroproductivos desde una perspectiva socioecológica. **Cuadernos De Desarrollo Rural**,14(80). 2018. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cdr14-80.aucd>.

MARTINEZ-ALIER, Joan. **Ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2007.

MCLAIN, Rebecca J.; HURLEY, Patrick T.; EMERY, Marla R. y POE, Melissa R. Gathering “wild” food in the city: Rethinking the role of foraging in urban ecosystem planning and management. **Local Environment [en línea]**, 19 (2), 220-240. 2014. <http://dx.doi.org/10.1080/13549839.2013.841659>.

MENDES, Francisco Coelho. **Políticas e inovações para a agricultura urbana: estudo dos casos de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro-Brasil), Rio Cuarto (Córdoba-Argentina) e Sevilha (Andalucía- España)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2012. Disponível em: [http://cursos.ufrrj.br/posgraduacao/ppgctia/wp-content/uploads/\(DO-2012\)%20Francisco%20Coelho%20Mendes.pdf](http://cursos.ufrrj.br/posgraduacao/ppgctia/wp-content/uploads/(DO-2012)%20Francisco%20Coelho%20Mendes.pdf). Acesso em: 18 jun.2020.

MILBOURNE, Paul. Everyday (in)justices and ordinary environmentalisms: Community gardening in disadvantaged urban neighbourhoods. **Local Environment [en línea]**, 17 (9), 943-957. 2012. <https://doi.org/10.1080/13549839.2011.607158>.

MOUGEOT, Laurent. Urban agriculture: Definition, Presence, Potentials and Risks, and Policy Challenges. **Paper presented to the International Workshop “Growing Cities, Growing Food”**, October 11-15 1999, La Habana, Cuba. Disponível em: <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/26429/117785.pdf?sequence=12>. Acesso em: 18 jun.2020.

MOORE, Sarah. «Forgotten roots of the Green City: Subsistence gardening in Columbus, Ohio, 1900-1940». **Urban Geography [en línea]**, 27 (2), 174-192. 2006. <https://doi.org/10.2747/0272-3638.27.2.174>.

NAGIB, Gustavo. **Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2016.tde-18082016-124530. Acesso em: 18 jun.2020.

OROPEZA, Oscar. Towards Latin American Political Ecology of Urban Disaster: Some notes for discussion. Hacia una Ecología Política Latinoamericana del Desastre Urbano: Algunos apuntes para su discusión.

Estudios Socioterritoriales. **Revista de Geografía** N° 25 enero-junio 2019, e014. Argentina: Buenos Aires, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.37838/unicen/est.25-014>. Acesso em: 18 jun.2020

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 16-50, jul. 2012. ISSN 1807-1384. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2012v9n1p16/23002>>. doi: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2012v9n1p16>. Acesso em: 18 jun.2020.

RIBEIRO, Wagner Costa. Justiça espacial e justiça socioambiental: uma primeira aproximação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. jan/abr. 2017, p. 147-165, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890014>. Acesso em: 18 jun.2020

SHILLINGTON, Laura J. Right to food, right to the city: Household urban agriculture, and socionatural metabolism in Managua, Nicaragua. **Geoforum [em linha]**, 44, 103-111. 2013. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2012.02.006>.

SWYNGEDOUW, Erik. «Power, nature, and the city: The conquest of water and the political ecology of urbanization in Guayaquil, Ecuador: 1880-1990. **Environment and Planning A [en línea]**, 29 (2), 311-332. 1997. <https://doi.org/10.1068/a290311>.

VILLAR NAVASCUÉS, Rubén Alejandro. La ecología política urbana: veinte años de crítica, autocrítica y ampliación de fronteras en el estudio del metabolismo urbano. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, [S.l.], v. 63, n. 1, p. 173-204, jan. 2017. ISSN 2014-4512. Disponível em: <<https://dag.revista.uab.es/article/view/v63-n1-villar>>. Acesso em: 13 dec.2020. doi:<https://doi.org/10.5565/rev/dag.325>.

ZAAR, Miriam Hermi. A agricultura urbana e periurbana (AUP) no marco da soberania alimentar. **Rev. Sociedade e Território** – Natal. Vol. 27, N. 3, p. 26 - 44. jul./dez. De 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/7870>. Acesso em: 18 jun.2020.



EL ENFOQUE CUALITATIVO Y SUS APORTES PARA ESTUDIAR EL ESPACIO RURAL: UNA EXPERIENCIA DESDE LA NUEVA RURALIDAD EN COLOMBIA

*A ABORDAGEM QUALITATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDAR
O ESPAÇO RURAL: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR
DA NOVA RURALIDADE NA COLÔMBIA*

*THE QUALITATIVE APPROACH AND ITS CONTRIBUTIONS TO STUDY RURAL
SPACE: AN EXPERIENCE FROM THE NEW RURALITY IN COLOMBIA*

*Rosa Inés Babilonia Ballesteros*¹ 
Pontificia Universidad Católica de Chile

*Júlio César Suzuki*² 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumen: Para comprender los procesos de transformación de las prácticas agrícolas desarrolladas por los habitantes rurales de tres corregimientos del Bajo Sinú, Colombia, y caracterizar las actividades económicas resultantes de la expansión del modelo neoliberal, se aplicaron diferentes técnicas para recopilación de información cualitativa, destacando entrevistas en profundidad tanto individuales como en grupo, historias de vida y observación participante. A partir de la triangulación hermenéutica y la identificación de categorías claves, se articuló la información obtenida en terreno, evidenciando que la nueva ruralidad es una aproximación teórica que explica la existencia de un diverso conjunto de actividades económicas en espacios rurales con marcada tradición agrícola. Las prácticas agrícolas y la relación de los campesinos con el manejo ancestral de las aguas de la Ciénaga Grande del Bajo Sinú han sido

¹Geógrafa, M.Sc. en Geografía. Doctoranda en Geografía, Pontificia Universidad Católica de Chile. ribabilonia@uc.cl.

² Graduado em Geografia (UFMT, 1992) e em Letras (UFPR, 2004), com mestrado (USP, 1997) e doutorado (USP, 2002) em Geografia Humana e estágio pós-doutoral na Université Panthéon-Sorbonne (2007-2008), Université Rennes 2 (2014-2015) e Université de Pau et des Pays de l'Adour (2014-2015). Atualmente, é professor do Departamento de Geografia/FFLCH/USP e orientador junto ao Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (PROLAM/USP). E-mail: jcsuzuki@usp.br.

alteradas por la agricultura moderna, transformando el modo de vida de las poblaciones rurales estudiadas.

Palabras clave: enfoque cualitativo, trabajo de campo, geografía rural, descripción.

Resumo: Para compreender os processos de transformação das práticas agrícolas desenvolvidas pelos habitantes rurais de três distritos de Bajo Sinú, na Colômbia, e caracterizar as atividades econômicas decorrentes da expansão do modelo neoliberal, foram utilizadas diferentes técnicas para obtenção de informações qualitativas, com destaque para entrevistas em profundidade individual e em grupo, histórias de vida e observação participante. A partir da triangulação hermenêutica e da identificação de categorias-chave, articularam-se as informações obtidas no campo, evidenciando que a nova ruralidade é uma aproximação teórica que explica a existência de um conjunto diversificado de atividades econômicas em espaços rurais de marcada tradição agrícola. As práticas agrícolas e a relação dos camponeses com o manejo ancestral das águas da Ciénaga Grande del Bajo Sinú foram alteradas pela agricultura moderna, transformando o modo de vida das populações rurais estudadas.

Palavras-chave: abordagem qualitativa, trabalho de campo, geografia rural, descrição.

Abstract: To understand the transformation processes of agricultural practices developed by rural inhabitants of three townships in Bajo Sinu, Colombia, and to characterize the economic activities resulting from the expansion of the neoliberal model, different techniques are applied to collect qualitative information, highlighting interviews in depth both individually and in groups, life stories and participant observation. From the hermeneutic triangulation and the identification of key categories, the information obtained in the field is articulated, showing that the new rurality is a theoretical approach that explains the existence of a set of economic activities in rural areas with a marked agricultural tradition. The agricultural practices and the relation of the peasants with the ancestral management of the waters of the Cienaga Grande del Bajo Sinu have been altered by modern agriculture, transforming the way of life of the rural populations studied.

Keywords: qualitative approach, field work, rural geography, description.

DOI:[10.11606/jssn.1676-6288.prolam.2020.168944](https://doi.org/10.11606/jssn.1676-6288.prolam.2020.168944)

Recebido em: 21/04/2020
Aprovado em: 23/12/2020
Publicado em: 30/12/2020

1 INTRODUCCIÓN

A mediados del decenio de 1990 los científicos sociales de América Latina inician el debate sobre la nueva ruralidad, la cual emerge como propuesta conceptual para dar cuenta de los efectos de la globalización en la agricultura y las nuevas dinámicas sociales, económicas y culturales derivadas de este proceso en los espacios rurales del continente (BABILONIA, 2014). Por su parte, autores como Chiriboga (2001) plantean que este enfoque se caracteriza por la creciente diferenciación entre espacios rurales, en función de al menos dos variables centrales: el nivel y características del desarrollo capitalista de la agricultura y el medio rural, y la intensidad de relaciones con el proceso global. El estudio de tales problemáticas al interior de la geografía rural ha sido orientado por diversas perspectivas metodológicas, pasando por la descripción y el uso de escalas regionales con énfasis en los modelos espaciales basados en la organización de la agricultura; la introducción de planteamientos teóricos provenientes del estructuralismo; la incorporación de consideraciones ambientales en las actuaciones públicas dirigidas al entorno rural y los estudios globales que condicionan el desarrollo de los procesos de transformación de la agricultura, es decir, los cambios de la agricultura ligados a una economía mundial, entre otros (PANIAGUA, 2006).

En el ámbito anglosajón autores como Woods (2009) consideran que los geógrafos rurales han trabajado siempre en un ambiente interdisciplinario y que los límites entre la geografía rural, la sociología rural, la economía agrícola y otros campos afines son permeables y varían según el contexto. Woods (2010) también comenta que tanto la sociología, como la geografía han estado interesadas en el estudio de las comunidades rurales, reconociendo la importancia de las interacciones sociales y prácticas colectivas en la constitución de la comunidad; los geógrafos rurales se han conectado con perspectivas de la geografía económica para rastrear

cadena agroalimentarias de productos básicos, examinando el impacto de la globalización, el papel de los regímenes políticos y de las corporaciones transnacionales. De acuerdo con lo planteado por Ávila (2008), el proceso de expansión del capitalismo en el medio rural ha desarrollado una tendencia a la uniformización de las sociedades, alineándolas sobre un mismo modelo, una misma manera de organizar el espacio geográfico y modelar los paisajes; sin embargo, los diferentes grupos sociales han reaccionado ante dicho fenómeno, oponiendo su singularidad territorial, su forma de vivirlo; en lugar de provocar la desintegración de los territorios, por el desarraigo de la población de los mismos, estos se transforman.

Según CEDRSSA y la Cámara de Diputados de México (2006), a raíz de la intensificación del dominio del capital sobre el agro en el marco de un proceso capitalista crecientemente globalizado, se desató una serie de fenómenos que hoy se encuentran presentes en la realidad rural latinoamericana, tales como: crecimiento de la brecha entre ricos y pobres; concentración de la pobreza en el medio rural; ampliación de la exclusión social de las poblaciones rurales; la difusión creciente del trabajo asalariado; la precarización del empleo rural; la multiocupación; la exclusión de pequeños y medianos productores del sector; las continuas migraciones campo-ciudad o a través de las fronteras; la creciente orientación de la producción agropecuaria hacia los mercados, fundamentalmente externos; la articulación de los productores agrarios a complejos agroindustriales en los que predominan las decisiones de núcleos de poder vinculados a grandes empresas transnacionales o transnacionalizados, entre otros.

De acuerdo con Kay (2008) la neoliberalización del espacio rural ha creado una agricultura de dos velocidades ya que los agricultores capitalistas que abastecen el mercado de exportación han experimentado altas tasas de crecimiento, mientras que los campesinos que suministran el lento mercado doméstico han tenido que enfrentarse a la competencia desleal de las exportaciones de alimentos subsidiados de los países ricos. Ruiz y

Delgado (2008) plantean al respecto que, para entender los cambios en las formas rurales de producción y estos nuevos procesos rurales, es necesario apoyarse en los enfoques sociológicos normativos, desde los cuales se interpreta que la adopción de innovaciones tecnológicas en el ámbito de la producción agrícola ha tenido una influencia profunda en toda la estructura social a través de la creación de múltiples sistemas para mantener la nueva organización del trabajo. Según lo planteado por Gómez (2003), la ruralidad tradicional presenta como principales características el hecho de que su población se dedique casi exclusivamente a actividades agropecuarias, las cuales se encuentran regidas por los ciclos naturales sin mayor capacidad de intervención del hombre y genera en sus habitantes una noción del tiempo y de su uso, que contribuye a la constitución de una cultura específica. El autor argumenta que la población rural se encuentra dispersa en territorios de baja densidad, ignorándose el entorno urbano de las comunidades rurales. También considera que la riqueza expresada en conocimientos y saberes, nucleados en poblaciones rurales de campesinos e indígenas en esta perspectiva de la ruralidad tradicional, ha sufrido el efecto de la mundialización del modo de producción capitalista, debido al contacto con el tecnocentrismo, por lo que estos saberes y conocimientos se han ido erosionando y han sido asimilados o transformados (GÓMEZ, 2002). Contrario a este último planteamiento, Segrelles (2010) anota que una característica importante en esta nueva noción de lo rural tiene que ver con el desarrollo de la agricultura campesina, la cual es depositaria de un enorme capital tecnológico basado en un minucioso conocimiento local de semillas, climas, suelos, flora, fauna y prácticas agrícolas de bajo coste y mínimo consumo energético, trabajando además dentro de un modelo agropecuario sostenible, toda vez que cultiva varias especies, no aplica fertilizantes ni plaguicidas químicos, respeta los tiempos y procesos naturales, practica la rotación de cultivos, integra los aprovechamientos agrosilvopastoriles y emplea energía y recursos locales, es decir, desarrolla una producción agropecuaria orgánica y, por lo tanto, sostenible. La nueva

ruralidad destaca el valor de la pluriactividad como una característica de los hogares rurales y campesinos (KAY, 2007 e 2008; GRAMMONT; MARTÍNEZ VALLE, 2009), dentro de los cuales han aparecido diferentes formas de aprovechamiento del tiempo y los recursos que ofrece el entorno que habitan. Schneider (2009) argumenta que la pluriactividad que ocurre en el medio rural se refiere a un fenómeno que supone la combinación de por lo menos dos actividades, siendo una de estas la agricultura.

Los campesinos están involucrados cada vez más en una variedad de actividades no agrícolas tales como artesanías, pequeños talleres y microempresas manufactureras, comercio y turismo. Algunos miembros de los hogares familiares trabajan también como jornaleros en empresas agroindustriales, obras de construcción de caminos y viviendas, granjas capitalistas y otras actividades. Los estudios de Woods (2012) y Kay (2008) demuestran que el modelo neoliberal ha provocado un proceso de diferenciación socioespacial en los espacios rurales, incrementado el nivel de influencia del sector financiero sobre las lógicas ambientales y políticas que rigen estos territorios, en especial, cuando ilustran los problemas presentes en el contexto latinoamericano: incremento del poder de acción de la industria forestal, agroindustria, privatización del agua, entre otros. Considerando lo anterior, la investigación realizada en tres corregimientos del municipio de Santa Cruz de Lorica, en Córdoba, Colombia, buscaba determinar los cambios sociales y culturales producidos por la transición entre la agricultura tradicional y la agricultura comercial con el fin de plantear una reflexión conceptual sobre los efectos de la globalización en los espacios rurales de esta región del país (BABILONIA, 2014). Para desarrollar tal objetivo, la investigación es abordada desde el pluralismo metodológico (HERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; BAPTISTA, 2010); se emplearon varias técnicas e instrumentos de recolección de información primaria como entrevistas en profundidad tanto individuales como en grupo, historias de vida y observación participante.

Los tres corregimientos de estudio se localizan en el área de influencia de la Ciénaga Grande del Bajo Sinú y se caracterizan por la existencia de un ambiente cenagoso propicio para el desarrollo de actividades económicas como la ganadería, la pesca y la agricultura. Estas comunidades han empleado la ciénaga como recurso natural, territorio habitacional, y como principal medio de subsistencia de sus poblaciones. Sin embargo, a raíz de la construcción y operación de la Central Hidroeléctrica Urrá I, a partir del año 1999, se dio paso al establecimiento de grandes plantaciones agrícolas de maíz y algodón transgénico y hatos ganaderos (ASPROCIG, 2012), proceso que se impulsó en la región como resultado de la expansión del neoliberalismo con la instauración de grandes cultivos comerciales para satisfacer la demanda del mercado agrícola nacional. Esta situación ha desencadenado entre otras, la alteración de los ciclos naturales de inundación que daban fertilidad a las tierras y la disminución de los cultivos tradicionales produciendo una serie de alteraciones en las formas de vida tradicionalmente campesinas e incentivando la aparición de nuevos actores en los corregimientos de estudio, tales como las transnacionales agrícolas, grandes productores agrícolas, comerciantes y trabajadores rurales, entre otros.

Cambios similares también han sido experimentados en diferentes espacios rurales de Colombia y otros países de América Latina. Al respecto Comerci (2012) destaca por ejemplo, el caso argentino del proceso de reconstrucción de las estrategias de reproducción social desarrolladas por los campesinos de la Humada y Chos Malal en el contexto de la expansión de la frontera agrícola y del avance de las relaciones de producción capitalista entre los años 1990 y 2010; en México, González (2008) plantea la discusión sobre los cambios territoriales experimentados en la región cafetalera de Coatepec, Veracruz, provocados por la reestructuración del mercado internacional agroalimentario y por la modificación de las políticas agrarias en ese país a partir de los años ochenta, dentro del contexto del nuevo régimen de acumulación flexible. En Brasil, por su

parte, han sido diversas las investigaciones centradas en estas temáticas, destacando entre ellas, la mundialización de la agricultura, la tecnificación de los territorios rurales (LOCATEL; CHAPARRO, 2004), la cuestión agraria a comienzos del siglo XXI (FERNANDES, 2002), entre otros.

Estos estudios dan cuenta de los procesos económicos y políticos que han provocado cambios significativos en la agricultura de Brasil, así como los efectos territoriales que ha tenido el neoliberalismo en los espacios rurales de esta región de América Latina.

Se han hecho visibles en la zona de estudio nuevas prácticas de cultivo, nuevos procesos de obtención de semillas e incorporación de la producción agrícola como parte del mercado mundial del suelo; también se ha incrementado el despojo de las tierras tradicionalmente campesinas y la apropiación de las áreas naturales de inundación de la ciénaga por parte de terratenientes y de la ganadería extensiva de la región (BABILONIA, 2013). En este orden de ideas, emergen múltiples tensiones generadas por el nuevo régimen de acumulación capitalista en su intento por apropiarse de los territorios y sus recursos, acentuando con él las diferenciaciones en el medio rural, lo que se refleja en la aparición de diversas formas de resistencia que se oponen al despojo del sustento simbólico y material de su existencia; aspectos visibles en los espacios rurales de América Latina desde 1990, momento en el que se incorporan y expanden las políticas neoliberales en el continente.

El presente artículo se estructura en dos partes: en primer lugar, se caracteriza al campesino del Bajo Sinú, su historia y prácticas agrícolas con base en los testimonios recopilados y las entrevistas desarrolladas en campo; en segundo lugar se reflexiona sobre la importancia de la investigación cualitativa en el abordaje de los problemas rurales en Colombia, teniendo en cuenta el escenario de disputas y diferenciaciones territoriales provocadas por la confluencia de diferentes actividades

económicas en un espacio rural demarcado por la presencia de inundaciones y actores armados.

2 METODOLOGÍA

La investigación fue desarrollada desde el pluralismo metodológico (HERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; BAPTISTA, 2010). Para el problema abordado, se contempla el uso de técnicas e instrumentos de recolección de información primaria como entrevistas en profundidad tanto individuales como en grupo, historias de vida y observación participante (Figura 1). La entrevista individual facilitó la definición concreta de la realidad y las relaciones que la persona entrevistada establecía entre los acontecimientos; la entrevista en grupo fue necesaria en este caso, ya que las personas actúan como autocorrector permitiendo un juicio y opinión más matizada, además el grupo recrea una especie de microcosmos social, en donde es posible identificar los valores, los comportamientos y los símbolos de los participantes (HERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; BAPTISTA, 2010). Para la selección de los sujetos a entrevistar, se realizó un muestreo no probabilístico, el cual se efectuó a partir de un muestreo intencional caracterizado por la obtención de muestras representativas mediante la inclusión de grupos típicos; para ello se tuvieron en cuenta dos criterios principales: conocimiento de la historia de su corregimiento; el tiempo de permanencia en la zona (más de 10 años) y que hayan sido originarios de la región; estas características son necesarias debido a que se reivindica la vida cotidiana como plataforma básica para comprender la realidad sociocultural.

Con la realización de historias de vida se pretendía comprender la vida social y el despliegue de grandes procesos sociales, a partir de una experiencia individual concreta para encontrar una visión personal de la vida a través de los acontecimientos (ACEVES, 1998; MURCIA; JARAMILLO,

2000; DESLAURIERS, 2004). Las historias de vida facilitaron la acumulación de relatos realizados por personas mayores que han experimentado el cambio de la agricultura campesina a la comercial. Se analizaron las trayectorias de vida de algunos líderes comunitarios involucrados en los procesos de despojo y violencia por el acceso a la tierra. La observación participante permitió la recolección de datos de naturaleza descriptiva, participando en la vida cotidiana del grupo, de las personas y organizaciones que se estudiaron.

Figura 1. Técnicas de recopilación de información cualitativa empleadas para estudiar la nueva ruralidad.



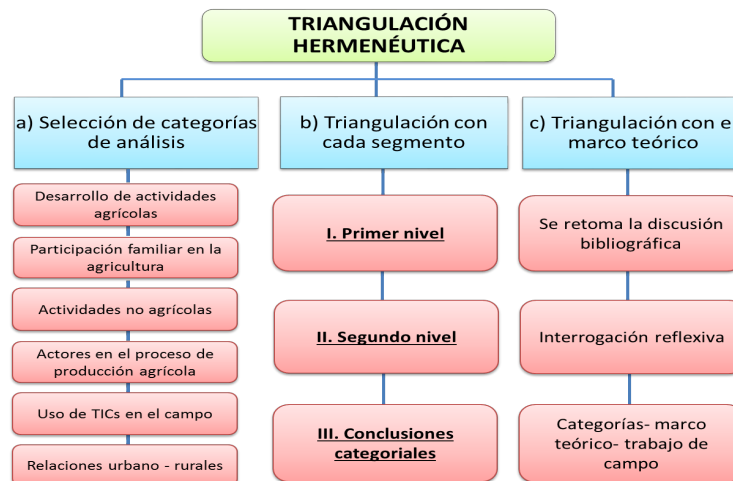
Fuente: elaboración propia.

A partir de esta técnica se logró la interacción con grupos campesinos durante el periodo de recolección de cosechas e inicio de cultivos; también hubo contacto con pescadores, ganaderos, comerciantes, empresarios y terratenientes, lo cual permitió identificar la diversidad de actores rurales, las características de la vida cotidiana y las interacciones de estas poblaciones con su entorno. Con el propósito de unificar la información obtenida en terreno se propuso el uso de la triangulación hermenéutica (CISTERNA, 2005), proceso que facilitó la reunión y cruce dialéctico de toda la información pertinente al objeto de estudio (Figura 2).

Estudiar el problema de investigación resultó de la revisión de fuentes de información primaria y secundaria, para lo cual fue necesario la inmersión en el área de estudio y la búsqueda de material bibliográfico alrededor del tema, en consecuencia, se establecieron las siguientes categorías sustentadas en los planteamientos de la Nueva Ruralidad: el desarrollo de actividades agrícolas; la participación familiar en la agricultura y la definición de roles; las actividades complementarias a la producción agrícola (actividades no agrícolas, diversificación de actividades, pluriactividad, trabajo rural femenino); actores en el proceso de producción agrícola (nuevos actores); el uso de tecnologías de información y comunicación en el campo y por último, las relaciones urbano-rurales.

Posteriormente, se trianguló la información por cada segmento; o sea a partir de la información recopilada a través de las entrevistas, historias de vida y observación participante se cruzaron los resultados según las respuestas dadas por los sujetos a las preguntas por cada subcategoría, lo cual dio origen a las conclusiones de primer nivel. Finalmente, se trianguló la información con el marco teórico, particularmente en función de las categorías que definen al espacio rural en el contexto neoliberal a partir de lo ya descrito por Kay (2008), Woods (2010), entre otros.

Figura 2. Triangulación hermenéutica y categorías de análisis empleadas



Fuente: elaboración propia

3 AGRICULTURA TRADICIONAL Y LA INTRODUCCIÓN DE NUEVAS PRÁCTICAS PRODUCTIVAS

Desde el punto de vista histórico y cultural es importante destacar que la región del bajo Sinú estuvo caracterizada por la presencia de los Zenúes, una cultura indígena asentada a lo largo de las cuencas de los ríos Sinú, San Jorge, Cauca y Nechí hasta el siglo XII (GORDON, 1983); cuyos habitantes desarrollaron un notable proceso de adaptación a los ambientes costeros, islas o riberas de ciénagas y ríos, con una economía basada en la pesca, la recolección de moluscos, palmas y frutos (PLAZAS; FALCHETTI, 2009). Hacia la época de la colonización española y bajo el liderazgo del teniente Antonio de la Torre y Miranda se inicia el proceso de poblamiento y ocupación de las tierras bajas del Sinú (entre 1774 y 1778), dando paso a la fundación de los pueblos ubicados a orillas del río Sinú y la Ciénaga Grande, tales como Momil, Lórica, Ciénaga de Oro, Chimá, San Pelayo y Purísima, los cuales estaban bajo la jurisdicción de la provincia de Cartagena (SALAZAR, 2008; MARTÍNEZ; RÍOS; PUCHE, 1994).

En el periodo de la República y con la llegada de la navegación de vapor, Lórica se convierte en el puerto fluvial más importante sobre el río Sinú, siendo para la época un importante centro de comercio de grasas animales, aceites vegetales, pieles, ganado, raicilla, tagua, frutas y pescado y servía como punto de venta de los principales productos importados de Europa y Estados Unidos (VILORIA, 2003). Esta situación facilitó la migración de un considerable número de familias árabes (sirios y libaneses principalmente) entre 1880 y 1930, los cuales establecieron casas comerciales, explotaron el transporte fluvial y marítimo entre los ríos Sinú-Atrato y Cartagena e incursionaron en negocios como la ganadería, la agricultura y la finca raíz (MARTÍNEZ; RÍOS; PUCHE, 1994; VILORIA, 2003).

El proceso de configuración socioespacial de la zona baja del río Sinú estuvo mediado por la aparición de varios grupos poblacionales en diferentes periodos históricos. Para el caso particular de los corregimientos de La Subida, Los Monos y La Peinada, no existe consenso sobre su proceso de ocupación y poblamiento; sin embargo, a partir de los testimonios de varias personas de la región se cree que el español Manuel Sotelo Llorente proveniente de Cartagena de Indias (Bolívar) llegó a La Peinada hacia el año 1779, y se estableció tierras arriba en lo que hoy se conoce como La Subida. Se dice además que don Manuel Sotelo Llerén (como popularmente era llamado) construyó la primera vivienda de la zona; en época seca se mantenía en La Peinada y en época de lluvias se establecía en La Peinada Arriba (hoy La Subida)³.

La agricultura y la pesca han sido actividades económicas históricamente complementarias, como producto de la singularidad ambiental presente en esta zona del territorio colombiano; de igual forma, se pudo encontrar que la pluriactividad de base agraria es la que caracteriza el mundo rural de La Subida, Los Monos y La Peinada, debido a que la población asentada en estos corregimientos, depende de la estacionalidad de los procesos de producción de la agricultura (tanto en función de los ciclos de inundación de la ciénaga, como por la realización de la agricultura de maíz y algodón), complementando sus ingresos con actividades económicas no agrícolas, principalmente en la prestación de servicios como auxiliares de construcción (albañilería), empleos domésticos en las ciudades más cercanas, vigilancia, o trabajando en actividades como procesamiento, cultivo, transporte y comercialización de la producción agrícola. La división del trabajo familiar, la agricultura de subsistencia, el uso de técnicas ancestrales para el manejo de los cultivos, la visión de progreso y las actividades de la vida cotidiana, en fin, el modo de vida, han sufrido, durante las últimas décadas, importantes transformaciones. La agricultura comercial cambió la estructura social agraria, ya que los

³ Entrevistas a los habitantes del Corregimiento La Subida, mes de abril años 2011 y 2013.

campesinos se convirtieron en trabajadores rurales y comerciantes, fenómeno generado por la penetración gradual de la agricultura comercial, la cual produjo la incursión de maíz, algodón y arroz como principales productos agrícolas, modificándose la dieta alimentaria de la población y sus actividades de subsistencia. Se han redefinido las estrategias de vida de estas poblaciones, lo que ha generado un proceso de multiocupación en estos hogares rurales. Las formas de ocupación de la tierra se modifican, dando paso a cultivos comerciales; de igual forma, la concentración de la propiedad rural por parte de ganaderos y hacendados constituye otro factor importante para el establecimiento de cultivos con orientación al comercio internacional: entre 1985 y 1999 la población local se dedicaba al establecimiento de cultivos transitorios y ganadería, pero después de la construcción de la central hidroeléctrica Urrá I en la cuenca alta del río Sinú la utilización de las tierras bajas aceleró su orientación productivista, adecuando su uso para el pastoreo y el establecimiento de cultivos de algodón y maíz. De acuerdo con Kalmanovitz y López (2006) la agricultura regional se había orientado hacia cultivos transitorios transables de alta competencia internacional, por lo tanto, la mecanización y el tratamiento de las cosechas se supeditaban a la capacidad de los agricultores para adquirir las fuentes de financiamiento provenientes del Estado colombiano a través de distintos programas de crédito agropecuario y facilitar la estabilidad del sector agrícola dentro de la estructura productiva del país.

Estos factores tuvieron una notable influencia en las formas de ocupación y empleo dentro de las localidades de estudio, toda vez que se percibe la alteración de sus prácticas cotidianas entre los testimonios de algunos habitantes de la región. Un líder comunitario expresaba que el trabajo familiar se divide de acuerdo con los periodos de cosecha, por lo que la mayor parte del trabajo masculino se asocia a la siembra y cosecha de los principales productos agrícolas de la región; mientras que, al

concluir el período de producción agrícola, deben emplearse en otras actividades para producir ingresos y sostener sus familias.

A través de las entrevistas se pudo identificar la pluriactividad de base agraria, que según lo expresado por Schneider (2009) se refiere al proceso de combinación de la agricultura con otras actividades económicas. En los tres corregimientos estudiados se evidencia que la demanda creciente por servicios y actividades no agrícolas generadas por el proceso de modernización de la agricultura ocurre dentro del sector agrario y se caracteriza por la combinación de actividades agrícolas y no agrícolas, lo que a su vez implica la tercerización de algunas etapas o fases del proceso productivo tales como alquiler de maquinarias y contratación de servicios de terceros para desarrollar tareas que anteriormente eran realizadas al interior de la explotación. Según Schneider (2009, p.218) *“la pluriactividad de base agraria también se manifiesta por medio de la informalidad y la precariedad de la venta de fuerza de trabajo en el medio rural, especialmente por la estacionalidad de los procesos de producción en la agricultura”*; esta característica se refleja en el caso de agricultores que poseen máquinas y equipos especializados para el tratamiento de los cultivos (desde la preparación de las tierras, hasta la recolección y empaque de las cosechas), y realizan tareas para sus vecinos a cambio de dinero o parte de la producción; o en el caso de algunas personas que después de realizar sus labores en el campo, se emplean en las zonas urbanas más próximas para realizar labores domésticas que generen ingresos para la familia. La pluriactividad de base agraria también está relacionada con la contratación de personas que viven en el medio rural para trabajar en actividades como procesamiento, cultivo, transporte y comercialización de la producción agrícola. Esta dimensión de la ocupación también se refleja en algunas historias expresadas por los habitantes de la región:

Yo siempre me acostumbré a la cría de cerdos. Al fondo del patio hacía mi corral para criar mis animales para tener otro sustento - de seis meses de crianza ya los vendía- y con lo que obtenía compraba

las cosas para la casa, como lo que a veces las cosechas no daban tanto, entonces uno se ayudaba con la venta de cerdos. (Entrevista a líder comunitario, Corregimiento Los Monos, 2013.)

He trabajado en casas de familia, cocinando, lavando, haciendo aseo. Como vendedora en una tienda, en un restaurante escolar o preparando dulces para vender, como natillas y cosas así” (Mujer, madre cabeza de familia). Yo trabajé como cultivador mucho tiempo, también vendía yuca, cerdo, bollos, trabajé en Bogotá como celador, estuve en los Llanos. Digamos que ahorita es que estoy acá (Comerciante). (Entrevista grupal, Corregimiento Los Monos, julio 24 de 2013)

Yo me he dedicado a la ganadería desde que tengo unos 9 años (empecé llevando el agua al ganado). Después me dediqué al cultivo de ají y tomate, pero desde 1997 estoy dedicado a la piscicultura. Aquí, actualmente hay un personal que tiene sus empleos fijos. Por ejemplo, en AVITES ahí en Sarandelo con la cría y engorde de pollos. Varios de aquí tienen sus trabajitos, yo digo que como unos 30 empleados de esa empresa han sido de aquí (como allá se trabaja de día y de noche). Hay un personal que trabaja en Lorica en albañilería, farmaceutas, como celadores, y así sucesivamente. Aquí se dedican a la agricultura en su gran mayoría, por ahí gente entre unos 30 y 40 años. También hay gente en Venezuela; la gran mayoría de muchachos jóvenes se van para allá a trabajar. Hay gente que vende carne de pescado y así. Y pescadores que pescan de día y de noche en la ciénaga. (Fragmento de la Historia de Vida de Diego, La Subida, julio 29 de 2013.)

4 LA INMERSIÓN EN TERRENO, DESPOJO DE TIERRAS Y VIOLENCIA RURAL.

Participar en las prácticas cotidianas de los habitantes rurales en los corregimientos estudiados facilitó la comprensión de procesos aparentemente invisibles en la realidad rural a nivel local y regional. A través de las historias de vida y las entrevistas realizadas a personas mayores, campesinos, mujeres jefe de hogar y líderes comunitarios, ganaderos y empresarios agrícolas, fue posible identificar que además de la transformación de las prácticas agrícolas y con ello, la alteración de formas tradicionales de aprovechamiento y uso del suelo, el agua y las semillas, la población ha estado inmersa dentro de conflictos y disputas territoriales por el acceso a la tierra, siendo un problema de carácter

histórico en la realidad rural de Colombia. Una evidencia de la transformación de las prácticas agrícolas corresponde a la disminución de las reservas de semilla al interior de los núcleos familiares, la desecación del humedal y sustitución de la pesca artesanal por el establecimiento de estanques piscícolas, así como la alteración de los ciclos naturales de inundación por la obstrucción de los canales de amortiguación natural del río Sinú.

El contexto espacial de la Ciénaga Grande del Bajo Sinú ha sido intervenido a lo largo de la historia moderna por la presencia de diferentes actores sociales, los cuales además de ejercer fuerzas y relaciones de poder sobre sus recursos, han provocado fenómenos como el desplazamiento forzado, el despojo y la presencia de algunos hechos violentos y amenazas en la región. Las tierras ubicadas en la zona baja del río Sinú han sido el epicentro de conflictos por el acceso a la tierra. Negrete (2007) y Borda (2002) argumentan en este sentido, que los campesinos individual y colectivamente siempre han aprovechado los recursos de la ciénaga sin cambiar sustancialmente sus condiciones naturales, sin embargo, los hacendados y terratenientes además de apropiarse de grandes extensiones de tierra (por encima de las 350 hectáreas, hasta aproximadamente 5000 hectáreas) han desecado y adecuado las mismas para extender la frontera agrícola y ganadera. Las relaciones entre campesinos y hacendados y sus formas de ocupación han sido bastante conflictivas a través de los años. Esta característica también fue descrita por los habitantes de La Subida, Los Monos y La Peinada, quienes para ilustrar el conflicto describieron el enfrentamiento vivido por los campesinos aledaños a la ciénaga con el hacendado Elías Calume entre 1974 y 1982.

Según Borda (2002), en el año 1974, cerca de 500 personas organizadas invadieron la parte arada de las tierras que el señor Calume tenía cultivadas de algodón (en lo que hoy se conoce como San Pablo el municipio de Cotorra, antes zona rural de Lorica); la ocupación de este

predio fue producto de la resistencia y lucha de los campesinos provenientes de La Doctrina, El Carito, Los Monos, La Subida, Tierralta, Cotorra y otros pueblos del bajo y medio Sinú, debido a que para el establecimiento de las plantaciones de algodón en esta zona se desvió el caño Bugre, uno de los principales afluentes de la ciénaga y tras ello, la desecación de varios caños como El Guamal, La Boca del Sabanal, La Boca del Charco, entre otros, situación que amenazó los medios de subsistencia de la población campesina de toda la región. Es aquí en donde se evidencia que una de las características de la neoliberalización del espacio rural apunta a la emergencia de empoderamientos locales para defender los territorios, resistir a las lógicas de apropiación y dominación del capitalismo, al igual que fortalecer las relaciones entre los habitantes y su medio natural. Pobladores de Los Monos y La Subida sostienen que esta obstrucción dificultó el desarrollo de la agricultura campesina, puesto que las tierras permanecieron secas y sin la retroalimentación de nutrientes, tal como ocurría naturalmente en época lluviosa. Adicionalmente, hubo enfrentamiento armado durante esta toma, amenazas, torturas y muertes. Con este primer antecedente, se configura en la región una clase social adinerada y propietaria de grandes extensiones de tierra, dedicadas principalmente a la siembra de algodón, arroz y maíz transgénico y a la ganadería extensiva. Este grupo social, también se caracteriza por vincular personalidades regionales con gran poder político y económico, quienes además de favorecer sus intereses personales con la adecuación de tierras para extender la propiedad, han fomentado entre los habitantes rurales el fenómeno del clientelismo y la compra de votos durante los periodos electorales, a cambio de favores como el acceso a servicios de salud y compra de medicamentos, al igual que la construcción de infraestructuras comunitarias como colegios, parques, iglesias, carreteras, entre otros, para asegurar la bancada política regional de turno.

En la actualidad los vínculos entre campesinos (jornaleros) y terratenientes solo se reducen a contrataciones parciales para la

recolección de cosechas, siembra, limpia, arreglo de cercas, ordeño, vacunación, entre otros. Sin embargo, por la utilización de maquinarias en estos oficios, el volumen de empleo generado anteriormente se ha reducido de forma considerable, situación que influye en la búsqueda de otros medios de subsistencia por parte de la población campesina y acelera el fenómeno de concentración de la propiedad rural en pocas manos. También es importante anotar que han existido muertes selectivas en la región, particularmente en el corregimiento de Los Monos y La Peinada, esto como resultado de la presencia de actores armados ilegales que, tras los procesos de desmovilización del año 2011, desarrollaron nuevas rutas de comercio y tráfico de drogas hacia esta zona. Para este periodo asesinaron a dos líderes comunitarios de la región, como consecuencia de amenazas y extorsiones; esta situación mantuvo en zozobra a la población y varios habitantes rurales tuvieron que desplazarse de sus lugares de residencia y vender sus propiedades. Por lo anterior, se puede afirmar que el acceso a la tierra en esta zona de Colombia se ha caracterizado por incluir diversos conflictos y disputas, entre las que sobresale la lucha entre campesinos, terratenientes, grupos armados y la clase política regional.

5 CONSIDERACIONES FINALES

La investigación de problemas rurales en Colombia y en particular, en la región del bajo Sinú ha estado suscrita al empleo de técnicas cuantitativas en donde el dato numérico actúa como contenedor de verdad y factor explicativo para describir, caracterizar y estudiar las actividades económicas, la población y las formas de ocupación y utilización del espacio. No obstante, el empleo de enfoques cualitativos de investigación facilita la ampliación y comprensión de los procesos de transformación en las prácticas sociales, culturales y económicas en territorios de marcada singularidad ambiental, como es la región anfibia del Sinú. A través de la inmersión en campo y la realización de entrevistas e historias de vida, fue

posible caracterizar las transformaciones que a nivel cultural y económico produjo la introducción de prácticas agrícolas modernas, al igual que la emergencia de actividades económicas complementarias a la agrícola y ganadera. Desde la perspectiva de la nueva ruralidad, el uso de técnicas cualitativas para recopilación de información en campo a partir de la observación y descripción, realización de entrevistas, historias de vida, triangulación hermenéutica e investigación etnográfica (GUBER, 2001), atribuyen importancia a las personas, a sus experiencias cotidianas y a la relación que mantienen con el territorio que habitan, conocen y viven. Los espacios rurales además de poseer una amplia y diversa oferta de recursos naturales presentan singularidades culturales y sociales que sólo se pueden documentar y trasladar al discurso académico cuando se experimenta y practica la vida en aquellos lugares. La realización de un trabajo de investigación además de apoyar el dominio de técnicas y habilidades, transforma al individuo, transforma al investigador en su forma de ser y hacer geografía. Sin duda alguna, vivir en La Subida, Los Monos y La Peinada y adentrarse en las labores agrícolas, en los procesos de comercialización de las cosechas, en comprender y experimentar la vida rural, da elementos complementarios para analizar el papel que la ciencia geográfica debe cumplir frente a los problemas de estos territorios. Si bien, ha sido posible identificar cambios, tensiones y conflictos, considero que el desempeño profesional de los geógrafos del país debe ir más allá de la simple enunciación y divulgación de problemas socioespaciales. El camino que se inicia a partir de la realización de una tesis compromete el deber disciplinar de la geografía, en particular al encontrar apoyo en metodologías dominadas por otros campos disciplinares afines a nuestro objeto de estudio. A partir de lo anterior, se destaca el valor de la inmersión del investigador en la realidad social de espacio rural estudiado. Los problemas del mundo rural cada vez más requieren la combinación de metodologías para descubrir el valor que posee y comprender que, aunque la mayor parte de la población del país se concentra en las áreas urbanas, los procesos que ocurren en territorios rurales afectan directamente la

sostenibilidad alimentaria de dichos espacios, así como la disponibilidad y oferta de recursos naturales como el agua y el suelo.

6 REFERENCIAS

ACEVES, Jorge. La historia oral y de vida: del recurso técnico a la experiencia de investigación. In: CÁCERES, Jesús Galindo (Coord.). **Técnicas de investigación en sociedad cultura y comunicación**. México: Addisión Wesley-Parson. 1998. p 207- 276.

ASPROCIG (Asociación de Productores para el desarrollo comunitario de la Ciénaga Grande del Bajo Sinú). s/d. **Campaña: Urrá I y II**. Disponible en: <<http://www.asprocig.org/asprocig.php?c=1267>> Accesado en: 13 marzo 2012.

ÁVILA, Héctor. Los enfoques geográficos en torno a la nueva ruralidad. In: PÉREZ, Edelmira (Coord.). **La Nueva Ruralidad en América Latina: Avances Teóricos y Evidencias Empíricas**. Bogotá: Universidad Pontificia Bolivariana. 2008. 103-132.

BABILONIA, Rosa. **Nueva ruralidad en el Bajo Sinú colombiano. 1990-2012. Caso La Subida, Los Monos y La Peinada**. Disertación (Maestría en Geografía), Departamento de Geografía, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2014.

BABILONIA, Rosa. Efectos de la globalización en los contextos rurales: agricultura tradicional vs agricultura comercial, el caso del Bajo Sinú en Colombia. **XXII Encuentro Nacional de Profesores de Geografía, XXII Encuentro Nacional de Metodología en Enseñanza de la Geografía y VII Jornadas Regionales de Turismo y Geografía. Revalorizando historias, espacios e identidades**. San Luis - Argentina, 28-30 mayo 2013.

BORDA, Orlando Fals. **Historia doble de la Costa, tomo IV: Retorno a la Tierra**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2002.

CEDRSSA (Centro de Estudios para el Desarrollo Rural Sustentable y la Soberanía Alimentaria); Cámara de Diputados. **Nueva ruralidad. Enfoques y Propuestas para América Latina**. México: CEDRSSA, 2006. Disponible en: <<http://www.cedrssa.gob.mx/?doc=1550>>. Accesado en: 5 ago.2013.

CHIRIBOGA, Manuel. Agricultura, espacios rurales y medio ambiente en el marco de la globalización. In: PÉREZ, Edelmira; FARAH, María Adelaida (Orgs.). **La Nueva Ruralidad en América Latina. Maestría en desarrollo rural 20 años**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2001. v.1, p.99-187.

CISTERNA, Francisco. Categorización y triangulación como procesos de validación del conocimiento en investigación cualitativa. **Theoria**, v.14, n.1, p. 61-71, 2005. Disponible en: <<http://www.ubiobio.cl/theoria/v/v14/a6.pdf>>. Accesado en: 5 ago.2013.

COMERCI, María. Estrategias campesinas, tensiones y redefiniciones en espacios revalorizados por el capital. **Cuadernos de Geografía**, v.21, n.1, p. 131-146, ene.-jun.2012. Disponible en: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3965777>>. Accedido en: 1 jul.2017.

DESLAURIERS, Jean-Pierre. **Investigación Cualitativa. Guía Práctica**. Pereira: Papiro. 2004.

FERNANDES, Bernardo. La cuestión agraria brasileña a comienzos del siglo XXI. **Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 6, n. 121, p. 105-132, ago.2002. Disponible en: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-121.htm>>. Accedido en: 1 jul.2017.

GÓMEZ, Sergio. **La "Nueva Ruralidad" ¿Qué tan nueva?** Valdivia: Universidad Austral de Chile: LOM, 2002.

GÓMEZ, Sergio. Nueva ruralidad, fundamentos teóricos y necesidad de avances empíricos. **Seminario Internacional El mundo rural: transformaciones y perspectivas a la luz de la Nueva Ruralidad**, Bogotá, Colombia, 15 a 17 oct.2003.

GORDON, B. Le Roy. **El Sinú: geografía humana y ecología**. Bogotá. Carlos Valencia. 1983.

GONZÁLEZ, Fabián. Reflexiones sobre el territorio rural bajo la acumulación flexible: el caso de la región cafetalera de Coatepec, Veracruz, México. **Cuadernos de Geografía**, v.17, n.1, p. 77-87, 2008. Disponible en: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4013783.pdf>>. Accedido en: 1 jul.2008.

GRAMMONT, Hubert C. de, MARTÍNEZ VALLE, Luciano. **La pluriactividad en el campo latinoamericano**. Ecuador: FLACSO. 2009.

GUBER, Rosana. **La etnografía. Método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo editorial Norma, 2001.

HERNÁNDEZ, Roberto, FERNÁNDEZ Carlos, BAPTISTA, Pilar. **Metodología de la Investigación**. México: McGraw-Hill, 2010.

KALMANOVITZ, S., LÓPEZ, Enrique. **La agricultura colombiana en el siglo XX**. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2006.

KAY, Cristóbal. Algunas reflexiones sobre los estudios rurales en América Latina. **Iconos Revista de Ciencias Sociales**. n.29, p. 31-50, set. 2007. Disponible en: <<https://revistas.flacsoandes.edu.ec/iconos/article/view/230/226>>. Accedido en: 25 mar.2013.

KAY, Cristóbal. 2008. Reflections on Latin American Rural Studies in the Neoliberal Globalization Period: A New Rurality? **Development and**

Change, v.39, n.6, p. 915-943, 2008. Disponible en: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-7660.2008.00518.x>>. Accesado en: 25 mar.2013.

LOCATEL, Celso; JEFFER CHAPARRO. Panorama de la agricultura informatizada en Brasil. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.8, n.170 (17), p. 37-61, ago.2004. Disponible en: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-170-17.htm>>. Accesado en: 10 mayo.2014.

MARTÍNEZ, Pedro; RÍOS, Adriano; PUCHE, Luis E. **Santa Cruz de Lorica, Siglo XX. Historia Visual**. Santa Cruz de Lorica: Winston Puello, 1994.

MURCIA, Napoleón; JARAMILLO, Luis Guillermo. **Investigación Cualitativa. La complementariedad etnográfica, una guía para abordar estudios sociales**. Armenia: Editorial Kinesis, 2000.

NEGRETE, Víctor. **La lucha por la tierra y reforma agraria en Córdoba**. Montería: Publicaciones Unisinú, 2007.

PANIAGUA, Ángel. Geografía rural. In: HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia (Orgs.). **Tratado de Geografía Humana**. México: Anthropos, 2006. p. 71-83

PLAZAS, Clemencia; FALCHETTI, Ana María. **Una cultura anfibia: la sociedad hidráulica Zenú**. Bogotá: Biblioteca Luis Ángel Arango del Banco de la República, 2009. Disponible en: <<http://www.lablaa.org/blaavirtual/geografia/carcol/culanf.html>>. Accesado en: 11 jun.2009.

RUIZ, Naxhelli; DELGADO, Javier. Territorio y nuevas ruralidades: un recorrido teórico sobre las transformaciones de la relación campo-ciudad. **Revista Eure**, v.34, n.102, p.77-95. 2008. Disponible en: <<http://www.scielo.cl/pdf/eure/v34n102/art05.pdf>>, Accesado en: 19, oct. 2012.

SALAZAR Mejía, Irene. **Lugar encantado de las aguas: aspectos económicos de la Ciénaga Grande del Bajo Sinú**. Cartagena: Banco de la República/Centro de Estudios Económicos Regionales (CEER), 2008.

SCHNEIDER, Sérgio. La pluriactividad en el medio rural brasileño: características y perspectivas para la investigación. In: GRAMMONT, Hubert C. de; MARTÍNEZ VALLE, Luciano (Orgs.). **La pluriactividad en el campo latinoamericano**. Quito: FLASCO, 2009. p. 207-241.

SEGRELLES, José Antonio. Reformas agrarias en América Latina y algo más. **Conferencia presentada en el Congreso de Reformas Agrarias y Gestión de los Recursos Naturales en África y América Latina**. Lleida-España, 25-27 noviembre 2010. Disponible en: <<https://web.ua.es/es/giecryal/documentos/documentos839/docs/2010-reformas-segrelles.pdf>>. Accesado en: 28 mar.2013.

VILORIA, Joaquín. Lorica, una colonia árabe a orillas del río Sinú. **Cuadernos de Historia y Economía Empresarial**. n. 10. Banco de la República: Centro

de Estudios Económicos Regionales- CEER. Cartagena. 2003. Disponible en: <<https://doi.org/10.32468/chee.10>>. Accesado en: 27 mar.2013.

WOODS, Michael. Rural geography III: Rural futures and the future of rural geography. **Progress in Human Geography**, v.36, n.1, p.125-134, 2012. Disponible en: <<https://doi.org/10.1177/0309132510393135>>. Accesado en: 27 mar.2013.

WOODS, Michael. Rural geography: blurring boundaries and making connections. **Progress in Human Geography**, v.33, n.6, p. 849-858, maio.2009. Disponible en: <<https://doi.org/10.1177/0309132508105001>>. Accesado en: 25 mar.2013.

WOODS, Michael. Performing rurality and practising rural geography. **Progress in Human Geography**, v.34, n.6, p. 835-846, 2010. Disponible en: <<https://doi.org/10.1177/0309132509357356>>. Accesado en: 28 mar.2013.



GLOBALIZACIÓN Y RESILIENCIA EN LA SABANA ESTACIONAL DE PUERTO GAITÁN, META, COLOMBIA: REFLEXIONES TEÓRICAS Y METODOLÓGICAS

*GLOBALIZAÇÃO E RESILIÊNCIA NA SAVANA SAZONAL DE PUERTO
GAITÁN, META, COLÔMBIA: REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS*

*GLOBALIZATION AND RESILIENCE IN THE SEASONAL SAVANNAH OF
PUERTO GAITÁN, META, COLOMBIA: THEORETICAL AND
METHODOLOGICAL REFLECTIONS*

Carlos Enrique Castro Méndez ¹ 

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia y
Instituto Geográfico Agustín Codazzi, Colombia

Resumen: El proceso de paz en Colombia generó dos vertientes que dirigen la ocupación de las tierras: la restitución de tierras con el retorno del campesino, la primera; y la liberación de tierras baldías apropiadas ilícitamente por grupos armados, la segunda. La política con enfoque territorial se dirige a revalorizar el uso en la sabana estacional, en medio de cambios que causan la desterritorialización, la pérdida de gobernanza y el riesgo de superar la resiliencia de las tierras. Mediante un método comparativo inverso, se identificaron cuestiones históricas y contemporáneas que definen la temporalidad de la globalización predatoria en la que se encuentra el sector de la sabana estacional de Puerto Gaitán, Meta (Colombia). Con base en planteamientos teóricos de varios autores y con avances metodológicos aplicados en la investigación, se muestra la necesidad de aplicar control al cambio de uso o una propuesta basada en nuevas alternativas de uso que sean menos predatorios y que involucren a la población local.

¹ Graduado en Geografía (Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia-IGAC), maestría en Geografía en la línea histórica y cultural; doctor (C) en Geografía en el mismo convenio. Instituto Geográfico Agustín Codazzi. Correo electrónico institucional: cecastro@igac.gov.co.

Palabras Clave: Uso Agrícola, Territorialización, Gobernanza Territorial, Globalización, Resiliencia.

Resumo: O processo de paz na Colômbia gerou dois aspectos que direcionam a ocupação das terras: o primeiro a restituição da terra com a volta do camponês; e o segundo a libertação de terrenos baldios apropriados ilegalmente por grupos armados. A política com enfoque territorial visa a reavaliar o uso no cerrado sazonal, em meio a mudanças que provocam desterritorialização, perda de governança e risco de superação da resiliência do solo. Usando um método comparativo inverso, identificaram-se questões históricas e contemporâneas que definem a temporalidade da globalização predatória em que se encontra o setor sazonal de savana de Puerto Gaitán, Meta (Colômbia). Com base nas abordagens teóricas de diversos autores avanços metodológicos aplicados na pesquisa, evidencia-se a necessidade de se aplicar controle à mudança de uso ou uma proposta baseada em novas alternativas de uso menos predatórias e que envolvam a população local.

Palavras-Chave: Uso Agrícola, Territorialização, Governança Territorial, Globalização, Resiliência.

Abstract: The peace process in Colombia generated two aspects that direct the occupation of the lands: the first one the restitution of land with the return of the peasant; and the second the liberation of wasteland illegally appropriated by armed groups. The policy with a territorial approach is aimed at revaluing the use in the seasonal savannah, amid changes that cause deterritorialization, loss of governance and the risk of overcoming the resilience of the land. Using an inverse comparative method, historical and contemporary issues were identified that define the temporality of predatory globalization in which the seasonal savannah sector of Puerto Gaitán, Meta (Colombia) is found. Based on the theoretical approaches of several authors and methodological advances applied in the research, the need to apply control to the change of use or a proposal based on new alternatives of use that are less predatory and that involve the local population is shown.

Key Words: Agricultural Use, Territorialization, Territorial Governance, Globalization, Resilience.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.173228](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.173228)

Recebido em: 02/08/2020

Aprovado em: 05/08/2020

Publicado em: 30/12/2020

1 INTRODUÇÃO

El objetivo de esta investigación es revisar las teorías geográficas para proponer un método que permita resolver las preguntas relacionadas con

el deterioro de las tierras, debido al uso agrícola intensivo y que, después de los acuerdos de paz, amenaza extenderse en las tierras del sector de la sabana estacional en Tillava - los Kioscos, Colombia. La propuesta metodológica consiste en una revisión documental que sirva de soporte para conocer el nivel de resiliencia de las tierras al cambio del tipo de uso agrícola.

La red de actores institucionales (la banca, el Comercio, las ONGs) promueve los proyectos de reproducción de capital acumulado en dos tipos de globalización: uno predatorio que busca la maximización de ganancias cuyo uso puede superar la capacidad de resiliencia de las tierras (FAO, 2011), la otra globalización posible es consensuada con la población local, es menos intensiva, atiende los problemas agroalimentarios y permite un control social de las prácticas y los usos (FERNÁNDEZ, 2006).

Los procesos de colonización en Colombia entre 1950 y 1960 se dieron con el aval del gobierno y fue a través del Instituto Colombiano de Reforma Agraria – INCORA, que se aplicó la estrategia de colonizar nuevos espacios para mantener en manos de la clase privilegiada las mejores tierras. Esto indefectiblemente provocó también la degradación de las tierras (IICA, 1995).

En otro aspecto aunque se trate de tierras con aptitud agrícola mediana (UPRA, 2020) si sobre ellas se efectúa un manejo inadecuado de la tierra o se supera la capacidad de carga, también se genera degradación (CASTRO MENDEZ; AGUALIMPIA DUALIBY; SUZUKI, 2020).

Según datos del Estudio Nacional de la Degradación de Suelos por Erosión (MINAMBIENTE; IDEAM; UDCA, 2015) Colombia tiene 45.379.058 ha con algún grado de degradación, esto representa el 40% de la extensión territorial continental, pero en las sabanas estacionales la erosión es aún ligera (IGAC, 2015)²

²Para fines de comparación Argentina tiene 60.000.000 ha. correspondientes al 20% de su extensión; México 41.500.000 ha. están afectadas por erosión; Ecuador 12.818.500 ha. (50%) y en Brasil 6.090.000 ha. se encuentran totalmente degradadas (MINAMBIENTE; IDEAM; UDCA, 2015).

Desde las instituciones técnicas que participan en el proceso de globalización de la economía, luego de la firma de los acuerdo de paz en Colombia, se abren nuevas posibilidades para movilizar capitales procedentes del Banco Mundial (BM). Es así como en los medios informativos masivos que se dirigen a América Latina, se implementa la idea y la necesidad de detener o neutralizar la degradación inducida de los suelos y en otros casos mitigar impactos ambientales para lograr la sostenibilidad ecológica (FAO, 2014-2015); esto invisibiliza la oportunidad de prevenir o preservar la biodiversidad, pues la gestión para estos países se dirige para degradar sus tierras lentamente.

Las instituciones relacionadas con la alimentación y la agricultura determinaron que las sabanas naturales de América Latina se constituyen en la última frontera agrícola para el agronegocio, y fijaron su atención en este espacio que hay que conquistar si se piensa solucionar el problema alimentario mundial; eso permite entender que cada vez hay menor posibilidad de promover y preservar la biodiversidad; esta visión divide las tierras en dos categorías: las que hay que explotar y las que se deben conservar³.

En estas instituciones de la globalización que se distribuyen entre el sector financiero (BM, BIRD), instituciones técnicas orientadas al sector productivo (BID, FAO) y el sector ambiental (Lucha Contra la Desertificación y la Sequía) entre otras, las contradicciones son casi imperceptibles, ya que unas ofrecen la biotecnología como recurso de utilización de tierras con baja capacidad agrícola, mientras que otras ofrecen la recuperación cuando se tienen niveles de degradación. En cualquiera de los casos ofrecen programas que consumen o incrementan los recursos económicos.

³ Al generar la frontera agraria colombiana se definieron dos tipos de actividades que enfrentan las acciones productivas con las ambientales; el país se dividió en áreas con posibilidad de desarrollo agropecuario intensivo en aproximadamente once millones de hectáreas definidas en un solo bloque en la sabana estacional colombiana. De estas tierras según ARIAS (2017) se han entregado 484.000 hectáreas de las cuales 28% están en manos de extranjeros.

Es necesario plantear un análisis que indague sobre la debilidad ambiental que hay en las tierras en cuanto a su tipología de suelos, oferta hídrica y sobre el impacto ambiental que pueda causar el cambio de uso de estas tierras⁴.

En este caso se quiere contextualizar el problema del deterioro de los ecosistemas de sabana que es el término con el que se conoce en la globalización estas tierras de los países latinoamericanos (WWF, 2019), y que en Brasil se conocen como *cerrados* y en Argentina como la Pampa. Para argumentar la investigación se consideran estos criterios técnicos, las teorías y los efectos que han tenido en Brasil y Argentina el cambio de uso de estas tierras debido a la implementación de usos agrícolas intensivos.

2 EL PROBLEMA DE LA INTENSIFICACIÓN DEL USO AGRÍCOLA EN COLOMBIA

Para contextualizar el problema colombiano causado por la intensificación del uso agrícola, es necesario plantearse un interrogante desde la dimensión económica que muestre la intención del gobierno colombiano y en ese sentido surge la primera pregunta ¿por qué se escogieron estas tierras alejadas de los centros urbanos?

En primera instancia como respuesta a la pregunta del porqué se escogieron estas tierras de la sabana estacional, las voces oficiales dirían que fue para cubrir los vacíos de gobierno en los espacios dejados por el conflicto armado, no obstante, las acciones que se tienen hoy en día, como es la ocupación de tierras por agronegocios⁵, pueden ir más allá de la

⁴ El presente informe constituye un avance de la investigación doctoral "Degradación de tierras y usos agrícolas intensivos en una extensión de 291.342,5 ha. de la sabana estacional localizada en el sector Tillava-los Kioscos en Puerto Gaitán, Meta, Colombia"

⁵ La intensificación de las áreas de siembra de palma africana en la sabana estacional en los últimos años ha producido despojo violento y fraudulento de la tierra y esto afecta en gran medida a las comunidades indígenas y produce un impacto ambiental muy alto; a esto se añade la tendencia a tercerizar las relaciones laborales que no permite que los trabajadores agrarios tengan un trabajo equitativo que le permita capitalizar un ahorro para su futuro (IDEPAZ,2015 p.21).

intención que acordaron las partes en las mesas de negociación en la Habana, Cuba.

Se cree que el conflicto armado compromete no solo a las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia - FARC, sino que hay otras fuerzas que ejercen el dominio territorial que tienen una trayectoria muy larga en las que se involucran las guerras bipartidistas.

La necesidad de dinamizar la economía colombiana luego de la firma de los acuerdos de paz con el grupo armado de la FARC se manifiesta en el surgimiento de una estructura institucional y consecuentemente en la generación de nuevas políticas orientadas bajo la etiqueta del enfoque territorial (ALTO COMISIONADO, 2016).

Esta nueva forma de gobierno produce un cambio de mentalidad en cuanto a la forma de interpretar la aptitud de las tierras para la agricultura; en algunas ocasiones estos nuevos argumentos logran poner en contradicción los conocimientos de quienes se consideraban expertos en la identificación de las tierras productivas colombianas.

En los nuevos documentos técnicos de soporte se listan las primeras características que deben adicionarse a esta nueva aptitud de las tierras, inmediatamente se identifican con la dinámica de los capitales globales y las condiciones de reproducción de un nuevo territorio más globalizado. Las tierras son planas, es decir mecanizables, se localizan en el piso térmico cálido, con temperatura media superior a 24°C para aprovechar las horas de luz y la radiación solar intensa de manera que logre el óptimo en la acumulación de azúcares y aceites; a esto se añaden otras características internas del suelo como alta acidez, bajos contenidos de materia orgánica y fertilidad muy baja; en el tema social las tierras son de baja densidad poblacional, están alejadas de los centros urbanos y tienen una conexión vial deficiente (CONPES 3940, 2018).

El problema general que se plantea está referenciado desde los postulados técnico científicos en los cuales se establece que la sabana de Puerto Gaitán, Meta Colombia no cuenta con aptitud agrícola, su clase agrológica es 6 y 7 (IGAC, 2015). Se percibe un proceso de globalización predatoria derivado de acuerdos de paz que proporciona los medios para el ingreso de agronegocios que afectan la biodiversidad y la vida de los pueblos nativos.

Para dar sustento a los nuevos usos productivos de la tierra, la nueva institucionalidad se ve obligada a mostrar dos aspectos espaciales de las tierras colombianas, y debe hacer diferencia entre las áreas productivas y las ambientales (Figura 1.). Este aspecto de los límites para la reproducción del capital se identifica con el proceso que se sigue en el extractivismo latinoamericano (GUDYNAS, 2016), y en este sentido se establecen los límites de la frontera agraria, para dar legalidad al uso agrícola intensivo en estas nuevas tierras que serán inscritas en este nuevo proceso productivo de los agronegocios legalizados.

La nueva institucionalidad colombiana se crea con la finalidad de planificar y ordenar las tierras del país acorde con los intereses y con la creación de instrumentos técnicos que señalen las políticas hacia la sabana estacional, lo mismo que aconteció en las estructuras de gobierno de los países latinoamericanos en los que se tomaron como referencia los casos de Brasil y Argentina.

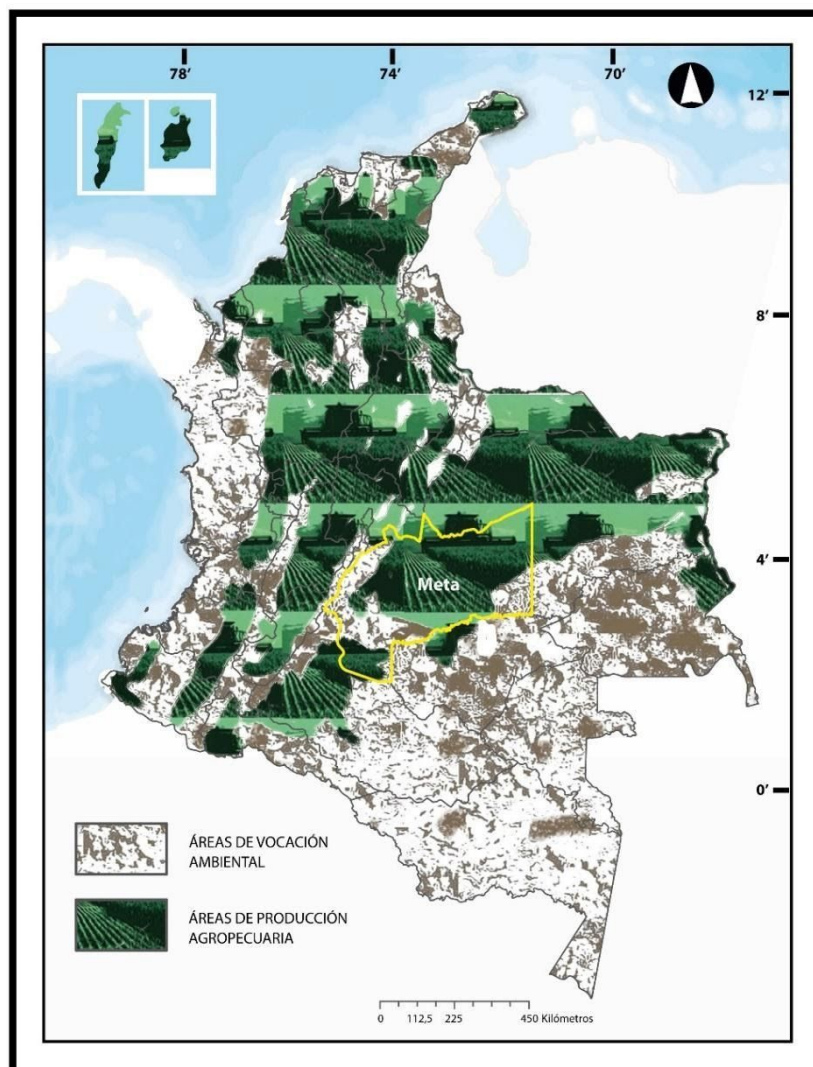
En otro sentido, las áreas ambientales presentan al interior diferencias en su biodiversidad, variadas debilidades en la estructura ecológica y en sus grados de susceptibilidad al deterioro; es decir, es necesario involucrar entre estas dos categorías excluyentes entre sí, una nueva categoría que muestre particularmente la susceptibilidad a la degradación y que, debido a su baja resiliencia al cambio de uso, es posible su aplicación en el análisis de países que contienen tierras con características similares.

Se espera que esta herramienta de planificación se convierta en un instrumento de control en el cambio de uso de las tierras localizadas en la

sabana estacional, tomando como referente lo sucedido en países latinoamericanos que cuentan con las características similares y que en el presente tiene problemas socio ambientales que día a día se tornan insostenibles.

En la figura 1. se representan los espacios agrarios y ambientales que muestran aspectos incompletos y fraccionados de una actividad mecanizada de la agricultura que varía tanto espacialmente como en sus temporalidades y que probablemente causaría el deterioro de los ecosistemas de sabana, que se encuentran débilmente equilibrados.

Figura 1. Espacios agrarios y espacios ambientales



Fuente: Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural y Unidad de Planificación Regional Agropecuaria, (MADR; UPRA, 2018). (Elaboración propia)

Desde el gobierno de Juan Manuel Santos (2010 – 2018) se empieza a gestar el cambio de mentalidad y fue bajo el viejo concepto de locomotoras del desarrollo y mediante una intensa campaña mediática (CHOMSKY et al., 2005) que se preparó el camino a la segregación espacial de las tierras localizadas en la sabana estacional, en las que se advierte que estas tierras de baja producción pueden ser productivas si se inyectan capitales y se aplican novedosas tecnologías agrícolas. Con estas aseveraciones se anticipó el ingreso de la biotecnología al país de la cual ya se tienen referencias en Brasil y Argentina, más de 40 años inmersos en ese nuevo pensamiento globalizado.

Para comprender el proceso de globalización predatorio y sus efectos ambientales es necesario contar con la experiencia de Brasil y Argentina que siguen las políticas neoliberales, y reconocer la trayectoria de ese pensamiento en Colombia.

El cambio desde las políticas públicas a las políticas con enfoque territorial incrementó el gasto del Estado convertido en una nueva necesidad de préstamos que se tramitan directamente con el Banco Mundial – BM, y que evidentemente responden a las mismas necesidades de inversión en desarrollo que se aplican en los países latinoamericanos.

En ese sentido, SEPÚLVEDA et al. (2003) comentaron que a mediados de los 80s el Fondo Monetario Internacional en compañía con el Banco Mundial abrió las líneas de Alimentación, Agricultura y Desarrollo Rural para generar incentivos que tenían el propósito de reducir los impuestos, revisar las políticas discriminatorias, generar facilidades de crédito enmarcado en la lucha contra la pobreza e incentivar la participación de capitales privados, todo esto bajo el denominado “Consenso de Washington” que dio pautas para el desarrollo de estos espacios.

En este tiempo se presentan varias facilidades para ingresar capitales a estos grandes proyectos y esto contrasta con la desmotivación que se aplica hacia los pequeños y medianos agricultores, quienes en medio de esta estructura de producción de alimentos, cubren la mayor oferta de alimentos a los pobladores de la región. No obstante, la estructura agrícola minifundista ha podido cubrir las necesidades alimentarias de los habitantes locales en estos países latinoamericanos.

De acuerdo con estas políticas, el enfoque territorial del desarrollo rural posibilitaría la convivencia comunitaria y la unión de pequeños productores mediante el empoderamiento de la población rural a partir de los años 90s. Este enfoque permitiría la convergencia de territorios hacia el desarrollo sostenible. En este período emergieron los temas relacionados con las economías de aglomeración, los rendimientos crecientes, la competencia imperfecta y la economía ecológica entre otras (SEPÚLVEDA et al., 2003).

Durante la transición al enfoque territorial se generaron tres acciones: modernización del campo, promoción en el cese de algunas actividades y el nacimiento de profesiones relacionadas con las prácticas agrícolas que fortalecieron los programas académicos de Colombia y de otros países de la región (MELO-BECERRA; RAMOS-FORERO; HERNÁNDEZ-SANTAMARÍA, 2017).

En los territorios en los que no había presencia del Estado, las FARC aplicaban un proceso represivo para evitar que se intervinieran las coberturas naturales, en parte para proteger su vida de las incursiones aéreas en estos sectores; ejercían su propia fuerza para proteger los ecosistemas de alguna manera.

Con el despeje de estos territorios, las áreas fueron tomadas por fuerzas al margen de la ley, que ocuparon estos espacios con fines de lucro y explotación de los recursos naturales.

La intensificación del uso agrícola en Colombia es la manifestación de las políticas de globalización predatoria que se encuentran mimetizadas en los

Acuerdos de Paz: para generar seguridad jurídica fueron creadas las políticas con enfoque territorial; al amparo de esa directriz se crearon instrumentos legales que muestran las características de las tierras que serán activadas por el programa de gobierno, y se generaron límites y áreas que pudieran ser utilizadas para usos agrícolas intensivos, con la figura de las Zonas de Interés Rural, Económico y Social (CONPES 3917, 2017). Estas políticas de enfoque territorial generaron un aumento en el gasto del Estado que es financiado en varios países de América Latina por el Banco Mundial (BM).

Finalmente las políticas generadas a partir de la delimitación de la frontera agraria en lugar de controlar la deforestación la incrementaron; las áreas de producción agrarias se ampliaron hacia tierras con menor capacidad de uso agrícola; la intensificación del uso agrícola ocurre con la llegada de multinacionales que ocupan un amplio sector de la sabana estacional colombiana.

En ese contexto la pregunta de investigación es ¿Cuáles son los referentes históricos que muestran un proceso de globalización del sector de la sabana estacional de Puerto Gaitán Meta Colombia?

3 EL TERRITORIO Y LAS TEMPORALIDADES

El territorio como categoría de análisis de la ocupación de las tierras de sabana estacional, está orientado por las políticas de paz y es consecuencia de la división social del trabajo, procedente del sistema mundo que avalan la introducción de cultivos intensivos de palma africana.

La apropiación de tierras para los sistemas agrícolas basados en biotecnología es excluyente de los propietarios que cuentan con tierra, aunque poco capital. En consecuencia, se genera un proceso de desterritorialización y la expulsión de la población que es incapaz de asumir la nueva valorización de la naturaleza. En términos de Santos (2000)

el medio natural es transformado a espacios artificiales que requieren de altas inversiones.

Aunque las políticas ZIDRES contemplen la asociación de propietarios de predios para hacer parte de estos conglomerados agroindustriales, los pequeños agricultores terminan cediendo, vendiendo o alquilando sus tierras a los agronegocios.

El proceso de desterritorialización y reterritorialización (SAQUET, 2018) cumple con unas etapas que generan crisis en estos espacios de sabana estacional, tratadas por Santos (2000) como externalidades derivadas del proceso de globalización; con la generación de nuevos instrumentos técnicos y normativos, como la delimitación de la fronteras agrícola, los documentos del Consejo Nacional de Política Económica y Social - CONPES, la nueva institucionalidad representada en Agencias de tierras y políticas con enfoque territorial derivadas de los acuerdos de paz, obedecen a un impulso hacia la globalización.

El espacio de sabana estacional con todo este proceso genera avances hacia la globalización de las tierras a través de la periodización, donde el espacio se artificializa con el desarrollo técnico y tecnológico con documentos de política que permiten fortalecer las verticalidades o nexos con el sistema global.

La temporalidad puede organizarse como un sistema de intercambios, que incluye la relación social y la reproducción del estado natural a través de instrumentos normativos, técnicos de política incluso culturales, que inciden en estos paisajes. En el pasado, estas técnicas de producción agropecuaria establecidas por las comunidades ancestrales, aunque aún fueran nocivas, como es el caso de las quemas de potreros, eran menos intensas que las que se aplican con los sistemas modernos, que son invasivos, extensivos y predatorios, pues están persiguiendo utilidad económica.

En países en vías de desarrollo, eso se evidencia con la transgresión a otros modos de vida que se identifican como actividades productivas, relaciones de trabajo novedosas y otras formas de consumo.

El impacto de la globalización predatoria es más notorio y genera consecuencias relevantes en la significación que tenían los pobladores de su territorio. En ese sentido, la nueva tecnología causa traumatismos y tiene efectos sociales, económicos, políticos, culturales y geográficos que reorganizan los espacios, dando nueva significación a los pobladores recientes.

Cuando una empresa agropecuaria llega a territorios rurales causa desequilibrios en la adquisición de mano de obra e incrementa el costo de la producción agropecuaria; a ese concepto Santos (2000) lo definió como rigidez y representa una condición de reproducción económica.

Mediante la localización de infraestructuras productivas en el espacio geográfico, el valor de los predios se ve influenciado por la nueva intencionalidad, aumentando las expectativas en cuanto a la rentabilidad del capital. Además, se configura una nueva segregación que puede observarse en la políticas de uso de las tierras de la sabana colombiana y en la creación de normas que dirigen la atención hacia nuevos empresarios dispuestos a invertir su capital en la utilización de biotecnología costosa. Ello genera la expulsión del campesino local que no cuenta con la capacidad económica para acceder a esa nueva técnica y tecnología.

La necesidad de productos químicos para mejorar los suelos exige un mejoramiento de la conectividad con los centros que proveen estos paquetes tecnológicos; la necesidad de circulación conduce a programar la mejora de infraestructura vial que se requiere para adaptar estas tierras a los nuevos usos.

En cuanto al espacio y las temporalidades se muestra el trabajo de globalización que se ha materializado en los territorios en donde las relaciones horizontales se encuentran más débiles que las relaciones

verticales; es decir, hay espacios inmersos en la globalización, con políticas y decretos que facilitan el accionar de la ley a través de abundantes normas.

4 ANÁLISIS COMPARATIVO

El caso de la sabana estacional colombiana y su intervención con cultivos intensivos se encuentra en su temporalidad inicial, eso lo corrobora el inventario de tierras cedidas para los agronegocios y su implementación de cultivos intensivos dirigidos al mercado mundial; el sector de frontera agrícola delimitada recientemente se considera la oportunidad para revisar el nivel más bajo de resiliencia. Para esta investigación se analizan las políticas que incidieron en los procesos de globalización y las características generales de las tierras que se degradaron por estos usos en países que están avanzados en la periodización de la globalización.

Identificadas las políticas y las características de las tierras degradadas de Brasil y Argentina se establece un paralelo con las tierras que no han ingresado al agronegocio para interpretar la resiliencia que tiene las tierras de la sabana estacional de Puerto Gaitán, Meta al cambio de uso en esta parte de Colombia.

En los estudios de geografía rural británica cuando se exigió la lectura horizontal, es decir las relaciones locales y la lectura vertical o aquella referida a las relaciones globales, la técnica utilizada en el espacio agrario fue la comparación, cuyo objetivo era conocer el avance relativo a la sistematización de progresos orientados al establecimiento de nuevas tipologías, modelos o estudios de estructuras agrarias (PANIAGUA, 2006).

En contraste, Piovani y Krawczyk (2017) afirman que el método comparativo es útil para solucionar problemas de conocimiento natural y social en donde pueden aplicarse prácticas operativas complejas.

En este informe se aplica un análisis de tierras de tipo comparativo regresivo en el que se toma una muestra representativa de tierras localizadas en países latinoamericanos que tempranamente se acogieron a las políticas de globalización de la economía y que de acuerdo con las visiones de expertos en degradación de tierras en Brasil (Elizon Días Nunes; Selma Simoes de Castro, Instituto de Estudos Socioambientais⁶), Argentina (Ing. Agrónomo Darío Rodríguez Instituto de suelos – INTA⁷; Dr. Sebastián Gómez Lende, Investigador activo CONICET⁸) entre otros referenciados antes, se encuentran en deterioro causado por la utilización intensiva de la tierra.

La escogencia de esa muestra de países latinoamericanos se tomó de las bases de datos del Banco Mundial (2018), en las cuales se registra el crecimiento de tierras incluidas en el modelo agroindustrial que monitoreó esta entidad desde 1960 hasta 2016.

Para el desarrollo de la investigación por objetivos específicos en el primero se aborda la pregunta de investigación: *¿Cuáles son las características determinantes de las tierras que se degradaron al establecerse los usos agrícolas intensivos en los países latinoamericanos?*

Las consultas a estos investigadores se realizó de acuerdo con los criterios colombianos utilizados en las Zonas de Interés de Desarrollo Rural, Económico y Social (ZIDRES). Esta información se complementó con preguntas sobre el uso agrícola específico. Como resultado, se encontró que eran en orden de importancia y volumen de exportación de los cultivos de soja, palma africana, caña de azúcar y cacao.

La apertura de nuevos territorios nacionales en Colombia, como es el caso de la creación del departamento de Meta, en 1960, posibilitó la conquista de nuevos espacios para que se reproduzca el capital, incluso la nueva

⁶ Se logró acercamiento al grupo de investigación en Solos Frágeis; a través de la Dra. Selma Simoes se viene trabajando con el Dr. Elizon Dias quien proporcionó materiales y métodos del sector de estudio en Goiás. El documento de consulta básica es EMBRAPA (2015).

⁷ El Ingeniero Darío Rodríguez proporcionó información sobre tierras degradadas en Charata Argentina y realizó un acercamiento a expertos en tierras de la Pampa.

⁸ El Dr. Sebastián Lende proporcionó datos de cultivos de soja y caña de Azúcar en la Pampa. Documentos de su investigación sobre el tema de usos agrícolas intensivos y degradación de tierras.

visión sobre esta zona se establece por encima de medidas de protección que se pudieron tomar con antelación; una de ellas fue el ajuste de los límites de la región amazónica en el sector sur del municipio de Puerto Gaitán (GUTIÉRREZ REY, 2007). La llegada de la palma africana al Meta y la apertura de nuevas tierras para la producción agraria, en medio de encuentros armados y matanzas indígenas de la etnia Guahibo (GÓMEZ, 1998).

Las similitudes entre Colombia; Brasil y Argentina están en que sus núcleos agrarios intensivos se desarrollan en las sabanas de clima cálido, estas tierras generan nuevas necesidades viales por estar alejadas de las ciudades, proporcionan paisajes de relieves planos que tienen posibilidades de mecanización extensiva e intensiva.

5 GOBERNANZA TERRITORIAL Y REPRODUCCIÓN DE LA GLOBALIZACIÓN

Participar en las decisiones locales es cada vez más difícil de lograr. La corrupción no es solo una forma más para adquirir estatus o poder económico, sino que esta se establece en las relaciones políticas y es a partir de allí que, desde el contexto local, se plantea el siguiente interrogante ¿Cómo entender las políticas públicas actuales en las que se plantea la gobernanza territorial?

La respuesta general puede encontrarse en los comunicados oficiales que establecen que las tierras de la sabana estacional colombiana - y posiblemente de los *cerrados* brasileños-, que contienen suelos y clima difíciles, solo pueden ser acondicionados por empresarios adinerados. Por ello, en el discurso del gobierno colombiano se dice que no son tierras que puedan aprovechar campesinos pobres o población indígena, debido a que ellos no cuentan con los elementos o la tecnología.

El cambio de uso de las tierras, aún sin la necesidad de un proyecto especial del Estado, se está gestando en las sabanas estacionales colombianas con la llegada sin previo aviso de empresas transnacionales que aplican un sistema de acaparamiento de predios contiguos, causando la expulsión de la población; es decir, estas acciones de apropiación de extensas áreas por los grupos económicos se realizan sin consultar a sus habitantes y en consecuencia se producen la desterritorialización y una nueva forma de ocupación.

La investigación que se adelanta comprende los efectos de los cultivos agroindustriales localizados en la sabana natural latinoamericana cartografiada por agencias multinacionales y su planteamiento se encuentra inscrito en el pensamiento del sistema mundo que propuso Immanuel Wallerstein (2006), en el que se hace una distinción de países dependientes de un desarrollo que es propuesto por los países independientes y que inevitablemente conduce a la degradación de sus tierras. En respuesta a esta problemática hay varios modelos interpretativos entre los que se encuentra la crítica al extractivismo, planteado por Gudynas (2016), y a los diferentes enfoques de la gobernanza.

De acuerdo con ROSAS-FERRUSCA, CALDERÓN-MAYA, CAMPOS-ALANÍS (2012), la gobernanza tuvo su origen en la economía y en la regulación estatal y está dirigida por instituciones de la globalización. Las agencias multinacionales promueven la generación de políticas públicas, que facilitan el ingreso de capitales, infraestructura y tecnología para potenciar el desarrollo de las actividades económicas.

Entre los planteamientos discutidos se tiene el concepto de territorialización de Saquet (2018), con lo que se puede observar claramente que hay una intencionalidad de ocupar espacios incultos en los países latinoamericanos, lo que específicamente se materializa en las sabanas naturales. Como consecuencia, fueron modificadas y afectadas en su biodiversidad por la implementación de políticas de intervención y

también por el destierro de las comunidades, consideradas bajo la lógica del progreso como siendo atrasadas.

La gobernanza territorial local se ve afectada por la decisión del gobierno central que no permite la participación de las comunidades locales en el cambio de uso y esto es necesario para el bienestar de la población. Para el caso de la sabana estacional en estudio, nuevos campos petroleros incidieron en la llegada de población flotante en mayor proporción que la población local. Este nuevo caudal electoral participa en la elección de alcaldes, apoyando los procesos extractivistas y esto conduce a una pérdida de la gobernanza local⁹

Cuando ingresaron las multinacionales con los agronegocios a las sabanas estaciones no hubo ninguna resistencia porque no se realizó una comunicación formal a la población; en ese sentido se afirma también que no hay necesidad de crear las Zonas Integrales de Desarrollo Rural Económico y Social (ZIDRES), en parte porque la población campesina que hay en la región no cree que sea posible una asociación entre campesinos y multinacionales¹⁰.

La pérdida de gobernanza trasciende las zonas de resguardo indígena Wacoyo, pues las multinacionales representadas por la empresa Fazenda utiliza las tierras destinadas a los indígenas para la producción de maíz transgénico, aprovechando ese cambio cultural y de abandono de los “conucos” que era la forma de siembra de los Sikvani; se genera la oportunidad de tomar productos alimenticios de estas siembras intensivas de maíz que requieran para su consumo o manutención; esto crea nuevas posibilidades de desarrollo cultural y un intenso cambio en los hábitos. Las comunidades Sikvani se encuentran dispersas en varios sitios del resguardo y algunas de ellas se ven afectadas debido a la carencia de alimentos¹¹

⁹ ALZATE, Edgar. comunicación personal, 28 de marzo de 2020

¹⁰ GÓNGORA, Rubiela. comunicación personal, 28 de marzo de 2020

¹¹ GARZON, Misael. comunicación personal, 29 de marzo de 2020

6 CONCLUSIONES

Con la firma de los acuerdos de paz en la sabana estacional de Puerto Gaitán, Meta, se intensificó el proceso de globalización predatoria con el ingreso de capitales extranjeros representados en agronegocios que iniciaron la ocupación de grandes espacios. El cambio de uso desvirtúa los anteriores instrumentos técnicos que señalaban que estas tierras no tienen vocación para cultivos intensivos y ofrece una nueva propuesta basada en biotecnología que tiene como efecto la segregación espacial por causa de la sobrevaloración de estas tierras al realizar costosas inversiones. Estas acciones generan alerta socioambiental pues al exigir al medio natural se pone a prueba la resiliencia que es la capacidad que tienen estas tierras para reponerse al cambio de uso.

El referente histórico que muestra ese avance en el proceso de globalización está representado en la creación de una estructura institucional que rompe con los anteriores esquemas para lograr que estas tierras se entreguen a quienes pueden producir bajo las adversidades climáticas, limitantes del suelo y ausencia de mano de obra.

Las sabanas estacionales ocupadas por varios actores fueron impactadas desde la invasión colonizadora, su proceso de formación territorial ha pasado por ciclos de desterritorialización y reterritorialización, y ahora se aplican instrumentos de política que es promovida por una red de actores de la globalización que presentan a las sabanas como espacios disponibles para la agroindustria; eso lo demuestran las temporalidades por las que han pasado estos sectores, algunas acciones pasadas han sido legalizadas en el presente, la primera de ellas con la creación de la frontera agrícola delimitada a la escala general.

Las temporalidades se sustentan en documentos de política que poco a poco acercan las posibilidades de integrar estas tierras al proceso global;

las verticalidades del proceso causan el descontento de la población que cuenta con predios en estas áreas

El proceso territorial puede visualizarse a través de la identificación de temporalidades y el estudio sobre la apropiación territorial y el acaparamiento de tierras que indica el avance de algunos sectores de la sabana estacional colombiana hacia el proceso de globalización.

Desde el aspecto político local se evidencia una pérdida de gobernanza en el sentido de abajo hacia arriba que es soportado en el sentir de los agricultores locales, que ven cada vez más difícil la lucha por los derechos de las comunidades locales, debido a la imposición de políticas públicas que favorecen la inversión extranjera y cada vez más difícil el apoyo para los productos agrícolas de la región.

La integración entre teoría y método permitió la identificación de un proceso de desterritorialización; la identificación de temporalidades marca el rumbo orientado a la globalización de las tierras, y se identificó una preocupación local por la pérdida de gobernanza territorial. Finalmente hay una necesidad de seguir profundizando en el tema de resiliencia como punto de inflexión entre los usos productivos y los usos ambientales.

7 REFERENCIAS

ALTO COMISIONADO (Alto Comisionado para la Paz). **Acuerdo final para la terminación del conflicto y la construcción de una paz estable y duradera.** Versión 12 nov.2016. Disponible en <http://www.altocomisionadoparalapaz.gov.co/procesos-y-conversaciones/Documentos%20compartidos/24-11-2016NuevoAcuerdoFinal.pdf>. Accedido en: 22 dic.2020

ARIAS, Wilson. **Así se roban las tierras en Colombia.** Bogotá: Página Legal: 98 pp. 2017. Disponible en: <https://www.semillas.org.co/apc-aa-files/5d99b14191c59782eab3da99d8f95126/asi-769-se-roban-la-tierra-en-colombia-1-.pdf>. Accedido en: 22 dic.2020

BANCO MUNDIAL. **Bases de datos de tierras cultivables datos de 1961 a 2016.** Banco Mundial, 2018. Disponible en: <https://datos.bancomundial.org/indicador/AG.LND.AGRI.ZS>. Accedido en: 10 sept.2019

CASTRO MÉNDEZ, Carlos Enrique; AGUALIMPIA DUALIBY, Yolima Del Carmen; SUZUKI, Julio Cesar. Conservación de ecosistemas de la Sabana Estacional Colombiana. Una propuesta de armonización de instrumentos jurídicos y de gestión. **Revista Derechos Fundamentales a Debate**. n.13, mayo 2020. Disponible en la página web: <http://cedhj.org.mx/revista%20Derechos%20F%20Debate.asp>. Accedido en 22 dic.2020

CHOMSKY, Noam; GARCÍA-ALBEA, José E.; GÓMEZ MOMPART, Josep L; DOMÉNECH, Antoni; COMAS D'ARGEMIR, Dolors. **Los límites de la Globalización**. 1a edición virtual, Barcelona: Editorial Ariel Practicum. p. 50-68, 2005. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/283082575_Los_limites_de_la_globalizacion. Accedido en: 10 ene.2020

CONPES 3917. (Consejo Nacional de Política Económica y Social). **Áreas de referencia como insumo para la identificación de las zonas de interés de desarrollo rural, económico y social (ZIDRES)**. Departamento Nacional de Planeación. Bogotá, 7 febrero 2018. 53 p. Disponible en: <https://www.minagricultura.gov.co/Normatividad/Conpes/CONPES%203917%20VERSI%20C3%93N%20APROVADA%20EL%202018.pdf> Accedido en: 20 feb.2020.

CONPES 3940 (Consejo Nacional de Política Económica y Social). **Delimitación de la Zona de Interés de Desarrollo Rural, Económico y Social en el municipio de Puerto López (Meta)**. Departamento Nacional de Planeación. Bogotá, 2018, 42 pp. Disponible en <https://www.minagricultura.gov.co/Normatividad/Conpes/CONPES%203940%20de%202018.pdf>. Accedido en: 20 feb.2020

EMBRAPA. **Solos Frágeis. Caracterização, manejo e sustentabilidade**. Selma Simões de Castro, Luis Carlos Hernani editores técnicos. Embrapa. Brasília. 366 p. 2015.

FAO (Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura). **Agricultura sostenible: Una herramienta para fortalecer la seguridad alimentaria y nutricional en América Latina y el Caribe. Actividades destacadas 2014-2015**. FAO. 46 pp. 2016. Disponible en: <http://www.fao.org/3/a-i5754s.pdf>. Accedido en 22 dic.2020.

FAO (Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura). **Programa Especial para la Seguridad Alimentaria (PESA) en Centroamérica**. Seguridad Alimentaria Nutricional, Conceptos Básicos. 3ª. Edición, febrero 2011. Disponible en: <http://www.fao.org/3/a-at772s.pdf>. Accedido en: 20 dic.2020

FERNÁNDEZ, Fernando. **Soberanía alimentaria: objetivo político de la cooperación al desarrollo en zonas rurales.** España: Icaria/Antrazyt. 285 p. 2006.

GÓMEZ, Augusto. Cuiviadas y Guajibiadas. La guerra de exterminio contra los grupos indígenas cazadores-recolectores de los llanos orientales (Siglos XIX y XX). **Anuario colombiano de Historia social y de la cultura**, n. 25, p. 351-376, 1998. Disponible en: <http://www.bdigital.unal.edu.co/20555/1/16710-52314-1-PB.pdf>. Accedido en: 03 jun.2020

GUDYNAS, Eduardo. **Extractivismos. Ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la Naturaleza.** Cochabamba: CLAES/CEDIB. 2016. Disponible en: <http://gudynas.com/wpcontent/uploads/GudynasExtractivismosEcologiaPoliticaBo15Anuncio.pdf>. Accedido en: 24 mayo.2020

GUTIÉRREZ REY, Franz. Amazonía, ordenamiento, urbanización y cartografía. Investigaciones geográficas. 11º. ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA- EGAL. 2007, Bogotá. **Capítulo de Memoria.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2007. 25pp. Disponible en: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Procesosambientales/Ecologia/02.pdf>. Accedido en: 3 jun.2020

IDEPAZ. **Reconquista y despojo en la Altillanura. El caso Poligrow en Colombia.** SOMO & INDEPAZ, 108 p., Noviembre 2015. Disponible en: <http://indepaz.org.co/wp-content/uploads/2015/11/DOCUMENTOS-CASO-POLIGROW-WEB/1.%20INFORME%20SOMO-INDEPAZ/Reconquista%20y%20despojo%20en%20la%20altillanura%20-%20El%20caso%20Poligrow%20en%20Colombia%20-%20Informe%20SOMO-INDEPAZ.pdf>. Accedido en: 21 dic.2020

IGAC (Instituto Geográfico Agustín Codazzi). **Levantamiento semidetallado de suelos del sector Tillava los Kioscos en el municipio de Puerto Gaitán, Meta.** Bases de observaciones, resultados de laboratorio, Leyenda y mapa de suelos. Bogotá: 2015.

IICA. (Instituto Iberoamericano de Cooperación Para la Agricultura). Desarrollo agrícola, sostenibilidad de los recursos naturales y reducción de la pobreza en América latina: el papel de las regiones de laderas. In: NEIDECKER-GONZÁLEZ, Oscar; SCHERR, Sara J. **Memoria de la Conferencia**, 4-8 diciembre 1995. Tegucigalpa (Honduras): Organización de los Estados americanos. 341 p. Disponible en: <https://repositorio.iica.int/bitstream/handle/11324/13349/BVE20118682e.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Accedido en 23 dic.2020.

MADR; UPRA (Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural y Unidad de Planificación Regional Agropecuaria). **Identificación General de la Frontera Agrícola en Colombia. Escala 1:100.000.** versión 1.0. Bogotá. 61 p. 2018. Disponible en: https://www.minagricultura.gov.co/Normatividad/Projects_Documents/IDE

[NTIFICACION%20GENERAL%20DE%20LA%20FRONTERA%20.pdf](#) Accedido en: 2 dic.2020

MELO-BECERRA, Ligia Alba; RAMOS-FORERO, Jorge Enrique; HERNÁNDEZ-SANTAMARÍA, Pedro Oswaldo. La educación superior en Colombia: situación actual y análisis de eficiencia. **Revista Desarrollo y Sociedad**, no. 78, 2017. p. 59-111. DOI: 10.13043/DYS.78.2

MINAMBIENTE; IDEAM; UDCA (Ministerio de Ambiente; Instituto de Hidrología, Meteorología y Estudios Ambientales; Universidad de Ciencias Aplicadas Ambientales). **Estudio Nacional de la degradación de suelos por erosión en Colombia. Subdirección de Ecosistemas e Información Ambiental.** Bogotá, D. C. 181 p. 2015. <http://documentacion.ideam.gov.co/openbiblio/bvirtual/023648/Sintesis.pdf>. Accedido en: 20 fev..2020

PANIAGUA, Ángel. Geografía rural. In: HIERAUX, David ; LINDÓN, Alicia (dirs.), **Tratado de geografía humana.** Barcelona: Anthropos, pp. 70-83. 2006.

PIOVANI, Juan Ignacio. KRAWCZYK, Nora. "Estudios comparativos: algunas notas históricas, epistemológicas y metodológicas". **Educação & Realidade**, v. 42, n. 3, p. 821-840, jul./sept. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623667609>.

ROSAS-FERRUSCA, Francisco Javier; CALDERÓN-MAYA, Juan Roberto; CAMPOS-ALANÍS, Héctor. Elementos conceptuales para el análisis de la gobernanza territorial. Quivera. **Revista de Estudios Territoriales**, 14(2),113-135. 2012. Disponible en: <https://www.redalyc.org/pdf/401/40126859001.pdf> . Accedido en: 26 feb.2020

SANTOS, Milton. **La naturaleza del espacio. Técnica y tiempo, Razón y emoción.** Primera edición de marzo. España: Ariel Geografía. p. 197-219. 2000.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Enfoques y concepciones del territorio. Síntesis para la expansión del enfoque Territorial.** Traducción: Germán Torrijos Cadena y Eder Hernán Bustos Velazco. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas. Colección Tierra y Vida. p. 77-93. 2018.

SEPÚLVEDA, Sergio; RODRÍGUEZ, Adrián; ECHEVERRI, Rafael; PORTILLA, Melania. **Desarrollo rural con enfoque territorial**, San José (Costa Rica): Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura (IICA)/Dirección de Desarrollo Rural Sostenible. 139 p. 2003.

UPRA (Unidad de Planificación Rural Agropecuaria). **Consulta de la aptitud de uso de las tierras de un sector de la sabana estacional del municipio de Puerto Gaitán, Meta, Colombia, en el Sistema Para la Planificación Rural Agropecuaria.** Bogotá: 2020. Disponible en <https://sipra.upra.gov.co/>. Accedido en: 18 feb.2020.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Análisis de sistemas- Mundo Una introducción.** Siglo XXI editores. Segunda edición. 2006. Disponible en: <https://sociologiadeldesarrollo.files.wordpress.com/2014/11/223976110-26842642-immanuel-wallerstein-analisis-de-sistemas-mundo.pdf> Accedido en: 1 dic.2020

WWF (Fondo Mundial para la Naturaleza). **Grandes logros 2019: Sabanas y Pastizales.** WWF. 20 diciembre 2019. Disponible en: https://www.wwf.org.co/about_us/. Accedido en: 18 dic.2020.



O PAPEL DO MUNICÍPIO NA PROMOÇÃO DA SEGURANÇA CIDADÃ: POSSÍVEIS LIÇÕES DE MEDELLÍN

*EL ROL DE LA MUNICIPALIDAD EN LA PROMOCIÓN DE LA SEGURIDAD
CIUDADANA: POSIBLES LECCIONES DE MEDELLÍN*

*THE ROLE OF MUNICIPALITY IN PROMOTING CITIZEN SECURITY:
POSSIBLE LESSONS OF MEDELLIN*

Luiza Veronese Lacava¹ 
Fundação Getulio Vargas, Brasil

Resumo: O presente estudo analisa alterações legislativas relevantes nos campos da segurança pública e da segurança cidadã ocorridas no ordenamento jurídico do Estado da Colômbia a partir da década de 1990, que permitiram o aumento do protagonismo e da autonomia municipal na condução de suas políticas de segurança. São analisadas mais detidamente duas políticas implementadas pela cidade de Medellín, parte de um conjunto de medidas responsáveis pela acentuada queda nas taxas de criminalidade na cidade nas últimas três décadas, demonstrada pela redução de mais de 90% dos índices de homicídio entre os anos de 1992 e 2020. Partindo da perspectiva do direito e da política legislativa, e adotando os conceitos de segurança integral e segurança cidadã, a pesquisa tem como objetivo expor um caso de aumento da autonomia de governos locais, explorando a contribuição do município como agente atuante na redução da violência urbana.

Palavras-chave: Segurança Pública; Segurança Cidadã; Papel do Município; Medellín; Colômbia.

Resumen: El presente estudio analiza reformas legislativas relevantes en materia de seguridad pública y seguridad ciudadana que se han producido en el ordenamiento jurídico del Estado de Colombia desde la década de los noventa, y que permitieron incrementar el rol y la autonomía municipal en la conducción de la seguridad de las ciudades de dicho país. Se analizan con más detalle dos políticas llevadas a cabo por la ciudad de Medellín,

¹ Mestranda em Direito e Desenvolvimento pela Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV Direito SP).. E-mail: luizalveronese@gmail.com

resultado de un conjunto de medidas responsables de la fuerte caída de la tasa de criminalidad en la ciudad en las últimas tres décadas, que se reflejó en la reducción en un 90% de la tasa de homicidio entre los años 1992 y 2020. Esta investigación parte de una perspectiva de derecho y política legislativa, y adopta los conceptos de seguridad integral y seguridad ciudadana. Asimismo, tiene como objetivo exponer un caso de incremento de autonomía de los gobiernos locales, explorando el aporte del municipio como agente activo en la reducción de la violencia urbana.

Palabras-clave: Seguridad Pública; Seguridad Ciudadana; Municipio; Medellín; Colombia.

Abstract: The present study analyzes relevant legislative changes in the fields of public and citizen security that have occurred in Colombia's legal system since the 1990s, which allowed an increase in the role and autonomy of municipalities in conducting their own security policies. Two policies implemented by the city of Medellín are analyzed in greater detail. Those policies are part of a set of measures responsible for a sharp drop in crime rates in the last three decades, demonstrated by a reduction of more than 90% in homicide rates between 1992 and 2020. From the perspective of law and legislative policy, and adopting the concepts of integral security and citizen security, our research aims to expound a case of increased autonomy of local governments, exploring the contribution of the municipality as an active agent in reducing urban violence.

Key-words: Public Security; Citizen Security; Municipality; Medellín; Colombia.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170367](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170367)

*Recebido em: 30/05/2020
Aprovado em: 11/12/2020
Publicado em: 30/12/2020*

1 INTRODUÇÃO

Em 2015, América Latina e Caribe apresentaram uma taxa de 24 homicídios a cada cem mil habitantes, número quatro vezes maior que a média mundial. Estimativas apontam que a violência custa em média 3% do PIB da região, sendo os gastos divididos entre Estado, iniciativa privada e sociedade: 42% corresponde ao gasto público, em especial com a manutenção do aparato policial; 37% são gastos privados; e 21% são custos sociais decorrentes da vitimização (JAITMAN, 2017). Para além da esfera

econômica, a violência deixa sequelas sociais na região, como a diminuição da expectativa de vida ao nascer, aumento da taxa de mortalidade e aumento da sensação de insegurança, fatores que influenciam e mudam a dinâmica de relação entre os indivíduos e os centros urbanos, criando entraves para o pleno exercício da cidadania (SOARES; NARITOMI, 2010).

Segundo o boletim anual para 2018 do *Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y la Justicia Penal A.C* (MARTELL, 2019), excetuando-se as cidades em conflitos bélicos, 42 das 50 cidades mais perigosas do mundo encontravam-se na América Latina². De acordo com Salama (2008), é possível apontar como principais focos de concentração da violência no continente: a) o crescimento da delinquência urbana, em especial dos crimes contra o patrimônio (roubo, extorsão mediante sequestro) e de homicídios dolosos; b) a emergência da criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico internacional de drogas; c) graves violações de direitos humanos que comprometem a consolidação da ordem política democrática, e d) violência intrafamiliar, sexual e violência contra a mulher.

Neste contexto de alta complexidade, é possível destacar Medellín como um caso simbólico de enfrentamento da insegurança pública, esforço nacional e municipal, com destacáveis sucessos ao longo de três décadas, que se refletiram na redução de mais de 90% das taxas de homicídios desde o início dos anos 90³. No presente estudo, partindo-se de uma análise jurídica e criminológica da segurança pública urbana e das alterações legais que buscaram implementar políticas de segurança, promovidas pelo governo central colombiano com consequências em nível

² O boletim, publicado em março de 2019, traz o ranking das 50 cidades mais violentas do mundo no ano de 2018, tendo por base as taxas de homicídio a cada cem mil habitantes (hpcmh). Naquele ano, o primeiro lugar foi ocupado por Tijuana (México), com uma taxa de 138,26, seguido por Acapulco (México), com 110,5, e Caracas (Venezuela), com 99,98. Das 50 cidades, 14 localizam-se no Brasil: Natal (8º, com 74,67); Fortaleza (9º, com 69,15); Belém (12º, com 65,31); Feira de Santana (14º, com 63,29); Maceió (21º, com 51,46); Vitória da Conquista (22º, com 50,75); Aracaju (25º, com 48,77); Salvador (29º, com 47,23); Macapá (30º, com 47,20); Campos dos Goytacazes (35º, com 46,28); Manaus (37º, com 44); Recife (38º, com 43,72); João Pessoa (44º, com 41,36); e Teresina (48º, com 37,61). A Colômbia, em contraste, apresenta apenas duas cidades no ranking: Palmira (27º, com 47,97), e Cali (31º, com 47,03).

³ Em 2013, através de um concurso realizado pelo The Wall Street Journal em parceria com a ONG americana Urban Land, Medellín foi eleita a cidade mais inovadora do mundo, considerando-se aspectos como transporte urbano, redução das emissões de gases poluentes, obras públicas de melhora da qualidade de vida, e novos projetos para a educação. Entre as três finalistas estavam a cidade de Tel Aviv, Israel, e Nova Iorque, nos Estados Unidos.

local, ou encabeçadas pelos próprios gestores das cidades, investiga-se o papel da administração municipal no controle da violência e na promoção da segurança.

2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A SEGURANÇA INTEGRAL E A SEGURANÇA CIDADÃ

O presente artigo adota duas perspectivas de segurança que, apesar de distintas, estão bastante relacionadas. Ambas refutam o entendimento tradicional de segurança como sinônimo da atuação estrita das forças militares e policiais, e buscam diversificar e tornar a atuação no tema acessível para uma maior gama de atores. A segurança integral é compreendida aqui na forma exposta por Böhm (2013), e tem por bases teóricas os campos do direito e da criminologia. Segundo a autora, pensar segurança de forma integral significa principalmente pensar além do marco da política criminal, admitindo a atuação em várias frentes, e não necessariamente apenas aquelas diretamente relacionados ao sistema penal⁴. É a garantia de direitos fundamentais como premissa básica das políticas de segurança.

O conceito de segurança cidadã também tem suas bases no campo da criminologia, em especial nas teorias de policiamento comunitário, mas vai além e engloba noções de democracia participativa e organização comunitária (ANIYAR DE CASTRO, 1999). Segundo Velásquez (2002), o conceito vem ganhando importância nos países da América Latina, uma vez que endereça o problema da falta de autonomia dos governos locais para tratar de segurança pública, e propõe uma maior participação dos cidadãos, associações comunitárias e líderes políticos

⁴ Por soluções do campo criminal, entende-se, entre outros, os aparatos policial, militar, prisional, legislativo e judicial, que atuam no desestímulo à prática de crimes via policiamento ostensivo, prisão em regime fechado, condenação criminal, expansão dos tipos penais e lógica punitivista. Em contraste, as teorias de segurança integral sugerem a participação, entre outros, de assistentes sociais, psicólogos, sociólogos, urbanistas e quaisquer atores que possam contribuir com soluções integradas e multidisciplinares do problema.

locais na busca de soluções. A segurança cidadã, portanto, coloca o cidadão e sua relação com o local onde vive como agentes de promoção de segurança, e não apenas como potenciais vítimas ou como destinatários de proteção policial.

Para o sociólogo norueguês Johan Galtung (2003), principal fundador da disciplina de Estudos para o Conflito e a Paz, é possível identificar três vieses da violência: violência direta, violência estrutural e violência cultural. A primeira delas seria mais perceptível, caracterizando-se pela afronta inequívoca e direcionada à integridade e liberdade humanas, e tendo como resultado a morte, mutilação, miséria, detenção e expulsão. Já a violência estrutural teria como principais características a exploração e a desigualdade, resultando em uma estrutura social excludente, na qual a qualidade e expectativa de vida não são as mesmas para todos os cidadãos, não existe a igualdade de acesso à educação, à saúde, ao trabalho digno, ao transporte, moradia etc. Por violência cultural, o autor entende todos os aspectos da cultura (representáveis no campo simbólico, tais como a religião, a ideologia, as artes, a linguagem, a matemática) que podem ser utilizados para justificar a violência direta ou estrutural. Alguns exemplos seriam o racismo, o machismo e a xenofobia.

A classificação da violência de Galtung (2003) é relevante na medida em que enxerga o fenômeno da insegurança como processo múltiplo, complexo e proveniente de diversas fontes. Ao contrário daquilo que é comumente percebido e retratado (pela percepção social, pelos veículos de comunicação, pelas políticas públicas governamentais) como sendo violência, ou seja, a violência direta, esta não se legitimaria sozinha e estaria involucrada em um ciclo de outras violências, comumente ignoradas e raramente percebidas enquanto causadoras de violência.

Estar seguro integralmente significa, então, não apenas estar blindado frente à criminalidade e às ameaças externas, mas também ter garantidos os seus direitos fundamentais, poder gozar plenamente da

cidadania e ter acesso a todos os bens e direitos básicos. Apesar de amplo, este conceito quebra o paradigma de que se pode estar seguro com mais policiamento na rua, porém enquanto as políticas de saneamento ainda são insuficientes, e quando não se tem pleno acesso à educação, à saúde básica etc. É a segurança não a serviço da ordem, mas da garantia da cidadania.

Si en lugar de intentar bosquejar amplia y sólidamente la deseada seguridad, se combate una temida y difusa inseguridad, aquello que hubiera podido ser una actuación positiva de provecho general deviene en una actuación negativa de exclusión y destrucción.

Así, en lugar de procurar construir en pos de la seguridad educativa, de la seguridad sanitaria, de la seguridad laboral, de la seguridad económica, de la seguridad ambiental, etc. de los ciudadanos y habitantes del Estado, la actuación suele reducirse al combate de inseguridades y/o de aquellos que son vistos como causantes de esa inseguridad. Esta es precisamente la modalidad discursiva que se ha extendido en las últimas décadas en numerosos ámbitos estatales, y que también en América Latina ha ganado terreno en los últimos años. (BOHM, 2013, p.7-8)

Enxergar a segurança de maneira integralizada modifica substancialmente a maneira de pensar políticas públicas preventivas da criminalidade. Trazer segurança para um bairro não significaria apenas instalar uma nova unidade policial, adquirir novas viaturas e modernizar os aparatos de vigilância e controle, mas, sim, realizar, por exemplo, um mapeamento detalhado das deficiências em serviços públicos, dos núcleos familiares desassistidos, das residências precarizadas, etc.

Isso não significa, entretanto, que a segurança integralizada ignore o papel da instituição policial e seja indiferente às problemáticas diárias da criminalidade para a construção da cidadania. Resta buscar, no marco desta perspectiva, soluções que adaptem o planejamento de prevenção do delito a uma noção mais inclusiva e abrangente de segurança, que deve ocorrer, em um primeiro momento, com a quebra do monopólio penal da tutela das inseguranças (BARATTA, 1997). A inclusão de outros atores, metas e objetivos que fujam da resposta unilateralmente criminal, assim como a reformulação da relação polícia-cidadão e a tomada pelo poder público local da responsabilidade pela segurança cidadã

podem surgir como possibilidades de resposta a estas questões (ANIYAR DE CASTRO, 1999).

3 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E HISTÓRIA RECENTE DE MEDELLÍN

Antes de adentrar na análise do tema, é necessário traçar um panorama geral da cidade da qual vamos tratar. Fundada em 1675 por colonos espanhóis, Medellín é a capital da província de Antioquia, noroeste da Colômbia. Possui 2.570.000 habitantes (DANE, 2020), sendo sua região metropolitana, a *Área metropolitana de Vale de Aburrá*, menor apenas que a da capital, Bogotá. A província de Antioquia é responsável por 13,4% do PIB nacional, atrás apenas de Bogotá D.C, com 24,8% (DANE, 2016).

Para que se possam compreender as mudanças recentes vividas pela cidade e sua relação com a criminalidade, é importante retroceder à época em que se deu o “boom” de sua urbanização, e entender como se organizaram os novos grupos sociais que comporiam aquela que seria a segunda maior cidade do país. A intensa e desordenada migração da população rural para o centro urbano de Medellín ocorreu, assim como em grande parte das cidades latino-americanas, a partir do início da década de 1950. Seu componente determinante e o que a diferencia de outros processos similares de tomada do espaço urbano foi, entretanto, o cenário de altas taxas de violência que predominava nas áreas rurais (OLIVEIRA, 2011).

Entre os anos de 1946 a 1958, assistiu-se na Colômbia a um violento processo de conflito rural entre apoiadores do Partido Liberal Colombiano e o Partido Conservador Colombiano, motivado pelo controle das zonas menos urbanizadas do país e pelo monopólio da máquina política. O processo, conhecido por “*La Violencia*”, foi responsável por armar a população rural e incentivar a criação de grupos de bandoleiros,

guerrilheiros e grupos armados, gerando grande instabilidade e o aumento exponencial da taxa de homicídios. Segundo estimativas, o período deixou um total de 200 mil mortos, sendo a província de Antioquia a terceira mais afetada, com 26.000. Em toda a Colômbia, houve a migração de 2 milhões de pessoas, 117 mil na província de Antioquia, motivada pela fuga da violência, por ameaças de morte vindas dos grupos armados, ou pela crise econômica que se seguiu (ROLDÁN, 2002).

Em 1958, um acordo entre os partidos pactuou a paz mediante alternância de poder e divisão da burocracia política. Ele perdurou até 1974 sob a forma de uma “Frente Nacional”, o que possibilitou um período de relativo crescimento econômico e estabilidade política. O novo acordo, entretanto, não significou a inserção social e a representação política da população marginalizada e envolvida pela violência (ALARCÓN, 2018), que em parte ingressou em grupos guerrilheiros, ou migrou para os grandes centros urbanos.

Estos procesos migratorios —acelerados y desordenados— implicaron el crecimiento demográfico y físico de las ciudades y rebasaron la capacidad de las autoridades para orientarlo, por lo que durante las décadas de crecimiento de la ciudad no se encuentra, para ninguno de los dos casos, un modelo que oriente y ordene el crecimiento de la misma, su configuración como centro urbano y las formas de inclusión de sus nuevos habitantes. Es por esto, que es válido afirmar que Bogotá y Medellín constituyen un ejemplo de “metrópolis del subdesarrollo”, con agudos problemas de pobreza, marginación y desigualdad a los que se suman problemas de inseguridad y temor (VELÁSQUEZ, PINZÓN, 2008, p.6).

Sem um plano efetivo de recepção e integração dessa população, os centros urbanos colombianos, e entre eles Medellín, assistiram a um inchaço das cidades com os camponeses “*desplazados*” (deslocados), que ocuparam os morros de maneira desordenada. À falta de infraestrutura urbana, moradias precárias e à ausência de oferta institucional, somou-se uma grande crise na indústria têxtil, principal ramo industrial de Medellín, acentuando o processo de exclusão e favorecendo a escalada da violência.

4 OS ÍNDICES DE CRIMINALIDADE E O PAPEL DO NARCOTRÁFICO

Em 1992, Medellín sustentava o título de cidade mais violenta do continente, com um notável índice de 400 homicídios por cem mil habitantes (hpcmh). Esta taxa foi no período quase sete vezes mais alta que a dos Estados Unidos e vinte vezes mais alta que a do Canadá ou Chile (SALAMA, 2003). Em 2010, este índice já havia diminuído para 82,62 hpcmh, passando por 38,3 hpcmh em 2014, e finalmente 25 hpcmh em 2018 (MEDELLÍN CÓMOVAMOS, 2019). O fenômeno se repetiu de forma similar nas três grandes cidades colombianas, Bogotá, Cali e Medellín, que juntas foram responsáveis por 38% dos homicídios do país em 1992, tendo diminuído este percentual para 30% já em 1997 (SALAMA, 2003).

O surgimento de milícias armadas, fruto da desestruturação do período de *La Violencia*, o êxodo rural desordenado e consequente inchaço das cidades, o fortalecimento dos grandes cartéis de narcotráfico e uma política de segurança voltada para a guerra às drogas são alguns dos fatores que podem ser apontados como responsáveis pelas décadas de criminalidade enfrentadas pela cidade de Medellín, que tiveram início em 1950, e apenas começaram a cair em 1992.

Como possíveis causas do surgimento das milícias, Lora Alarcón (2018) chama a atenção ainda para o que aponta ser um “déficit democrático”, que permeou toda a história colombiana. Segundo o autor, a máquina política sempre esteve controlada pelas elites, que utilizavam o combate às guerrilhas como pretexto para defender seus interesses privados, chegando por vezes a fomentar disputas internas. Além disso, o autor aponta para o uso da violência como instrumento de manutenção de hegemonias partidárias, e do tolhimento, por parte de setores detentores do poder político e econômico, da participação de partidos e grupos de oposição.

Alarcón (2018, p.17) afirma que “*a violência é um elemento constante no surgimento do Estado-nação durante o século XIX, utilizada como mecanismo de obtenção e estabilização do exercício do poder*”. Apesar de participarem dos conflitos, a população marginalizada – incluídos os indígenas – não podia endereçar suas reivindicações em instâncias representativas autênticas, que permitissem um debate de seus interesses. Um exemplo seria o posicionamento contrário das elites políticas à Lei 89 de 1890, que permitia aos indígenas a escolha de representantes perante as autoridades departamentais. A atuação dos grupos guerrilheiros, argumenta o autor, seria uma forma de expressão política, frente a quase inexistência de oportunidades de participação e a dificuldade em se fazer oposição político-partidária via canais institucionais.

Ainda que a influência dos cartéis de narcotráfico estivesse em constante declínio a partir da desestruturação das principais milícias na década de 90, é inegável que ela tenha ditado, como um dos fatores principais, os rumos da segurança urbana em Medellín na segunda metade do século XX. Sua desmobilização é fruto de ações conjuntas entre as esferas nacionais e subnacionais de governo, destacando-se como marcos a morte de Pablo Escobar, em dezembro de 1993, os acordos de não agressão celebrados com grupos paramilitares (1992-1998), a fragmentação e desvinculação de 874 membros da AUC (Autodefensas Unidas de Colombia), durante o *Programa Paz y Reconciliación: Regreso a la Legalidad* (2003-2006) (VELÁSQUEZ; PINZÓN; 2008), a *Operación Orión* (2002), chegando finalmente ao plebiscito realizado em 2016 pelo então presidente Juan Manuel Santos (2010 – 2018) que buscou um acordo de paz com as FARC (*Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia*).

É possível sustentar que as organizações criminosas do narcotráfico colombiano sejam menores e menos estruturadas hoje que no início da década de 1990, dado o seu tempo de vida mais efêmero e sua menor influência territorial. A situação, em princípio, gera uma aparente contradição, tendo em vista que organizações criminosas mais

desestruturadas hierarquicamente, e, portanto, menos estáveis, tenderiam a promover cenários de alta da criminalidade, como é o observado em países como Brasil e nas cidades de médio porte colombianas (ROCHA; 2001). Uma observação das curvas de homicídios das grandes cidades da Colômbia, entretanto, sugere a validade dessa relação, uma vez que se observa uma queda constante dos índices de criminalidade à medida em que desaparecem as grandes estruturas do tráfico.

O cenário atual colombiano, portanto, demonstra uma descentralização da criminalidade, que antes era concentrada nas grandes capitais das províncias e monopolizada pelos dirigentes dos cartéis de narcotráfico, e agora se estende pelo interior, a cidades de médio e pequeno porte.

O fenômeno de queda da criminalidade nas grandes cidades tem como uma das causas a nova forma de organização das estruturas do tráfico, mas também pode ser explicado pelo efeito positivo que tiveram várias políticas públicas – em regra, municipais – adotadas pelas diversas capitais das províncias. Entre elas, Medellín se destaca como município que obteve sucesso na implementação de programas de promoção da cidadania e segurança cidadã.

5 A DÉCADA DE 90 E AS MUDANÇAS NA GOVERNABILIDADE DO MUNICÍPIO

Já no início da década de 1990, surgiram em Medellín algumas tentativas de se canalizar as políticas de segurança para um enfoque cidadão, chamando a atenção para os problemas da cidade. É possível citar como exemplo, entre outros, os programas: *Plan de desarrollo de la seguridad ciudadana* (1992), *Plan general de desarrollo para Medellín* (1993), *Plan estratégico de seguridad para Medellín y para el Área*

Metropolitana (1994), *Plan de desarrollo de Medellín* (1995-1997) e o *Plan estratégico de Medellín y el Área Metropolitana* (1997).

Apesar das críticas e fragilidades que, com justiça, foram apontadas aos programas (e que serão retratadas com mais detalhe posteriormente), durante esse período, ocorreram fatores determinantes para a mudança a longo prazo do papel do município nas políticas de segurança pública. Muitas destas mudanças se expressam na forma de reformas e alterações legislativas. A mais relevante foi possivelmente a promulgação da *Constitución Política de la República de Colombia de 1991*⁵, também conhecida como *Constitución de los Derechos Humanos*, durante o governo do presidente liberal César Augusto Gaviria Trujillo (1990-1994). O texto veio como tentativa de estabilizar politicamente o país depois de uma agitada história constitucional ao longo do século XX, marcada por diversas reformas que refletiram a falta de consenso social e o embate entre os grupos políticos. Em 1988, teve início um movimento em prol de uma reforma política, motivado pela necessidade de estender a participação popular na tomada de decisões e frear a corrupção administrativa. Apesar de não ter sido frutífero, o movimento foi o gatilho para uma série de reivindicações, do âmbito estudantil à classe política, e que culminaram na convocatória de uma Assembleia Constituinte para as eleições de 1990, cuja proposta primordial era a expansão da participação cidadã (VELÁSQUEZ; PINZÓN; 2008).

Em seu Artigo 1º, a nova Constituição reconhece a Colômbia como um *Estado Social de Derecho*, organizado como República unitária, descentralizada, de maneira que suas entidades territoriais deveriam ser autônomas. A nova organização, descentralizada, municipalizada, dava mais autonomia aos municípios, inclusive permitindo a eleição direta para prefeitos e governadores, até então inexistente (OLIVEIRA, 2011). Além disso, substituía a forma de democracia representativa por participativa,

⁵ A Constituição colombiana, atualizada, pode ser consultada nos arquivos digitais do *Congreso de la República de Colombia*, no endereço: <http://www.secretariassenado.gov.co/index.php/constitucion-politica>. Acesso em: 15 nov.2020.

respondendo aos anseios por maior participação popular no processo político.

Acompanhando a tendência geral do texto constitucional, ocorreram no âmbito da segurança pública algumas das mudanças mais sensíveis. Em primeiro lugar, estendeu-se o conceito de *orden público*, que era utilizado para definir uma série de situações que atentariam contra a segurança do Estado, também à segurança e estabilidade institucional e à convivência cidadã. O aparecimento do termo "convivência cidadã", pela primeira vez em uma Constituição colombiana (Artigo 213), e de maneira colateral ao conceito de "segurança cidadã" (que não aparece explicitamente no texto), reorientaram o foco de ação estatal para a segurança e garantia da cidadania dos indivíduos, e não propriamente apenas das instituições (VELÁSQUEZ; PINZÓN; 2008).

A modificação mais importante foi, possivelmente, a transferência constitucional de autonomia e competência aos municípios para o manejo da segurança, que até então era prevista apenas ao âmbito do governo central. Segundo os novos artigos, tanto a ordem pública quanto a direção da polícia estavam agora a cargo dos prefeitos e governadores das províncias, que deveriam atuar segundo as diretrizes formuladas nacionalmente:

Artículo 315. Son atribuciones del alcalde:

2. Conservar el orden público en El municipio, de conformidad con la ley y las instrucciones y órdenes que reciba del Presidente de la República y del respectivo gobernador. El alcalde es la primera autoridad de policía del municipio. La Policía Nacional cumplirá con prontitud y diligencia las órdenes que le imparta el alcalde por conducto del respectivo comandante.

Estas faculdades foram melhor desenvolvidas pelas leis 4 de 1991 e 62 de 1993. Esta última estabeleceu que os prefeitos e governadores "*deberán diseñar y desarrollar planes y estrategias integrales de seguridad con la Policía Nacional, atendiendo las necesidades y circunstancias de las comunidades bajo su jurisdicción*" (Artigo 12). Esta mesma lei, em seu Artigo 16, estabeleceu atribuições e obrigações dos governadores e

prefeitos com relação aos comandantes de polícia, funções que deveriam ser exercidas conjuntamente aos Conselhos de Segurança e Comitês de Ordem Pública municipal, e aos Fundos de Segurança:

Artículo 16:

1. Proponer medidas y reglamentos de policía, de conformidad con la Constitución y la Ley, a las asambleas departamentales o a los consejos municipales, según el caso, y garantizar su cumplimiento.

2. Impartir órdenes a la Policía Nacional atinentes al servicio, por conducto del respectivo comandante.

(...)

7. Convocar y presidir El Consejo de Seguridad Departamental o Municipal y desarrollarlos planes de seguridad ciudadana y orden público que apruebe el respectivo Consejo.

Por fim, é importante chamar a atenção para a mudança pragmática que acompanhou e possibilitou a transferência de poder para os municípios: o aumento exponencial das verbas destinadas para a administração local ao longo da década de 1990 e dos anos 2000. O aumento foi tão significativo, que, ao final dos anos 2010, a verba disponível para o município já era três vezes maior que a de 2000, e cerca de dez vezes superior à de princípios da década de 1990. Estas mudanças possibilitaram que a administração local se lançasse em projetos mais arrojados, pudesse desenvolver ações em uma escala diferente da até então vista, e permitiram preencher o enorme vazio programático e de capacidade de intervenção que existia em áreas estratégicas como a oferta de emprego, saúde, moradia, educação, competitividade e segurança pública. Em termos práticos, estas mudanças fizeram com que as prefeituras dos anos 2000 fossem incomparáveis às dos anos 90 em termos de capacidade de atuação (BOTERO, 2010).

A década de 90, portanto, significou para a cidade um importante período de transição na relação entre governo nacional, municipalidade e a questão da segurança pública. Essas conquistas em direção à maior cidadania e participação seriam peças-chave para a estruturação, ao longo da primeira década do século XX, de programas efetivos e de impacto na

segurança urbana. A seguir, se analisará com mais profundidade dois dos mais bem sucedidos dentre eles.

6 PROGRAMAS DEPARTAMENTOS Y MUNICIPIOS SEGUROS (DMS), E PAZ Y RECONCILIACIÓN (PPR).

Em março de 2004, a Polícia Nacional da Colômbia, conjuntamente com o Ministério da Defesa, o Ministério do Interior e de Justiça, com apoio técnico da Universidade de Georgetown (EUA), da Fundação Ortega y Gasset e com o financiamento da agência de Cooperação da Embaixada Americana (USAID), iniciaram o programa *Departamentos y Municipios Seguros (DMS)*, que buscou aprimorar e criar mecanismos de fortalecimento da gestão de segurança cidadã nos 1.098 Municípios e 32 Departamentos do país. O programa vem como uma resposta à dificuldade observada em grande parte dos municípios para implementar de forma efetiva as novas mudanças previstas na Constituição e nas legislações que a seguiram, e continua em atividade até os dias de hoje (POLICÍA NACIONAL DE COLOMBIA, 2020).

Feito este diagnóstico, elaborou-se um plano de capacitação dos prefeitos e governadores para a gestão da segurança, constituído de ciclos de seminários e oficinas, que abordam a legislação existente em segurança cidadã, as responsabilidades que possuem os prefeitos, e os instrumentos para gerir esses temas⁶ (VELÁSQUEZ; 2002). O programa também visa capacitar os gestores para elaboração de planos de segurança, interpretação de dados e pesquisas, e acompanhamento e avaliação dos resultados. Como forma de sistematizar os objetivos, foram elaboradas três

⁶ Dentre estes instrumentos, destacam-se: os *Consejos de Seguridad*, reuniões mensais presididas pelo *alcalde* e pelo *governador*, nas quais participam obrigatoriamente comandantes da polícia e das forças armadas, membros da justiça e de órgãos estatais responsáveis pelos direitos humanos, e que tem por objetivo discutir a situação da violência na cidade e fortalecer os mecanismos de coordenação entre os atores; o *Comité de Orden Público*, integrado pelo *alcalde* ou pelo *governador*, e pelos comandantes das forças militares e de polícia, e que tem a atribuição de colocar em prática os planos de segurança; e os *Fondos de Seguridad*, de criação facultativa, que objetivam obter recursos para financiar as atividades de segurança. (VELÁSQUEZ, 2002). Informações técnicas podem ser encontradas no Documento nº 2 do programa, no endereço: <https://www.resdal.org/ultimos-documentos/policia-instrumentos-colombia.pdf>. Acesso em: 15 nov.2020.

cartilhas, sendo a primeira sobre as responsabilidades legais dos governantes, a segunda sobre os instrumentos de gestão da convivência e da segurança cidadã, e a terceira abordando o protocolo de atuação em caso de grandes eventos e atos terroristas⁷.

Visando garantir que a continuidade do programa não fosse prejudicada pela alternância de gestores no processo democrático, os ciclos de capacitação foram formulados com base no ano legislativo. Ao longo de cada legislatura, incorporaram-se três fases e uma fase intermediária de sensibilização de candidatos, que ocorre no segundo semestre do ano anterior ao de eleições para prefeitos, governadores e deputados. As fases consistem em sensibilização e capacitação para elaboração dos planos de segurança (Fase 1); acompanhamento (Fase 2); e consolidação e avaliação dos resultados (Fase 3) (POLICÍA NACIONAL DE COLOMBIA, 2005). Desta forma, procura-se asseverar que os métodos aprendidos entre um mandato e o seguinte se incorporem na administração do município, bem como que não haja interrupção de políticas públicas que demonstrem bons resultados.

Após mais de uma década de implementação, é possível apontar como resultados positivos do programa, em uma escala nacional: uma maior articulação entre administradores eleitos e chefes de polícia; maior atuação dos conselhos de segurança pública, com aumento do envolvimento da população na elaboração de políticas; melhor diagnóstico dos problemas locais enfrentados por cada cidade; e, finalmente, melhor destinação e uso da verba disponível nos fundos de segurança (VELÁSQUEZ, 2002).

Neste cenário e de posse destas novas ferramentas, a cidade de Medellín destacou-se na formulação de programas de cidadania e segurança, tendo elaborado projetos e reformas em áreas estratégicas,

⁷ O programa *Departamentos y Municipios Seguros* encontra-se ativo em 2020, e os materiais e cartilhas para sua implementação podem ser encontrados no endereço: <https://www.policia.gov.co/dms/doctrina>. Acesso em: 15 nov.2020.

alguns dos quais posteriormente exportados a outras cidades do país.⁸ Merece menção a atuação da cidade no processo de desmobilização de ex-combatentes do *Bloque Cacique Nutibara* (frente paramilitar surgida em 2001), que ocorreu durante os anos 2003-2006, sob o nome de *Programa Paz y Reconciliación (PPR)*. A desmobilização ocorreu em meio aos processos de paz e anistia entre o Governo Nacional e as forças guerrilheiras, resultando no desligamento de 34 estruturas paramilitares, sendo 10 no departamento de Antioquia. Dos mais de 30.000 desmobilizados, 4.098 eram residentes de Medellín.

A incorporação do *Programa Paz y Reconciliación* na cidade de Medellín se deu no âmbito do *Plan de desarrollo 2004-2007*, elaborado pela administração do prefeito Sergio Fajardo (2004-2007), e inseriu-se nas propostas da administração para *Seguridad y Convivencia*. Na cidade, o programa adquiriu características próprias, dentro de duas linhas de atuação prioritárias: estratégias de acompanhamento das comunidades que receberam os desmobilizados, e seguimento, monitoramento e avaliação do processo individual de desmobilização e reincorporação social. Entre as medidas adotadas estão o oferecimento de atendimento psicossocial aos ex-membros das milícias, às suas famílias, e aos membros das comunidades receptoras; a realização de parcerias com o setor privado e a facilitação de abertura de cooperativas para criação de vínculos laborais⁹, foram oferecidos cursos profissionalizantes e vagas em albergues para toda a família desmobilizada (inicialmente por tempo determinado, e que foi posteriormente estendido).

O Programa Paz y Reconciliación de la Alcaldía de Medellín, estruturado segundo o modelo de intervenção *Regreso a la Legalidad*, seu desenvolvimento, aprendizado e

⁸ Acerca dos projetos de caráter urbanístico e de inclusão social implementados na cidade após os anos 2000, destaca-se a criação dos centros culturais conhecidos por *parques biblioteca*. Para uma explanação mais detalhada, recomenda-se Wilderom-Chagas (2016).

⁹ O processo de desmobilização em Medellín contou com a criação de uma associação entre os ex-membros das milícias, a *Organización no Gubernamental Corporación Democracia*, experiência única de associação durante os processos de paz. Posteriormente, no entanto, foi dissolvida, sob denúncias de desvio de dinheiro e corrupção (ODDR, 2012).

desafios, acabaram por ditar os parâmetros que ajudariam a definir a política de reintegração em nível nacional. O enfoque integral das políticas, que abarcaram problemáticas como as questões de gênero, violência doméstica e tratamento dos psicod dependentes, e contaram em grande parte com a participação das vítimas em sua elaboração, foi responsável direto pelo baixo índice de reincidência dos participantes, inferior a 20% (ODDR, 2012).

7 CRÍTICAS AOS PROGRAMAS

A completa eficácia dos programas, bem como parte das estratégias adotadas, entretanto, é alvo de questionamentos.

En general, después de una mirada a los planes de desarrollo y a los discursos institucionales, así como a los planes de seguridad concebidos y aplicados en Medellín (...) se puede decir que: a) han subordinado la noción de lo social y lo político al concepto punitivo y criminal, y a la reacción policial, b) han sido funcionales al retiro del Estado de un campo -reactivo y aún preventivo- que requiere su presencia exclusiva y excluyente, c) insisten en legitimar un discurso fragmentado de la participación; d) han confundido y fundido los conceptos de orden y seguridad, en razón de su carácter subordinado a la política criminal del Estado (TORO; RENDÓN; 1997, p.14).

A opção do governo central em tratar a “situação de Medellín” como um campo de guerra contra o narcotráfico, o alto índice de mortalidade entre os jovens e a sensação de insegurança urbana acabaram por dificultar a elaboração de um diagnóstico correto dos fatores de violência na cidade. Privilegiou-se, em parte, a segurança do Estado e daqueles que eram vítimas das milícias organizadas, marginalizando e em alguns casos até acentuando a situação de exclusão de grupos sociais que não foram contemplados pelas políticas de segurança, porém que experimentavam outros tipos de inseguranças: vulnerabilidade social, econômica e estigmatização social. Na tentativa de “ganhar a guerra”, executaram-se políticas não consensuais que, em alguns casos, acabaram por acentuar a violência contra grupos específicos e dar margem para massacres e

assassinatos seletivos, em especial de jovens em bairros periféricos (TORO; RENDÓN; 1997).

Soma-se a estas dificuldades um fator primordial: o manejo histórico dos problemas de violência na Colômbia recaiu tradicionalmente sobre os âmbitos policial e militar (VELÁSQUEZ; 2002). A delegação de parte significativa do instrumental de segurança aos chefes das forças armadas dificultou que se consolidasse, ao longo dos anos, uma experiência por parte do executivo no manejo de políticas integrais, que abrangesse também aspectos da segurança cidadã. Custou-se a eliminar a visão de segurança estritamente atrelada a uma resolução violenta dos conflitos, com respostas coercitivas para problemas eminentemente sociais.

Além disso, o déficit democrático apontado por Pietro Lora Alarcón (2018) teria permanecido até os dias atuais. Segundo o autor, uma das expressões deste fenômeno seria a ação de grupos paramilitares vinculados ao governo, e que atuavam disseminando o medo e inibindo a participação política de grupos de oposição, a fim de perpetuar elites e estruturas de poder (ALARCÓN, 2018). Este déficit democrático teria dificultado a estruturação de uma cultura de participação popular no país, e, conseqüentemente, o sucesso dos programas voltados à participação cidadã.

Por fim, uma das razões que são apontadas para a baixa adesão às políticas implementadas nos primeiros anos da década de 1990 é o suposto entendimento, por parte dos governos municipais, de que os problemas de insegurança seriam fruto de fatores externos à cidade. Essa concepção, bastante influenciada pelas ações do governo nacional voltadas para a guerra ao narcotráfico, que enxergava Medellín como um ponto estratégico de combate aos grupos organizados, acabou por ajudar a incutir na administração municipal a concepção de que a segurança seria responsabilidade básica do governo central¹⁰. A mudança desse

¹⁰ Um exemplo são os conselhos populares de segurança, que apenas se reuniam depois de ocorridas as fatalidades (invasão de comunidades por grupos armados, massacres, ações terroristas, assassinatos). Seu

entendimento, como é comum no processo de implementação de políticas públicas, foi gradual, e ainda está em andamento.

8 CONCLUSÕES E DESAFIOS

A promoção da segurança cidadã, que parte de uma concepção integral e, portanto, audaciosa de projeto social e urbano, traz como consequência desafios igualmente complexos. A iniciar pela própria aferição do sucesso e balanço dos resultados obtidos pelas iniciativas implementadas, muitas vezes de difícil quantificação, dada a multiplicidade dos focos de atuação. Uma vez iniciados os programas, encontra-se a dificuldade comum à maior parte das políticas públicas, a manutenção de sua continuidade durante a sucessão de gestões no processo democrático. A quebra de continuidade, que acaba por afetar diretamente a confiabilidade da população nos programas, está sujeita a ser ainda mais drástica a depender do viés ideológico da administração que assume os cargos de poder.

A segurança e a criminalidade urbanas, principalmente no que diz respeito a cidades latino-americanas, reflete a sua formação multicultural e multiétnica, seus conflitos sociais, de marginalização e segregação do espaço urbano, sua democracia e instituições em processo de consolidação, seu passado recente de colonização e seus desafios de desenvolvimento sustentável em meio ao crescimento populacional. Esta diversidade de fatores muitas vezes não consegue ser amplamente abordada pelas políticas formuladas em âmbito nacional, que deixa de considerar as particularidades que são de conhecimento dos gestores e comunidade local. Neste sentido, fica evidente o papel da administração municipal na formulação de políticas de segurança, muitas das quais

esvaziamento e baixo poder decisório acabou por transformá-los em instâncias reativas e anacrônicas, ao invés de preventivas e formuladoras de soluções para a segurança (VELÁSQUEZ; 2002).

acabam por ter impacto para além da localidade para a qual foram formuladas.

No que diz respeito à experiência colombiana, pode-se observar que, apesar de tortuoso, o caminho para a inclusão municipal no manejo da segurança tem rendido importantes ganhos de cidadania para a população. É importante ressaltar que a especial condição colombiana de conflito armado interno e forte influência do narcotráfico, ao mesmo tempo que acrescentou complexidade à matéria, permitiu que as autoridades da administração nacional e local encontrassem soluções para além do tratamento bélico e propusessem respostas cívicas para problemas até então majoritariamente militarizados (VELÁSQUEZ; 2002).

Em 2016, firmou-se um marco importante na história dos conflitos no país: a assinatura do Acordo de Paz, que engloba as FARC, o Estado e a sociedade colombiana. O acordo tem o fomento à participação cidadã como um de seus pilares, a partir do reconhecimento da expansão democrática como condicionante para a paz (ALARCÓN, 2018). Nesse sentido, ele traz diversos mecanismos de participação de minorias políticas, como o direito ao protesto e manifestação pacíficos, garantias de funcionamento de movimentos e organizações sociais, democratização de meios de comunicação, e, de forma mais concreta, reserva de cinco cadeiras na Câmara e cinco no Senado para ex-combatentes nas eleições de 2018 e 2022¹¹.

Para além do Acordo de Paz, Bueno Cipagauta (2017) cita alguns desafios a serem enfrentados pelo Estado e a sociedade colombiana no processo de reconciliação pós conflito, elencando três frentes de atuação: 1) ações relacionadas à justiça de transição, com foco no resgate da memória histórica dos eventos, reparação das vítimas e garantia de não repetição; 2) reconstrução do tecido social, resgatando a identidade local que foi fragilizada pela lógica amigo-inimigo, decorrente do conflito; e 3) inclusão e

¹¹ O texto completo do Acordo de Paz pode ser encontrado no endereço: <https://www.cancilleria.gov.co/sites/default/files/cartillaabcdelacuerdofinal2.pdf>. Acesso em: 15 nov.2020.

desenvolvimento sustentável, garantindo educação, moradia digna, trabalho e participação social dos ex-combatentes e população marginalizada.

A alta flexibilidade e capacidade de reestruturação dos grupos paramilitares, os diversos problemas de segurança que permanecem em busca de soluções nos centros urbanos, e a pouca idade dos programas de promoção de segurança cidadã, entretanto, exigem políticas estruturadas e de caráter permanente, em constante aprimoramento. Os municípios, cidadãos e o poder político local, entretanto, terão participação importante neste processo.

9 REFERÊNCIAS

ALARCÓN, Pietro de Jesús Lora. **Colômbia: das razões para a guerra às razões para a paz.** O modelo histórico de democracia restringida como causa do conflito armado e as possibilidades de sua superação no marco dos acordos de paz. Curitiba: Revista da Faculdade de Direito UFPR, 2018. ISSN 2236-7284. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/rfdufpr.v63i1.50804>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ANIYAR DE CASTRO, Lolita. La participación ciudadana en la prevención del delito: antecedentes, debates y experiencias. **Capítulo Criminológico.** Vol. 27, No 2, Agosto 1999, 1-29. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/capitulo/article/download/4613/4608>. Acesso em: 15 nov.2020.

BARATTA, Alessandro. Política criminal: entre la política de seguridad y la política social. In: CARRANZA, Elias (org). **Delito y seguridad de los habitantes.** México, DF: Editorial Siglo XXI, Programa Sistema Penal Derechos Humanos de ILANUD y Comisión Europea, 1997. Disponível em: <http://www.pensamientopenal.com.ar/system/files/2018/05/doctrina46549.pdf>. Acesso em: 15 nov.2020.

BÖHM, María Laura. **Políticas de seguridad y neoliberalismo.** Revista Derecho Penal, Año II, nº 4, 2013. Disponível em: http://www.saij.gob.ar/doctrina/dacfl30096-b%C3%B6hm-politicas_seguridad_neoliberalismo.htm. Acesso em: 15 nov.2020.

BOTERO, Santiago Leyva. El proceso de construcción de estatalidad local (1998-2009): ¿La clave para entender el cambio de Medellín? In: ARBAUX, Michel Hermelin; RESTREPO, Alejandro Echeverri ; RAMIREZ, Jorge Giraldo. **Medellín: Medio-ambiente, Urbanismo y Sociedad**. Universidad EAFIT, Centro de Estudios Urbanos y Ambientales (Urbam). Colombia, 2010. ISBN 978-958-720-074-4. Disponível em: https://www.eafit.edu.co/centros/urbam/articulos-publicaciones/Documentos/urbam_eafit_2010_medellin-medio_ambienteysociedad.pdf . Acesso: 04 agosto 2020.

BUENO CIPAGAUTA, María Angélica. **Políticas públicas de reconciliación: un reto posible en la construcción y la sostenibilidad de la paz en Colombia**. Bogotá: Análisis Político, v.30, n° 90, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15446/anpol.v30n90.68301>. Acesso em: 15 nov.2020.

DANE (Departamento Administrativo Nacional de Estadística), **Estimaciones de población 2005-2020**. Colombia: DANE. Disponível em: http://www.dane.gov.co/files/investigaciones/poblacion/proyepobla06_20/Municipal_area_1985-2020.xls. Acesso em: 14 nov.2020.

DANE (Departamento Administrativo Nacional de Estadística), **Informe de Coyuntura Económica Regional – ICER 2015**. Colombia: DANE, 2016. Disponível em: https://www.dane.gov.co/files/icer/2015/ICER_Antioquia2015.pdf. Acesso em: 14 nov.2020.

GALTUNG, Johan. **Violencia, guerra y su impacto sobre los efectos visibles e invisibles de la violencia**. Bizkaia: Centro de Investigación por la Paz, Fundação Gernika Gogoratuz, 2003. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/biblioteca/081020.pdf>. Acesso em: 15 nov.2020.

JAITMAN, Laura (Ed.). **Los costos del crimen y de la violencia: nueva evidencia y hallazgos en América Latina y el Caribe**. Washington, D.C: Banco Interamericano de Desarrollo, 2017. Disponível em: <https://publications.iadb.org/publications/spanish/document/Los-costos-de-l-crimen-y-de-la-violencia-Nueva-evidencia-y-hallazgos-en-Am%C3%A9rica-Latina-y-el-Caribe.pdf>. Acesso em: 15 nov.2020.

MARTELL, Carlos. **Boletín Ranking - Las 50 ciudades más violentas del mundo 2018**. Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y Justicia Penal, A.C/Seguridad, Justicia y Paz. 2019. Disponível em: <http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/seguridad/1564-boletin-ranking>. Acesso em: 23 mai.2020.

MEDELLÍN CÓMOVAMOS. **Informe de Calidad de Vida de Medellín, 2018**. Medellín, 2019. Disponível em: <https://www.medellincomovamos.org/node/25688>. Acesso em: 14 nov.2020. ISSN:1909-4108.

ODDR (OBSERVATORIO DE PROCESOS DE DESARME, DESMOVILIZACIÓN Y REINTEGRACIÓN). **El Programa Paz y Reconciliación (PPR) de la Alcaldía de Medellín 2004-2011. Desarrollos, buenas prácticas y retos.** ODDR. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2012. Disponível em:

http://www.humanas.unal.edu.co/observapazyconflicto/files/2614/2988/5135/ODDR_Paz_Reconciliacion_junio2012.pdf. Acesso em: 15 nov.2020.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel. A cidade como projeto coletivo: impressões sobre a experiência de Medellín. **Tempo e Argumento** (Revista do Programa de Pós Graduação em História), v.3, n.2, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/217518030302201164/1795>. Acesso em: 04 agosto 2020. DOI: 10.5965/2175180303022011164.

POLICÍA NACIONAL DE COLOMBIA. **Doctrina del Programa Departamentos y Municipios Seguros de la Policía Nacional.** Ministerio de Defensa, Colombia, s/d Disponível em: <https://www.policia.gov.co/dms/doctrina>. Último acesso em 15 nov.2020.

POLICÍA NACIONAL DE COLOMBIA. **Programa Departamentos y Municipios Seguros.** Serie Documentos Departamentos y Municipios Seguros, Documento nº2. Instrumentos para el manejo y la gestión local de la seguridad ciudadana y el orden público, Ministerio de Defensa, Colombia, 2005. Disponível em: <http://www.resdal.org/ultimos-documentos/policia-instrumentos-colombia.pdf>. Último acesso em 24 mai.2020.

ROCHA, Ricardo García. **El Narcotráfico y la economía de Colombia: Una mirada de las políticas.** Planeación y Desarrollo, 32(3), jul-set, 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/7951501/El_narcotr%C3%A1fico_y_la_econom%C3%ADa_de_Colombia_una_mirada_a_las_pol%C3%ADticas. Acesso em: 15 nov.2020.

ROLDÁN, Mary. **Blood and Fire: La Violencia in Antioquia, Colombia, 1946-1953.** Durkham/London: Duke University Press, 2002. ISBN: 978-0-8223-2918-3.

SALAMA, Pierre. **La violencia latinoamericana vista por los economistas.** Bogotá: Cuadernos de Economía, vol. 22, 2003. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-47722003000100008. Acesso em: 15 nov.2020.

SALAMA, Pierre. Informe sobre la violencia en América Latina. **Revista de Economía Institucional**, vol. 10, p. 81-102, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/419/41901804.pdf>. Acesso em: 04 agosto.2020.

SOARES, Rodrigo; NARITOMI, Joana. Understanding High Crime Rates in Latin America: the Role of Social and Policy Factors. In: DI TELLA, Rafael; EDWARDS, Sebastian; SCHARGRODSKY, Ernesto. (org.). **The Economics of Crime: Lessons for and from Latin America.** Chicago: National Bureau of

Economic Research and The University of Chicago Press, 2010. Disponível em: <https://www.nber.org/system/files/chapters/c11831/c11831.pdf>. Acesso em: 15 nov.2020.

TORO, William; RENDÓN, Juan. **Seguridad ciudadana y homicidio en Medellín**. Instituto de Estudios Políticos de la Universidad de Antioquia, Comité para El Desarrollo de la Investigación. 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.udea.edu.co/handle/10495/3328>. Acesso: 04 agosto.2020.

VELÁSQUEZ, Alejo Vargas; PINZÓN, Viviana García. Violencia urbana, seguridad ciudadana y políticas públicas: la reducción de la violencia en las ciudades de Bogotá y Medellín (Colombia) 1991-2007. **Pensamiento Iberoamericano** n.2. 2008. ISSN 0212-0208. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2873366>. Acesso em: 04 agosto.2020.

VELÁSQUEZ, Hugo Acero. **La seguridad ciudadana: una responsabilidad de los gobiernos locales en Colombia**. Colombia: Fundación Seguridad y Democracia, 2002. Disponível em: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/catalog/resGet.php?resId=13886>. Acesso: 04 agosto.2020.

WILDEROM-CHAGAS, Mariana Martinez. **Arquiteturas possíveis para políticas urbanas inovadoras: diálogos entre São Paulo e Medellín**. In: II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2016, São Paulo. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, São Paulo: Programa de Pós-graduação Integração da América Latina, 2016. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/WILDEROM-CHAGAS_SP04-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf. Acesso em: 15.11.2020.



A LITERATURA NAZISTA NA AMÉRICA (ROBERTO BOLAÑO)

LITERATURA NAZI EN AMÉRICA (ROBERTO BOLAÑO)

NAZI LITERATURE IN THE AMERICAS (ROBERTO BOLAÑO)

Lincoln Secco¹ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: *Literatura Nazista na América* é um livro publicado em espanhol em 1996. Ele foi traduzido no Brasil em 2019. São 31 estórias em 13 partes e um epílogo. Esta resenha discute o uso que o autor faz dos gêneros literários (conto, novela, relatos jornalísticos etc) e a combinação de personagens fictícios e reais.

Palavras Chave: Fascismo; Nazismo; Romance Fantástico; Literatura Chilena

Resumen: *Literatura Nazi en América* es un libro publicado en español en 1996. Fue traducido en Brasil en 2019. El libro tiene 31 historias divididas en 13 partes y un epílogo. Esta reseña discute el uso que el autor hace de algunos géneros literarios (cuentos, novelas, reportes periodísticos etc.) y la combinación de personajes ficticios y reales.

Palabras-Clave: Fascismo; Nazi; Romance fantástico; Literatura Chilena

Abstract: *Nazi Literature in the Americas* was first published in Spanish in 1996. In 2019, It was translated into Brazilian Portuguese. In this book, there are 31 stories divided into 13 sections and an epilogue. This review discusses how that book's author uses literary genres (tale, novel, journalistic stories etc) and the combination he makes of fictional and real characters.

Keywords: Fascism; Nazism; Fantastic Romance; Chilean Literature

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.173741](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.173741)

Recebido em: 16/08/2020

Aprovado em: 06/12/2020

Publicado em: 30/12/2020

¹ Professor de História Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: lsecco@usp.br

A literatura pode conter em suas entranhas a barbárie. Ainda que isso seja um truísmo, o livro do escritor chileno Roberto Bolaño (1953-2003) está longe disso.

Ele não se limita a escrever uma antologia de escritores fictícios de direita; nem a compor um cânone sinistro da literatura; nem mesmo um ensaio moral sobre o nazismo. Decerto, todas essas características lá estão. Como Jorge Luis Borges, as personagens de Bolaño, suas obras e suas vidas se imbricam com personalidades reais da cultura e do poder. As pontes entre arte e crime, literatura e política são construídas a partir da noção de cumplicidade: uma expressão da circularidade entre a alta sociedade e o *underground típica dos movimentos fascistas*.

Bolaño construiu biografias fictícias de subcelebridades literárias. Elas passam por espaços em que aristocratas decaídos e aproveitadores do submundo se encontram; cruzam em suas vidas com pessoas reais do mundo político e, particularmente, cultural. A ralé colhida em todas as classes para servir tanto ao crime quanto à repressão de Estado incorpora um matemático amador; uma duquesa decaída; um bajulador, secretário e amante; o “populista de direita” que escreve seus “sonetos proletários”; a feminista e escultora conceitual que convive entre militares e torturadores chilenos; o traficante de drogas que comercializa obras de arte; o ator superdotado do cinema pornô; o filósofo nazista; o coronel semiólogo; o chefe da torcida do *Boca Juniors* que atua na repressão enquanto faz poesias; o capitão reformado, autor de livros bucólicos e ecologistas...

Somente a mistura de realidade e imaginação dá conta de um movimento irracional como o fascismo. A vida de uma poeta argentina, a imaginada Edelmira Thompson Mendiluce que ascendeu por casamento à oligarquia *terratiente*, é muito mais crível do que a breve alusão que Bolaño faz ao contista brasileiro (este real) Rubem Fonseca, um ex-delegado de polícia e ideólogo de um *think thank* da extrema direita

brasileira financiado por empresas estrangeiras para preparar um golpe no Brasil.

Aqueles escritores são sempre pessoas de um convívio aceitável. Muitas vezes medíocres, em casos excepcionais importantes como Pound ou D'Annunzio. Transitam das altas rodas às sociedades secretas e explanam ideias confusas sem que isso cause perplexidade. Antes passam como excentricidades. Uma delas, a de servir de elo entre a mansão e o *bas-fond*, entre o roubo legalizado (a mais-valia) e o crime.

Pelo fascismo imaginário de Bolaño desfilam filósofos incompreendidos, poetas sem renome, coristas de quinta categoria, decoradores, marginais, lacaios, ermitões, psicopatas, um membro do esquadrão da morte brasileiro e o próprio Rubem Fonseca, *protégé* e costas quentes da ditadura. Mas as personagens de *Literatura Nazista na América* não são meras alegorias da violência.

O *Cobrador* de Rubem Fonseca, por exemplo, é um poeta lúmpen, justiceiro e assassino que se une a uma entediada mulher rica. No conto falta verossimilhança a essa transição brusca de um homem que só conseguia estuprar e estrangular para o amante que aprende a amar. Ao submeter-se ao amor ele poderá então passar dos homicídios individuais para o terror coletivo, talvez numa alusão aos grupos de esquerda que Fonseca sempre perseguiu. Ele lê a política revolucionária como sintoma de uma doença e união da aristocracia com o lumpemproletariado. Trata-se da típica projeção de si mesmo no outro que os fascistas sempre promovem.

A trajetória de brutalidade do personagem de Fonseca é envolta por uma prosa naturalista e chula. O cobrador adentra o apartamento de uma ricaça jovem e o estupro tem uma descrição detalhada para que o conto funcione. Entre o seu mundo e o dos que lhe “devem” não há incertezas nem uma zona de penumbra e transição. Em Bolaño, o excêntrico não penetra o andar de cima só pela brutalidade explícita. Há uma área comum e cinzenta entre o estabelecido e o *outsider*, entre a estética

reconhecida e o *Kitsch*. Ele não necessita descrever a exposição fotográfica de Ramírez Hoffman, torcionário, covarde e sequestrador que escrevia poemas em latim no ar com um caça Messerschmitt da Luftwaffe. Há algo de fascista na própria escrita de Fonseca, uma violência sexual que não é só do conteúdo e sim uma violação de formas que permitem-no transitar entre o gosto do crítico literário e a fruição simplória do leitor fascista. Por isso Fonseca coube muito bem como um personagem em poucas linhas de Bolaño e o contrário não seria possível ou convincente.

São detalhes colhidos *en passant* que denunciam a cumplicidade de uma artista com o nazismo. Mas seu fundamento literário não é necessariamente uma inclinação natural das personagens. Nem todas elas se comprazem em salas de tortura, metem-se em brigas de rua ou se engajam decididamente na extrema direita política. Em algumas a violência explícita está contida no lar recôndito: os remédios psiquiátricos e o espancamento da mulher pelo marido são revestidos por vernissages, edições de autor ou de luxo e poemas de pretensão épica. É nas situações banais que a barbárie se mostra. Ela é parte do próprio modo de produção da própria arte que pressupõe aquilo que todas as personagens têm em comum: a indiferença pelo sofrimento humano.

Num romance póstumo de Bolaño, *O Terceiro Reich*, um jovem alemão circula num povoado espanhol nos anos 1980; convive com uns desclassificados locais enquanto flerta com a dona também alemã do hotel em que se hospedam os turistas. Sobe e desce de elevador o tempo todo como se o movimento fosse uma metáfora do seu trânsito na escala social. Mas em qualquer situação ele é ponderado e contido. Até suas relações íntimas com a namorada sueca são desprovidas de encanto ou excesso: "*Hicimos el amor*" ele registra telegraficamente no seu diário. Reservadamente ele se corresponde com pessoas de uma confraria internacional desconhecida que simula jogos bélicos. Seu passatempo quase profissional é elaborar estratégias em que a Alemanha poderia ter vencido a Segunda Guerra Mundial. O nome do jogo: o Terceiro Reich.

Ecoss da aquela outra obra estão neste *A Literatura Nazista na América*. O personagem *Harry Sibelius* é autor de fanzines de *wargames*. O piloto da força aérea chilena, torturador e *performer*, é também protagonista do livro *Estrela Distante* (1996). *Literatura Nazista na América* pode ser lido como uma antologia de crônicas, contos ou verbetes imaginados de um dicionário. As revistas inventadas se combinam a publicações anticomunistas existentes como, por exemplo, as seleções do *Reader's Digest*. Ao final há uma lista de autores, obras e editoras fascistas, o que confere à ficção verossimilhança e à verdade um caráter ficcional, porquanto algumas atrocidades na “luta contra o comunismo” jamais são comprovadas oficialmente.

São 31 estórias em 13 partes e um “epílogo para monstros” (subdividido em três itens). O tom oscila entre o discurso onisciente e distante e a aceleração do enredo em primeira pessoa. As formas são múltiplas como o conto, a novela, o relato jornalístico e a descrição “científica”. E nenhuma forma se fixa. A mistura de gêneros literários se inscreve na própria produção imaginária das personagens de Bolaño. No início, o autor narra a trajetória da citada Edelmira Thompson Mendiluce e descreve detalhadamente sua transfiguração artística do ensaio “A Filosofia do Imobiliário” de Edgar Allan Poe. Ela descreve o quarto de Poe e o bom gosto na decoração de ambientes. De passagem conhecemos seu contato com Adolf Hitler numa viagem a Berlim. O realismo, a sobriedade da narração e o encadeamento com os capítulos seguintes nos remetem à ideia de um romance. Mas em outras partes desfilam magos, mercenários, miseráveis, abusos familiares, autores de ficção científica norte-americana e o leitor se vê perante uma descrição fria de verbetes de enciclopédia. Ao final, “Ramírez Hoffman, O Infame” torna o livro um irônico *thriller* policial tendo como pano de fundo a hipocrisia e a crueldade banal da ditadura de Pinochet no Chile.

O livro é de 1996 mas foi escrito imaginariamente num futuro próximo. Seu olhar para o passado parece estranhamente dirigido ao nosso

presente. E devemos levar a sério o seu título. Ele fala da América, a mesma que em algum momento passou a ser governada por fascistas no Brasil, nos Estados Unidos...

Referências

Bolaño, Roberto. **A Literatura Nazista na América**. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Bolaño, Roberto. **El Tercer Reich**. Barcelona: Debolsillo, 2018.

Bolaño, Roberto. **La literatura nazi en América**. Barcelona: Seix Barral, 1996.

Bolaño, Roberto. **Nazi Literature in the Americas**. New York: New Directions, 2008.



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES